

«O MESTRE DO THRILLER ESTÁ DE VOLTA!» **AMAZON**

PODEMOS FUGIR DE ALGUÉM
QUE NÃO SABEMOS QUE EXISTE?

A NOITE ESTÁ A CHEGAR

**QUATRO
MILHÕES**
DE LIVROS
VENDIDOS

ROBERT BRYNDZA

AUTOR DO BESTSELLER A RAPARIGA NO GELO

alma
livros



«O MESTRE DO THRILLER ESTÁ DE VOLTA!» **AMAZON**

PODEMOS FUGIR DE ALGUÉM
QUE NÃO SABEMOS QUE EXISTE?

A NOITE ESTÁ A CHEGAR

QUATRO
MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS

ROBERT BRYNDZA

AUTOR DO BESTSELLER A RAPARIGA NO GELO

alma
livros

ROBERT BRYNDZA

A NOITE ESTÁ A CHEGAR

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

SHADOW SANDS by Robert Bryndza Copyright © 2020
© 2021 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Noite Está a Chegar*
Título original: *Shadow Sands*
Autor: Robert Bryndza
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/Alma dos Livros
Imagem de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-8999-85-6
1.^a edição em papel: janeiro de 2021

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Para Maminko Vierka

O mundo é um sítio perigoso onde se viver – não devido às pessoas que são más, mas devido àquelas que nada fazem em relação a isso.

Albert Einstein

*O mal é simples e sempre humano,
E partilha a nossa cama e come à nossa própria mesa...*

W. H. Auden

Prólogo

28 DE AGOSTO DE 2012

Simon arquejou e engasgou-se com a água gelada e salobra enquanto nadava para se salvar. O reservatório era enorme e Simon atravessava as águas retintas num frenético *crawl* frontal, adentrando-se mais nas trevas e afastando-se do zumbido do motor fora de borda do barco. O nublado céu noturno significava que não havia luar e a única luz vinha de Ashdean, a três quilómetros, um brilho alaranjado que mal chegava ao reservatório e à charneca que o rodeava.

Os ténis, uns pesados *Nike Air Jordans*, que apertara bem antes de deixar o acampamento, pareciam pedaços de chumbo nos pés, e sentia-os, juntamente com as calças de ganga molhadas, a puxá-lo para baixo. Era o fim do verão, e onde a água gelada se encontrava com o ameno ar noturno, uma fina névoa ondulante pendia sobre a superfície das águas.

O barco era pequeno mas robusto, e a figura que vira perto dele à beira do reservatório não passava de uma silhueta. A lanterna de Simon iluminara o corpo que o homem subia para o barco. Uma forma inerte, bem enrolada num lençol branco coberto de manchas de sangue e terra.

Fora tudo muito rápido. O indivíduo largara o corpo no barco e atacara-o. Simon sabia que era um homem, apesar de ser apenas uma sombra. Quando derrubou a lanterna da sua mão e o golpeou, Simon sentiu um forte e desagradável cheiro a suor. Por alguns instantes, ripostou, mas envergonhava-se da maneira como entrara em pânico e fugira para a água. Devia ter seguido no sentido contrário, de volta ao denso bosque que rodeava o reservatório.

Custava-lhe a respirar, mas Simon forçou-se a nadar mais rápido. Os músculos ardiam-lhe do esforço. O seu treino de natação entrara em ação, e contava um, dois, três, com a cabeça a vir à superfície

para respirar a cada quarta braçada. Sempre que chegava aos quatro, o zumbido do motor fora de borda estava mais perto.

Era um nadador veloz, mas os ferimentos abrandavam-no. Sentia um estertor ao inspirar. O homem atingira-o nas costelas e a dor latejava-lhe. Respirava fundo enquanto nadava, mas tinha engolido água e o ar não lhe chegava aos pulmões.

Uma parede de nevoeiro avançou para ele, baixa sobre a superfície das águas, e envolveu-o num cobertor frio. Simon pensou que isso podia salvá-lo, mas o barco rugiu e atingiu-o na parte de trás da cabeça. Foi projetado para a frente e ficou debaixo de água. Sentiu dores quando a hélice do motor lhe rasgou a carne.

Pensou que ia desmaiar; via estrelas, e o seu corpo estava dormente do impacto. Não mexia os braços. Pontapeou com força, mas os pés e as pernas encharcados não pareciam responder ao esforço, movendo-se quase preguiçosos. Regressou à superfície, rodeado por névoa, e uma voz calma falou na sua cabeça.

Estás a lutar porquê? Desce e afunda para onde é seguro.

Tossiu e cuspiu a água salobra. Tinha um repicar nos ouvidos, bloqueando qualquer som. A água em redor ondulava e a proa do barco atravessou de novo a bruma. Quando o atingiu por baixo do queixo, Simon ouviu o maxilar a partir-se e foi projetado para cima e para trás, ficando estendido sobre a superfície das águas. O barco passou-lhe por cima – sentiu o casco no peito e depois as lâminas do motor fora de borda a rasgar-lhe a pele contra as costelas.

Não mexia os braços nem as pernas. Tinha o rosto e a cabeça dormentes, mas o resto do corpo estava em chamas. Nunca sentira uma dor assim. A água parecia-lhe quente nas mãos. Era o seu sangue, não a água. O sangue era quente e vertia para a água.

Cheirou-lhe a gasolina do motor, a água tornou a mover-se e Simon soube que o barco voltava para junto dele.

Fechou os olhos e expulsou o ar dos pulmões. A última memória foi a de ser envolvido pela água fria e negra.

DOIS DIAS DEPOIS

Kate Marshall respirou fundo e mergulhou na água fria. Voltou à superfície e ficou a flutuar, com a paisagem rochosa de Dartmoor e o céu cinzento a pairar sobre a linha de água na sua máscara; depois, mergulhou no reservatório. A visibilidade era boa. Jake, o seu filho adolescente, fora o primeiro a entrar e marcava passo abaixo dela, com bolhas de ar a subir do seu regulador. Acenou-lhe e fez-lhe sinal com o polegar erguido. Kate acenou-lhe também, estremecendo à medida que o frio se infiltrava no fato de mergulho. Ajustou o regulador e absorveu os primeiros sopros de oxigénio da garrafa às suas costas. Deixavam-lhe um sabor metálico na língua.

Estavam em Shadow Sands, um reservatório artificial fundo a poucos quilómetros de onde Kate vivia, perto de Ashdean, em Devon. As rochas cobertas de algas de onde tinham saltado erguiam-se abruptamente ao longe, e o frio e a escuridão aumentaram enquanto seguia Jake. Tinha agora dezasseis anos e um repentino crescimento nos últimos meses deixara-o quase da altura de Kate. Bateu fortemente os pés para o alcançar.

Aos treze metros, a água adquiriu um sombrio tom verde. Acenderam as lanternas de cabeça, projetando arcos de luz que não conseguiam atravessar as profundezas. Uma enorme enguia de água doce saiu das sombras, serpenteando no meio deles, com o olhar vazio apanhado pela luz das lanternas. Kate afastou-se dela, mas Jake não vacilou, observando com fascínio enquanto a enguia se aproximava da sua cabeça e recuava de novo para as sombras. Virou-se para ela, arqueando as sobrancelhas dentro da máscara. Kate fez uma careta e mostrou-lhe um polegar voltado para baixo.

Jake estava a passar o verão com a mãe, terminados os exames nacionais. Em junho e julho, haviam tido aulas de mergulho numa escola local e participado em várias viagens de mergulho, no mar e

numa gruta submersa nos arredores de Dartmoor com uma brilhante parede fosforescente. O reservatório de Shadow Sands fora criado em 1953, através da inundação de um vale e da aldeia de Shadow Sands, e Jake vira *online* que era possível mergulhar e observar as ruínas submersas da velha igreja da aldeia.

Estavam no topo superior do reservatório, a quilómetro e meio das comportas que puxavam água através de duas enormes turbinas para produzir eletricidade. Havia uma pequena área reservada ao mergulho. O resto do reservatório estava estritamente interditado. Kate ouvia o zumbido grave da central hidroelétrica ao longe, um som ominoso ao frio e na escuridão.

Havia algo de inquietante em flutuar por cima do que em tempos era uma aldeia. Perguntou-se que aspeto teriam as coisas lá em baixo. As lanternas de cabeça não iluminavam mais nada além de lodo e uma turva água verde. Podia imaginar as outrora secas estradas e casas, onde viviam pessoas, e a escola onde as crianças brincavam.

Kate ouviu um apito ténue e consultou o computador de mergulho. Estavam a dezassete metros, e voltou a ouvir um apito de alerta para que abrandassem a descida. Jake estendeu a mão e agarrou-lhe no braço, fazendo-a dar um salto. Apontou para baixo, para a esquerda. Um grande e sólido contorno emergia da penumbra. Nadaram em direção a ele e, à medida que se aproximavam, Kate viu a enorme cúpula curvada de uma torre de igreja. Pararam a alguns metros, iluminando com as lanternas um aglomerado de crustáceos de água doce que cobria a cúpula. Abaixo dela, Kate viu os tijolos da torre cobertos de algas verdes e as janelas de pedra em arco. Era inquietante observar aquela estrutura artificial, que em tempos se erguera tão alto, mergulhada nas águas.

Jake soltou do cinto uma bolsa à prova de água contendo uma máquina fotográfica digital e tirou algumas fotos. Olhou para Kate, que consultou o computador de mergulho. Estavam agora a vinte metros. Acenou e seguiu-o até à janela. Por um momento, ficaram a pairar do lado de fora, o lodo mais denso ao espreitarem para a vasta e vazia cavidade da velha torre sineira. Cada centímetro das

paredes interiores estava coberto de crustáceos, salientes a espaços. Apesar da densa camada, Kate viu os contornos curvos do teto abobadado. A torre tinha quatro janelas, uma em cada face. A janela à esquerda encontrava-se repleta de crustáceos e a da direita quase toda bloqueada, deixando uma pequena seteira que lhe fez lembrar um castelo medieval. A janela em frente estava livre, com vista para o verde sombrio da água.

Kate entrou na torre pela janela, parando no centro, subiu para ver mais de perto o teto abobadado. Uma das traves que deviam ter sustentado os sinos atravessava um dos lados. Estava coberta de crustáceos, tal como os contornos arqueados do teto. Um enorme lagostim de água doce, com mais de trinta centímetros, saiu de baixo da trave e atravessou o teto em direção a ela. Kate quase gritou de choque ao saltar para trás, agarrando-se a Jake e sacudindo os braços em câmara lenta. À medida que passava, as patas do lagostim faziam retinir as conchas dos crustáceos amontoados. Parou por cima deles. Kate tinha o coração a martelar-lhe no peito. A sua respiração acelerou, recorrendo às reservas de oxigénio.

As antenas do lagostim estremeceram e este atravessou o teto, desaparecendo pela janela oposta. Kate viu algo a flutuar do lado de fora da janela por onde o lagostim escapara. Aproximou-se, com a lanterna de cabeça a iluminar os calcanhares de um par de ténis vermelho-vivos. Moviam-se na água por cima da janela.

Kate sentiu uma vaga de medo e excitação. Bateu as pernas e, usando o arco de pedra, atravessou lentamente a janela. Os ténis estavam por cima da abertura e enfiados nos pés de um cadáver suspenso na água, como se estivesse de pé, junto à cúpula da igreja.

Jake seguira-a pela janela e deu um salto para trás, batendo com a cabeça na parede da torre. Kate ouviu o seu grito abafado e um jato de bolhas do regulador turvou-lhe a visão. Estendeu a mão e agarrou-o, incapaz de o segurar em condições devido à garrafa de oxigénio. Puxou-o para longe da torre. Então, olhou novamente para o corpo.

Era um jovem, de cabelo curto, escuro, e vestia calças de ganga azuis com um cinto de fivela prateada. No pulso, tinha um relógio de ar elegante. Os restos de uma *T-shirt* branca rasgada flutuavam-lhe em tiras à volta do pescoço. Tinha uma figura atlética, bem constituída. A cabeça estava dobrada para a frente, e o rosto, o peito e a barriga inchada cobertos de cortes e lacerações. O que mais perturbou Kate foi a expressão no rosto dele. Tinha os olhos arregalados, demonstrando medo. Estava inerte, mas de repente o seu pescoço moveu-se e pulsou. Kate sentiu Jake a agarrá-la de novo e, por um horrível instante, pensou que o rapaz ainda estava vivo. A cabeça estremeceu e o seu maxilar abriu-se, enquanto uma enguia negra e brilhante surgia entre os seus dentes partidos, parecendo deslizar da boca aberta.

2

– Porque andavam hoje a mergulhar? – perguntou o inspetor-chefe Henry Ko.

– O meu filho, Jake, queria mergulhar aqui. O nível da água desceu devido ao calor... Pensámos que talvez pudéssemos ver a aldeia submersa – respondeu Kate.

Transpirava sob o fato de mergulho e tinha o cabelo pegajoso e a fazer-lhe comichão devido à água. Jake encostara-se a uma das rodas da frente do *Ford* azul de Kate, a olhar para longe, com o fato de mergulho descido até à cintura. Estava muito pálido. O carro de Kate encontrava-se estacionado numa zona relvada perto do reservatório. O carro-patrulha de Henry estava a poucos metros.

A zona relvada acabava dez metros à frente, junto ao nível original das águas do reservatório, mas, desde a seca, havia uma extensão de vinte metros de rochas expostas, até à beira da água. As rochas estavam cobertas de algas verdes, queimadas pelo sol.

– Pode indicar-me onde flutuava o cadáver? – perguntou Henry, rabiscando num bloco de notas. Tinha trinta e poucos anos, era atlético e bem-falante. Mostrava ares de quem devia estar a desfilhar numa passarela em Milão e não no local de um homicídio. As calças de ganga colavam-se-lhe às pernas musculadas e tinha três botões da camisa desapertados. Um colar de prata repousava entre os seus peitorais bronzeados.

Uma jovem polícia fardada erguia-se ao seu lado, com o chapéu debaixo do braço. Tinha longos cabelos negros, enfiados atrás das orelhas, e a pele suave e macia ruborizada devido ao calor.

– O corpo está debaixo de água. Mergulhá-vamos a vinte metros – disse Kate.

– Sabe a profundidade exata? – perguntou Henry, parando de rabiscar e olhando para ela.

– Sim – respondeu Kate, erguendo o pulso com o computador de mergulho. – É o corpo de um jovem. Ténis *Nike Air Jordan*, calças de ganga com cinto, *T-shirt* em farrapos. Parecia ter mais ou menos

a idade do Jake, dezoito, dezanove anos, talvez... Cortes e lacerações no rosto e no tronco. – Falhou-lhe a voz e fechou os olhos. *Estará a mãe do rapaz morto algures por aí?*, pensou Kate. *Estará preocupada, a perguntar-se onde está?*

Kate era uma antiga agente da polícia. Lembrou-se das vezes em que tivera de informar as famílias de que um familiar estava morto. As mortes de crianças e jovens eram as piores: bater à porta, esperar que esta se abrisse, e depois ver a expressão dos pais, a percepção de que o filho ou filha não ia voltar para casa.

– Viu se o rapaz tinha ferimentos na frente, nas costas, ou em ambos? – perguntou Henry.

Kate abriu os olhos.

– Não lhe vi as costas. O corpo estava voltado para nós, a flutuar contra a estrutura da torre da igreja.

– Entrou em contacto com mais alguém? Barcos? Outros mergulhadores?

– Não.

Henry agachou-se junto a Jake.

– Ei, companheiro. Como estás? – perguntou-lhe, o rosto franzido de preocupação. Jake limitou-se a olhar em frente. – Queres uma *Coca-Cola*? Vai ajudar com o choque.

– Sim, quer. Obrigada – respondeu Kate. Henry acenou à agente, que se dirigiu ao carro-patrulha. Kate acocorou-se ao lado de Henry.

– Aquele rapaz – disse Jake, com voz trémula. – Não tinha equipamento de mergulho. O que fazia a uma profundidade tão grande? Estava todo maltratado, cheio de nódoas negras. – Limpou uma lágrima do rosto e as mãos tremiam-lhe.

A agente regressou com uma lata de *Coca-Cola* e um cobertor de tartã. A lata estava quente, mas Kate abriu-a e estendeu-a a Jake. Ele abanou a cabeça.

– Bebe um golinho. O açúcar ajuda-te...

Jake bebeu um pouco e a agente pôs-lhe o cobertor sobre os ombros despidos.

– Obrigada. Como se chama? – perguntou Kate.

– Donna Harris – respondeu. – Continue a esfregar-lhe as mãos. Faz o sangue circular.

– Donna, ligue à equipa de mergulhadores da Marinha e diga-lhes que pode ser um mergulho profundo – pediu Henry. Ela assentiu e fez uma chamada via rádio.

O ar estava pesado e húmido, e nuvens baixas e escuras formavam-se no céu. Na outra ponta do reservatório, localizava-se a central hidroelétrica, um longo e baixo edifício de betão. Um ligeiro trovão fez-se ouvir por trás dele. Henry bateu com o lápis no bloco.

– Têm qualificações para mergulhar? Sei que o reservatório é rigoroso, principalmente com a profundidade e o facto de a água alimentar a barragem hidroelétrica.

– Sim. Tirámos o certificado no início de agosto – respondeu Kate. – Podemos mergulhar até vinte metros e registámos trinta horas na água enquanto o Jake está comigo a passar o verão...

Henry recuou nas páginas do bloco de notas, franzindo a testa lisa.

– Espere aí. O Jake tem *estado* consigo? – repetiu ele. Kate sentiu o coração afundar-se. Agora tinha de explicar os pormenores sobre a vida de Jake.

– Sim – respondeu.

– Quem vive então na morada que indicou quando ligou para os serviços de emergência... Doze Armitage Road, Thurlow Bay?

– Eu – disse Kate. – O Jake vive com os meus pais em Whitstable.

– Mas é a mãe verdadeira, hum, biológica do Jake?

– Sim.

– A sua responsável legal?

– Ele tem dezasseis anos. Vive com os meus pais. Até ao décimo sexto aniversário, eram eles os seus responsáveis legais. Está prestes a começar o sexto nível em Whitstable, por isso continua a viver com eles.

Henry olhou para Kate e para Jake.

– Têm os mesmos olhos – disse ele. Como se fosse a confirmação que procurava. Kate e Jake partilhavam a mesma rara cor de olhos: azuis com um raio laranja a emergir da pupila.

– Chama-se heterocromia setorial, quando os olhos têm mais do que uma cor – explicou Kate. Donna terminou a chamada via rádio e

voltou a juntar-se a eles.

– Como se escreve *heterocromia sectorial*? – perguntou Henry, fitando-a por cima do bloco de notas.

– Isso importa? O cadáver de um jovem está ali debaixo de água, e parece-me uma morte suspeita – disse Kate, começando a perder a paciência. – Está coberto de cortes e hematomas e deve ter morrido recentemente, pois um cadáver flutua alguns dias após ter-se afundado. A pressão àquela profundidade e a água fria retardarão a decomposição, mas, como sabe, um cadáver acaba sempre por flutuar.

Kate esfregava as mãos de Jake enquanto falava. Examinou-lhe as unhas, aliviada por ver alguma cor a regressar. Ofereceu-lhe mais *Coca-Cola*, e desta vez ele bebeu um grande sorvo.

– Parece bem informada – observou Henry, semicerrando os olhos. Eram bonitos, cor de caramelo. Era muito novo para ser inspetor-chefe, pensou Kate.

– Fui detetive na Polícia Metropolitana – explicou.

Uma ligeira lembrança atravessou-lhe as feições.

– Kate Marshall – comentou ele. – Sim. Esteve envolvida naquele caso há um par de anos. Apanhou o tipo que andava a imitar os homicídios do Canibal de Nine Elms... Li sobre isso... Mas espere aí. Trabalhava como detetive privada?

– Sim, em mil novecentos e noventa e cinco, quando era polícia, capturei o Canibal de Nine Elms original. Há dois anos, apanhei o imitador, como detetive privada.

Henry folheou o bloco com uma expressão confusa.

– Informou-me antes que trabalha como professora de criminologia na Universidade de Ashdean, mas diz-me que era polícia e que também faz biscates como detetive privada? Que profissão devo indicar no meu relatório?

– Há dois anos, pediram-me que ajudasse a resolver um processo arquivado. Foi só nessa situação pontual que agi como detetive privada. Sou professora universitária a tempo inteiro – esclareceu Kate.

– E vive sozinha, e o Jake reside com os seus pais em Whitstable... – Interrompeu-se, com o lápis a pairar sobre a página,

e voltou a olhar para ela. As sobrancelhas tinham-lhe subido até à linha do cabelo. – Uau. O pai do seu filho é o assassino em série Peter Conway...

– Sim – confirmou Kate, odiando aquele momento, que já experimentara muitas vezes.

Henry encheu a boca de ar e baixou-se, olhando para Jake com interesse renovado.

– Caramba. Deve ser duro.

– Sim, as reuniões de família são difíceis de organizar – observou Kate.

– Queria dizer que deve ser duro para o Jake.

– Eu sei. Era uma piada.

Henry fitou-a por um momento, confuso. *És bonito de observar, mas não és lá muito esperto*, pensou ela. Henry levantou-se e bateu com o lápis no bloco de notas.

– Li um estudo fascinante sobre os filhos de assassinos em série. A *maioria* leva vidas normais. Houve uma na América cujo pai violou e assassinou sessenta prostitutas. Sessenta! E ela agora trabalha na Target... É uma loja na América.

– Eu sei o que é a Target – ripostou Kate. Henry parecia não ter consciência da sua insensibilidade. Donna teve a decência de desviar o olhar.

– Deve ser duro para o Jake – disse ele, rabiscando de novo no bloco de notas. Kate sentiu um súbito desejo de agarrar no lápis e parti-lo ao meio.

– O Jake é um adolescente normal, feliz e bem ajustado – retorquiu ela. Nesse momento, Jake soltou um gemido, debruçou-se e vomitou na relva. Henry deu um salto para trás, mas um dos seus aparentemente caros sapatos de couro castanho foi apanhado na linha de fogo.

– Diabos! Estes sapatos são novos! – exclamou, marchando em direção ao carro-patrolha. – Donna, onde estão as toalhas?

– Não faz mal – disse Kate, agachando-se junto a Jake. Ele limpou a boca.

Kate olhou novamente na direção do reservatório. Um denso acumulado de nuvens negras avançava sobre a charneca em

direção a eles, e ouviu-se um trovão, seguido de um relâmpago.

Como morreu aquele rapaz?

3

Após Kate ter assinado o seu depoimento, ela e Jake puderam partir. Ao sair do parque de estacionamento do reservatório, passaram por duas grandes carrinhas da polícia e pela do médico legista.

Através do retrovisor, Kate viu-as encostar à beira da água. A imagem do jovem veio-lhe de novo à cabeça, e limpou uma lágrima. Parte de si desejava poder ficar e ver o corpo ser trazido à superfície em segurança. Estendeu a mão e agarrou na de Jake. Ele apertou também a sua.

– Precisamos de gasolina – disse ela, ao ver o depósito quase vazio. Parou num posto, meteu combustível e depois estacionou nas traseiras.

– Devias vestir roupa seca, querido. Há casas de banho aqui e eles mantêm-nas limpas e arrumadas.

Jake anuiu, com o rosto ainda pálido. Quem lhe dera que ele dissesse alguma coisa. Não suportava o silêncio. Jake puxou para trás o cabelo molhado, que lhe chegava agora à altura dos ombros, e atou-o com um elástico que trazia no pulso. Kate abriu a boca para dizer que os elásticos eram terríveis para o cabelo, mas voltou a fechá-la. Se o chateasse, ele tornar-se-ia ainda mais introvertido. Jake saiu do carro e tirou as roupas secas do banco de trás. Kate viu-o arrastar-se até às casas de banho, cabisbaixo. Passara por tanta coisa, mais do que a maioria dos rapazes de dezasseis anos.

Puxou o espelho para baixo e olhou para o seu reflexo. Os longos cabelos estavam agora raiados de cinzento. Parecia pálida e exibia cada um dos seus quarenta e dois anos. Voltou a ajustar o espelho. Era o último dia de Jake antes de regressar para junto dos avós. Tinham planeado comer uma piza depois do mergulho, descendo em seguida à praia junto à casa de Kate para fazerem uma fogueira e assarem *marshmallows*.

Teria agora de ligar à mãe a contar-lhe o que acontecera. Fora um verão quase perfeito. Quase pareciam novamente uma família

normal, mas agora havia um cadáver.

Kate inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. No mundo, as pessoas normais não tropeçavam em cadáveres, mas acontecera-lhe outra vez. Estaria o universo a tentar dizer-lhe algo? Abriu os olhos.

– Sim, está a tentar dizer-te que escolhas sítios melhores onde levares o teu filho – disse em voz alta.

Tirou o telemóvel do porta-luvas e ligou-o. Encontrou o número da mãe e estava prestes a carregar em «ligar», mas abriu o *browser* da Internet e pesquisou «adolescente desaparecido, Devon, Reino Unido». O sinal de dados não era muito bom junto ao posto de gasolina, rodeado pelas colinas de Dartmoor, e o telemóvel arrastou-se por mais de um minuto antes de carregar os resultados. Não havia nada recente sobre um adolescente desaparecido. Só uma reportagem sobre uma criança de sete anos no *site* Devon Live. Desaparecera durante uma tarde no centro da cidade de Exeter e fora devolvido à família após algumas horas de tensão.

Pesquisou então por «inspetor-chefe Henry Ko, Devon, Reino Unido». O primeiro resultado era do jornal local.

DISTINTO SUPERINTENDENTE-CHEFE
DE DEVON E CORNUALHA PASSA O TESTEMUNHO

O artigo era da semana anterior e referia-se à reforma de um chefe da polícia chamado Arron Ko. Dizia que, quando entrara para a polícia em 1978, Ko fora o primeiro agente asiático nos municípios de Devon e Cornualha. Ao fundo, via-se uma fotografia com a legenda: «O chefe da polícia Arron Ko foi brindado com o seu presente de reforma – um par de algemas de prata gravada e a Medalha por Longo Serviço e Boa Conduta da Polícia – pelo filho, o inspetor-chefe Henry Ko.»

Henry estava junto ao pai, diante da esquadra de Exeter, com o prémio emoldurado. Arron Ko era corpulento e obeso em comparação com o garboso filho, mas Kate detetava as semelhanças.

– Aha. Por isso é tão novo para ser inspetor-chefe. Nepotismo – disse Kate. Não lhe agradava a voz invejosa na cabeça, mas não

podia deixar de se comparar com Henry. Passara quatro anos a trabalhar no duro, sacrificara tudo para conquistar a promoção ao posto de detetive aos vinte e cinco anos. Henry Ko estava apenas no início dos trinta e já era inspetor-chefe, dois postos acima do de detetive. Lembrou-se dos seus dias na polícia, da vida em Londres.

O inspetor-chefe Peter Conway era o chefe de Kate na Polícia Metropolitana quando trabalhavam no processo do assassino em série conhecido como o Canibal de Nine Elms. Certa noite, após uma visita ao local onde fora encontrada a quarta vítima, Kate resolvera o caso, descobrindo que Peter era o Canibal de Nine Elms. Ao confrontá-lo, ele quase a matara.

Nos meses anteriores a essa fatídica noite, Kate e Peter tiveram um caso e, sem que Kate o soubesse, estava grávida de quatro meses e meio do filho Jake. Quando recuperou no hospital, era demasiado tarde para abortar.

Os jornais tiveram um dia em cheio com a história. Destruíra a credibilidade de Kate no seio da polícia e a sua carreira terminara abruptamente. Após o nascimento de Jake, passara por dificuldades. O trauma do caso e a súbita maternidade não planeada, bem como a depressão pós-parto, devastaram-na, e começara a beber demasiado.

Ao longo dos anos, os pais de Kate intervieram várias vezes para tomar conta de Jake, mas o alcoolismo piorou, e Kate fez reabilitação. Ficou limpa, mas era tarde. Quando Jake tinha seis anos, a guarda foi atribuída aos avós, e nos últimos dez anos, tinham continuado a ser os seus responsáveis legais.

Fora difícil manter a sobriedade. Reconstruíra a vida e pudera ver Jake nas férias escolares e aos fins de semana, mas a sua infância estava a terminar. Ainda sentia a perda como pedaços de vidro afiado. A perda de Jake e a destruição da carreira que amara como agente da polícia.

Bateram-lhe à janela, e Kate deu um salto. Jake vestira as calças de ganga pretas justas e uma camisola azul com capuz. Tinha mais cor nas faces. Baixou o vidro.

– Mãe, arranjas-me um par de libras para um pastel e um chocolate? Estou faminto.

– Claro – disse ela. – Sentes-te melhor?

Ele assentiu e sorriu-lhe. Kate devolveu-lhe o sorriso. Pegou na bolsa e dirigiram-se ao posto de gasolina.

Por mais que tentasse, não lhe saía da cabeça a imagem do jovem a flutuar debaixo de água. Era frustrante ter de esperar por qualquer referência sobre ele nas notícias.

4

SEIS SEMANAS DEPOIS

Kate saiu pelas chiantes portas de madeira do Centro Comunitário de Ashdean e parou para assimilar a vista sobre os telhados até às ondas que batiam e se esmagavam contra o paredão. Soprava um vento uivante que lhe sacudia o cabelo. Tirou da bolsa um maço de cigarros e pegou num, abrigando-se debaixo do toldo para o acender.

Naquela noite fria de outubro, estavam entre vinte a trinta pessoas na reunião dos Alcoólicos Anónimos, e esboçaram-lhe acenos de boa-noite ao passar. Kate viu-os correr para os carros, de cabeça curvada contra o vento gelado.

O frio rapidamente lhe levou a melhor. Deu uma derradeira passa apressada no cigarro e atirou-o ao chão, apagando-o com o tacão. Dirigiu-se ao carro, não muito ansiosa por regressar a uma casa vazia. A estrada estava escura e deserta. O seu carro encontrava-se estacionado ao fundo da estrada, num espaço entre as casas geminadas. Quando lá chegou, havia um *BMW* branco enfiado ao lado do seu velho *Ford* azul. A porta do *BMW* abriu-se e uma mulher magra e de rosto pálido saiu.

– Kate? – perguntou, com sotaque londrino. Tinha o cabelo castanho puxado para trás a partir de uma testa alta e ossuda, e olhos profundos com olheiras que lhe faziam lembrar um guaxinim. Reconheceu-a como uma das novatas da reunião dos Alcoólicos Anónimos.

– Sim. Está bem? – perguntou Kate, tendo de erguer a voz acima do fragor do vento.

– Kate Marshall? – Os olhos da mulher lacrimejavam devido ao ar gelado. Vestia um longo casaco acolchoado cor de ameixa, do tipo que parecia quase um saco-cama, e calçava ténis brancos.

Kate surpreendeu-se ao ouvir a mulher pronunciar o seu nome completo. Falara na reunião, mas utilizara apenas o primeiro nome, como era habitual nos AA. *Esta mulher é uma maldita jornalista*, pensou.

– Sem comentários – respondeu, abrindo a porta do carro e planeando uma fuga rápida.

– Não sou jornalista. A Kate encontrou o corpo do meu filho... – afirmou a mulher. Kate parou, com a mão na porta do carro. – Chamava-se Simon Kendal – continuou, olhando Kate nos olhos. Eram de um verde penetrante e estavam cheios de tristeza.

– Oh. Lamento – exclamou Kate.

– Dizem-me que se afogou.

– Sim. Vi o noticiário local.

– Foi uma treta – declarou ela.

Kate acompanhara a história, não que o noticiário lhe tivesse dedicado muito tempo, mas haviam-no descrito como um caso encerrado. Simon Kendal estava a acampar com um amigo, entrara na água e afogara-se. O corpo fora depois mutilado por um dos barcos de manutenção que patrulham regularmente o reservatório. O noticiário referira também que fora Kate quem encontrara o corpo. Daí que o seu primeiro pensamento fosse de que aquela mulher era jornalista.

– Tinha o corpo todo maltratado. Não quiseram que eu o visse na morgue... Olhe para isto – gritou a mulher, mais alto do que o vento. Tirou do bolso do casaco um pequeno álbum de plástico, folheou-o desajeitadamente e encontrou o retrato de um garboso jovem junto a uma piscina, num *Speedo* ensopado. Tinha duas medalhas à volta do pescoço. – É o meu Simon. Foi campeão regional do Reino Unido. Natação. Ia competir profissionalmente. Só falhou a qualificação para os Jogos Olímpicos de 2012 em Londres devido a lesão... Uma estúpida lesão... – Ia passando as fotos e falando rapidamente, como se a atenção de Kate precisasse de ser captada.

– O Simon não teria saltado para a água de noite, e muito menos vestido!

– Como se chama? – perguntou Kate.

– Lyn. Lyn Kendal... – Aproximou-se e dirigiu a Kate um olhar suplicante. – O que acha que aconteceu? Sei que era polícia. Li sobre ter sido detetive privada.

– Não sei o que aconteceu ao Simon – disse ela. A verdade era que, nas últimas semanas, a história fora arquivada no fundo da mente de Kate. Estivera preocupada com o trabalho e com Jake, que, desde o seu regresso a Whitstable, se mostrava muito distante.

– Não tem curiosidade? – Lyn tremia. Limpou as lágrimas com um gesto furioso da mão. – Dá aulas sobre crime. Foi investigadora. Não será a morte do meu filho digna de ser questionada?

– Claro – assentiu Kate.

– Podemos conversar nalgum sítio, por favor? – pediu Lyn, afastando do rosto as madeixas de cabelo à medida que o vento as fustigava. Kate perguntou-se se Lyn estava sóbria. A mulher parecia um farrapo, o que era compreensível.

– Sim. Há um pequeno café, o Crawford's, no Roma Terrace, ao cimo da alameda. Encontramo-nos lá.

5

O Crawford's era o bar mais antigo de Ashdean e o favorito de Kate. Nas paredes lacadas a preto, havia fotos de Joan Crawford e de Bette Davis, e um enorme espelho fumado pendia da parede atrás do balcão de fórmica, refletindo a gigantesca máquina de café cor de cobre, as cabinas desbotadas de couro vermelho e a vista sobre a alameda escura. Estava vazio, nessa noite fria e ventosa de quarta-feira. Kate foi a primeira a chegar e escolheu uma cabina ao fundo.

Do outro lado da estrada, a maré chegava ao paredão e, da sua posição estratégica, Kate via toda a extensão da alameda. As ondas erguiam-se acima do paredão e borrifavam espuma e cascalho sobre os carros estacionados. Um *BMW* branco rugiu estrada acima e estacionou habilmente no espaço atrás do *Ford* maltratado de Kate. Lyn saiu, abriu a porta do passageiro e pegou numa pasta de plástico verde-vivo e no seu longo casaco.

– Já pediu? – perguntou Lyn, deslizando para a cabina frente a Kate.

– Não.

Lyn pousou a pasta verde em cima da mesa e tirou o telemóvel, um maço de *Marlboro 100's* e um isqueiro de ouro do bolso. Em seguida, despiu o casaco, enrolou-o e sentou-se em cima dele. Lyn era uma mulher pequena e Kate perguntou-se se fizera aquilo para ficarem à mesma altura, a fim de não ter de erguer o olhar para ela.

Roy Crawford, o velho dono do Crawford's desde os anos 1970, dirigiu-se à sua cabina. Era um homem grande, de longos cabelos brancos presos num rabo de cavalo, e rosto rosado, sem barba.

– O que posso servir-lhes? – perguntou, sorrindo e colocando os óculos em meia-lua que lhe pendiam de uma corrente ao pescoço.

Pediram ambas um *cappuccino* e, com um floreado, ele anotou-o num bloco.

– Sei que é um pedido simples – disse Roy. – Mas esquecer-me-ia da própria cabeça se não estivesse presa ao pescoço. Lamento

imenso, mas é proibido fumar. E pensar que foi o Partido Trabalhista que impôs essa proibição. – Revirou dramaticamente os olhos e deixou-as a sós.

Lyn afastou nervosamente as madeixas da testa alta.

– Fale-me do Simon – pediu Kate. Lyn pareceu aliviada por ir direta ao assunto.

– Encontrava-se fora com o Geraint, o amigo da universidade. Estavam a acampar na zona junto ao reservatório de Shadow Sands – disse ela.

– É da região?

– Nasci em Londres. O meu falecido marido era daqui perto e vivo cá há vinte anos. Morreu de ataque cardíaco. – Kate ia a dizer que lamentava, mas Lyn ergueu a mão. – Não. Era um sacana de um rufia.

– O que tem o Geraint a dizer sobre o Simon?

– Haviam passado o dia na praia. Chegaram tarde ao parque de campismo, montaram a tenda e foram dormir. Acordou na manhã seguinte e o saco-cama do Simon estava vazio. Pensou que tinha ido fazer chichi, mas, à medida que a manhã decorreu, o Geraint não o conseguiu encontrar.

– Tinham discutido? – Lyn abanou a cabeça. A máquina de café ao canto começou a silvar e ouviu-se um tinido de colheres e chávenas de porcelana. – Foram acampar sozinhos?

– Sim. Eram os melhores amigos; nunca discutiam. Não havia um arranhão no Geraint. As suas roupas estavam todas secas.

– Tinham bebido?

Lyn ergueu a mão.

– Já pensei nas perguntas óbvias. Quando fizeram a autópsia, decidiram que se tratava de afogamento accidental. O Simon não tinha álcool na corrente sanguínea...

Roy aproximou-se com os cafés.

– Aqui têm, senhoras – disse. – Informo-vos de que fecho daqui a meia hora.

– Obrigada – respondeu Kate. Lyn esperou impacientemente que ele pousasse os cafés e se afastasse do alcance da audição.

– Afogamento accidental – repetiu Kate. Lembrou-se do corpo maltratado a flutuar na água.

– O Simon estava sóbrio. Era muito bom nadador. Mesmo que tivesse ido nadar no reservatório, estaria no seu juízo perfeito. Não entraria na água vestido e calçado. O parque de campismo fica oitocentos metros acima da central elétrica e são mais oitocentos metros a subir até ao sítio onde o encontrou. Treinava quase todos os dias, cem voltas numa piscina olímpica. São quase cinco quilómetros. Também nadava no mar.

Kate pousou a chávena e suspirou.

– O médico legista determinou *conclusivamente* que ele se afogou?

Lyn franziu o rosto.

– Sim.

– E consideram que os ferimentos no corpo foram provocados por um barco a patrulhar o reservatório?

– Estou sempre a visualizá-lo na mente. O seu lindo corpo, simplesmente ali na água, a ser atropelado.

Kate queria pegar na mão de Lyn, mas via que ela estava zangada e que era orgulhosa.

– Quando é que o Simon foi dado como desaparecido? – perguntou.

– O Geraint telefonou-me na tarde do dia vinte e oito de agosto e disse-me que não conseguia encontrar o Simon. Então, liguei para a polícia, que me disse que ele não podia ser dado como oficialmente desaparecido nas primeiras vinte e quatro horas, pelo que se tornou oficialmente desaparecido na manhã do dia vinte e nove.

– Encontrei o corpo na tarde do dia trinta.

– A polícia *decidiu* que o Simon se levantou durante a noite, foi nadar junto a uma barragem hidroelétrica e afogou-se... Ele não faria isso! – disse Lyn, batendo com o punho na mesa. – Conhece, conhecia, as correntes. As condições da água. A barragem hidroelétrica suga a água do reservatório. É uma zona onde é proibido nadar. Há sinais a toda a volta do parque de campismo. Previa voltar aos treinos, após ter estado afastado durante meses devido a lesão. Encontrava-se sóbrio! Não arriscaria o futuro.

– Peço desculpa por perguntar, mas ele estava deprimido?

– Não. Não. Não. Não estava deprimido. Encontrava-se de férias com o melhor amigo, por amor de Deus! Davam-se lindamente. Passou o verão inteiro na expectativa... – Lyn estava agora muito agitada e lacrimosa. Tirou um lenço da manga e assoou o nariz. – Lamento – disse ela.

– Não, não lamente. Tem todo o direito a sentir-se... A sentir.

– Sabe aquela sensação de quando toda a gente nos descarta e ninguém nos dá ouvidos?

– Tem sido a história da minha vida – confessou Kate, pesarosa. Lyn deixou descair os ombros e pareceu acalmar-se.

– É assim que me sinto, raios. Compreendo que o Simon estava na água e que um barco pode ter-lhe passado por cima, mas a polícia não parece interessada no porquê nem no como de ele ter acabado na água em primeiro lugar.

– Como me encontrou? – perguntou Kate.

– Procurei-a no Google. – Lyn abriu a pasta e extraiu uma cópia impressa de um artigo da *National Geographic*. Era de dois anos antes e tinha uma foto de Kate e do seu assistente de investigação, Tristan Harper, diante do edifício gótico da Universidade de Ashdean, que se erguia atrás deles como uma miniatura do Castelo de Hogwarts. Havia sido entrevistados após terem resolvido o caso do assassino imitador de Nine Elms. Fora um período empolgante e Kate acreditara que ela e Tristan podiam construir algum tipo de carreira como detetives privados. – Tentei encontrá-la *online*, para ver se tinha uma agência.

– Não – disse Kate, ouvindo a desilusão na própria voz.

– Só quero descobrir o que aconteceu ao Simon. A Kate tem um filho. Teve de o proteger de toda a porcaria que lhe atiraram ao longo dos anos... Existem montes de agências de detetives privados por aí, mas a Kate... Quero que me ajude. Fá-lo-á?

Kate vira já demasiado mal nas pessoas. Os melhores amigos podiam subitamente virar-se uns contra os outros, pensou. Um detetive tinha de utilizar a lógica. Se Simon e Geraint tinham estado sozinhos, então a primeira conclusão lógica era que fora Geraint a fazê-lo.

Lyn fechou os olhos.

– Já é suficientemente mau que o meu filho me tenha sido tirado. Quero saber porque estava naquelas águas a meio da noite. Não sou do tipo de mulher que implora, mas por favor. – Os seus olhos encheram-se de lágrimas. – Por favor. Ajuda-me?

Kate pensou em como se sentiria se os papéis estivessem invertidos e tivesse sido Jake a ser encontrado na água, com o corpo coberto de cortes e hematomas.

– Sim – respondeu Kate. – Vou ajudá-la.

6

Na manhã seguinte, bem cedo, Tristan Harper subiu a correr os degraus da praia e parou na alameda, debruçando-se, para recuperar o fôlego. A manhã surgia sobre Ashdean, o céu estava azul-claro e as luzes começavam a acender-se na longa fila de casas geminadas alinhadas junto à orla marítima.

Um labrador preto passou a correr pela praia e entrou no mar calmo para perseguir um pau. A maré estava baixa, expondo rochas escarpadas cobertas de algas. O dono do cão, um tipo alto de calças de ganga justas com casaco amarelo à prova de água, viu Tristan no seu equipamento de corrida, olhou novamente e sorriu. Tristan correspondeu-lhe ao sorriso, atravessando em seguida a estrada e entrando na pequena casa que partilhava com a irmã, Sarah.

Era bem-parecido, de cabelo castanho curto, olhos castanhos e uma figura alta e atlética. Tirou a *T-shirt*, revelando uma barriga trabalhada e peitorais musculados. Nas costas, tinha uma bonita águia tatuada, vista de costas e de asas abertas sobre os ombros. No peito, a mesma águia, mas vista de frente, com a cabeça baixa e os olhos de âmbar a brilhar-lhe no esterno. A extensão das asas chegava-lhe aos dois ombros. Os bíceps e braços estavam adornados com mais tatuagens. Dirigiu-se ao espelho e verificou a película aderente que lhe envolvia o topo do tríceps esquerdo. Já se soltava da pele. Refletiu por um momento, puxando-a em seguida suavemente, para revelar a mais recente tatuagem, uma simples faixa negra que estava a sarar muito bem.

– Fixe – disse, admirando-se por um momento. – Nada mal.

Tomou duche, vestiu-se e fez a pé o breve percurso à beira-mar até ao edifício da universidade. Não teve oportunidade de falar com Kate até à última palestra da manhã, História da Investigação Forense. Enquanto os alunos saíam do auditório e ele guardava o projetor de *slides*, Kate aproximou-se.

– Tenho algo que quero discutir contigo. Apetece-te um café? – perguntou.

Nas últimas semanas, Tristan notara que Kate andava retraída e um pouco distante, e não parecia dormir bem. Ficou satisfeito ao ver que, naquele dia, parecia mais feliz e repousada.

– Claro. Encontramo-nos lá depois de eu devolver este projetor ao armazém – disse ele. – Quero um *macchiato* de caramelo.

– Blhec – observou ela. – Aposto que também vais pôr açúcar nisso.

– Sei que sou suficientemente doce, mas sim – respondeu, sorrindo.

Passados alguns minutos, Tristan juntou-se a Kate no Starbucks do piso térreo. Estava sentada a uma das mesas sob a longa janela com vista para o mar. Passou-lhe um copo.

– Obrigado – disse ele, sentando-se à frente dela. Tirou a tampa, e Kate observou, divertida, enquanto ele lhe juntava quatro pacotes de açúcar. Bebeu um gole, acenou em aprovação e tirou a agenda da mochila. Era aí que anotava os pormenores de todos os compromissos profissionais de Kate: quando havia visitas de professores especialistas, o aluguer de equipamentos e as datas em que os alunos tinham exames.

– Isto não é *oficialmente* um assunto de trabalho – disse Kate.

– Oh?!

Tristan ouviu enquanto Kate lhe falava sobre o seu encontro da noite anterior com Lyn Kendal.

– Deu-me esta pasta. Não é muito – concluiu Kate. – Deixou também cinco mil libras em dinheiro no interior. Paga-nos outras cinco mil se descobirmos o que aconteceu ao Simon.

– É muito dinheiro. Acha que são as poupanças dela? – perguntou ele, arqueando uma sobrancelha.

– Não sei. Parece abastada.

Tristan abriu a pasta e tirou a papelada. Continha um recorte do artigo do jornal local e fotos de Simon Kendal. Sobre tudo pormenores dos seus campeonatos de natação. Tristan leu o artigo.

Simon Kendal, de dezoito anos, ter-se-á alegadamente visto em dificuldades após ter invadido o reservatório de Shadow Sands, junto a Ashdean.

A polícia foi chamada ao encantador cenário na charneca na quinta-feira. Uma equipa de buscas subaquáticas examinou a região, tendo recuperado o corpo do jovem.

A polícia diz não acreditar que a morte seja suspeita.

«As minhas mais sinceras condolências à família de Simon», disse o inspetor-chefe Henry Ko, «ao receber esta notícia devastadora.»

Mike Althorpe, gestor de segurança em atividades de lazer na Royal Society for the Prevention of Accidents, disse: «Compreendemos a tentação de querer ir nadar, principalmente durante os períodos de calor. Mas os locais de águas abertas podem ser muito perigosos, com correntes fortes e destroços que não são visíveis da margem.»

– Não parece que o jornal local quer passar a ideia de que o Simon se afogou? – perguntou Tristan.

– Estão a seguir as indicações das autoridades – disse Kate. – Mas sim. Não referem que ele era campeão de natação.

Tristan examinou as fotos de Simon com a equipa de mergulho. Sentia-se empolgado ante a perspetiva de trabalhar noutra investigação da vida real e, a nível prático, o dinheiro seria útil. A irmã ia casar-se em dezembro, e ele assumiria total responsabilidade pela renda e pelas contas.

– Temos muita coisa na agenda – informou ele. – A turma de História da Investigação Forense entrega as dissertações daqui a duas semanas, tal como os alunos da disciplina Assassinos em Série Americanos dos Anos 1970. Temos a visita de estudo a Londres para a disciplina Ícones do Crime, também daqui a duas semanas... – Queria acrescentar que o casamento de Sarah era dali a seis semanas e que de certeza isso iria criar todo o tipo de dramas.

– Tenho o pressentimento de que vamos descobrir que se tratou de um acidente – disse Kate. – Se foi o Alan Hexham a fazer a autópsia, e desconfio que sim, então não duvido dos resultados.

– Mas pode ser interessante falar com o amigo, Geraint – observou Tristan.

– Exato – concordou Kate. – Deixei-lhe uma mensagem a perguntar se podemos conversar com ele no sábado. Espero que me ligue de volta. Amanhã de manhã, vou ver o Alan Hexham à morgue. Vai deixar-me ver o ficheiro da autópsia do Simon Kendal.

– A que horas?

– Só me pode receber cedo, antes das nove.

– Tenho de tratar de um aluguer de equipamento logo de manhã, e não sou muito bom na morgue, principalmente tão cedo, após o pequeno-almoço.

Kate sorriu e acenou.

– Está bem, faço isso sozinha – disse ela.

– Conte comigo para sábado; esperemos que esse Geraint queira falar.

– Sim. Vou tentar obter o relatório policial do Alan. Adorava saber o que lhes disse o Geraint. Seria uma boa oportunidade para desafiar a sua história e ver se se aguenta passado algum tempo.

7

Kate chegou à morgue de Exeter antes das oito da manhã. Entrou no pequeno gabinete e foi acompanhada à sala de exames. Jemma, uma das assistentes de Alan Hexham, estava a trabalhar no corpo de uma jovem deitada numa das mesas de autópsia de aço inoxidável.

– Bom dia, Kate – disse Jemma, erguendo os olhos do trabalho. Kate conhecia Alan Hexham desde que ele fora professor convidado num dos seus módulos de criminologia. Era agora um orador regular e com frequência cedia ficheiros de casos arquivados para os alunos de Kate estudarem.

Jemma era auxiliar de técnica funerária, alguns anos mais velha do que Tristan. Era uma mulher alta e bem constituída – a força tornava-se essencial num técnico funerário – e especialista em reconstrução. Kate parou a fim de olhar para o corpo da jovem. Tinha o rosto atravessado por pontos impecáveis e Jemma enrolava duas pequenas bolas de algodão em rama na orla da mesa de aço. Ergueu a pálpebra direita da rapariga morta, colocou a bola de algodão na órbita vazia e fez o mesmo com o olho esquerdo.

– Esteve envolvida num choque frontal na M6; não recuperaram os olhos e a maioria do cérebro estava... ausente – afirmou Jemma, recuando para inspecionar o seu trabalho. – Passámos a noite a reconstruí-la. A família quer vê-la.

– Fez um trabalho incrível – disse Kate, olhando para a jovem. Lembrou-se do tempo que passara no trânsito enquanto agente da polícia e dos acidentes a que assistira. Os mais horríveis eram os choques frontais na autoestrada, e geralmente significavam um caixão fechado para as vítimas.

– Enchi-lhe a cabeça de algodão em rama, voltei a colar o crânio o melhor que pude. O resto são pontos. E vai ficar ainda melhor quando a esteticista mortuária chegar.

– Pode dar-me o número dela? – gracejou Kate, ao ver o seu rosto cansado refletido na ponta da mesa de aço inoxidável.

– Quase lhe pedi para me maquilhar para o casamento do meu irmão, mas temi que usasse os pincéis do trabalho – riu-se Jemma.
– O Alan está no gabinete, lá atrás.

– Obrigada – disse Kate. Passou por uma longa fila de portas de refrigeradores até ao pequeno gabinete de Alan, ao fundo. A porta encontrava-se entreaberta e ele estava sentado à secretária, rodeado de pilhas de papelada e a rabiscar num bloco de notas com o telefone debaixo do queixo. Era um homem enorme, de rosto bondoso e longos cabelos grisalhos presos num rabo de cavalo.

– Ótimo, obrigado, Larry – disse ele, terminando a chamada. Olhou para cima e viu Kate. – Entra. Receio só ter um minuto. Tenho de ir.

– Sem problemas, obrigada por me receberes – respondeu Kate.

Alan atirou o telemóvel para cima da secretária e enfiou na boca o último bocado de um *Egg McMuffin* do McDonald's, lançando o papel enrolado para o caixote do lixo. Tirou um ficheiro de uma das pilhas na secretária e abriu-o. Kate viu as fotos da autópsia de Simon Kendal no topo.

– Simon Kendal – comentou Alan, mastigando e engolindo. – Acampava com o amigo junto ao reservatório de Shadow Sands. Não estava de serviço no dia em que este rapaz foi trazido, mas chamaram outro médico legista para fazer a autópsia.

– Isso é normal? – perguntou Kate.

– Pode acontecer. Esta morgue pode ser requisitada por outras forças policiais, devido a vários motivos... O Simon Kendal era alguém especial?

– Especial?

– Filho de um político? VIP?

– Não. Só um miúdo normal. Estudante. Não diz aí porque chamaram outro médico legista?

– Não. Como referi, podem apresentar diversas razões para ser outra pessoa a fazer a autópsia... – Alan puxou os óculos para o cimo da cabeça e observou mais de perto enquanto folheava o ficheiro. – O Simon Kendal não tinha álcool na corrente sanguínea. Era saudável, com pouca gordura corporal. Uma capacidade pulmonar incrível.

– Era nadador, treinava-se para os Jogos Olímpicos – informou-o Kate.

Alan franziu o sobrolho.

– Ainda assim, afogou-se. – Voltou para trás no ficheiro e começou a examinar as fotos da autópsia. Parou numa delas e analisou-a com muita atenção.

– O que foi? – perguntou Kate.

– O pulmão direito foi perfurado. Olha aqui – disse ele, estendendo-lhe o ficheiro e apontando para um grande plano de uma ferida circular enrugada na caixa torácica de Simon.

– Informaram que o corpo foi atropelado por um barco com motor fora de borda – observou Kate.

– Quem te contou isso?

– Lyn Kendal. A mãe do Simon. Foi a informação que a polícia lhe deu.

Alan examinou de novo a foto e olhou para Kate, arqueando uma sobrancelha farfalhada. Depois, voltou a fixar-se no relatório.

– Era um tipo com músculos fortes... Seria o propulsor de um motor fora de borda capaz de lhe perfurar a carne desta maneira? *E* atravessar a caixa torácica até ao pulmão? – Alan mais parecia falar consigo do que com Kate. – Hmm. Não. Não sem lhe abrir um rasgão enorme no flanco... As lâminas de um motor fora de borda são curvas. Esta ferida aparenta ter sido provocada por um objeto afiado que penetrou na carne. Rapidamente, entrou e saiu. – Com o dedo, imitou o gesto de esfaquear.

– Achas que a causa da morte está errada?

– O quê?! Não, não, não – disse Alan apressadamente. – Quando se realiza uma autópsia, apresentamos os factos, depois é a polícia que utiliza a informação para formar uma teoria...

Isso não é uma verdadeira resposta à minha questão, pensou Kate. Alan estava a mostrar lealdade para com o colega anónimo, não querendo acusar um dos seus.

Alan folheou as páginas do relatório até chegar a uma tabela ao fundo.

– Mas, se este pobre rapaz caiu à água, se afogou e foi mutilado *post mortem* pelo motor fora de borda de um barco, porque perdeu

tanto sangue?

– Quanto sangue perdeu?

– Bastante, esvaiu-se. Perdeu metade do volume sanguíneo do corpo. Como sabes, se uma pessoa for ferida e o coração continuar a bater, a perda de sangue é maior. – Fechou a pasta com um estalido e pareceu perturbado. – Acho que devias deixar isto comigo.

Kate lera fragmentos do relatório enquanto Alan virava as páginas. Na última, vira duas assinaturas: a do Dr. Philip Stewart e a do inspetor-chefe Henry Ko.

Alan levantou-se da cadeira, esfregou os olhos e voltou a colocar os óculos no nariz.

– E dizes que a mãe do rapaz questiona a causa da morte?

– Sim. Não acredita que ele se afogou.

– Preferia que não partilhasses o que te disse até ter a oportunidade de investigar isto.

Kate assentiu.

– Claro.

– Certo... Sim. – Alan olhou para o relógio e pegou no casaco. Kate via que estava perturbado. Era um tipo às direitas, honesto e bastante respeitado. Vestiu o casaco e pegou no telemóvel e nas chaves do carro. Fizeram menção de partir e Kate hesitou junto à porta.

– Alan. Oficiosamente. Achas que a morte do Simon Kendal foi um acidente?

– Oficiosamente. E quero *mesmo* dizer oficiosamente. Não. Não acho que tenha sido um acidente. Agora tenho de ir – disse ele.

Kate nunca o vira tão preocupado e pálido. Só queria ter mais poder e recursos para seguir as pistas. Tinha saudades de ser detetive.

8

Tristan bateu à porta do gabinete da professora Rossi, e uma mulher jovem e elegante, de longos cabelos negros e óculos de armação preta, abriu-lhe a porta. Vestia calças de ganga justas e camisola vermelha.

– Olá. A professora Rossi está cá hoje? – perguntou ele.

– Sim. Olá – cumprimentou ela. Falava com um ligeiro sotaque italiano.

– Oh. Olá – respondeu Tristan.

– Esperava uma italiana velha e maluca?

– Não... – disse Tristan. Era exatamente isto que esperava. Magdalena Rossi era uma nova professora e dava aulas de filosofia e religião. Tanto o nome como a disciplina não correspondiam à bela e descontraída jovem diante dele. – Bem, talvez. Olá. Chamo-me Tristan Harper.

Deram um aperto de mão.

– É um prazer conhecê-lo. Continuo a ser a rapariga nova; mesmo passadas várias semanas, ainda não conheci toda a gente.

– Não se preocupe, eu sinto o mesmo.

– Há quanto tempo é a rapariga nova? – brincou ela.

Tristan sorriu.

– Trabalho aqui há pouco mais de dois anos. Acho que a vi por aí. Tem uma *scooter* amarela?

– Sim. Uma *Vespa*.

– Conduz depressa.

– Bem, sou italiana – lembrou ela, sorrindo. Manteve o contacto visual por uma fração de segundo além daquilo com que Tristan se sentia confortável.

– Certo. Tenho o seu projetor de *slides* – disse ele, apontando para o carrinho ao seu lado.

– Obrigada, pode trazê-lo para dentro – respondeu ela, escancarando a porta. O seu pequeno gabinete estava cheio de velhos móveis de madeira e cada centímetro das paredes coberto

de papelada. Uma pequena janela proporcionava-lhe vista para o mar, que nesse dia estava agitado e cinzento. Tristan empurrou o carrinho. – Deixe-o aí, junto à minha secretária. Ia fazer café. Quer um? – Apontou para uma pequena máquina de cápsulas na estante.

– Não, obrigado. Devia ir andando – disse Tristan. Pegou no telemóvel e verificou se tinha alguma mensagem de Kate após o seu encontro com Alan.

– Tem a certeza? Uma dose de expresso não vai atrasá-lo.

Tristan ia recusar quando reparou num mapa preso a um quadro de cortiça na parede. Era do reservatório de Shadow Sands e da charneca circundante. Um cartão com as palavras MITOS E LENDAS LOCAIS estava espetado por baixo, com artigos de jornais sobre conhecidas lendas de Devon e da Cornualha que Tristan reconhecia: a besta de Bodmin Moor, o lago do rei Artur, os gigantes da Cornualha, o cão dos Baskervilles. Mas havia também algumas notas manuscritas com questões: LOBISOMEM de BODMIN MOOR – encontrá-lo, FANTASMA DO NEVOEIRO – demasiado recente?

Magdalena seguiu-lhe o olhar.

– Está a realizar um projeto sobre o reservatório? – perguntou ele.

– Não. Porquê?

– Reconheci-o, só isso. Sou de cá – disse Tristan, não querendo entrar em pormenores sobre a morte de Simon Kendal. Aproximou-se mais do quadro.

Sob as palavras LOBISOMEM de BODMIN MOOR – encontrá-lo, estavam duas fotos de uma enorme pegada. A primeira mostrava-a *in situ*, num caminho lamacento ladeado por árvores. A segunda era um grande plano. A pegada parecia ser de um cão grande; Tristan conseguia ver o contorno das almofadas plantares e das longas garras. O que o chocou foi a enorme e peluda mão humana colocada ao lado para efeitos de comparação; a pegada era três vezes maior do que a mão.

– Essa não é a minha mão, a propósito – observou Magdalena. Tristan deu um salto. A professora estava ao seu lado, com duas fumegantes chávenas de café. Era baixa e delicada. O topo da sua cabeça chegava ao ombro de Tristan. Os ricos cabelos negros

tinham um elegante risco ao meio e cheiravam a lavado, a champô de frutos. Tristan pensou que tinha uma beleza simples.

– Obrigado – agradeceu, pegando numa das chávenas. – Isto é para um módulo novo? – perguntou, apontando para o quadro de cortiça.

– Não. É para a minha tese. Estou a estudar as origens dos mitos urbanos. A região de Devon e da Cornualha é rica em material nessa área. Tirei as fotos da pegada numa quinta perto de Chagford, nos arredores de Dartmoor. O agricultor jura que, uma noite, viu uma figura semelhante a um monstro, erguida sobre duas patas, com três metros de altura, junto a uma vedação num dos seus campos.

– O que fez ele? – perguntou Tristan, bebendo o café forte e amargo.

– O que eu faria. Enfiou-se em casa e trancou as portas. Não se atreveu a sair de novo até à manhã seguinte. Foi então que encontrou esta pegada.

– O que raio deixa uma pegada assim? – questionou Tristan. Estendeu a mão para tocar na foto e a manga da sua camisola subiu, revelando alguns centímetros da tatuagem que lhe cobria o antebraço.

Magdalena interrompeu-se por um momento e Tristan reparou que ela olhava para a sua tatuagem. Era um bloco de árvores a preto e branco, recortadas contra o céu noturno.

– Provavelmente um leão ou um lince, ou algum cruzamento – respondeu ela. – Já deve ter ouvido todas as teorias sobre os vitorianos ricos que traziam crias de leão e de tigre das viagens ao estrangeiro e depois os libertavam na floresta quando se tornavam grandes e perigosos.

– Sim.

– É essa a conclusão lógica.

Tristan bebeu o resto do café. A enorme pegada provocava-lhe arrepios.

– O que é o Fantasma do Nevoeiro? – perguntou, ao ver uma série de pequenas fotografias a preto e branco de uma extensão de estrada vazia rodeada de árvores. Bolsas de nevoeiro agarravam-se

às depressões no asfalto, à medida que a estrada descia e depois desaparecia numa curva.

– É um trabalho em curso. Tive uma conversa casual com uma rapariga num bar. Contou-me uma história sobre jovens que desapareceram num troço da A1328, a estrada que passa junto ao reservatório de Shadow Sands. Sempre que há nevoeiro denso...

– A sério? Nunca ouvi falar nisso – observou Tristan.

– Acho que ela é... como dizem vocês? Uma narradora pouco fiável... Talvez seja uma melhor ideia para um filme do que para incluir na minha tese.

– Como aquele filme, *Candyman*. Sabe como é, diz-se o nome dele cinco vezes ao espelho e ele aparece atrás de nós com um gancho.

– Isso é baseado numa história do Clive Barker, muito boa.

Magdalena bebeu um gole do café e ficaram em silêncio. Tristan sentiu o impulso de lhe falar sobre a morte de Simon Kendal, mas não o fez. Ela sorriu e aproximou-se, puxando-lhe a manga da camisola para cima de modo a revelar o antebraço.

– Gosto da sua tatuagem – disse ela, passando-lhe os dedos pela pele. – Às vezes, podem parecer foleiras, mas esta é uma verdadeira obra de arte.

– Obrigado. Vou a um tipo fantástico em Exeter... – Sentiu-se corar e ficou com pele de galinha. Magdalena sorriu e puxou-lhe suavemente a manga para baixo.

– Está a tirar uma pós-graduação?

– Não – respondeu Tristan, sentindo-se envergonhado. – Sou o assistente da Kate, a professora Marshall. E pareço ser o único que sabe como consertar estes velhos projetores de *slides*.

– Ouvi falar nas suas aventuras com a professora Marshall – afirmou ela, sem interromper o contacto visual. Tinha uns belos olhos castanhos e lábios carnudos.

– Também há isso, sim, mas oficialmente estou na folha salarial, não sou um académico, nem nada disso.

Ela sorriu.

– Como estava o café?

Ele olhou para a chávena.

– Hum... – Tristan riu-se. – Sou mais do tipo Starbucks.

Magdalena riu-se.

– Está a falar com uma italiana. Isso não é café. Qual é a sua bebida habitual no Starbucks?

– *Macchiato* de caramelo – respondeu, com um esgar.

– Oh, meu Deus.

– Está cá há pouco tempo e a maioria das pessoas reúne-se no Starbucks do andar de baixo. De certeza que se vai converter.

– Talvez devêssemos ir ao Starbucks um dia destes? – sugeriu ela, inclinando a cabeça e fitando-o sob a sua densa franja. – Podia converter-me.

– Oh – disse ele, entendendo que ela estava a namoriscar.

– Sim, Tristan, estou a convidá-lo para sair... Está interessado? – A sua confiança apanhara-o de surpresa e não sabia o que dizer. – Posso ficar com o seu número?

– O meu número?

– Sim. Provavelmente já percebeu que não sou o tipo de rapariga que fica sentada à espera junto ao telefone.

– Claro.

Pousou a chávena na secretária de Magdalena, enquanto esta lhe passava uma esferográfica e um pequeno caderno aberto numa página em branco. Tristan rabiscou o número de telefone. O seu telemóvel apitou e ele tirou-o do bolso. Viu que era uma mensagem de Kate.

– É melhor ir. É a professora Marshall – disse.

– Eu ligo-lhe – respondeu ela, sorrindo.

– Ótimo – comentou. – E obrigado pelo café.

Esperou até estar fora do gabinete de Magdalena e olhou para a mensagem:

O GERAINT JONES ACEITOU ENCONTRAR-SE CONNOSCO
AMANHÃ ÀS ONZE

Tristan apressou-se a ligar a Kate e o encontro com Magdalena passou para segundo plano.

9

Geraint pedira que se encontrassem num clube de bilhar junto à sua residência estudantil nos arredores do centro de Exeter.

Kate e Tristan descobriram-no ao fundo de uma fila de lojas degradadas e estacionaram. Um rapaz alto e encorpado, com cabelo louro-arruivado pelos ombros, esperava-os sob um toldo verde desbotado que dizia CLUBE DE BILHAR POT BLACK. Trazia botas *Doc Martens* pretas, calças de ganga sujas e casaco de ganga com forro de carneira igualmente sujo. Tinha um rosto redondo agradável e estava a deixar crescer a barba, mas tinha apenas um tufo de penugem no queixo.

– Joga bilhar? – perguntou Geraint a Tristan, enquanto exibia um cartão de membro na receção e lhes dava entrada no clube.

– Não – disse Tristan.

– Eu também não – confessou Geraint em voz baixa. – Venho aqui porque podemos fumar um cigarro com a cerveja. – Tinha sotaque galês, suave e cadenciado, e os olhos um pouco vidrados. Kate perguntou-se se já estivera a beber. Conduziu-os por uma porta lascada e encardida e entraram numa sala comprida e baixa de paredes verde-escuras. As filas de mesas de bilhar encontravam-se vazias, exceto por dois cavalheiros idosos que jogavam numa junto ao bar. Cada mesa tinha um candeeiro grande por cima, com quebra-luz de veludo vermelho com franjas. Projetavam sobre a sala uma luz ténue, captando a bruma do fumo dos cigarros. – O que posso trazer-lhes para beber?

– Bebo uma caneca de *Foster's* – respondeu Tristan.

– Têm *cappuccino* no bar? – perguntou Kate, vendo que era um clube de trabalhadores.

– É mais provável que tenham o Al Pacino – replicou Geraint.

– Café simples, então – pediu ela, começando a simpatizar com ele.

– Sentem-se. Volto já – disse Geraint.

Kate e Tristan encontraram uma mesa o mais longe possível do bar, sob um expositor de parede com troféus polidos em prateleiras de vidro.

– Como é possível fumar aqui? – perguntou Tristan, depois de se sentarem.

– É um clube privado, onde ainda é permitido fumar – explicou Kate, pegando no maço de *Marlboro Lights*. Era bastante tranquilo e descontraído, só com a conversa murmurada dos idosos e o bater das bolas de bilhar.

Geraint regressou com as bebidas e sentou-se diante deles, mantendo o casaco vestido. Bebeu metade da cerveja de um gole só e acendeu um cigarro.

– Em primeiro lugar, quero dizer que lamento muito pelo Simon – disse Kate. Tristan anuiu.

– Foi a Ma-Lyn-a que vos mandou fazer isto, não foi? Escavar por aí? – questionou ele, exalando e fixando em Kate um olhar duro.

– Não nos mandou fazer nada. Está preocupada com as circunstâncias da morte do Simon.

– Era assim que o Si lhe chamava. Ma-Lyn-a. Como nos desenhos animados do *He-Man*. – Sorriu por um momento e limpou uma lágrima. – Que se lixe. – Bebeu o resto da cerveja e ergueu o copo para o bar.

– O Simon não se dava bem com a mãe? – perguntou Kate.

– Não. O médico legista e a polícia determinaram que foi um acidente. Pensará a Lyn que sabe mais do que eles? Ela não estava lá. Só que não gosta de mim e quer arranjar-me problemas.

– O que acha que aconteceu ao Simon?

– Acho que a Ma-Lyn-a o matou... Não diretamente, mas pôs-lhe muita pressão em cima com a natação. Era uma mãe insistente, para dizer o mínimo. Gastou uma fortuna num treinador. Um verdadeiro sacana; dava com o Si meio em doido. Devia ter sido a Lyn a treinar-se para os Jogos Olímpicos. Queria-os mais do que o Si.

– A Lyn disse que o Simon se lesionou no ano passado e não conseguiu entrar na equipa olímpica – observou Tristan.

– Magoou-se no pé no Natal, uma coisa estúpida, caiu do passeio à entrada de um bar.

– Estava embriagado?

Geraint anuiu e apagou o cigarro no cinzeiro.

– Consigo? – perguntou Kate.

Geraint sorriu e voltou a assentir. Acendeu outro cigarro.

– O que explicaria o porquê de ela não gostar de mim – disse ele, soprando o fumo para o teto. – Considerava-me uma má influência, mas era a primeira vez em meses que o Si saía para apanhar uma piela, e mesmo assim só bebeu uma cerveja. Era um peso leve. Foi um acidente parvo. O Si tropeçou e caiu no lancil sobre um monte de vidros partidos. Havia sangue por todo o lado. Ajudei-o a ir às Urgências. Suturaram-no e fizeram-lhe uma radiografia. Tinha lascado um osso do pé, o que o afastou da competição. Não pôde treinar durante seis semanas, o que significa que perdeu a forma. Era provável que ele fosse competir nos Jogos Olímpicos de Londres. A Lyn tinha um patrocinador à espera, mas, quando junho chegou, o Si não conseguiu qualificar-se para a equipa do Reino Unido por segundos.

– Caramba. Deve ter sido duro – observou Tristan. Geraint assentiu.

– Não só o seu sonho de entrar na equipa olímpica fora parar à sarjeta como a Ma-Lyn-a estava em pé de guerra. Hipotecara a casa para pagar o seu treino ao longo dos últimos anos. Se o Si se qualificasse, o patrocinador assumia esses custos e pagava o empréstimo... Depois disso, ela diabolizou o Si. Insistia para que treinasse mais e estava sempre a lembrar-lhe como perdera a sua maior oportunidade. Basta isso para deixar qualquer um com instintos suicidas.

– O Simon tinha instintos suicidas? – perguntou Kate.

– Não sei, mas o seu estado de espírito não era bom, começou a comparar a piscina onde treinava com um buraco de betão cheio de cloro.

– O que vos levou a optar pelo parque de campismo junto ao reservatório?

Geraint sorriu, pesaroso.

– Estava previsto acamparmos em Gower, no Oeste de Gales. É um sítio lindo para surfar e acampar, mas a Ma-Lyn-a mudou de ideias à última hora e disse ao Si que só podia tirar dois dias ao treino. Ele treina-se, treinava-se, aqui, em Exeter. Shadow Sands fica obviamente mais perto do que Gower. E há um par de sítios por perto. Benson's Quarry é bom para nadar e mergulhar. Andam por ali montes de raparigas atraentes... Já lá estive, companheiro? – perguntou ele a Tristan.

– Não – respondeu este.

– Devia ir ver como é, sobretudo num dia de calor. Montes de raparigas jeitosas só com as partes de baixo do biquíni... – O *barman* apareceu com uma cerveja fresca para Geraint. – Obrigado, companheiro – disse ele, bebendo metade da cerveja de um só gole e acendendo outro cigarro. Kate trocou um olhar com Tristan, que continuava a beber a primeira cerveja.

– O parque de campismo de Shadow Sands estava vazio quando você e o Simon chegaram? – perguntou Kate.

– Sim. O tempo estava uma porcaria. E o parque de campismo também. Fica ao lado do reservatório, mas tem uma vedação enorme de arame farpado a bloquear a água. É como algo saído de Auschwitz. E as casas de banho estavam metade entaipadas e cobertas de trampa. Havia coisas deixadas pelos drogados. Chegámos ao parque por volta das oito, oito e meia da noite. Tínhamos estado a surfar ali perto, em Dawlish Beach, e apanhámos um táxi. Tínhamos fome e escurecia quando chegámos... Não sei porque não fomos simplesmente para uma pousada da juventude. Foi daquelas férias em que planeamos algo, depois as coisas mudam e tentamos manter viva a ideia de férias passadas a acampar... – Bebeu outro gole da cerveja. – Mas acabamos num buraco como aquele.

– Estiveram a beber nessa noite? – perguntou Kate.

– Não. Esquecemo-nos de levar bebidas. E jantámos feijões cozidos frios, diretamente da lata, e chocolates *Mars*. Tornou-se uma noite sombria. Quem me dera que tivéssemos álcool. O Si entrou num estado de espírito soturno.

– Como soube que o estado de espírito do Simon era soturno? – perguntou Tristan.

– Estava retraído. Agosto fora difícil para ele. Não nos podíamos mexer sem ouvir falar nos Jogos Olímpicos, pois não? Mas passámos um belo dia. Conhecemos umas miúdas na praia. Uma delas trocou números de telemóvel com o Si. Tinha uma amiga gorda para mim – acrescentou, sorrindo. – Combinámos encontrar-nos com elas no dia seguinte para mergulharmos na Benson's Quarry. Ia um grupo delas para lá.

– Viu mais campistas ou caminhantes nessa noite? – perguntou Kate.

Geraint abanou a cabeça.

– Foi sinistro. Arrepiante. O barulho da central elétrica parece bloquear os outros ruídos. Não é forte, mas constante, e entra-nos na cabeça.

– Viu algum barco no reservatório?

– Não. Só queria deitar-me, dormir, acordar e sair dali na manhã seguinte. Montámos a tenda e devo ter adormecido por volta das nove ou dez horas, não me lembro. O Si estava sempre a dizer que lhe doía o corpo e que se sentia mal. Só tinha um par de dias de folga antes de regressar aos treinos. Não me parece que andasse a comer como devia. Não o vi comer durante todo o dia na praia e mal tocou nos feijões ou no chocolate. Acordei por volta das sete e o Si não estava lá. O saco-cama encontrava-se vazio.

– O que fez?

– De início, nada. Pensei que tinha ido fazer as necessidades. Saí, preparei um chá no pequeno fogão a gás e esperei. Depois, liguei-lhe algumas vezes, mas tinha o telemóvel desligado. Foi então que... – Hesitou.

– O quê? – insistiu Kate.

– Vasculhei-lhe a mochila em busca do telemóvel. Não estava lá, mas encontrei um frasco de comprimidos. *Citalopram*. São antidepressivos. Fiquei chocado, pois sempre pensei que o Simon lidava bem com as coisas, sabem?

– Acha que a Lyn sabia que ele tomava antidepressivos? – perguntou Kate. Geraint encolheu os ombros.

– Pesquisei *citalopram* no Google. É forte e tem efeitos secundários, que afetariam o seu desempenho na natação. Não sei se a Lyn teria querido que ele os tomasse.

– O que fez depois de ter encontrado os comprimidos na mochila? – perguntou Tristan.

– Dei uma volta ao local, procurei na floresta, fui outra vez às casas de banho horríveis.

– E não havia nada suspeito ao longo da vedação, junto à orla do reservatório? – perguntou Kate.

– Suspeito, tipo o quê?

– Havia sangue na relva ou na vedação? Vi os estragos que uma cerca de arame farpado pode fazer a alguém que tente subi-la.

– Percorri a cerca junto à água durante um bom bocado em ambos os sentidos; na verdade, num dos sentidos, fui pelo meio das árvores até à central elétrica. Não havia buracos na vedação, nada – disse Geraint.

– Quando deu o alarme de que o Simon estava desaparecido? – perguntou Kate.

– Logo a seguir à hora de almoço. Liguei à Ma-Lyn-a. Ficou preocupada, disse-me que me mantivesse em contacto. Tinha de carregar o telemóvel, por isso voltei à central elétrica e entrei no centro de visitantes para tomar café.

– O que há no centro de visitantes?

– Uma galeria de arte. Fica à beira do reservatório. Pode tomar-se café com vista. Foi surreal estar ali a beber café, sabendo que o Si tinha desaparecido algures. Ainda lá me encontrava ao fim da tarde, por volta das cinco horas, quando a Lyn me ligou a dizer que chamara a polícia e dera o Si como desaparecido. Não queria acreditar. Esperava que ele tivesse ido com a miúda que tínhamos conhecido no dia anterior... – Geraint agitou o resto da cerveja e bebeu-a. Tinha os olhos cheios de lágrimas. Limpou-os. Kate reparou numa mancha vermelha na manga de carneira do casaco.

– Magoou-se? – perguntou.

– O quê?! Isto? – exclamou, olhando para a mancha esbatida – Não. Isto é antigo, da noite em que o Si se magoou e se cortou no

tornozelo. – Ficou mais um momento a olhar para a mancha. Depois, enrolou a manga, virando a carneira manchada para dentro.

Tristan perguntou-lhe em surdina se devia ir buscar-lhe outra cerveja, mas Kate abanou a cabeça. Geraint já arrastava as palavras e precisavam de lhe fazer mais perguntas.

– Então. A Lyn chamou a polícia. O que fez você?

– Voltei ao parque de campismo, guardei as nossas coisas e apanhei um táxi de regresso a casa. Na tarde seguinte, a polícia ligou-me para o telemóvel. Pensei que tinham encontrado o Si, mas pediram-me que fosse à esquadra prestar depoimento sobre ele estar oficialmente desaparecido, e foi o que fiz. Passei lá sete horas. Foram duros comigo, perguntando-me as mesmas tretas uma e outra vez, tentando apanhar-me. À noite, deixaram-me ir.

– Interrogaram-no com um advogado? Ou foi mais informal e deixou um depoimento? – perguntou Kate.

– Estavam sempre a dizer que me podia ir embora a qualquer momento, mas... tenho cadastro. Estive num centro de correção juvenil aos catorze anos. Apanhei um ano por ter usado um vidro para cortar um sacana que me atacou num bar. Também tive algumas chatices há um par de anos num bar; de novo, foi em legítima defesa. – Encolheu os ombros. – Lá porque me defendo quando sou atacado por cretinos bêbedos, isso não quer dizer que seria capaz de matar o meu melhor amigo sem motivo.

– O que aconteceu depois de ter saído da esquadra? – perguntou Kate.

– Recebi um par de telefonemas da Ma-Lyn-a, a questionar-me. Queria que eu lhe devolvesse as coisas do Si, a mochila. Da segunda vez, estava embriagada... perguntou-me todo o tipo de coisas.

Se eu e o Simon éramos gays. Se fazíamos sexo um com o outro... A resposta é não, a propósito. Da terceira vez que ligou, estava bêbeda como um cacho e gritou-me que eu o matara porque o invejava, e que eu tinha um historial de violência.

– E o que respondeu? – indagou Tristan.

– Defendi-me. Sabia que o filho estava desaparecido, mas simplesmente mostrava-se desprezível... Não sei se tem muitos

amigos. O Si é... era... filho único. O pai morreu. Não têm muito mais família. Após a terceira chamada, desliguei o telemóvel. De manhã, tinha montes de chamadas dela. Disse-me que telefonara para a polícia e que lhes pedira que me interrogassem outra vez... Abalou-me, estava confiante e insistente.

– A polícia voltou a falar consigo? – perguntou Kate.

– Bateram-me à porta nessa noite. Era a polícia. Pensei que iam prender-me, mas disseram-me que o corpo do Simon fora encontrado no reservatório e que ele se afogara. E que tinha sido oficialmente classificado como acidente.

O lábio inferior de Geraint começou a tremer, e ele desviou o olhar.

– Lembra-se de quando foi isso ao certo? – perguntou Kate.

Geraint voltou-se de novo para ela e limpou os olhos.

– Deve ter sido quatro ou cinco dias depois.

– Não consegue ter a certeza? A data exata?

– Fui ao funeral no dia catorze de setembro, exatamente duas semanas após a polícia ter aparecido, o que o colocaria no dia... trinta e um de agosto.

Como pôde a polícia determinar tão rapidamente um afogamento acidental?, pensou Kate. Se ao menos tivesse encontrado o corpo de Simon no dia anterior.

– Consegue recordar-se mais ou menos da hora em que a polícia apareceu no dia trinta e um? – perguntou.

– De tarde. Logo a seguir ao almoço, por volta das duas – respondeu Geraint. – Só estiveram lá alguns minutos, disseram-me à entrada. O Si estava morto, fora afogamento acidental e eu já não estava sob qualquer suspeita.

– Chegaram assim tão depressa a essa conclusão? – perguntou Tristan, fazendo eco dos pensamentos de Kate.

Geraint encolheu os ombros.

– Não confio na polícia. Nunca o fiz e jamais o farei. Mas se dizem que sou inocente, não vou discutir... Porém, como pôde um nadador tão forte como o Simon afogar-se?

10

– Não bate certo – disse Kate no regresso a Ashdean. – Encontrei o corpo do Simon na quinta-feira, trinta de agosto, ao final da tarde. Contactei a polícia e eles chegaram depressa, mas a equipa de mergulho não pode ter trazido o corpo antes do aproximar da noite. Depois, foi chamado um médico para fazer a autópsia na manhã seguinte...

– A manhã de trinta e um de agosto – completou Tristan.

– Sim. Uma autópsia leva tempo, algumas horas. Depois, é preciso escrever os relatórios. Estes voltam ao agente atribuído ao caso. Têm de ser tomadas mais decisões. Se a autópsia foi feita às nove, como foi possível a polícia estar a bater à porta do Geraint passadas cinco horas para lhe dizer que a morte do Simon fora um acidente e que não haveria mais investigações?

– E se o Geraint nos mentiu? – perguntou Tristan. – E a polícia continua a achar que ele é um possível suspeito?

– Não. Ontem, quando fui ver o Alan Hexham, o relatório no ficheiro dizia que fora afogamento accidental. O Alan estava preocupado. Não foi ele a fazer a autópsia. Mandaram outro médico.

– Passa-se algo de estranho – observou Tristan. A estrada entre Exeter e Ashdean seguia a linha costeira, girando mais para o interior através de campos lavrados vazios e de árvores despidas, com um nevoeiro baixo suspenso no ar. O telemóvel de Kate tocou e ela pegou-lhe com a mão livre.

– Por falar no diabo. É o Alan Hexham.

– Ponho em alta voz? – perguntou Tristan. Kate assentiu e passou-lhe o telefone.

– Estou, Kate? – bradou a voz de Alan pelo sistema de alta voz.

– Olá, Alan. Estou aqui com o Tristan – disse ela.

– Oh. Olá, olá. Olha. Estou só a ligar por causa da autópsia do Simon Kendal. Queria agradecer-te.

– Porquê? – perguntou Kate.

– Alertaste-me para algumas imprecisões preocupantes no caso. O Simon Kendal estava a acampar com o amigo, e isso fez-me pensar. Cavilhas.

– Cavilhas? – repetiu Kate.

– Sim. A imagem que te mostrei. A perfuração na caixa torácica do Simon. Fora erradamente identificada como tendo sido causada pela hélice de um motor fora de borda, mas creio que foi provocada pela ponta biselada de um objeto afiado. Uma cavilha de metal encaixaria nessa descrição como possível arma... – Kate e Tristan trocaram um olhar. – Transmisti esta informação ao inspetor-chefe Henry Ko, o investigador principal do caso – prosseguiu Alan.

– Sabes porque o classificaram tão rapidamente como afogamento accidental? – perguntou Kate. – Estamos a montar uma cronologia...

– Kate. Lamento, mas neste momento não posso comentar a causa da morte.

Tristan olhou para Kate. Alan parecia muito desconfortável.

– Está bem. Alan, a única pessoa a acampar com o Simon era o seu amigo Geraint. A polícia considera agora que a morte do Simon é suspeita?

Houve uma longa pausa.

– Também não posso comentar isso.

– Então o Geraint é agora suspeito?

– Kate, estou a telefonar-te como cortesia. Não posso comentar mais e não tomo parte nas decisões da polícia... Agora tenho de ir – disse ele, e desligou.

Kate viu uma área de repouso à frente e estacionou. Ficava junto a um grande campo de aspeto desolado já lavrado para o inverno. Por um momento, mantiveram-se em silêncio.

– Acabámos de ler o Geraint de forma errada? – perguntou Kate.

– Se o fizemos, então ele é um ator do caraças – disse Tristan. – Com tanto controlo.

– Não, se estivesse controlado, não andava por aí com o sangue do Simon no casaco, nem estaria tão calmo quando o questionámos sobre isso – observou Kate. – E há a questão de como o Simon chegou à água. Estaria o Geraint com ele? O parque de campismo

tem uma vedação a separá-lo do reservatório. Terão percorrido um par de quilómetros até ao outro lado? Terá o Simon subido o arame farpado? Treparam-no os dois? Lembro-me das mãos do Simon. Não tinham cortes nem hematomas na pele. O Geraint também estava ileso. Não bate certo.

– Para começar, temos sequer a certeza de que eles foram ao parque de campismo? – perguntou Tristan. – Estamos apenas a acreditar na palavra do Geraint.

– Exato. E porque não me lembrei das cavilhas? É tão óbvio como arma do crime! – Kate bateu com o punho no volante. A buzina soou sobre o campo, assustando um bando de corvos, que dispararam para o céu a crocitar.

– O Alan disse alguma coisa quando esteve com ele? Se a polícia encontrou uma cavilha no local?

– Não, não disse. Mesmo que tivessem encontrado, duvido que restassem muitas provas forenses na cavilha, após tantas semanas exposta aos elementos.

– Continua a não responder à pergunta: porque foram a polícia e o médico legista tão rápidos a determinar a morte do Simon como um acidente? – observou Tristan.



Geraint ficou mais uma hora no clube de bilhar Pot Black e deitou abaixo várias cervejas. Quando saiu, o frio no exterior atingiu-o e sentiu-se cambalear enquanto se dirigia para casa. Tinha um quarto num bloco de apartamentos a quilómetro e meio do clube de bilhar. A rua onde vivia era uma mistura de casas geminadas de mau aspeto com blocos de apartamentos do pós-guerra, com dois andares e feitos de betão. Quando estava a chegar, começou a chover e ele puxou a gola do casaco para cima a fim de lhe cobrir a cabeça. Só ao contornar os caixotes do lixo na esquina do pequeno parque de estacionamento à frente é que viu os carros da polícia à entrada do seu prédio.

Eram três, e havia seis agentes agrupados sob a cobertura de betão sobre a entrada principal. As luzes estavam acesas no corredor e ele viu uma das vizinhas, uma senhora idosa que vivia ao

fundo do seu andar, a conversar com a polícia. Olhou para cima e viu-o.

– Ali. É ele – disse ela, apontando para Geraint com o cigarro apagado. Não sabia porque fugira. Podia ter-se mantido firme. O álcool circulava-lhe nas veias e o piscar das luzes azuis ainda a girar no topo dos carros-patrolha fê-lo entrar em pânico.

– Pare! Você! Fique onde está! – gritou um dos policiais, mas não precisava de se ter incomodado. Geraint perdeu o equilíbrio junto aos caixotes do lixo e aterrou num monte molhado de sacos pretos, sentindo algo grande dentro de um deles a pressionar-lhe a barriga. Antes que pudesse recuperar o fôlego, os agentes amontoaram-se em cima dele como numa placagem de rãguebi, puxando-lhe as mãos para trás das costas, enfiando-lhe nos pulsos umas algemas frias e lendo-lhe os seus direitos. Quando o puseram de pé, o chão pareceu dar um solavanco horrível. Geraint viu estrelas e vomitou.

– Jesus Cristo, que estado – disse uma voz. Um polícia asiático magro saiu de um dos carros e dirigiu-se a eles. À paisana: calças de ganga justas, polo branco e casaco à prova de água amarelo-vivo da marca *Ralph Lauren*. Geraint achou que parecia aperaltado e pronto para uma saída à noite.

– É porque se atiraram todos para cima de mim – explicou Geraint. Tossiu e voltou a vomitar, cuspiendo para o chão, com as mãos ainda algemadas atrás das costas.

O agente asiático aproximou-se e olhou-o nos olhos, desafiando-o. Geraint pensou que o ia esmurrar; então, mostrou-lhe o cartão de identificação da polícia.

– Sou o inspetor-chefe Henry Ko. Geraint Jones, está detido pelo homicídio de Simon Kendal...

– Que diabo? – começou Geraint, ouvindo o choque na própria voz.

– Não tem de dizer nada, mas tudo o que disser pode ser utilizado como prova em tribunal – prosseguiu Ko.

– Quero um advogado – disse Geraint.

– Tê-lo-á... Tratem dele. Mas não o metam no meu carro – disse Ko. Os agentes levaram-no dali e enfiaram-no no carro da polícia mais próximo.

Kate deixou Tristan em casa e combinaram encontrar-se no dia seguinte e contactar-se caso houvesse mais notícias sobre Geraint.

Kate vivia numa grande e velha casa de dois andares ao fundo de uma rua que corria junto à orla da falésia. A poucos quilómetros de Ashdean, num pequeno vilarejo chamado Thurlow Bay.

Próximo da casa de Kate havia uma loja de *surf* que servia o parque de campismo ali perto durante o verão. Era gerida por Myra, sua amiga e madrinha nos Alcoólicos Anónimos.

A casa era confortável e acolhedora – *tipo casa da avó*, como Jake dizia. Os móveis da sala de estar eram pirosos e as paredes encontravam-se cobertas de estantes cheias de livros académicos e de romances. Um velho piano repousava encostado a uma das paredes. A casa vinha com o emprego de professora em Ashdean, e há oito anos que a arrendava. A sua área favorita era a sala e a fila de janelas com vista sobre o topo da falésia até ao mar. A cozinha era ligeiramente mais moderna do que o resto da casa, com bancadas de madeira clara e armários pintados de branco.

Kate desembalou as compras na cozinha e abriu o frigorífico. Mantinha um jarro de chá gelado na prateleira de cima. Pegou num copo de cristal, meteu-lhe gelo até ao meio e acabou de o encher com o doce chá gelado. Em seguida, cortou um limão, pondo uma rodela por cima do gelo, como se preparasse um *cocktail*, mas sem o álcool. Os Alcoólicos Anónimos viam com maus olhos qualquer tipo de muleta ou substituição, mas Kate descobrira que aquilo resultava para si. Ajudava-a a manter a sobriedade.

Bebeu um longo travo da bebida doce e fresca e pegou no telemóvel. Deveria ligar a Lyn? Eram quase cinco da tarde. Voltou a ocorrer-lhe a questão das cavilhas como potencial arma do crime. Se Geraint apunhalara e matara Simon com uma cavilha, onde estava ela agora? Pensou no reservatório e no dia em que ela e Jake tinham ido mergulhar. Parecera não ter fundo, uma infinita escuridão para lá da sua lanterna.

Enviou uma mensagem breve a Jake, perguntando se iam falar por Skype mais tarde. Esperou alguns minutos e, quando não obteve resposta, abriu de novo o frigorífico e encheu o copo.

O que não daria por um uísque. Um *Jack Daniel's* com *Coca-Cola*. As profundezas fumadas do sabor do uísque, misturadas com a doçura da doce e efervescente *Coca-Cola*.

Bebeu um gole do copo acabado de encher.

Não, não era a mesma coisa. O problema da sobriedade era que, uma vez alcançada, havia sempre a persistente sensação de que era possível lidar com uma bebidadinha de vez em quando.

Sentou-se à mesa e acendeu um cigarro. Acreditava em todo aquele papel de melancólico vagabundo galês representado por Geraint? Seria um papel? Desejou poder estar a uma secretária na esquadra, com a HOLMES, a base de dados da polícia, na ponta dos dedos. Com o pressionar de algumas teclas, seria capaz de descobrir se a polícia conhecia o paradeiro do equipamento de campismo e se o tinham apreendido como prova.

Bateram à porta das traseiras, que se abriu. O fragor do mar ao fundo da falésia tornou-se mais alto e o vento soprou pela cozinha, fazendo com que os bilhetes e fotos colados ao frigorífico se agitassem.

– Vi que tinhas a luz acesa – disse Myra. Rondava os sessenta anos, com a pele morena enrugada e o cabelo louro oxigenado curto e penteado para trás. Entrou na cozinha, fechando a porta. Descalçou as galochas e pô-las sobre o pedaço de jornal que Kate mantinha junto à porta. – Vejo que estás a dedicar-te ao chá gelado – observou, tirando o impermeável e pendurando-o numa cadeira. Estava vestida ao seu estilo característico, com umas velhas calças de ganga largas e *T-shirt* dos Def Leppard. O dedo grande espreitava por um buraco na felpuda meia cor-de-rosa do pé esquerdo. A meia azul-escura do pé direito estava menos puída.

– Era capaz de dar cabo de um *Jack* com *Coca-Cola*. Mesmo, mesmo capaz – disse Kate.

– Eu era capaz de cometer um duplo homicídio, *Newcastle Brown Ale* com um *shot* de *Teacher's* – replicou Myra, dirigindo-se à

chaleira e ligando-a. – E conto vinte e seis anos de sobriedade nas mãos.

Kate encostou a cabeça à mesa. Myra aproximou-se e deu-lhe palmadinhas nas costas.

– Sabes como é. Mantém-te firme. Cerra os dentes. Imagina que andas a ter sexo fantástico – disse ela.

– Odeio isto.

– Sexo fantástico?

– Não, não que tenha acontecido nos últimos tempos. Os desejos.

– Cerra os dentes, querida, cerra, e depois ainda um pouco mais – aconselhou Myra, esfregando as costas de Kate. – Vou preparar-nos um chá e vamos apanhar uma moca com bolachas de chocolate. Fala comigo. O que provocou isto? – perguntou Myra, enchendo a chaleira e tirando o bule do armário.

– Foi aquele rapaz que morreu, o Simon... Agora a polícia pensa que foi o melhor amigo que o matou.

– O que achas tu?

– Acho possível, mas demasiado conveniente.

– Conveniente para quem?

– Essa é a grande questão.

12

Quando Tristan regressou, ouviu a irmã, Sarah, a conversar com o noivo, Gary, na sala de estar. Contava ter a casa só para si e um pouco de paz e sossego para pensar após o encontro com Geraint.

O corredor dava para uma pequena sala de estar. Cada centímetro, incluindo os móveis, abarrotava de caixas empilhadas de álcool livre de impostos.

Sarah e Gary encontravam-se sentados à mesa de jantar ao canto, trabalhando na disposição dos lugares para o casamento. A televisão estava acesa ao fundo.

– Ei, Tris. Importas-te se a minha amiga Georgina, do trabalho, se sentar na mesa principal ao teu lado? – perguntou Sarah, erguendo os olhos do plano.

– Tudo bem – respondeu Tristan. Tirou o telemóvel e a carteira do bolso e pô-las na taça por cima da lareira.

– Olá, como vai isso? – dirigiu-se ele a Gary.

– Não me posso queixar. Vou passar o resto da vida com ela – disse Gary, aproximando-se de Sarah para lhe dar um beijo. Ela enxotou-o, rabiscando com um lápis no plano dos lugares.

– Certo. Vou inscrever a Georgina. Por via das dúvidas – confirmou. Tristan escapuliu-se para a pequena cozinha e tirou uma lata de *Coca-Cola* do frigorífico.

– Como assim, por via das dúvidas? – perguntou ele, regressando à sala.

– Não sei, caso decidas convidar alguém – disse Sarah, recostando-se, voltando a fazer o seu rabo de cavalo e permitindo que Gary lhe plantasse um beijo na face.

– Que tal a Kate?

– Não quero essa mulher lá a preencher lugares – disparou Sarah.

– A Kate não vai preencher lugares. É a minha chefe, e minha amiga.

– Tristan. Este casamento vai custar vinte e sete dólares e meio, mais IVA, por prato – queixou-se Sarah, batendo com o lápis no plano dos lugares. – Vamos ser muito generosos e ter bar aberto – acrescentou, apontando para as caixas amontoadas pela sala.

– A Kate não bebe – disse Tristan.

– Não, mas vai desviar as atenções... O Darren, do trabalho, é obcecado por livros sobre crimes reais e as pessoas podem pensar que és o amante dela.

– Não sou amante da Kate.

– Não vou passar a receção inteira a dizer isso às pessoas. Quero que me admirem no meu vestido, que também não é barato e não é o tipo de coisa que possa usar duas vezes.

Gary olhou para Tristan e arqueou desconfortavelmente as sobrancelhas. Tinha quarenta anos e era mais velho do que Sarah. Quando ela o conheceu, o cabelo de Gary estava a ficar grisalho, mas exibia agora um cabelo negro e começara a usar sapatos com um tacão ligeiramente mais grosso. Gary era uma cabeça mais baixo do que Sarah.

– Vou tomar duche – disse Tristan.

– Vais ter de ligar o aquecedor de imersão – gritou Sarah atrás dele enquanto se dirigia ao andar de cima. Tristan ouviu Gary murmurar-lhe que se acalmasse.

– Não, Gary. É o meu casamento e não vou ceder!

Quando, passados vinte minutos, Tristan regressou ao andar de baixo, Sarah e Gary tinham guardado os planos do casamento e estavam sentados no sofá a ver televisão. Olharam para ele, expectantes. Sarah sorria.

– O que foi? – perguntou Tristan, passando por entre as caixas a fim de ir à cozinha buscar algo para comer.

– O teu telemóvel tocou enquanto estavas no duche – disse Sarah.

– Era a Kate? – perguntou ele, esperando que ela tivesse mais notícias.

A expressão de Sarah abateu-se por momentos.

– Não. Não era a Kate. Não reconheci o número, por isso atendi. Pensei que podia ser algo importante... Era a *Magdalena*.

– Oh. Certo – respondeu Tristan, lembrando-se de que ela dissera que ia ligar.

– Parece muito italiana.

– Ela é italiana.

– Quer saber se podes ligar-lhe de volta para irem tomar café – continuou Sarah, agora quase exultante de alegria.

– Está bem, obrigado.

– Quem é ela? E onde se conheceram? É sério? É atraente? Parecia atraente, não parecia, Gary?

– Na verdade, não ouvi, pois eras tu quem estava ao telefone, não eu – retorquiu Gary.

Sarah lançou-lhe um olhar.

– Confia em mim, Gary. Ela *parecia* atraente e o Tristan também é. Enquanto irmã dele, posso dizer isso; portanto, espero que atraia alguém igualmente atraente.

Gary sorriu.

– Obrigado – disse ele.

– O quê?

– Bem, tu és atraente, o que deve significar que *eu* sou atraente...

Sarah ignorou-o e voltou-se novamente para Tristan.

– Fala-nos da Magdalena.

– É uma professora do trabalho que pediu o meu número – respondeu Tristan.

– Professora! Liga-lhe de volta – retorquiu Sarah, estendendo o telemóvel a Tristan.

– Posso acabar de jantar?! – exclamou, irritado com a intromissão de Sarah. Queria tomar um café tranquilo com Magdalena e decidir como se sentia.

– Enquanto mulher, não gosto quando os homens brincam comigo. O Gary nunca brincou, pois não, Gary? – Gary abriu a boca para responder, mas ela estava a mexer no telemóvel de Tristan. – Eu disse-lhe que lhe ligavas de volta. Toma. Já está a chamar.

Tristan agarrou no telemóvel e desligou.

– Jesus! Para com isso, Sarah.

Saiu da sala, calçou os sapatos e foi buscar o casaco ao corredor. Depois, dirigiu-se à porta da frente e fechou-a atrás de si. Abrigou-se no alpendre. Estava frio e escuro na orla marítima e o vento soprava vindo do mar. Marcou o número, cobrindo o telefone com a mão. Magdalena atendeu após alguns toques.

– Olá, obrigada por devolver a chamada – disse ela. – A sua irmã é sempre tão *meticulosa* a atender o seu telemóvel?

– Peço desculpa. Estava no duche – respondeu.

Houve uma pausa. Estava prestes a perguntar-lhe pelo reservatório de Shadow Sands quando ela acrescentou:

– Sei que sugeri o Starbucks, mas gostaria de ir ao cinema? Sou uma grande fã do David Lynch. Vão passar o *Eraserhead* no Commodore no domingo à noite.

– Sim, seria ótimo – respondeu Tristan.

– Envie-me a sua morada e vou buscá-lo às sete e meia – disse Magdalena, e desligou. Por um momento, Tristan ficou a olhar para o telemóvel, sentindo-se inseguro. Era agora um encontro oficial.

Atravessou a estrada e desceu os degraus até à orla marítima. Havia algo de muito solitário em estar junto a pessoas que não tinham de esconder as emoções. Sarah e Gary davam com ele em doido, mas invejava a forma como não se censuravam. Percorreu a praia escura, ouvindo as ondas a bater nos seixos, gozando a sensação de estar perdido no escuro, fora do alcance dos candeeiros de rua ao longo da alameda.

Quando se aproximava do extremo da praia, o seu telemóvel tocou, fazendo-o dar um salto. Era Kate.

– Tris, estás em casa? – perguntou ela.

– Não. Porquê?

– Começou o noticiário local da ITV News. Estão a passar uma manchete que diz que o Geraint foi preso pelo homicídio do Simon Kendal.

Tristan manteve-se ao telefone e acelerou em direção ao bar manhoso ao fundo da praia, onde tinham sempre a televisão acesa. O café estava quase vazio. Pediu uma chávena de chá e uma sanduíche de *bacon* e perguntou ao empregado se podia mudar de canal, para a ITV News.

Viu-os passar imagens de Geraint a ser retirado, algemado, de um carro da polícia e conduzido à esquadra de Exeter. Mostraram uma foto de Simon Kendal numa das provas de natação.

– A polícia deteve Geraint Jones, de vinte anos, em ligação com o homicídio de Simon Kendal, e apreendeu propriedade que acreditam estar relacionada com o crime. – Neste ponto, mostraram os agentes a sair pela porta da frente de um bloco de apartamentos com equipamento de campismo, e um longo grande plano de cavilhas embrulhadas num saco de plástico transparente para provas. – Recuperaram também um casaco que acreditam conter vestígios do sangue da vítima. Kendal e Geraint Jones estavam a acampar no parque de Shadow Sands na noite de vinte e sete de agosto, altura em que Simon desapareceu. O seu

corpo foi posteriormente encontrado no reservatório de Shadow Sands.

A reportagem exibiu imagens de arquivo do parque de campismo vazio e do reservatório da perspetiva da central elétrica. As notícias terminaram com um repórter à entrada da esquadra de polícia de Exeter, a ler um número para onde o público podia ligar para transmitir informações.

– Foram rápidos a juntar as coisas – observou Tristan.

– Sim, foram – concordou Kate, do outro lado da linha. – Quem quer que o tenha detido quis passar muita informação para o domínio público.

– Parece bastante incriminatório – disse Tristan. A sua sanduíche de *bacon* chegou, mas subitamente não tinha fome. – Cavilhas embrulhadas em plástico e exibidas diante das câmaras de televisão. Acha que têm o casaco com o sangue do Simon na manga?

– Devemos presumir que sim, se a polícia informou a comunicação social sobre uma amostra de sangue na roupa do Geraint – respon- deu Kate.

– Como funciona com a polícia? Pensava que tinham de manter a confidencialidade dos pormenores do processo.

– É uma fuga controlada. A polícia está a usar a imprensa para impor a narrativa.

– Os casos de homicídio precisam de uma narrativa? Pensava que era uma questão de factos – disse Tristan.

– Devia ser, mas passa-se algo de estranho. Foram muito rápidos a considerar a morte do Simon um acidente. Quando fiz com que o Alan Hexham examinasse o relatório da autópsia e ele viu algo suspeito, as coisas mudaram e aparece na imprensa como a investigação de um homicídio... Certificaram-se de que a câmara do noticiário captava imagens das cavilhas, a possível arma do crime. De certeza que esperam que alguém tão pobre como o Geraint não consiga pagar um representante legal decente...

– Se as cavilhas estavam no apartamento do Geraint, embrulhadas em plástico...

– Então, qualquer material forense teria sido preservado, a não ser que tenham sido limpas – concluiu Kate.

– De certeza que a Lyn vai ficar contente. Alteraram a causa da morte de accidental para homicídio, suponho. Era isso que ela queria – observou Tristan.

– Eu sei. Mas não quero ficar com o dinheiro dela. Não acho que tenhamos resolvido nada. Só abrimos mais questões – disse Kate.

Após ter terminado a chamada, Tristan olhou para o reflexo do seu rosto na montra do café. Pensou na sorte que tinha, em comparação com Geraint. Punha os seus problemas em perspetiva. Como seria ser suspeito de um homicídio?

A ideia fê-lo estremecer.

No domingo, Kate levantou-se cedo, vestiu o fato de banho e saiu de casa pela porta da cozinha, descendo a falésia para o mergulho matinal. Estava uma manhã fresca e o Sol brilhava, dourado, de um acumulado de nuvens baixas, espalhando diamantes sobre a água.

Começara a nadar após ter lido que podia ajudar a combater a depressão. Era preciso coragem para nadar todo o ano, mas a água fria tornava-se viciante. A sensação positiva ao emergir após um mergulho mantinha-se durante a maior parte do dia.

Entrou na espuma ondulante e mergulhou de cabeça. A água fria despertou-a e nadou durante alguns minutos, parando em seguida a flutuar, desfrutando do movimento das ondas e sentindo o cabelo silvar nas raízes enquanto se movia na água. De ouvidos submersos, escutou os estranhos estalidos e ruídos debaixo de água, o suave eco do bater das ondas nos rochedos.

Sentia uma tão grande liberdade no mar, e isso fê-la pensar em Simon Kendal. Quando começara a nadar? Teria sentido a mesma liberdade? A alegria de estar simplesmente na água, de nadar, parar e flutuar? Geraint dissera-lhes que Simon começara a odiar as sessões de treino matinais e a sensação de estar preso na piscina – como lhe chamara? – *um buraco de betão cheio de cloro*.

Kate nunca ouvira um atleta descrever uma piscina dessa forma. Sentia-se perturbada – não só pela morte de Simon, mas também por Geraint ser o principal suspeito. Mostrara por Simon um tão grande afeto e amor fraternal. O que teria ele a ganhar ao assassiná-lo? A violência manifestava-se de muitas formas. Quando vinha acompanhada de um rasgo descontrolado de raiva, era confusa e inesperada. Como as rixas de Geraint nos bares, quando estava a defender-se. Se o corpo de Simon tivesse sido encontrado no parque de campismo, ou largado no bosque, após ter sido esfaqueado múltiplas vezes, Kate inclinar-se-ia mais a acreditar que fora Geraint o perpetrador. Mas como acabara Simon no meio da água, tão longe do parque de campismo? Se Geraint o apunhalara

com uma cavilha, onde estava o rasto de sangue? Não havia um caminho claro do parque de campismo até à água; estava bloqueado por uma vedação alta com arame farpado no topo. Como podia Simon ter subido a vedação após uma punhalada, e porque não tinha os cortes e lacerações associados ao arame farpado?

Quando Kate regressou a casa, o seu telefone estava a tocar e ela apressou-se a atendê-lo, ainda embrulhada na toalha. Era Lyn Kendal.

– Kate. Obrigada – disse, entusiasmada. – Não esperava um resultado tão rápido. Estou impressionada.

– Prenderam o Geraint. Têm noventa e seis horas para o acusar formalmente – replicou Kate.

– Já o acusaram. Acabo de saber.

– A polícia ligou-lhe?

– Sim. Um polícia chamado Henry Ko... Sabia que o sacana do Geraint está em liberdade condicional por ter atacado um tipo num bar? – Kate empoleirou-se na beira do sofá, ainda embrulhada na toalha. Sentiu o coração afundar-se-lhe no peito. – Foi um ataque não provocado – prosseguiu Lyn. – O tipo tinha começado a sair com a ex-namorada do Geraint. Sabia?

– Não.

– Nem eu... O Simon nunca disse nada. Sabe-se lá do que o Geraint é capaz? Sempre me preocupou que o Simon pudesse envolver-se... com a gente errada. – Lyn começou a soluçar. Kate tentou organizar os pensamentos.

– Lyn. Há muito neste caso que não bate certo.

– O Henry disse que a Kate levantou algum tipo de questão sobre a autópsia do Simon e isso os conduziu às novas provas, ao facto de a... hmm... cavilha ser a arma do crime... – Recomeçou a chorar.

– Sim. Disse ao Henry Ko que me tinha pedido que investigasse o caso?

– Não. Não disse.

– Ele deu-lhe mais alguma informação? Conseguiram provar que a arma do crime foi uma cavilha?

– Disse que vão fazer testes de ADN a todo o equipamento de campismo que apreenderam... Sinto-me simplesmente aliviada por a polícia estar agora a fazer o seu maldito trabalho. Queria ligar para lhe agradecer – afirmou ela entre soluços. – Podemos falar de novo daqui a alguns dias? É muito para assimilar. Preciso de algum tempo.

– Sim, claro – respondeu Kate. Ficou sentada por alguns momentos após Lyn ter desligado.

Alan Hexham devia ter falado com Henry sobre a investigação de Kate à morte de Simon. Alan era um tipo às direitas. Oferecera-lhe ajuda no passado, mas a sua derradeira lealdade era para com o emprego e para com as autoridades. Kate desconfiava de que não tardaria a receber uma chamada de Henry Ko. A polícia não gostava quando havia detetives privados a farejar por ali.

Olhou pela janela. Um acumulado de nuvens brancas cobria agora o sol e uma camada de nevoeiro formava-se sobre o mar.

Kate estremeceu. O frio entranhara-se-lhe nos ossos. Subiu ao piso de cima e tomou um longo banho quente.

Magdalena Rossi empurrou a *Vespa* amarela pelo apertado corredor de azulejo do apartamento que partilhava com dois estudantes de pós-graduação, saiu pela porta da frente e entrou na estrada.

O seu apartamento situava-se numa rua tranquila bem acima da orla marítima. O seu casaco vermelho-vivo, calças de ganga azuis e botas de caminhada de couro envernizado verde eram uma mancha de cor contra as casas cinzentas de crespido granitado. Magdalena colocou o capacete com viseira espelhada e passou a perna por cima do assento, empurrando com o pé. Deixou que a *Vespa* descesse livremente a colina íngreme em direção à orla marítima, gozando a sensação de velocidade.

Ao fundo, inclinou-se para a curva no momento em que a estrada virava bruscamente à direita, entrando na alameda. A meio caminho da praia, junto à banca de gelados entaipada, parou para ligar o motor. Não viu qualquer sinal de Tristan ao passar a acelerar pela sua casa. Sentia um ligeiro zumbido de excitação no estômago ao pensar no encontro iminente. Era delicioso. Muito *sexy*. Mostrara uma foto dele aos colegas de casa, Liam e Alissa, e ambos tinham concordado.

Magdalena afastou da mente a imagem de Tristan, a fim de poder concentrar-se na visita de estudo. A previsão meteorológica da noite anterior era de nevoeiro na costa e estava correta – o ar apresentava-se denso de humidade e havia nevoeiro a formar-se no mar, pontuado pelo sopro distante da sirene de nevoeiro.

O seu projeto principiara com o agricultor que encontrara a enorme pegada. Após tê-lo visitado para tirar fotografias, tinham almoçado no bar local a fim de falarem um pouco mais. Através do agricultor, começou a conversar com os locais sobre a besta de Bodmin Moor, e o diálogo passara para outras lendas daquela zona. Duas das empregadas tinham histórias sobre dois jovens, um homem e uma mulher, residentes no orfanato, que haviam desaparecido no nevoeiro no mesmo troço de estrada à saída de

Ashdean. Uma dera-lhe o número de telemóvel de uma terceira mulher, que podia contar-lhe uma história sobre os raptos, mas mesmo após Magdalena ter deixado um par de mensagens, não obtivera resposta.

A empregada também lhe descrevera a sua história do nevoeiro.

Vem do nada e apanha-nos, desorienta-nos e deixa-nos num pânico cego, dissera. Numa fria manhã de junho, andava a apanhar amoras junto às falésias quando o nevoeiro apareceu do nada. Passara uma hora perdida e a tropeçar às cegas e quase caíra de uma falésia para as rochas e as ondas que explodiam lá em baixo.

Magdalena queria que este fosse o ponto de partida para o seu projeto de investigação. Tinha provas suficientes de que não era um fantasma no nevoeiro que fazia com que aquelas pessoas desaparecessem. Podiam ter-se perdido, caído ao mar ou para o mato. Havia caminhos pedonais e campos ao longo da costa. Muitos lugares onde cair e encontrar um fim prematuro. Nesse dia, planeava obter algumas boas fotos do nevoeiro a chegar a terra. Também alimentava a fantasia de descobrir os restos mortais de uma dessas vítimas, tropeçando num monte de ossos enfiados nalguma vala ou fenda na falésia, ainda parcialmente vestidos.

Magdalena entrou na A1328 para sair da cidade e não tardou a que as casas e as lojas dessem lugar a campos e árvores. Era a estrada costeira que ligava Ashdean a Exeter.

Tinha as falésias à esquerda, ocultas por uma densa linha de árvores sobre os campos, acabados de lavrar para o inverno. Ao passar por um caminho de terra entre dois campos, abrandou. O nevoeiro subia das falésias ao fundo e aproximava-se dela.

Deu meia-volta e virou para o trilho. Havia enormes marcas de pneus, deixadas por um trator, e descobriu que era mais fácil seguir ao longo da lama compactada, lisa, sedosa e moldada em sulcos perfeitos.

Magdalena conhecia a expressão «nevoeiro rolante» e achava que era tola. São as bolas que rolam, não o nevoeiro, mas nesse dia era assim que o nevoeiro avançava para ela, como se rolasse, como se estivesse a ser vertido numa enorme massa, avançando ao longo

do caminho, dando voltas, projetando dedos finos para o exterior. Parecia vivo e a tatear na sua direção.

Desligou o motor e abriu o descanso da *Vespa*. Remexia na bolsa em busca da máquina fotográfica quando a parede de nevoeiro pareceu ganhar velocidade e ela foi envolvida pelo frio branco. Inspirou o travo frio e ligeiramente salgado do nevoeiro, húmido na língua, e sentiu a humidade a condensar-se no cabelo e nas pestanas.

Magdalena era uma mulher prática. Não acreditava em mitos urbanos e, durante os estudos, mantivera a lógica. Fantasmas, duendes e criaturas míticas não existiam. Mas, envolvida por aquela massa de nevoeiro tão denso que não a deixava ver mais do que alguns metros, entrou em pânico. A *Vespa* não queria arrancar, o motor cuspiu e tossia com um som de *rih, rih, rih*. O nevoeiro continuava a passar rapidamente por ela, sepultando-a mais fundo.

É só água condensada, disse para si mesma.

A *Vespa* ganhou finalmente vida com um rugido e Magdalena arrancou, andando por uns bons trinta segundos e tendo de utilizar as marcas dos pneus para se orientar. De repente, emergiu da brancura e regressou aos campos, com dedos finos do nevoeiro a desvanecer-se atrás dela.

Continuou a toda a velocidade durante mais trinta segundos antes de abrandar e parar. O coração palpitava-lhe e tinha a respiração acelerada. Estacionou a *Vespa* e subiu para a berma relvada, tirando algumas fotos do nevoeiro que avançava para ela.

Junto à berma relvada, existia uma vala, cheia de juncos e tojo. Afastou a vegetação e espreitou para a vala. Era profunda e, nas sombras, via apenas uma negra e oleosa mancha de água.

Se caísse à vala e se afogasse, ou se caísse e partisse simplesmente um osso, alguém a ouviria? Estava no meio do nada. Seria engolida pela vegetação... Poderia haver uma rapariga ou um tipo morto ali em baixo? Uma pobre alma que tropeçara no nevoeiro? Com o corpo a apodrecer lentamente na lama?

Tirou algumas fotos da vala, focando a lente, e então viu algo a mover-se na água. Aproximou-se. Um movimento súbito, um bater

de asas contra o seu rosto, e Magdalena gritou quando um pato esvoaçou no meio dos juncos.

Recuou, com os juncos secos a picar-lhe as pernas através das calças de ganga. O seu casaco era quente, mas o nevoeiro deixara-lhe uma densa camada de humidade no cabelo e ensopara-o até ao couro. Estava faminta e com frio, e a sentir-se um pouco assustada, pelo que decidiu regressar a Ashdean.

Ao fundo do caminho, virou novamente para a estrada. O nevoeiro começava a dissipar-se a partir do mar e o céu estava nublado. Havia um *Volvo* creme parado mais à frente, coberto de terra e levantado sobre as rodas de trás.

Um velho tirava um pneu suplente da mala. Ao passar na *scooter*, Magdalena viu que usava calças largas de bombazina azul, botas e um casaco de *tweed* puído nos cotovelos. Uma cabeleira grisalha espreitava por baixo de uma boina e tinha uma densa barba cinzenta e óculos de aros grossos.

Viu pelo retrovisor que o velho estava com dificuldades em mover o pneu. Este caía-lhe constantemente. Parou e agarrou-se às costas. Magdalena considerava-se esperta e astuta, mas vinha de uma pequena vila no Norte de Itália onde as pessoas idosas eram muito respeitadas. O que diria a mãe se deixasse aquele velho a debater-se à beira da estrada? Olhou de novo para o espelho.

– Não, não, não – disse, baixinho. Abrandou e voltou atrás.

– Posso ajudá-lo? – perguntou ao velho quando chegou junto do carro. Ergueu a viseira do capacete. O velho estava ofegante e tinha o pneu encostado à roda de trás do lado da estrada.

– Oh, é muito simpático da sua parte – disse ele, com um forte sotaque da Cornualha. – Eu só... – Parou para recuperar o fôlego, que parecia entrecortado. – Só preciso de levar o pneu para o outro lado. Acho que passei por cima de algum vidro ou de uma tacha.

O velho largou o pneu, que rodou pela estrada no momento em que um camião passava. O condutor teve de abrandar e de se desviar, buzinando ruidosamente. O camião passou por eles a acelerar, levantando uma nuvem de pó.

Magdalena estacionou a *scooter* atrás do *Volvo*, tirou o capacete e pendurou-o no guiador. Estava um pequeno macaco atrás da roda

traseira do carro. Pegou no pneu suplente e regressou para junto do homem. Era pesado, mas conseguiu arranjar-se.

– Por favor. Deste lado – disse ele, indicando o eixo traseiro junto à berma. – Obrigado – acrescentou, seguindo-a. – Tenho aqui a chave. – Da mala aberta do carro, tirou uma chave de torque e um pano.

O *Volvo* encontrava-se estacionado junto à erva alta, próximo de uma vala. O espelho dianteiro do lado do condutor projetava-se sobre a erva entre a estrada e a vala, bloqueando-lhe o caminho para a frente. O velho estava agora entre Magdalena e a *Vespa*. Viu pelas janelas sujas o banco de trás cheio de cobertores velhos.

– Deixe-me só sair para poder chegar ao pneu – disse ela, tentando passar por ele. O velho bloqueou-lhe o caminho. Subitamente, pareceu ficar mais alto e ela reparou em como era corpulento. Tinha um grande nariz de gnomo e, atrás dos óculos grossos, os seus olhos tinham uma cor estranha.

– Gostas de festas? – perguntou ele. A sua voz era agora diferente, suave e untuosa, sem sotaque.

– O quê?! – exclamou ela.

Ele esmurrou-a com força no rosto, agarrando a câmara pela correia quando a sua cabeça saltou para trás. Magdalena viu estrelas e ficou aturdida. Levou-lhe um segundo a perceber que ele estava a prender a correia da câmara à barra do tejadilho do *Volvo*, apertando-a à volta do seu pescoço.

– Naaaão! – gritou, mas tinha a boca inchada, dormente e cheia de sangue.

– Gostas de festas? – repetiu ele, pondo-lhe um pequeno frasco castanho debaixo do nariz. Um cheiro a químicos dominou-a e pareceu explodir-lhe na nuca. O sangue acelerou-lhe pelo corpo e as suas pernas cederam. A correia da máquina fotográfica amparou-lhe a queda, prendendo-se sob o seu queixo e sufocando-a.

Foi como se estivesse fora do corpo enquanto via o velho pegar calmamente na *scooter* e atirá-la para a vala. A vegetação pareceu engoli-la inteira. Magdalena estava pendurada pelo pescoço. A correia apertava-lhe a garganta e os seus pés remexiam-se debaixo dela, tentando encontrar um apoio no chão e pô-la de pé.

Ele regressou e encostou o rosto ao dela.

– Queres tocar as estrelas? – ronronou com voz suave. Os seus olhos eram de um estranho púrpura-azulado. Encostou-lhe o frasquinho ao nariz. Magdalena sentiu outra explosão na cabeça e uma sensação de queda. Depois, veio a escuridão.

Na segunda-feira, Kate regressou ao trabalho desanimada. Vira as notícias nas duas últimas manhãs, mas não havia mais nada sobre a acusação de homicídio a Geraint ou sobre os progressos que a polícia estava a fazer no caso.

Foi um dia cheio de palestras e de reuniões, pelo que só na terça-feira à tarde teve oportunidade de falar com Tristan. Iam a subir as escadas para o seu gabinete, no topo de uma das torres do edifício universitário, quando ouviram duas vozes masculinas a ecoar escadas abaixo, falando em murmúrios.

– Quem está no seu gabinete? – perguntou Tristan.

Kate abanou a cabeça e passou por ele, subindo a última volta da escadaria em espiral. A porta do gabinete estava entreaberta e encontrou o inspetor-chefe Henry Ko sentado à sua secretária, a examinar papéis. Um homem mais velho, de estatura imponente e duplo queixo, segurava um dos livros da estante. Vestia um fato enrugado que lhe ficava mal.

– Posso ajudá-los? – perguntou ela, olhando para os dois homens. Passado um momento, Tristan surgiu atrás dela.

– Você? Não – respondeu Henry. – É o Tristan que procuramos. – E levantou-se. O outro agente devolveu o livro à estante. – Sou o inspetor-chefe Henry Ko. Este é o inspetor Merton... – Ambos mostraram a respetiva identificação. Kate virou-se para Tristan e viu a expressão de alarme e de confusão no seu rosto. – Onde está a Magdalena Rossi, Tristan?

– Quem? – perguntou Kate.

– A professora Magdalena Rossi; trabalha aqui. Pensei que saberia isso, *professora* Marshall – disse Henry.

– É professora convidada. Dá aulas de filosofia e religião – explicou Tristan a Kate.

– Quando foi a última vez que a viu? – insistiu Henry.

– Na semana passada. Sexta-feira. Entreguei algum equipamento no gabinete dela – respondeu Tristan.

– E falou com ela por telefone no sábado, e era suposto encontrarem-se no domingo à noite – acrescentou o inspetor Merton, intervindo pela primeira vez.

– Ela não apareceu – respondeu Tristan. Kate observava, confusa quanto ao porquê de a polícia estar subitamente interessada numa professora convidada, e de Tristan se ir encontrar com ela.

– O que tem isto que ver com o facto de estarem a vasculhar o meu gabinete sem mandado? – questionou Kate. Henry abriu a boca para protestar. – Devia ter um mandado, se vai mexer nas minhas coisas.

– Fomos acompanhados até aqui por um dos administradores lá de baixo – disse Henry. – A Magdalena Rossi foi dada como desaparecida ontem à tarde. Saiu no domingo e não regressou a casa. O seu assistente era a única pessoa com quem a professora Rossi combinara encontrar-se.

– Era suposto ter passado pela minha casa no domingo à noite, às sete. Tínhamos combinado ir ao cinema, mas ela não apareceu – esclareceu Tristan. Kate viu que começava a tremer.

– Onde esteve entre a uma da tarde de domingo e as nove da manhã de segunda-feira? – perguntou Henry.

– No domingo de manhã, estive em casa com a minha irmã e o noivo dela. Depois do almoço, fui ao ginásio; de tarde, o pessoal do *catering* foi ao nosso apartamento.

– *Catering*?

– A minha irmã casa-se daqui a poucas semanas. Foram apresentar-nos um menu de degustação. Depois, preparei-me para o encontro com a Magdalena, mas ela não apareceu.

– Ligou-lhe? Ou passou por casa dela para ver porque o deixara pendurado? – perguntou o inspetor Merton.

– Liguei-lhe um par de vezes, mas foi parar ao correio de voz. Saí com a minha irmã e o noivo dela, fomos comer uma piza.

– A que pizaria foram? – perguntou Merton.

– A palavra correta é *pizzeria* – observou Kate. Ele ignorou-a.

– Aonde foram?

– À Frankie and Benny's, na rua principal – respondeu Tristan.

– A que horas? – continuou Henry.

- Oito, talvez um pouco depois.
- O que comeu? – perguntou o inspetor Merton, aproximando-se de Tristan e, ao notar a diferença da altura, olhando de baixo para ele.
- Comi... uma piza quente italiana.
- E os outros dois comensais? – ripostou o inspetor Merton.
- Não me lembro; quatro queijos, acho. A Sarah deve ter o recibo...
- Basta – protestou Kate. – É esta a sua estratégia? Se o Tristan não conseguir lembrar-se da comida que todos pediram, isso serve de base para quê? Para o deter?
- Deter? – repetiu Tristan.
- Henry recuou e cruzou os braços. Ele e o inspetor Merton trocaram um olhar.
- Teremos de confirmar tudo isto – disse ele.
- Não deve ser difícil – observou Kate. – O Tristan esteve com a irmã, depois com uma empresa de *catering*, em seguida foi ao ginásio, regressou e foi ao restaurante. Não faltam testemunhas e imagens de videovigilância que pode pedir. Onde desapareceu a professora Rossi?
- Se soubéssemos, não estaria desaparecida – afirmou o inspetor Merton. Kate revirou os olhos ante a sua petulância.
- Disse a alguém aonde ia?
- Informou um dos colegas de casa que ia numa visita de estudo, para tirar fotos na A1328 – respondeu Merton.
- Não há um troço da A1328 que passa por entre as falésias e o reservatório de Shadow Sands? – observou Kate, vendo mentalmente esse troço e pensando em Simon Kendal. – Os seus agentes fizeram uma busca?
- Estamos a fazer buscas na praia e há barcos de manutenção que patrulham regularmente as águas do reservatório – respondeu Henry.
- Um barco de manutenção só encontrará um corpo quando este flutuar. Como bem se lembra, descobri o corpo do Simon Kendal em águas profundas – disse Kate. – A Magdalena tinha os seus pertences com ela quando desapareceu?

– Saiu de casa com a máquina fotográfica, a bolsa e o telemóvel, e conduzia a sua motocicleta. Tem a certeza de que a Magdalena não passou por sua casa, Tristan? – perguntou Henry. Kate não gostou do tom acusador.

– O Tristan já lhe disse que esteve ocupado durante a maior parte do domingo. Não seria melhor utilizar o tempo a confirmar o seu álibi? – argumentou Kate. – Teve muita pressa ao classificar a morte do Simon Kendal como um acidente e depois recuou.

A professora Rossi pode ter tido um acidente na charneca. Ou ter caído ao reservatório. Ou decidido partir de livre vontade. O Tristan pode provar onde esteve durante o período em que ela desapareceu. Se quiser falar de novo com ele, terá de telefonar e marcar uma reunião. Tenho a certeza de que o ajudará com todo o gosto, na presença do seu advogado.

Dirigiu-se à porta aberta do gabinete e indicou-lhes que deviam sair.

– Só por curiosidade, acusaram o Geraint Jones do homicídio do Simon Kendal? – perguntou Kate a Henry ao vê-lo passar.

– Sim – respondeu.

– Boa sorte a provar como foi que o Simon e o Geraint levitaram por cima de uma vedação de arame farpado entre o parque de campismo e a água.

Henry lançou-lhe um olhar duro.

– É provável que queiramos falar de novo consigo – acrescentou, apontando para Tristan com o bloco de notas. O inspetor Merton esboçou-lhes um aceno e seguiu Henry para o exterior.

Kate fechou a porta. Tristan afundou-se no pequeno sofá sob a janela.

– Como assim, *na presença de um advogado*? – perguntou ele.

– Estou só a lembrar-lhes que precisam de mais do que um palpite para virem aqui assediar-te.

– A polícia acha que sou suspeito?

– Suspeito de quê? – perguntou Kate. – Nem sequer sabem se ela desapareceu ou se fugiu. Não há corpo!

– Tenho cadastro, sabe disso – observou Tristan.

– Tens uma advertência por teres partido a janela de um carro abandonado quando eras um adolescente embriagado. Não é nada que se pareça com estar em liberdade condicional por ter atacado alguém num bar, se é nisso que pensas – disse Kate. – Conta-me, o que se passa entre ti e esta Magdalena, a professora Rossi?

Tristan contou-lhe como a conhecera, o projeto sobre mitos e lendas em que ela trabalhava e a subsequente chamada. Kate estava preocupada com ele, mas tinha uma curiosidade a fazer-lhe cócegas na nuca. O reservatório de Shadow Sands voltara a aparecer.

– Porque não me contaste nada disto? – perguntou. – Que ela trabalhava num projeto relacionado com o reservatório, quero dizer.

– Não sabia. Havia um mapa na parede do gabinete, mas também tinha montes de outras coisas sobre mitos e lendas. Ia perguntar-lhe mais sobre isso quando fôssemos ao cinema.

– Onde fica o gabinete dela? – perguntou Kate.

– Do outro lado do edifício, no andar de cima – disse Tristan.

– Podes mostrar-me o mapa?

Tristan olhou para Kate.

– O gabinete deve estar trancado, se a polícia não estiver lá agora.

– Tens chaves, não tens? Para quando fazes as entregas e recolhas de equipamento – observou Kate.

O corredor mostrava-se tranquilo à entrada do gabinete de Magdalena. Kate tentou não dar a impressão de que estava «de vigia» enquanto Tristan procurava a chave num grande molho. Havia uma estreita janela alongada de vidro na porta e Kate via que o interior do gabinete se encontrava escuro.

– É esta, aqui vamos nós – disse Tristan, rodando a chave e abrindo a porta. Entrou primeiro e acendeu as luzes. Kate seguiu-o e fechou a porta.

A luz já esmorecia lá fora e as luzes fluorescentes refletiam-se nos móveis de madeira polida, conferindo à vista do mar e do céu um tom azul-escuro. Kate olhou para a secretária, coberta de livros e de pastas. Era igual aos gabinetes da maioria dos colegas, exceto pela pequena máquina de café ao canto. A maioria dos professores

gostava de utilizar as pausas para café como desculpa para sair do gabinete. Perguntou-se se Magdalena seria tímida ou se ainda não conhecera nenhum dos colegas.

– Aqui está o projeto – disse Tristan, apontando para o quadro de cortiça. Kate observou as fotos, os recortes de jornais e o mapa do reservatório de Shadow Sands.

– E dizes que não falou no reservatório? – insistiu Kate.

– Não. Perguntei-lhe, mas ela comentou que estava a concentrar-se na área circundante. Encontrou-se com um agricultor perto de Chagford, que descobriu aquela pegada na lama dos seus terrenos – afirmou, apontando para a foto. – Depois, foram ao bar e ela falou com um par de raparigas locais que disseram ter ouvido histórias sobre jovens que tinham desaparecido no nevoeiro na zona da A1328...

– Que passa junto ao reservatório – concluiu Kate, olhando de novo para o mapa. Estendeu a mão e soltou-o do quadro de cortiça, examinando a parte de trás. Estava em branco. – Deu-te alguns nomes, do agricultor, das raparigas no bar?

– Não.

Kate deu uma olhadela ao resto do gabinete, procurando em seguida debaixo da papelada e examinando o grande mata-borrão na secretária. Tristan juntou-se a ela.

– Alguma coisa?

– As pastas são todas de trabalhos de alunos – disse ela. Abriu as três gavetas da secretária, mas estavam cheias de material de escritório, contendo também um par de romances em italiano. Kate olhou para o computador. Tinha uma palavra-passe e a maioria dos professores trazia os portáteis de casa. – Vês alguma coisa, tipo notas adesivas ou bilhetes, qualquer coisa?

– Não.

– Disse-te onde vivia?

– Não, mas podemos descobrir nas listas de pessoal.

Kate olhou para o relógio.

– Sim. Vamos bater-lhe à porta.

Ao sair do gabinete, Kate tirou algumas fotos ao quadro de cortiça e Tristan agarrou no carrinho com o projetor de *slides*.

– Se alguém perguntar, abri a porta para vir buscar isto – disse ele.

– O Fantasma do Nevoeiro que rapta mulheres jovens – comentou Kate, lendo a partir do quadro.

– E estava nevoeiro cerrado no domingo – observou Tristan.

– É uma coincidência perturbadora – acrescentou Kate, estremeecendo.

16

Estava escuro e muito frio quando chegaram a casa de Magdalena. Um tipo australiano alto abriu-lhes a porta da frente. Era o típico surfista, com cabelo louro pela altura dos ombros. Vestia calções largos e *T-shirt*, apesar do frio. Tinha os olhos um pouco congestionados, como se tivesse acabado de acordar.

– Olá. Somos colegas da Magdalena – apresentou-se Kate. Mostraram-lhe os cartões da universidade. – Lamentamos muito o que aconteceu. Viemos aqui para descobrir quem está a tomar conta dos seus livros e artigos de investigação.

Sabia que estavam a improvisar e a passar um limite, mas só procuravam pormenores sobre as pessoas com quem Magdalena falara sobre o Fantasma do Nevoeiro.

– Sim. É intenso. A Magdalena é uma rapariga muito simpática. A polícia esteve aqui agora mesmo – disse o tipo. – São da polícia?

– Não. Trabalhamos com a Magdalena na universidade – respondeu Kate.

– Certo. Desculpem. Não tenho as lentes de contacto postas. A polícia veio e levou um monte de coisas dela.

– Ficou com os nomes deles? – perguntou Tristan.

– Eles disseram, mas não me lembro. Havia um tipo meio asiático. Era bastante giro.

– Como se chama?

– Sou o Liam.

– O que levaram ao certo? – perguntou Kate.

– O computador portátil, manuais, artigos de investigação. Até algumas das roupas dela; metade do roupeiro está vazio, e ela já não tinha muita coisa, para começar.

– Deram-lhe um papel para assinar?

Ele abanou a cabeça.

– Mostraram todos os distintivos e em menos de meia hora foram-se embora... Acham mesmo que ela foi raptada? – perguntou.

– Ninguém sabe. Pareceu-lhe que ela estivesse a agir de forma estranha antes de sair? – perguntou Kate.

– Não a vi. No domingo, passei o dia todo na cama. A dada altura, ouvi-a a empurrar a *scooter* pelo corredor, devia ser cedo. A minha outra colega de casa, Alissa, está fora há um par de dias. Não conheço a Magdalena assim tão bem, pois cada um vive a sua vida, mas damo-nos bem. Espero sinceramente que não a tenham magoado. Acha que é algum tarado?

– Podemos entrar e ver se os trabalhos dos alunos dela foram levados? – perguntou Kate, sentindo-se mal por mentir.

– Claro. Estejam à vontade – respondeu, desviando-se para os deixar entrar. – Vou tomar duche; fechem só a porta quando saírem.

O quarto de Magdalena era grande, com vista para o mar e para Thurlow Bay. Tinha uma cama de casal, um roupeiro e uma escrivaninha com prateleiras. O carregador do portátil continuava em cima da secretária e as estantes encontravam-se vazias. Kate viu uma linha de pó onde os livros tinham estado.

– A polícia pode levar coisas quando se trata de uma pessoa desaparecida? – perguntou Tristan.

– Sim, se precisarem delas como provas, mas teriam de as registar – explicou Kate. – Parece que o Henry Ko se limitou a entrar, mostrou a identificação e agarrou num monte de coisas.

– Porque levariam os livros? – questionou Tristan.

– Não sabemos ao certo o que estava nestas prateleiras. Podem ter levado documentos pessoais, diários. O portátil – disse Kate, sentindo-se desanimar ao ver que nada restava de pessoal.

Voltaram ao piso de baixo e Kate espreitou para a sala de estar. Não tinha móveis, exceto uma grande televisão e seis pufes espalhados por ali. Foram dar uma olhadela à cozinha.

– Está tão limpa. Mesmo o fogão – observou Tristan. Kate lançou-lhe um olhar. – Não é uma observação sobre a investigação. Só uma observação.

Kate reparou no frigorífico. Estava coberto de ímanes e menus de *takeaway*. Enfiada no meio de tudo, havia uma nota adesiva com dois nomes e números de telefone. O primeiro nome era Barry Lewis; o segundo era Kirstie Newett. Com o telemóvel, Kate tirou

uma foto à nota adesiva. Depois, pesquisou «Barry Lewis» no Google.

– Bem, acho que é o nosso agricultor – disse ela, mostrando os resultados da pesquisa. Havia quatro entradas e a terceira era o proprietário da quinta Fairview, nos arredores de Dartmoor.

– Kirstie Newett é um nome bastante comum. Existem dezassete perfis no Facebook e muitos resultados no Google – observou Tristan, procurando no telemóvel.

Ouviram a porta da casa de banho abrir-se e Kate dirigiu-se ao fundo das escadas.

– Olá? Liam?

Ele espreitou por cima do corrimão. Tinha os longos cabelos molhados e usava apenas uma toalha em redor da cintura.

– Sim?

– Desculpe. A Magdalena alguma vez falou numa mulher chamada Kirstie Newett?

– Não.

Tristan juntou-se a Kate ao fundo das escadas e olhou para cima.

– E sobre um projeto acerca de mitos e lendas locais? – continuou Kate.

– Sim. Estava nervosa por se ir encontrar com um tipo local, um agricultor que tinha descoberto uma pegada estranha.

– Barry Lewis? – perguntou Tristan.

– Sim. Foi vê-lo durante o dia, mas depois foram ao bar e ela ligou-me quando lá chegou; comentou que o lugar estava cheio de gente esquisita.

– Quando foi isso?

– Na primeira semana de outubro. Ofereci-me para ir ter com ela, mas voltou a ligar-me a dizer que estava tudo bem, e veio para casa... Dessa vez. – O seu rosto abateu-se ante a percepção.

– Liam, lembra-se do nome do bar? – perguntou Kate.

Ele ergueu a mão e passou os dedos pelo cabelo molhado.

– Era qualquer coisa em inglês antigo. The Old... Não... The Wild Oak, perto de Chagford.

– Obrigada. Tem aqui o meu número de telefone, para o caso de se lembrar de mais alguma coisa – disse Kate, escrevendo-o num

papel e subindo alguns degraus. Liam estendeu a mão e pegou-lhe.

– Não devia ligar à polícia, se me lembrar de alguma coisa sobre o desaparecimento da Magdalena? – perguntou Liam.

– Estamos só preocupados com ela.

– Colegas preocupados – acrescentou Tristan.

– A polícia pediu-lhe um álibi? – perguntou Kate.

– Sim. Tive um tipo cá no domingo e na segunda. Ele respondeu por mim – disse Liam, com um sorriso envergonhado.

Quando voltaram para a rua, o vento soprava vindo do mar.

Kate olhou para o relógio.

– Raios. Tenho uma reunião dos Alcoólicos Anónimos daqui a dez minutos e depois o Jake vai-me ligar por Skype... Posso telefonar-te mais tarde?

– Claro – disse Tristan.

– Estás bem? Não te preocupes com a polícia.

Tristan assentiu, mas Kate reparou que ainda parecia perturbado.

– Já me cruzei muitas vezes com polícias como o Henry Ko. Usam aquelas tretas de macho para compensar o facto de não serem assim tão bons no trabalho. Não é como se tivesses que ver com o desaparecimento da Magdalena... Queres que te deixe em casa?

– Não. Obrigado. Vou a pé. Não é longe. Preciso de apanhar ar – disse ele.

– Está bem. Ligo-te mais tarde acerca destes nomes.

Kate entrou no carro e viu Tristan caminhar até ao fundo da estrada, virando em direção ao mar. Não parecia bem. Estava curvado e retraído. Teria de ficar de olho nele. Ligou o motor e partiu para a reunião dos Alcoólicos Anónimos.

Ao chegar a casa, o coração de Tristan abateu-se ao ver Gary e Sarah sentados juntos no pequeno sofá da sala. O volume estava alto e assistiam ao concurso *Eggheads*.

– Ei, Tris, há um par de fatias de piza na cozinha – disse Sarah, sem tirar os olhos da televisão.

Passou pelo meio das caixas de bebidas para o casamento e dirigiu-se à cozinha. Estava uma caixa de piza de supermercado na bancada e um par de fatias de aspeto anémico no grelhador. Não havia nada mais deprimente do que piza congelada de supermercado.

E porque escreviam *Estilo Italiano* na caixa? De que outro sítio vinham as pizzas? Pôs um par de fatias no micro-ondas. Ouvia Gary e Sarah a murmurar algo. Desejou poder regressar a casa em paz e sossego para poder pensar. Dali a seis semanas, Sarah e Gary estariam casados e a viver na sua própria casa, e Gary deixaria de ser uma presença constante.

Quando o micro-ondas parou, Tristan pôs a piza num prato, tirou uma lata de *Coca-Cola* do frigorífico e foi para a sala. A pequena mesa de jantar ao canto encontrava-se coberta de papelada do casamento. Na televisão, o concurso estava a terminar.

– Não deites molho de piza para cima do meu plano de casamento – disse Sarah.

Tristan pôs o prato na cadeira e juntou os papéis num monte. Sentou-se e começou a comer.

– Recebemos uma visita da polícia hoje; foram ao banco – observou Sarah. Fitavam-no agora atentamente a partir do sofá.

Oh, merda, pensou Tristan. Devia ter-se lembrado de que a polícia podia contactá-la.

– Queriam confirmar que fomos todos jantar no domingo à noite.

– Foi o que fizemos, não houve problema – acrescentou Gary.

– Porque não nos disseste que essa rapariga, a Magdalena, tinha sido dada como desaparecida? – perguntou Sarah.

– Só soube há algumas horas, quando a polícia foi falar comigo ao trabalho – respondeu Tristan. Gary mudou de canal para o noticiário de fim de tarde da ITV.

– Disseram que tinha planeado ir dar uma volta de *scooter* no domingo e que não regressou...

– Olhem, está nas notícias – disse Gary. Subiu o volume e assistiram ao noticiário.

– Vejam, os pais vieram de Itália – observou Sarah. – Não se vestem bem, os italianos? Já não são propriamente jovens, mas estão impecáveis.

Um homem e uma mulher, ambos baixos e de cabelos negros, surgiam numa conferência de imprensa organizada pela polícia de Devon e da Cornualha, sentados atrás de uma longa mesa com dois agentes fardados. Pareciam destroçados. Surgiu uma foto de Magdalena, tirada numa vinha. Sorria e envergava um vestido vermelho comprido. Os seus longos cabelos negros caíam-lhe sobre os ombros bronzeados.

– É uma rapariga bonita. Pena que não tenhas tido a oportunidade de sair com ela antes de desaparecer – disse Gary.

– Isso é muito insensível – censurou-o Sarah.

– É só uma observação.

– De que não precisamos.

Tristan mastigou a piza, que lhe soube a cartão. O seu apetite desaparecera e tremia. Era tudo demasiado real e desconfortável. Assistiram à conferência de imprensa enquanto a polícia traçava uma cronologia da noite e do dia anteriores ao desaparecimento de Magdalena. Depois, mostraram uma imagem granulada de videovigilância das primeiras horas da manhã de segunda-feira, tirada em Jenner Street, que passava ao fundo da rua de Magdalena. Uma série de imagens, com um intervalo entre a uma e as quatro da manhã, deram-lhe a volta ao estômago. Mostravam um jovem alto a andar para cima e para baixo na rua vazia, duas vezes entre a uma e a uma e quinze da manhã, e regressando depois às quatro e meia.

– Pareces tu, Tris – gracejou Gary. Tristan engoliu um pedaço de piza seca. Sentiu a cor a esvair-se-lhe do rosto.

- Tris, és tu quem estás na Jenner Street? – perguntou Sarah.
- Hum, não – disse ele, tossindo.
- Onde estás o comando? – Sarah tirou-o a Gary e utilizou a função de «parar direto». Recuou no noticiário até à parte em que mostravam as imagens de videovigilância.
- Sarah – disse Tristan, começando a entrar em pânico. Sentiu a piza a dar-lhe voltas no estômago. A irmã estava agora de pé no meio da sala, a olhar para a televisão.
- Tristan. É o teu fato de treino. O preto com riscas vermelhas, verdes e azuis... e o teu boné da *Adidas* branco, vermelho e azul que trouxeste da América. Era isso que tinhas vestido quando fomos comer uma piza no domingo à noite. – Sarah voltou a passar a imagem. – Até tem o teu andar.
- Como assim, andar? – perguntou Gary, levantando-se e postando-se ao lado dela.
- A maneira como o Tristan anda. A linguagem corporal. – Deixou correr as notícias enquanto um número aparecia no ecrã a pedir qualquer informação. – Que raio, Tris? – confrontou-o, virando-se para ele. Tristan sentia as pernas a tremer. Não conseguia controlá-las. Nem sequer sabia que havia uma câmara de videovigilância na Jenner Street. Sarah e Gary olhavam ambos para ele, mas não conseguia pensar no que responder. – Diz alguma coisa! Que diabos estás tu a fazer nas imagens da polícia?
- Não são imagens da polícia – esclareceu Tristan, ouvindo o tremor na sua voz. – São da Jenner Street.
- Está no raio das notícias! Se eu te reconheci, de certeza que mais alguém o fará!
- Fui só dar um passeio – justificou-se ele. – Não conseguia dormir.
- Tristan. A polícia foi ao banco! Disse-lhes que jantámos no domingo à noite e que depois passaste toda a noite em casa, até segunda de manhã. Assinei uma declaração!
- Não te pedi que o fizesses – justificou-se. Tristan pensou em como a polícia tratara Geraint, prendendo-o com poucas provas. Estava aterrorizado.
- Posso ter cometido perjúrio no trabalho!

– Sarah, amor, não estavas sob juramento – afirmou Gary, estendendo a mão para tentar pegar na dela. – Sou o adjunto do gerente; posso proteger...

– Que pessoa normal se levanta a meio da noite e vai dar um passeio em outubro?

Sarah e Gary estavam à sua frente e as paredes da pequena e apertada sala pareciam fechar-se sobre Tristan.

– Sabes que mais, Sarah? És a única pessoa *normal* no mundo, só que julgas toda a gente.

– Vá lá, companheiro, já chega – interveio Gary.

– Ou então o quê? – questionou Tristan, levantando-se. Era bem mais alto e capaz de olhar de cima para Gary, para a luz do teto que se refletia no topo da sua careca reluzente.

– Chega! Vão sentar-se os dois. *Sentem-se* – ordenou Sarah. Gary sentou-se obedientemente no sofá. – Tristan.

Ele revirou os olhos.

– Tristan. Tens de ligar para este número ou de ir à polícia explicar o que estavas a fazer. Não acredito, nem por um momento, que tenhas algo que ver com isto, mas porque nos obrigaste a mentir?

– E, Tris, eles vão querer saber o que andaste a fazer na Jenner Street durante três horas e meia – acrescentou Gary. Sarah ficou de boca aberta ao parecer dar-se conta de que ele não estava apenas a passar pela Jenner Street; deambulava por ali.

– O que *andaste* a fazer durante três horas e meia na Jenner Street a meio da noite? – perguntou ela. – Porque passaste três vezes pela rua da Magdalena?

Olhavam-no agora como se fosse capaz de algo horrível, como um rapto ou um homicídio. Tristan sentiu a piza às voltas no estômago. Saiu disparado da sala e subiu as escadas, chegando à casa de banho a tempo de vomitar. Arfou e tossiu, agarrando-se à sanita, a ver estrelas. Bateram à porta.

– Hum, companheiro, é o Gary... Estás bem?

– Não.

Houve uma pausa. Tristan ouvia o som da respiração de Gary através da porta fina.

– A Sarah pede-te que voltes para a sala. Quer que lhe digas o que se passa. Nós apoiamos-te, companheiro.

Tristan puxou o autoclismo, levantou-se e abriu a porta com força. Passou por Gary, dando-lhe um empurrão, e desceu novamente à sala de estar.

– Sarah... – começou. Ela saiu da cozinha, a limpar as mãos. Parecia assustada.

– O que foi?

Tristan abriu a boca para dizer mais, mas Gary apareceu à entrada da sala.

– Ouve, Tris... Companheiro. Espero que não te importes que te diga isto. Estás a agir de uma forma demasiado louca para o meu gosto – afirmou ele, erguendo as mãos. – Talvez, Sarah, pudesses passar a noite em minha casa até o Tristan se acalmar.

– Posso falar um minuto com a minha irmã?

– Não me sinto confortável com isso – respondeu Gary. Era demasiado para Tristan. Queria explicar as coisas primeiro à irmã, sem o maldito Gary, que estava sempre lá, no meio do caminho, como um idiota irritante. Abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Pegou no casaco e saiu de casa, batendo a porta com força. Dirigiu-se à orla marítima, contra o vento uivante, de lágrimas nos olhos.

Passada uma hora, Kate saiu da reunião dos Alcoólicos Anónimos e deparou-se com uma mensagem de Jake a dizer que o tinham convidado para ir ao cinema, e se podiam falar noutro dia. Era a segunda vez que cancelava uma conversa com ela.

Enquanto conduzia ao longo da orla marítima, o tempo estava horrível e Kate não ansiava pela casa fria e vazia que a aguardava. Viu um jovem sentado no paredão, junto ao edifício da universidade. Ao passar, uma onda chocou contra a parede e um jato de água ergueu-se a uma altura de seis metros junto ao jovem. Kate viu que se tratava de Tristan.

– O que estás a fazer? – perguntou, encostando junto ao lancil. Saiu do carro e correu para ele no momento em que outra onda batia, disparando um jato de água que o ensopou. Era uma longa queda até à praia rochosa lá em baixo.

– Tristan! Que raio estás a fazer? – gritou. Ele virou a cabeça e levou um momento a perceber que era ela. – Estás bêbedo? – Viu outra onda de um negro retinto avançar em direção ao paredão e ficaram ambos encharcados no momento em que chocou contra o betão. Kate puxou Tristan para trás e conseguiu mantê-lo de pé. Pareceu voltar à razão. Tinha as mãos frias como gelo. Ficaram ambos ali, ensopados. – Tristan! O que se passa? – Ele franziu o rosto e desatou a chorar. Grandes e agitados soluços. Kate ficou chocada e perturbada ao vê-lo assim. – Está tudo bem – disse, aproximando-se para o abraçar. Outra onda bateu no paredão e os borrifos ensoparam-nos ainda mais. – Anda. O meu carro está ali.

Enquanto se dirigiam ao carro, Tristan não parou de soluçar. Kate ajudou-o a entrar e tirou alguns cobertores velhos da parte de trás. Por momentos, ficaram ali sentados, até que os soluços começaram lentamente a abrandar.

– Estava nas notícias, sobre a Magdalena – disse ele. Em seguida, falou-lhe das imagens de videovigilância e começou a explicar que tinha ido visitar alguém. Foi-se de novo abaixo.

– Porque tem de ser tão difícil? Porque não posso ser simplesmente normal? – soluçou. – Não disse a ninguém... e já não consigo lidar com isso. – Baixou a cabeça, incapaz de olhar para ela, com o lábio inferior a tremer. Kate pegou-lhe na mão.

– Tristan. Acho que sei, e está tudo bem, não importa – acalmou-o. Apertou-lhe a mão. Tremia por todo o lado. – Achas que dizê-lo em voz alta vai piorar as coisas?

Fez-se um longo silêncio.

– Sou *gay* – crocitou. Pigarreou de novo. – Sou *gay*. – Começou a soluçar com mais força.

– Está tudo bem. Não importa. Estás a ouvir? – perguntou Kate, aproximando-se para o abraçar, sentindo-lhe o peito e os ombros a arquejar com os soluços. – Não importa – insistiu ela, odiando os preconceitos, que Tristan tivesse de se sentir assim acerca de si mesmo.

Tristan soltou um longo suspiro, como se respirasse pela primeira vez em meses. Kate passou-lhe um lenço de papel, e ele assoou o nariz.

– Não parece surpreendida – admirou-se ele. Ainda tinha os olhos vermelhos, mas estava mais calmo.

– Já me perguntei. Nunca te vi muito interessado em raparigas e podias ter as que quisesses. Há tantas na faculdade que dariam o olho direito por um encontro contigo.

– A minha irmã vai casar-se e age como se fosse uma crise enorme se eu não levar uma rapariga ao casamento.

– Não podes levar um rapaz?

Tristan olhou para ela.

– Jamais me perdoaria.

– Tristan. Não quero falar mal da Sarah, mas é a tua vida. É aquilo que tu és.

– Kate. Ela não é má, só diferente. Pensa de forma diferente.

– Também nós. Somos todos diferentes. O mundo é assim... Quando soubeste que gostavas de rapazes?

– Aos treze anos, vi aquele filme, *Ghost – O Espírito do Amor*, e há uma cena no início em que o Patrick Swayze e o amigo estão os dois sem camisa e a demolir aquela parede com a Demi Moore...

Em pequeno, não havia *gays* na minha vida e, segundo a minha família e os velhos amigos, não é bom ser *gay*.

– Tristan. Há milhões de *gays* no mundo. E é absolutamente normal. Dá comigo em doida que sintas sequer que tens de me anunciar que preferes rapazes. É uma treta tão grande... Quer dizer então que ias encontrar-te com um rapaz e foste apanhado nas imagens de videovigilância?

Ele anuiu.

– No dia anterior, conheci um tipo que andava a passear o cão e começámos a conversar. Trocámos números de telemóvel e ele convidou-me para ir a casa dele, sabe?

Kate assentiu.

– Saí do apartamento por volta da uma da manhã e fui até à sua porta. Acobardei-me, dei a volta ao quarteirão e regresssei. Da segunda vez, bati à porta e fiquei até às quatro e meia. Depois fui para casa.

– Está bem. É bonito?

– Muito.

– Como se chama?

– Alex. É aluno de artes. Cabelo preto comprido, uns lindos olhos castanhos...

Kate estava feliz por Tristan sentir que podia falar com ela.

– Achas que vais voltar a vê-lo?

– Não sei.

– É assumido?

– Sim. O colega de casa também estava lá... Não é desse género – acrescentou. – Trabalha à noite. É pintor. Tomámos todos uma chávena de chá antes de eu sair.

– Têm de dizer à polícia que foi por isso que estavas lá.

– Não vejo porque não o fariam... Oh, meu Deus. Tenho de contar à Sarah e ao Gary.

– Acho que vais dar um grande suspiro de alívio depois de lhes teres contado.

– E se a Sarah me odiar, ou não gostar disso?

– Se te odiar, o problema é dela, não teu. Se renegar um irmão só porque não está de acordo com a sua forma de pensar, então é ela

quem perde. – Tristan olhou pela janela e esboçou um aceno cansado. – Não ias saltar daquele paredão, pois não?

Ele encolheu os ombros.

– Naquele momento, agradava-me bastante a ideia de ser levado pelo mar. Ouvi dizer que o afogamento pode ser tranquilo.

– Quando comecei a trabalhar como mulher-polícia, era assim que nos designavam, fui chamada a West Norwood, no sul de Londres. Caíra uma chuvada enorme quando um miúdo brincava num riacho junto ao cemitério. Subitamente, houve uma inundação e ele foi arrastado para um escoadouro, onde ficou com o braço preso numa grade. O braço inchou-lhe. Cheguei lá no momento em que a água subia. Pedimos uma ambulância, mas não foi suficientemente rápida. Tentei libertá-lo, mas tive de assistir, impotente, enquanto a água lhe cobria a cabeça. Tentei dar-lhe ar, mas em vão... Vi-lhe o rosto quando se afogou, Tris. Não estava tranquilo. Não precisas de te matar só porque gostas de homens, em vez de mulheres. Estás a ouvir?

Tristan ficou calado. Assentiu.

– O que faço?

– Tens de contar à tua irmã. E amanhã, precisamos de falar com a polícia e de esclarecer a situação das câmaras de videovigilância. Não queremos que isso os distraia de descobrir porque desapareceu a Madalena.

Magdalena estava deitada no escuro. Não fazia ideia de quanto tempo passara.

Da primeira vez que acordara, julgara estar num hospital. A cama em que jazia era confortável, firme e seca sob as suas costas, e enquanto perdia e recuperava os sentidos, uma inquietude impregnou-lhe o sono, uma memória longínqua de algo... errado.

O negrume confundia-a – não sabia se era real e levava-lhe mais tempo a ficar consciente. Quando o fez, o pânico dominou-a. Não havia diferença entre abrir e fechar os olhos, e não lhe cheirava a nada. Tinha o nariz tapado – coberto de sangue. Ele esmurrara-a. E tinha o pescoço dorido da correia da máquina fotográfica.

– Não! – exclamou em voz alta. Ouvir a sua voz deu-lhe uma sensação de paz. – Não! Não! Socorro! – gritou. Tinha a garganta ressequida, mas continuou a dizer as palavras. *Socorro. Ajudem-me. Socorro!* O som ressaltava em redor.

Estendeu os braços para as trevas e sentiu-os mexer no ar vazio. De um dos lados, havia uma parede com azulejos lisos. Pôs-se à escuta. Silêncio. Tateando o corpo, viu que estava ilesa, exceto por um lábio inchado e o nariz ensanguentado. Ainda tinha todas as roupas vestidas, mas estava descalça. O telemóvel desaparecera-lhe do bolso. O colar, os brincos e o relógio também tinham desaparecido.

Magdalena sentou-se lentamente, mantendo uma mão no azulejo frio e suave à sua direita, para, com o braço estendido, tocar qualquer coisa que houvesse por cima. O ar era frio e vazio. Ao passar os pés sobre o lado do colchão, entrou em pânico, tocando em seguida na superfície fria do chão. Por um momento, pensara que a cama se encontrava algures num sítio alto e que estava prestes a mergulhar num abismo negro.

Ficou à escuta durante bastante tempo, tentando ouvir o silêncio, quaisquer pistas, indícios de onde se encontrava. O coração não

parava de lhe palpar no peito. Respirar pela boca fazia muito barulho.

Gostava de pensar que era uma mulher forte e prática, mas sentia-se no limite. Várias vezes tivera de engolir um forte grito que queria irromper-lhe do peito. Levou a palma da mão ao esterno e começou a bater ritmicamente, acompanhando o som do batimento cardíaco. Não a acalmou, mas impediu que o grito escapasse.

Levantar-se deixou-a tonta e teve de tentar duas vezes antes de se sentir segura de pé. Lentamente, começou a tatear o que a rodeava. Alguns passos conduziram-na a uma parede.

À sua direita, havia mais azulejos. Detetou espaços em que eram lisos e frios, mas outros em que estavam sujos e pegajosos. Aproximou um pouco mais o rosto para cheirar, mas continuava de nariz tapado. Passou as mãos ao longo das paredes e encontrou um lavatório e uma torneira no canto oposto. Para sua alegria, quando abriu a torneira, saiu água. Deixou-a correr, desfrutando do som e da sensação da água fria nas mãos. Encolheu-se ao lavar o nariz, tentando desentupi-lo. Sentia-se duplamente cega por não ser capaz de cheirar. Conseguiu respirar um pouco e veio-lhe um ligeiro odor a humidade.

A água sabia a limpa e ela bebeu mais e mais; era tão aguda a sua sede que teve de beber, mesmo sem saber se era seguro. A pressão era forte e devia vir da central. Limpou o rosto e tateou cuidadosamente o caminho até ao outro lado da divisão, de regresso à cama.

O cheiro a humidade intensificara-se e assemelhava-se agora a vegetais podres, mas tudo aquilo em que tocava estava macio e seco.

A cama parecia um armário, feita de uma estrutura e de um material sem espaço por baixo. Quando começou a tatear do outro lado da cama, caiu por uma porta.

Magdalena magoou-se, estatelando-se sobre o osso ilíaco no chão frio e duro. Estava húmido lá fora e, quando se sentou, hesitou se devia continuar a procurar. Pigarreou. Surpreendeu-se como se habituara depressa a utilizar o som para determinar o que a rodeava.

Cuidadosamente, tateou o caminho. Havia uma parede de cada lado, com apenas alguns passos de largura. Estava num corredor.

As paredes eram lisas, não de azulejo, mas de gesso, e pegajosas a espaços. Atravessou o corredor e, apalpando a parede, encontrou uma porta. Com um rangido, abriu-se para o exterior. Aquela divisão era pequena e cheirava a mofo. Magdalena bateu com os joelhos em algo duro e frio e, ao estender as mãos para baixo, sentiu uma taça curva e depois água. Chegou a mão para trás. Era uma sanita. Sentiu um momento de alegria. Uma sanita. Não tinha assento e era apenas porcelana fria, mas aliviou-se, sentindo-se mais humana e menos como um animal. Tateou esperançosamente à volta, em busca de um rolo de papel higiénico ou de um suporte, mas não havia nenhum.

Onde estava? E o que era aquilo? Procurou um autoclismo, e um longo cano na parte de trás da sanita conduzia a uma antiquada cisterna na parede. A corrente tinha sido removida, mas havia uma alavanca de plástico que podia alcançar se subisse para a beira da sanita.

Estava prestes a puxá-la quando se deteve. Isso faria barulho.

Afastou a mão, desceu da sanita e regressou ao quarto. Devia fechar a porta ou deixá-la aberta? A porta abria para fora e Magdalena decidiu mantê-la aberta para poder voltar a encontrá-la. Continuou e descobriu que o corredor terminava numa parede que parecia diferente, fria ao toque, e levou-lhe um momento a tatear com as mãos para aperceber-se de que era de metal.

Era o contorno de umas frias portas de aço, com uma fenda ao meio. Abriam. Enfiou a unha entre as portas metálicas e tentou forçá-las, mas eram espessas e maciças.

Ouviu-se um silvo e Magdalena sentiu um retumbar através do metal. Recuou.

Era um elevador.

O som intensificava-se; o estrondo atravessava o chão de betão sob os seus pés. Vinha na direção dela.

Agarrando-se à parede, desceu apressadamente o corredor, ouvindo o elevador a aproximar-se. Foi direta à porta aberta da casa de banho, que oscilou e se fechou com força. Sentiu que o seu frágil

nariz se partia, e a dor foi intensa. Sentiu um gosto quente e a sensação de sangue.

Ouviu o elevador chegar com um ligeiro tinido. Continuou a descer o corredor em direção ao quarto com a cama e o lavatório. As portas abriram-se com um silvo. A respiração de Magdalena estava entrecortada devido ao esforço, e então tossiu, cuspidando sangue. O som ecoou pelo corredor. Vinha uma corrente de ar das portas abertas do elevador, mas permanecia escuro como breu. Então, ouviu-se um estalido e um som estranho. Já antes o ouvira num filme ou numa série de televisão. Uma espécie de silvo mecânico.

Óculos de visão noturna.

Com a respiração acelerada pelo pânico, bateu ao longo das paredes. Estava desorientada, e tentou manter a calma, mas saíam-lhe pequenos gemidos.

Quando chegou à entrada, bateu o interior e sentiu a orla do caixilho. Se houvesse uma porta, podia, de alguma forma, barricar-se lá dentro contra quem ou o que quer que tivesse descido no elevador.

Não havia porta. Apenas a parede fria e duas dobradiças vazias. Recuou para o quarto e caiu de novo na cama ao ouvir o som suave de passos que avançavam na sua direção.

Por insistência de Kate, Tristan regressara a casa e contara a Sarah e a Gary que as imagens de videovigilância o mostravam a dirigir-se a Jenner Street para se encontrar com um tipo.

– Encontrares-te com um tipo para quê? Drogas? – perguntou Sarah, sentada no sofá, de braços cruzados e ar desorientado. Gary estava ao lado dela, de braços cruzados sobre a barriga saliente.

– Não. Não foi por causa de drogas. Tive um encontro, bem, não foi bem um encontro. Chama-se Alex. É aluno de artes. Fui ao apartamento dele para, hum, fazermos sexo. Sou *gay*. Há muito tempo que sou *gay*. Bem, sempre fui.

Tristan pôs as mãos trémulas nos bolsos. Estava de pé diante da televisão. Um pouco como se fizesse um recital para eles.

Sarah olhou-o fixamente. Gary arregalou os olhos. Olhava constantemente para a irmã, a fim de ver como reagia. Passou um momento e ela levantou-se calmamente, dirigiu-se à cozinha e fechou a porta.

– Tens a certeza, companheiro? – perguntou Gary. – Não *pareces gay*. – Tristan via as rodas a girar na cabeça de Gary, revendo as memórias das suas interações em busca de quaisquer pistas de comportamento homossexual. – Pensava que tinhas um encontro com a rapariga que desapareceu. Ela ligou-te.

– Sim. Ela convidou-me para sair. Não devia ter dito que sim.

– Mas não tens nada que ver com o seu desaparecimento?

– Não. Nada.

– Bem, já é qualquer coisa – disse Gary, olhando ansiosamente para a porta fechada da cozinha, onde podiam ouvir Sarah a bater com coisas enquanto arrumava a loiça. – Devias conversar com ela.

Tristan anuiu. Respirou fundo, abriu a porta e entrou na cozinha. Fechou a porta atrás de si. Sarah estava junto ao lava-loiça, esfregando furiosamente uma caçarola suja com um esfregão.

– Não tens nada a dizer? – perguntou Tristan.

– Simplesmente não entendo porque queres desperdiçar a vida – respondeu ela, passando a caçarola por água e pousando-a com força no corredor.

– O que queres dizer com isso?

– Tens um emprego excelente, com fundo de pensões. Estás prestes a assumir a hipoteca desta casa e tens a polícia a interrogar-te sobre uma mulher que desapareceu – desabafou Sarah.

– Não é disso que se trata.

– Já tens cadastro. E não paraste para pensar em mim. Basicamente, menti à polícia por ti. Sabe Deus o que acontecerá a seguir. Matei-me a trabalhar para conseguir uma vida melhor.

Tristan olhou para as costas da irmã enquanto esta esfregava furiosamente os pratos.

– Lamento. Isso pode ser resolvido. Vou dizer à polícia que não sabias que eu tinha saído de casa.

– Fazes isso muitas vezes? Sair de noite à socapa para te encontrares com... – perguntou ela, virando-se para Tristan e fixando-o com um olhar duro.

– Um par de vezes – respondeu ele, desejando que se abrisse um buraco no chão para o engolir.

– Faz-te feliz agires dessa maneira?

– O que entendes por feliz?

– Ter uma família! Assentar!

– Eu não quero ter filhos.

– Quem dará continuidade ao nome da família?

– Não somos propriamente uma dinastia brilhante. O pai fugiu quando éramos pequenos, sabe Deus onde está. A mãe gostava mais de chutar do que dos filhos.

– Não te atrevas a falar assim da mãe! – avisou Sarah, ainda com a esponja na mão. Estava lívida. Tinha lágrimas nos olhos. – Sofria de doença mental, e quando se mistura isso com as drogas...

– Sarah. Não estamos a falar da mãe. Estou a dizer-te algo sobre mim... Sou *gay*. Só quero que me ames e me aceites como sou.

– Hei de amar-te sempre, Tristan, mas não esperes que aceite. Tenho o *direito* a não aceitar...

Tristan sentiu lágrimas nos olhos e limpou-as. Sarah olhou de novo para ele, desviando depois o olhar.

– O teu sentido de oportunidade é típico – acrescentou, com uma risada lúgubre. – O que dirão as pessoas no meu casamento quando apareceres assim todo *gay*?

– O teu casamento é sobre ti e o Gary.

– Não. Vai ser todo sobre ti. Passarei o dia a ter de *te* explicar às pessoas.

– Explicar-me às pessoas? Continuo o mesmo. E a tua reação diz mais sobre ti do que sobre mim.

– Oh, agora sou homofóbica? – gritou Sarah.

– Não sei. É o que parece.

– Estás a escolher uma vida que jamais te fará feliz.

– Prefiro a minha vida à tua – replicou, arrependendo-se imediatamente.

Sarah largou um par de pratos no lava-loiça com tanta força que se partiram. Começou a lavar os pratos intactos enquanto tirava pedaços de porcelana.

– Aquela pobre rapariga pode estar estendida algures numa vala ou ter-se visto a braços com um violador... – disse Sarah, quase murmurando. – Pergunto-me como se sentiria se soubesse que andavas por aí a fazer sabe Deus o quê com outro homem. De manhã, vais à polícia, vais explicar-lhes o que aconteceu e que mentiste.

– Não te menti.

– Levaste-me a acreditar.

– Não, não levei. Saí à noite. Simplesmente não te disse. Foste tu quem presumiu.

– Parece que presumi muitas coisas boas sobre ti.

Tristan suspirou. Aquilo não levava a lado nenhum. Esperara ser capaz de explicar as coisas a Sarah e que ela entendesse. Partia-lhe o coração estarem agora tão distantes.

– Vou passar uns dias a casa da Kate – disse ele.

– Oh, claro. Bem me pareceu que *ela* estaria envolvida – replicou Sarah.

– Amo-te, Sarah, estás a ouvir? – afirmou. Sarah continuou a bater com os pratos, de costas viradas para ele.

Tristan saiu da cozinha e fechou a porta. Gary estava deitado no sofá, de olho na televisão.

– Ouve, Tris. A Sarah não é homofóbica. Adora os copos coloridos que fazem no Costa Coffee pelo Dia do Orgulho LGBT. Lavou um e usava-o no trabalho para o chá. Lavou-o tantas vezes que se desfez em bocados.

Tristan olhou para Gary, sem saber como reagir à informação.

– Acho que a Sarah precisa de ti – respondeu. – Vou esclarecer as coisas com a polícia sobre o depoimento.

Gary assentiu. Em seguida, Tristan foi fazer uma mala. Não viu nenhum deles ao sair de casa. Kate esperava-o no carro.

– Estás bem? – perguntou quando ele entrou.

Tristan assentiu, sentindo que um peso enorme lhe saía do peito. Era mais fácil respirar.

– E a Sarah?

– Não sei. Preciso de lhe dar espaço – disse ele.

21

O homem saiu do elevador com óculos de visão noturna. O corredor e as duas portas brilhavam de verde através das lentes. Ficou surpreso ao ver Magdalena no corredor. Atrevera-se a sair mais rápido do que muitas das suas vítimas. Era apenas o segundo dia.

Viu-a fugir, chocando contra a porta aberta e voltando a levantar-se, aturdida. Adorava aquela expressão vazia nos seus olhos, cegos pela escuridão. Eram negros através dos óculos de visão noturna e as pupilas surgiam como brilhantes pontos brancos.

Não conseguia ver, mas deixara uma mancha de sangue na esquina da porta da casa de banho. Era outro vício. As manchas de sangue das vítimas decoravam as paredes e as portas – como grafitis. Adorava o verde com que apareciam através dos óculos.

Deixou-se ficar para trás e viu-a agitar os braços e tatear o caminho ao longo do corredor. Porque seria que os tipos que capturava tentavam passar por ele e entrar no elevador, enquanto quase todas as raparigas fugiam para o quarto sem saída – como as estúpidas heroínas dos filmes de terror, que gritam e passam a correr pela porta da frente aberta, fugindo para o piso de cima enquanto o monstro as persegue?

Seguiu Magdalena até ao quarto e viu-a recuar para um dos cantos e ficar ali, como um animal perseguido, a olhar para o negrume.

O medo nos seus olhos era um vício para ele. Muitas mulheres mascaravam as emoções. Nunca sabia o que estavam a pensar. Odiava isso. As cabras tentavam ser mais espertas do que ele. Mas ali, na sua masmorra, era ele o monstro e via-as aterrorizadas.

Tinha uma vassoura na mão, vulgar, mas trocara-lhe a cabeça por uma de brincar. Era mais macia e de cerdas mais longas. Empolgava-o que algo tão tolo pudesse mexer-lhes com os sentidos no escuro. Aproximou-se mais de Magdalena.

– Quem é? – perguntou ela para a escuridão. Tinha um rosto bonito, mas um nariz forte, agora deformado e a sangrar-lhe para os

dentes e para o queixo. Cuspiu sangue para o chão. – Por favor. Porque está a fazer isto?

Deus, faziam perguntas tão estúpidas. Como se ele fosse descrever-lhes os seus planos e dizer-lhes como se chamava. Conteve uma gargalhada e estendeu o cabo da vassoura, deixando que as cerdas lhe tocassem ligeiramente na face.

Magdalena gritou e sacudiu-a, batendo no próprio rosto ao fazê-lo. Rapidamente, ele puxou a vassoura para fora do seu alcance, enquanto ela sacudia as mãos em grandes arcos, tentando arranhá-lo.

– Deixe-me em paz! – gritou. – Por favor!

Ele ficou quieto e calado. Esperou, vendo-a abrir os olhos e inclinar a cabeça, tentando ver. Estendeu os braços, sacudindo-os no ar à sua frente. Observar as vítimas era como assistir a um programa sobre vida selvagem. Tudo lhes era tirado – os fingimentos e as afetações. Não se preocupavam com a forma como eram vistas, soluçantes, chorosas e, muitas vezes, borrando-se. Queriam sobreviver.

Passado mais um minuto, ergueu a vassoura e deixou que as cerdas passassem de novo pelo seu rosto.

Subitamente, Magdalena gritou e atirou-se a ele. Apanhou-o de surpresa, mas ele estava preparado. Ergueu a vassoura bem alto e rodou para a direita, projetando o pé para fora. Devido à velocidade e à força com que corria, tropeçou e caiu, batendo no betão com um baque horrível e chocando contra a base da cama, rachando o topo da cabeça. Ficou imóvel.

Não, por favor, não estejas morta, não tão cedo, disse ele em surdina. Aproximou-se mais, contornando a sua forma inerte no chão. Cauteloso, estendeu o cabo da vassoura e tocou-lhe na anca. Não se moveu. Pressionou com força a vassoura contra a carne macia entre as nádegas, ela gemeu, mas não se mexeu.

Caíra com os cabelos sobre o rosto. Ele afastou-lhe os cabelos com o cabo da vassoura e pousou-os sobre o ombro. Magdalena estava de olhos fechados. Tinha um corte na zona da testa que batera na beira da cama e o sangue que lhe corria era verde-escuro,

como os coágulos e o borbulhar nas narinas à medida que respirava.

Estava a respirar. Ainda bem.

Com cuidado, ajoelhou-se e encostou-lhe dois dedos ao pescoço. Tinha a pele macia e, vista através dos óculos de visão noturna, muito pura e branca. Como marfim. Sentiu-lhe a pulsação, boa e forte. Por um momento, acariciou-lhe o longo pescoço, afastando em seguida os dedos, aliviado por ela ainda estar viva.

Era o segundo dia em que a mantinha ali. Havia muita diversão pela frente.

Na manhã seguinte, Kate levou Tristan à esquadra de Exeter e esperou por ele no parque de estacionamento. A estrada em frente estava movimentada. Ainda só passara meia hora quando viu Tristan emergir da entrada principal. A sua expressão era difícil de ler àquela distância.

– Tudo bem? – perguntou quando ele abriu a porta.

– Sim. Conversei com uma polícia à paisana, a agente Finch. Parecia estar ao corrente e registou um breve depoimento. Depois, ligou ao Alex e ao Steve, que confirmaram que estive em casa deles nas primeiras horas da manhã de segunda-feira e dei-lhes o número da empresa de *catering* do casamento da minha irmã, bem como as vezes em que fui com a Sarah e o Gary comer piza. Também disse que não havia problema em a Sarah ter afirmado que me encontrava em casa, não sendo verdade, pois não sabia que eu saía de casa. Foi muito simpática.

– Viste o Henry Ko?

– Não. E deu-me a impressão de que os polícias fardados o acham um pouco idiota.

– Porquê?

– Disse-lhe que o Henry tinha ido ao seu gabinete e sido um pouco agressivo. A agente Finch proferiu uma piada sobre ele ter visto demasiados episódios de *Esquadrão Classe A*... – Kate sorriu.

– Também referiu que a polícia falara com o Liam, o colega de casa da Magdalena – prosseguiu Tristan –, e que os informou que a ouvira a empurrar a *scooter* pelo corredor no domingo, a meio da manhã, e que não regressara. O que significa que acreditam que ela desapareceu no domingo de manhã.

– Isso é bom – observou Kate.

– Sim, é. Só torna a discussão que eu tive com a Sarah ainda mais ridícula.

Dirigiram-se de novo a Ashdean. Kate não queria pressionar Tristan para que falasse sobre a noite anterior. Dormira no seu

quarto de hóspedes e logo veria o que ele queria fazer a seguir. Sentiu-se sortuda por poderem partilhar um silêncio confortável sem a necessidade de fazer conversa.

Num troço tranquilo de estrada rural a poucos quilómetros de Ashdean, viram um aglomerado de carros estacionados na berma relvada. Ao aproximarem-se, Kate abrandou.

Havia dois veículos da polícia parados junto a um reboque. Henry Ko estava na berma, acompanhado de dois agentes fardados, vendo uma *Vespa* amarela com salpicos de lama ser retirada da vala por uma grua. Mais à frente, a vala estava a ser isolada por outro polícia.

– É a *scooter* da Magdalena – disse Tristan. Kate parou ao chegar junto de Henry e abriu a janela. Ele fez-lhes sinal para que prosseguissem. Depois, viu quem eram e dirigiu-se à janela.

– A minha sargento administrativa disse-me que esteve na esquadra – disse ele. Parecia não ter dormido. Toda a sua arrogância evaporara-se.

– Pois. E aquela é a *scooter* da Magdalena – respondeu Tristan. Estavam a içá-la para a traseira do reboque.

– Sim. Acabámos de verificar a matrícula – confirmou Henry, enquanto a grua zunia e a *scooter* pousava no reboque. Dois agentes começaram a cobri-la com folhas de plástico. A Kate, pareceu-lhe patética, coberta de lama e com relva presa nos guiadores.

– E quanto à Magdalena? Encontraram o corpo? – perguntou, vendo os polícias a espreitar para a vala e o cordão policial a ser montado.

– Não – respondeu Henry. – Um agricultor andava a dragar a vala. Foi ele que encontrou a *scooter*... Agora, por favor, preciso que prossigam. Temos de fechar a estrada para as perícias forenses.

Kate e Tristan arrancaram, de regresso a Ashdean. Pela janela traseira, Kate viu o reboque com a motocicleta e o aglomerado de polícias ficarem para trás.

– Merda. Quer dizer que ela desapareceu mesmo – observou Tristan. Kate assentiu. Parte de si esperara que Magdalena fosse

uma dessas pessoas que um dia decidiam deixar a antiga vida para trás.

Pouco depois, chegaram ao topo de uma colina, de onde podiam ver o reservatório de Shadow Sands e a central elétrica. Do lado direito da estrada, passaram por um longo e baixo edifício de tijolo vermelho, com janelas em arco e uma entrada com colunas. Parecia ter sido em tempos um edifício majestoso. Faltavam telhas num dos extremos do telhado, as filas de janelas em arco estavam entaipadas e o parque de estacionamento à frente estava coberto de erva castanha.

– Isto não era uma discoteca? – perguntou Kate.

– Sim. Hedley House. Vulgar como o raio, e a polícia era frequentemente chamada para lidar com lutas.

– Foste lá alguma vez?

– Um par de vezes – respondeu Tristan. – Fechou há cerca de dezoito meses.

– Parece uma casa antiga – observou Kate, olhando pelo retrovisor. Um bando de aves saiu de um grande buraco no telhado e levantou voo.

– Sim, julgo que em tempos foi uma mansão – disse Tristan.

A estrada passava junto ao reservatório. O sol espreitava por entre as nuvens e um raio de luz atingiu o meio da água, iluminando a charneca circundante com uma luz cinza-aço. Passaram por um sinal que dizia ASHDEAN 4 QUILOMETROS. A estrada era longa e reta. Kate ainda via a discoteca entaipada pelo espelho retrovisor.

Os edifícios abandonados faziam-na sempre estremecer, principalmente num troço tão solitário.

– Como chegavam os adolescentes a Hedley House? Há autocarros?

– Havia um autocarro, mas não passavam depois das dez da noite. Eram geralmente os pais e os amigos a levar as pessoas a casa. Os táxis costumavam ganhar uma fortuna aos fins de semana... Havia quem regressasse a pé.

– São quase cinco quilómetros entre a discoteca e Ashdean – comentou Kate, com a mente a começar a zunir. – E nunca ouviste

histórias de adolescentes que desapareceram após terem ido a pé da discoteca para casa?

– Não. Houve uma rapariga violada. Lembro-me de o caso ter aparecido no jornal local, mas apanharam-no. E foi para a prisão.

– Quando foi isso?

– Não sei. Há cinco ou seis anos.

– Lembras-te do nome dele?

– Não. Recordo-me que apanhou dez anos de prisão. Foi um ataque brutal. Depois disso, começou a haver menos raparigas dispostas a regressar a Ashdean a pé após uma saída à noite.

Chegaram ao fim do reservatório, no ponto onde o rio Fowey o alimentava, juntamente com um par de riachos. E os arredores de Ashdean surgiram do outro lado da colina.

Kate voltou de novo o pensamento para a Discoteca Hedley House, tão perto do reservatório. Era corajosa em muitos aspetos, mas não queria percorrer a pé de noite aquele solitário troço de estrada.

– Tens muito trabalho depois da palestra? – perguntou Kate.

– Não. Para ser sincero, dava-me jeito alguma distração – disse Tristan.

– Quero visitar aquele bar, o Wild Oak. Quero ver se as empregadas com quem a Magdalena falou estão a trabalhar. Quero ouvir o que lhe disseram e o que sabem sobre a mulher cujo número a Magdalena tinha na nota adesiva.

– Sim, a Magdalena esteve cá a tomar uma bebida com o Barry Lewis, da Quinta Fairview – disse Rachel, a empregada no The Wild Oak Pub. Apesar do tempo frio, usava *T-shirt* sem mangas, saia curta e chinelos. O cabelo curto, penteado para trás, estava pintado de vermelho. – Começou a falar no seu projeto e eu contei-lhe sobre as duas pessoas que sabia que tinham desaparecido no nevoeiro.

Rachel pôs uma *Cola-Cola* pequena e uma chávena de café no balcão diante de Kate e Tristan. O Wild Oak Pub ficava a dez quilómetros de Ashdean, à beira de uma pequena aldeia chamada Pasterton. Encontrava-se voltado para a charneca e, pelas janelas, era possível ver a uma distância de quilómetros, mas o interior era escuro e degradado. Estava uma tarde tranquila. Alguns homens idosos encostavam-se ao balcão e uma televisão ao canto mostrava uma corrida de cavalos.

– Como acabou a conversar com a Magdalena? – perguntou Kate.

– Uma manhã, o Barry viu uma pegada enorme na sua quinta e publicou uma foto no Facebook. Teve montes de *likes*; foi publicada no jornal. A Magdalena entrou em contacto com ele porque estava a trabalhar num projeto sobre as lendas de Devon e da Cornualha – disse Rachel.

– O Barry é de cá? – perguntou Tristan.

– Sim. É um tipo simpático. Cliente habitual. Ah. São quatro libras e vinte – disse ela, apontando para as bebidas no balcão. Kate viu-a lançar olhinhos a Tristan enquanto este tirava a carteira do bolso.

– Era para lhe dizer que pedisse uma para si – acrescentou ele.

– Obrigada. São seis e vinte.

Rachel pegou no dinheiro, deu o troco a Tristan e colocou um copo alto sob um doseador de *Bacardi* com um cartaz manuscrito que dizia 1£ POR SHOT OU DUPLO preso com fita-cola a descascar.

– Estamos a tentar descobrir o que aconteceu à Magdalena – informou-a Kate. – Podemos sentar-nos e conversar?

Rachel fitou-os por um segundo e aquiesceu. Dirigiu-se a uma porta nas traseiras no bar.

– Doris! Vou fazer a minha pausa! – gritou. Kate e Tristan acompanharam-na a uma mesa baixa com tampo de vidro fumado no extremo oposto ao da televisão. Tinha um ecrã embutido no meio, debaixo do vidro, onde um velho e tremulante jogo de PAC-MAN estava a correr. Rachel dirigiu-se a uma ficha, desligou-a e sentaram-se.

– Porque perguntou o Barry pelos desaparecimentos locais? – questionou Kate.

– Não perguntou. A Magdalena veio ao bar e perguntou-me se alguma vez vira algo de estranho, como grandes monstros ou fantasmas. Falei-lhe de duas pessoas que sabia que tinham desaparecido quando estava nevoeiro – respondeu Rachel.

– Pode contar-nos?

Rachel assentiu.

– Conhecem Hedley House, a antiga discoteca na estrada principal?

– Sim – respondeu Kate.

– Fui lá um par de vezes quando era mais novo – acrescentou Tristan.

– Costumava ir lá, há uns anos, antes de ter a minha menina... Havia um tipo que ia lá às sextas-feiras, com um nome estranho, Ulrich. Era mais velho do que eu na altura, dezanove ou vinte, penso. Era alemão, trabalhava como pintor e fazia biscates. Vivia cá há algum tempo e era um pouco excêntrico, mas ia a Hedley beber uns copos. Estava sempre sozinho, mas gostava de conversar. Nunca era obsceno, independentemente de quanto tivesse bebido. Então, uma semana, não apareceu. A única razão para o ter questionado foi por causa do meu amigo Darren. O Ulrich ia instalar-lhe uma sanita nova no apartamento. Tinha-a tirado na sexta e comprometera-se a instalá-la no sábado, mas não apareceu. O Darren ficou irritado, como é normal, sem sanita, e pagara quinhentas libras adiantadas ao Ulrich. Foi a casa dele, mas não o encontrou... O Darren é um pouco conflituoso e meteu na cabeça que o Ulrich fugira com o dinheiro, por isso voltou com alguns

amigos ao quarto do Ulrich e arrombaram a porta. As suas coisas continuavam lá: roupa, sapatos, comida no frigorífico. A televisão estava acesa. Até tinha um copo de água junto à cama e um par de analgésicos, sabem? Quando vou para a bebedeira, deixo sempre água e analgésicos a postos para quando regressar.

Tristan assentiu.

– Também já fiz isso – confessou.

– Comunicaram o desaparecimento do Ulrich? – perguntou Kate.

– O Darren fê-lo. Ligou para a polícia, que ouviu e registou o seu depoimento, mas não se interessou muito.

– Quando foi isso?

Rachel teve de pensar.

– Foi em dois mil e oito, em outubro, perto do Dia das Bruxas.

– Lembra-se do apelido dele? – perguntou Tristan.

– Sim, Ulrich Mazur... – Soletrou-lhes o nome.

– O que aconteceu após terem chamado a polícia? – indagou Kate.

– Não soubemos nada dele e continuámos a pensar que podia ter fugido. Os trabalhos de canalização são pagos em dinheiro e soubemos depois que algumas pessoas para quem ele trabalhava lhe tinham dado dinheiro.

Kate viu uma mulher mais velha emergir da porta das traseiras do bar. Vestia calças de ganga e uma camisola elegante, e tinha ar de quem acabara de acordar; o cabelo curto aos caracóis estava desgrenhado e ela ajeitava-o junto a um pequeno espelho. Cumprimentou os idosos e anotou outro pedido de cerveja.

– O que a levou a associar o Ulrich aos desaparecimentos no nevoeiro? – perguntou Kate, devolvendo a atenção a Rachel.

– Na altura, nada. Passado um ano, conheci uma rapariga chamada Sally-Ann Cobbs. Muito nova. Acabava de ser expulsa do orfanato local.

– Porque foi expulsa? – perguntou Tristan.

– Fez dezasseis anos – disse Rachel. – Basicamente põem-nos na rua. Arranjou emprego nas limpezas do Harlequins e alugara um quarto.

– O Harlequins é o centro comercial em Exeter? – perguntou Kate.

– Sim. O mais merdoso – assentiu Rachel.

– É um bocado manhoso – concordou Tristan.

– O que aconteceu à Sally-Ann? – perguntou Kate, terminando o café.

– A Sally-Ann era outra das pessoas que eu costumava ver na Hedley House. Uma sexta-feira, estava bêbeda e envolveu-se com um tipo que a queria levar para casa. Ao fim da noite, estava completamente embriagada e lembro-me de que discutiram à entrada da discoteca, à frente da fila de táxis.

– Foi violento?

– Não. A Sally-Ann é que foi. Deu-lhe uma bofetada e desapareceu na noite. Já viu como é à volta da discoteca. Campos e charneca em redor daquela estrada solitária. Foi a última vez que alguém a viu.

Kate sentiu os pelos na parte de trás do seu pescoço a eriçarem-se.

– Alguém comunicou o desaparecimento? – perguntou.

– Sim, eu. Mais uma vez, demorei tempo a perceber que desaparecera. Conhecia uma das raparigas com quem a Sally-Ann trabalhava no Harlequins. Disse-me que há cinco dias que não aparecia no trabalho. Sabia que a renda da Sally-Ann estava em atraso porque ela dissera-me que estava preocupada com o dinheiro. Fui ao quarto dela e o senhorio encontrava-se lá, prestes a deitar fora as suas coisas.

– Passado quanto tempo? – perguntou Kate.

– Uma semana.

– Isso é ilegal.

– Era um quarto manhoso. Esses senhorios podem fazer o que querem. As coisas dela ainda estavam lá todas. Fotos, roupa, comida a estragar-se. Tinha acabado de encher o contador da eletricidade e do gás. O seu colar de São Cristóvão de prata encontrava-se junto à cama. A mãe dera-lho quando era pequena, antes de morrer... – Rachel levou a mão ao pescoço e tirou um colar de prata com um São Cristóvão. – É este. O sacana do

senhorio estava lá com sacos pretos, pronto para enfiar tudo no lixo. Não duvido de que ia pegar no pouco que ela tivesse de valor e vendê-lo. Levei o que pude, pensando que podia devolver-lho quando aparecesse, mas não apareceu...

– Falou com a polícia? – perguntou Tristan.

– Sim. Vieram conversar comigo, disseram que tinham posto a Sally-Ann na lista de desaparecidos... mas de que serve isso quando não temos ninguém que sinta a nossa falta?

– Lembra-se da data em que a Sally-Ann desapareceu?

– Sim, foi por alturas de novembro, em dois mil e nove.

Rachel parou e tirou um lenço sujo do bolso, limpando os olhos com ele.

– Lamento – disse Kate. – O que a leva a pensar que está relacionado com o nevoeiro?

– Na noite em que a Sally-Ann fugiu, à porta da discoteca, estava um nevoeiro denso. E lembro-me de que, da última vez que vi o Ulrich, eu e os meus amigos íamos todos enfiados num táxi de regresso a Ashdean. Estava nevoeiro cerrado e passámos por ele, que caminhava. Chegámos a parar, mas o taxista disse que ia cheio, e fomo-nos embora, deixando-o seguir a pé. Era um tipo simpático.

Bebeu outro gole do seu *Bacardi*. Kate via a culpa no rosto de Rachel.

– No ano passado, começou a trabalhar aqui uma rapariga chamada Kirstie Newett. Era um pouco...

Encolheu os ombros.

– Um pouco o quê? – questionou Kate; lembrou-se da nota adesiva no frigorífico de Magdalena, mas não a referiu e deixou que Rachel prosseguisse.

– Era um pouco mentirosa. Mentiras tolas, inúteis. Dizia uma coisa a alguém e o contrário a outra pessoa. Disse-nos que tinha um carro novo, quando não era verdade. E que comprara uma casa, mas vivia num quarto. Não me importava com ela. Então, num turno em que estávamos juntas, desapareceram trinta libras da caixa.

A Doris acabara de instalar uma câmara de segurança por cima da caixa, e fora a Kirstie. A Doris despediu-a... Isto à hora de

almoço. Nessa noite, ia para casa no meu carro quando a vi na paragem do autocarro com uma garrafa de cidra. Tive pena dela, ofereci-lhe boleia e perguntei-lhe porque retirara o dinheiro. Confessou que estava falida e que fora um erro estúpido. Quando chegámos ao local onde vivia, convidou-me para beber um copo. Começámos a falar e acontece que ela costumava frequentar a Hedley House. Então contou-me que, uma noite, gastara todo o dinheiro e não podia pagar um táxi para casa, por isso pusera-se a andar, por entre o nevoeiro. Disse que, a meio caminho de Ashdean, viu um carro parado na berma, e um velho abriu a janela e perguntou-lhe se queria boleia. Estava embriagada, com uma roupinha minúscula e fazia um frio de rachar, por isso aceitou. Mal entrou no carro, ele deu-lhe uma espécie de droga a cheirar e esmurrou-a. Passado algum tempo, acordou, sozinha no escuro. Manteve-a prisioneira durante dias numa espécie de cave; depois, atacou-a, apertou-lhe o pescoço e ela desmaiou. Em seguida, disse que acordou no banco de trás de um carro junto ao reservatório de Shadow Sands, no momento em que o tipo estava prestes a atirá-la à água! Disse que conseguiu soltar-se e fugir a nado.

– Acreditou nela? – perguntou Kate.

– Não.

– A Kirstie contou à polícia?

– Sim, disse-me que fez sinal de paragem a um carro do outro lado do reservatório e que o homem era polícia. Levou-a ao hospital. E que depois a enfiaram num hospital psiquiátrico.

– Referiu para que parte do reservatório é que o homem a levou? Dado que é grande – perguntou Tristan.

Rachel pensou por um momento.

– Sim, disse que fora no parque de campismo, porque havia um grande sinal junto ao local onde ele estacionara e onde ela acordou. Foi assim que soube... Mais uma vez, era conhecida por mentir. Bebi um copo com ela e fui-me embora, mais nada. Vi-a um par de vezes e disse-lhe olá, mas nunca mais me encontrei socialmente com ela.

– O que a levou a pensar, posteriormente, que ela dizia a verdade? – perguntou Kate.

– Bem, foi só há algumas semanas, quando a Magdalena esteve aqui com o Barry. Era uma mulher bastante simpática. Educada. Disse que estava a fazer um levantamento sobre mitos urbanos e bizzarrias locais, por isso falei-lhe no Ulrich, na Sally-Ann, na Kirstie e no nevoeiro, e tudo começou a encaixar no meu pensamento. Sei que a Kirstie pode ter ouvido falar nos desaparecimentos do Ulrich e da Sally-Ann, mas não me lembro de a ter visto em Hedley na altura. A Magdalena pediu-me o número de telefone da Kirstie. Ainda o tinha no meu telemóvel, por isso dei-lho.

A Magdalena perguntou-me tudo sobre o troço de estrada junto a Hedley House e a área circundante. E então aparece nas notícias que desapareceu, precisamente num dia de nevoeiro cerrado – disse Rachel. – É mais do que coincidência, não concordam?

Quando saíram do bar, Kate e Tristan ficaram alguns minutos sentados em silêncio no carro, a ouvir o som da chuva a bater nas janelas.

– Jesus – disse Tristan.

– É o parque de campismo. A Kirstie acordou no parque de campismo – observou Kate. – O Simon Kendal foi atacado no parque e acabou na água. Será que quem faz isto anda a raptar pessoas e a largar os corpos no reservatório? Ulrich e Sally-Ann.

»Faria sentido, então, que o Simon Kendal estivesse na água. Se foi passear durante a noite, pode ter ido parar ao outro lado do reservatório e sido atacado; talvez tenha ripostado ou sido atirado à água. Sinto dificuldade em perceber como acabou do outro lado da vedação.

– E se a Magdalena foi parar ao reservatório?

– Quando se anda a largar corpos, faz sentido utilizar pesos, principalmente com a profundidade do reservatório. Se não lhe tiverem colocado pesos, o corpo irá flutuar a certa altura – explicou Kate. – E depois há esta discoteca, Hedley House.

Tentava encaixar as peças, mas provocava-lhe dores de cabeça.

Eram quase três da tarde e a luz começava a desaparecer.

– Quero dar uma olhadela ao reservatório e ao parque de campismo.

Quando regressaram ao reservatório de Shadow Sands, a estrada levou-os numa grande volta, para lá do ponto onde o rio Fowey alimentava o reservatório e da área onde Kate e Jake tinham mergulhado. Kate abrandou ao passar pelo centro de visitantes, junto à central elétrica. Era grande, em forma de navio, e estava rodeado por terrenos bem tratados virados para a água.

– O Geraint foi ali tomar café e carregar o telemóvel quando o Simon desapareceu – lembrou Tristan. Havia luzes acesas nas enormes janelas em forma de escotilha que cobriam o edifício, mas, naquele dia cinzento, o parque estava vazio.

A central elétrica ficava junto ao centro de visitantes e tinha o formato de caixa com uma enorme cúpula de cada lado. Uma ponte atravessava a zona onde a água fluía através das turbinas, parando junto a uma pequena área de repouso à beira da estrada. O barulho das turbinas era forte e tornou-se ensurdecedor quando saíram do carro.

Dirigiram-se ao extremo da ponte, onde atravessava o topo da barragem de betão.

– Imagine cair desta altura! – gritou Tristan, enquanto olhavam para a acentuada e grande inclinação do outro lado da barragem. Bem abaixo, uma torrente lamacenta jorrava de duas enormes comportas para um amplo canal de betão. O canal transportava a água durante algumas centenas de metros, transformando-se em seguida num rio rápido que corria para a floresta circundante.

Regressaram ao carro e percorreram o resto da ponte, que acompanhava a enorme parede da barragem ao longo de quatrocentos metros. O parque de campismo ficava adiante, junto a uma tranquila estrada rural, tendo apenas um pequeno sinal a apontar para um intervalo nas árvores. Um caminho de terra ladeado por árvores descia sinuosamente em direção ao reservatório.

O parque de campismo era uma área de mato e relva seca com cerca de cem metros quadrados que descia até ao reservatório. Ao cimo, tinha um pequeno bloco de casas de banho entaipado e unia-se às árvores e à charneca.

– Não me lembro se o Geraint disse se acenderam alguma fogueira – comentou Tristan, olhando para várias marcas de queimado na relva.

– Acho que não. Referiu que tinham um pequeno fogão a gás, mas que não o acenderam, pois comeram feijões frios e chocolate – respondeu Kate.

– O que levaria o Simon a levantar-se durante a noite?

– Precisava de ir à casa de banho. Queria ligar a alguém.

– Pergunto-me se a polícia sabe onde está o telemóvel dele – observou Tristan.

Desceram até à vedação metálica de três metros junto à beira da água. Era resistente e sólida, com um rolo de arame farpado no topo. Um talude de lama e lixo com cerca de dez metros de largura descia até à água, que passava por eles em direção à central elétrica. Era cinzenta e fria. A luz começava a esmorecer e chuviscava.

– A vedação é sólida como rocha – comentou Kate, agarrando-a.

Olhou para o relógio. Entardecia. Kate estremeceu.

– É arrepiante, isto aqui. Imagina que precisas de ir à casa de banho, acordas a meio da noite e tens de te deslocar àquele bloco.

Olharam ambos para o bloco de casas de banho, junto ao caminho de terra e a uma fila de pinheiros.

Dirigiram-se para lá. Tristan pegou no telemóvel e ativou a lanterna. Kate empurrou a porta e, após um encontrão, esta abriu-se com um guincho. Havia três cubículos, um dos quais sem porta, e uma fila de lavatórios cobertos de sujidade e cheios de folhas. Uma pequena janela de vidro temperado, no cimo da parede das traseiras, estava entaipada, e o vento silvava por uma frincha na madeira. O chão de azulejo estava pejado de folhas.

– Cheira exatamente como esperava – disse Tristan, puxando a gola da camisola para cima a fim de lhe cobrir a boca e o nariz. Kate fez o mesmo. Passaram pelos dois primeiros cubículos. Tristan apontou a lanterna para o interior. A primeira sanita estava partida e dava a impressão de terem acendido uma fogueira lá dentro. O segundo cubículo tinha as portas meio penduradas das dobradiças e excrementos de aves manchavam o chão e o autoclismo. A última porta encontrava-se fechada.

Um barulho fê-los parar. Parecia um resfolegar. Afastaram-se um passo da porta, totalmente fechada, sem espaço por baixo.

Kate estendeu a mão para a maçaneta e puxou-a, mas a porta recusou-se a abrir. Ela sacudiu-a.

– Vão-se embora – disse uma voz masculina, cheia de sono. Sobressaltou-os.

Merda, disse Tristan em surdina, afastando-se. Kate perguntou-se quem usaria aquela casa de banho no meio do nada numa noite sombria de outubro.

– PONHAM-SE DAQUI PARA FORA! – gritou a voz, e a porta estremeceu, como se tivesse sido pontapeada.

Tristan estava já junto à saída.

– Kate! Vá lá! – disse ele.

– Volta e traz a lanterna...

– O quê? – silvou Tristan. Kate estava desconfiada, mas logicamente, pensou que podia ser um sem-abrigo e que talvez tivesse visto algo. Tirou um pequeno frasco de gás pimenta do bolso e mostrou-o a Tristan. Não era propriamente legal, mas trazia-o sempre consigo. Ele relaxou um pouco ao vê-lo à sua frente.

– Olá. Sou a Kate e estou aqui com o, hum, Tristan. Somos do abrigo local – disse. Houve uma longa pausa.

– Tenho todo o direito a ficar aqui. Estou a tentar dormir – respondeu a voz. Kate descontraíu um pouco. Tinha imensa pena daquele homem, por ter de se abrigar numa casa de banho nojenta.

– Certo. Tudo bem. Só queremos ver como está – disse ela. Ajeitando o pequeno frasco de gás pimenta, Kate vasculhou na bolsa e encontrou uma garrafa de água e uma barra de chocolate que comprara no posto de gasolina quando tinham parado para abastecer o carro. Pegou também numa nota de vinte libras. Tristan estava agora ao lado dela.

– Como se chama? – perguntou Kate.

– Não tem nada que ver com isso!

– Tenho aqui alguma comida e vinte libras... Pode abrir a porta para eu lhas dar?

– Deixe aí fora! – pediu a voz. Tinha um sotaque gutural da Cornualha.

– Não quero deixar uma nota de vinte libras aqui fora, não vá alguém levá-la – observou Kate. Verificou-se uma longa pausa, seguida do rumorejar e do bater de um pau contra o chão. A porta abanou e ouviu-se um estrondo, após o que esta se abriu. Kate escondeu o gás pimenta na palma da mão. Um homem de idade indeterminada estava deitado entre a sanita e a parede, imundo, o rosto tingido de laranja devido ao pó. Tinha uma longa barba eriçada e cabelo pelos ombros, que ou estava preso atrás ou num emaranhado de nós. Kate não conseguiu perceber. Vestia várias

camadas de roupa, manchadas e imundas, e um sobretudo rasgado. Ergueu-se sobre um cotovelo e pestanejou, fitando-os. Tinha uma garrafa partida na mão e apontava-a a eles, numa defesa pouco convicta.

– Não estamos aqui para lhe fazer mal – afirmou Kate.

Só conseguia ver um dos pés, com um sapato castanho roçado e unhas compridas e sujas a espreitar do cabedal. Percebeu então que a outra perna das calças estava presa junto ao joelho e amarrada com um cordel. Faltava-lhe o resto da perna. A tampa da sanita encontrava-se fechada e coberta por um pequeno quadrado de tecido. Nele, estavam um maço amarrotado de cigarros, uma caixa de fósforos, três cebolas e um pequeno canivete vermelho, coberto por uma camada de lama seca.

– Peço desculpa por o incomodar – disse Kate. As palavras pareceram-lhe estúpidas assim que lhe saíram da boca. – Sou a Kate e este é o Tristan.

– Já me disse isso! – exclamou o velho, retraindo-se ante a lanterna apontada ao seu rosto. Tristan baixou-a.

– Desculpe, companheiro, não queria encandeá-lo – interveio Tristan.

– Tome – disse Kate, estendendo a garrafa de água e o chocolate. Ele pegou-lhes, revirando-os nas mãos antes de os colocar cuidadosamente sobre o tampo da sanita.

Estava certa, pensou Kate. Era um sem-abrigo, e aquele talvez fosse um dos seus pousos habituais. Podia ter visto algo quando Simon e Geraint estavam a acampar.

Agachou-se e ergueu a nota de vinte libras. Ele fez menção de lhe pegar, mas Kate manteve-a fora do seu alcance.

– Dorme aqui muitas vezes?

– De vez em quando.

– É movimentado, o parque de campismo?

– Nunca. Ainda que sejam frequentes as idas e vindas durante a noite...

– Como assim?

– Há sempre miúdos a beber, raposas e uma carrinha. Desce até à água – disse ele.

– Que tipo de carinha? Quando? Consegue descrevê-la?
– Uma carrinha branca... Não sei. Tento apenas dormir – respondeu o velho.

– A carrinha vem de dia ou de noite? – insistiu Kate, chegando a nota de vinte libras para mais perto dele.

– Só estou aqui de noite. Meto-me na minha vida.

– É um belo canivete – observou Tristan. Brilhava à luz da lanterna e Kate viu que tinha uma inscrição. Fez menção de lhe pegar.

– É meu. Encontrei-o – defendeu-se o velho, prestes a tirá-lo da sanita.

– Só lhe dou estas vinte libras se me deixar vê-lo – replicou Kate. O sem-abrigo olhou para o dinheiro e deixou Kate pegar no canivete. Tristan aproximou-se a fim de olhar para ele.

Enquanto o virava nas mãos, Kate lembrou-se de que o irmão tinha um parecido, que levava para as reuniões dos escuteiros, com uma lâmina minúscula, que servia apenas para cortar um pedaço de fio ou descascar uma maçã. Kate mexeu no canivete e abriu-o. Tal como no do irmão, a lâmina era pequena e o fio não tinha corte. O cabo estava coberto de lama e Kate esfregou-a, revelando uma inscrição em letras minúsculas.

Para o Simon, no teu décimo segundo aniversário.

Tristan e Kate trocaram um olhar. Ele ergueu o telemóvel e tirou uma foto.

– Onde encontrou isto? – perguntou Kate ao sem-abrigo.

– Na lama junto à água. A maioria das coisas que estão na água ou foram perdidas ou deitadas fora, por isso não é roubar! É meu. MEU!

– Está a mentir. Há uma enorme vedação a separá-lo da água – disse Kate. O sem-abrigo continuava de olhos fixos na nota de vinte libras entre os seus dedos.

– É possível passar pela vedação! Junto ao caminho!

– Onde?

– Mais à frente, perto da central elétrica. Foi aí que o encontrei, na lama. Não vê o raio da lama? – gritou o sem-abrigo.

– Viu alguém junto à água quando encontrou isto? – perguntou Kate.

– Se vir pessoas, não vou lá abaixo. Patrulham a água com barcos. Não gosto de pessoas. São cruéis. – O sem-abrigo moveu-se rapidamente, estendendo a mão e retirando o canivete a Kate, bem como a nota de vinte libras. Enfiou-os nas pregas do casaco e tirou uma garrafa partida com um esporão de vidro. – AGORA SAIAM, ESTÃO A OUVIR? – gritou, sacudindo o braço com o vidro partido. Kate e Tristan recuaram para o exterior do cubículo e o homem bateu com a porta, pontapeando a madeira. Ouviu-se um estalido quando o fecho rodou. Kate bateu à porta, mas não obteve resposta. Voltou a bater, pedindo-lhe que abrisse, mas sem êxito.

Kate e Tristan deixaram o bloco de casas de banho e regressaram ao exterior, aliviados ante o gosto do ar fresco. Estava escuro e chovia com mais força.

– Temos de confirmar se o Simon tinha um canivete – disse Kate.

– Devíamos verificar a vedação – acrescentou Tristan.

Subiram os capuzes e desceram a relva até à vedação. O zumbido das turbinas da central parecia ter um tom mais agudo e, do outro lado, a água corria rapidamente.

Encontraram uma abertura nas árvores à direita, na direção da central. Tiveram de acender de novo as lanternas dos telemóveis. Dava para um caminho estreito. O barulho das turbinas tornou-se mais forte e Kate viu marcas de pneus na relva macia. O caminho estava ladeado por árvores. A alta vedação continuava do lado esquerdo.

Após poucas centenas de metros, o caminho alargava, formando um quadrado de terreno irregular, e durante alguns metros não viram árvores, só a cerca de metal.

Aproximaram-se e começaram a examiná-la com as lanternas dos telemóveis. Enfiando os dedos na terra musgosa onde o painel da vedação se ligava ao chão, Kate encontrou um pequeno pedaço de metal preso ao painel, que entrava num pequeno buraco do alto poste.

– Espera, há aqui qualquer coisa – disse ela. Tristan aproximou-se e, por um momento, sacudiram e puxaram o pedaço de metal.

Subitamente, o gancho saltou e o painel soltou-se. Conseguiram levantá-lo, deixando um intervalo de meio metro. Agacharam-se e rastejaram para o outro lado.

Aí, havia um talude coberto de musgo e algumas árvores, com um caminho livre até à água.

Saíram na margem lamacenta do reservatório, onde havia montes de lixo, lançado em várias filas com a alteração do nível das águas.

– O sem-abrigo disse que encontrou o canivete na lama junto à água – lembrou Tristan.

– Se o fez, como sabia da vedação? – perguntou Kate.

– O sem-abrigo ou o Simon?

– Ambos... – A voz de Kate esmoreceu, confusa.

Olharam para os dois enormes edifícios abobadados que alojavam as turbinas hidroelétricas. As luzes vermelhas piscavam em sintonia para alertar os aviões.

– Recuemos um pouco. O Simon levanta-se a meio da noite; sai da tenda e vai dar um passeio... – começou Tristan.

– Está escuro. Assustador como o raio. Está sozinho. Marado da cabeça. Tem aquele canivete, mas é quase um brinquedo. Talvez pegue também numa das cavilhas afiadas de metal, para se proteger, para se sentir seguro – disse Kate.

– Vem até aqui e, de alguma forma, descobre um buraco na vedação que desce até à beira da água.

– E se estava aqui alguém, a fazer alguma coisa junto à vedação? E o Simon viu? – perguntou Kate.

– Assustou alguém, que o atacou? E o Simon é esfaqueado com a cavilha.

– Sim.

– Então o Simon assustou alguém, mas a fazer o quê? – perguntou Tristan. Registou-se uma pausa. Kate dirigiu-se à beira da água. Estava agora escuro e as luzes da central refletiam-se na água negra à medida que passava em direção às turbinas. Por um momento, Kate deu voltas à cabeça, mas regressava sempre ao mesmo pensamento.

– A conclusão mais lógica neste momento é que o Geraint esteve envolvido. O Geraint e o Simon discutiram, acabaram na água e o Simon tentava fugir. Se tivesse entrado na água aqui, teria de lutar contra a corrente – disse ela, confusa. – Se estivesse gravemente ferido, teria sido sugado para as turbinas. Vês a água a ser puxada para as comportas?

Tristan assentiu.

– Mas decerto que o Simon nadaria até ao outro lado do reservatório; mesmo que inicialmente tivesse ficado desorientado, nadaria para o ponto de terra mais próximo – respondeu ele, apontando para as árvores à sua frente.

– Mas nadou mais de quilómetro e meio no sentido oposto, para longe da central elétrica. A adrenalina pode ter-lhe dado forças para continuar durante algum tempo. Está a fugir de alguma coisa. Logicamente, de um barco. Um barco passou-lhe por cima... Continuo a ter dificuldades em imaginar o Geraint a atacá-lo. Temos de falar outra vez com aquele sem-abrigo. Disse que viu uma carrinha, mas também pode haver um barco envolvido. Pode ter visto o Simon e o Geraint na noite em que o Simon morreu – disse Kate.

25

A chuva parou enquanto Kate e Tristan se dirigiam ao parque de campismo. Regressaram ao bloco de casas de banho e entraram, mas o último cubículo encontrava-se vazio. O sem-abrigo partira.

– Quanto tempo estivemos lá em baixo? – perguntou Kate. – Pensei que parecia pronto para passar aqui a noite.

– Deixou o papel do chocolate, mas todas as suas coisas desapareceram – observou Tristan, apontando a lanterna para o cubículo.

– Para onde iria ele? Estamos a quilómetros de tudo. Temos de o descobrir – disse Kate.

Vindo do exterior, ouviram o som forte de um motor e, pelo intervalo na janela entaipada, os faróis de um carro iluminaram o interior da minúscula casa de banho. Um veículo parou lá fora, mas o motor continuou a trabalhar.

Kate olhou para Tristan. Um tiro ensurdecedor reverberou pelo espaço minúsculo, e Kate agarrou-se ao braço de Tristan.

– Que diabo! – exclamou. Tinha os ouvidos a tinir. Saltaram de novo quando outro tiro foi disparado.

– Muito bem! Saiam daí de imediato – gritou uma voz de homem com forte sotaque da Cornualha.

– Quem é o senhor? – replicou Kate.

– Saiam! Estão a invadir propriedade privada – avisou a voz. Tinha uma autoridade e uma segurança que a fizeram pensar que se tratava da polícia.

– Fora! Não me obriguem a entrar aí!

Kate dirigiu-se à porta e anunciou quem eram.

– Somos professores da universidade. Não somos toxicodependentes nem sem-abrigo! Conhecemos os nossos direitos no que respeita a armas de fogo... – Receava que pudessem ser acidentalmente alvejados.

Fez-se silêncio, e então ouviram o estalido da cartucheira de uma arma a ser aberta e o tinido das balas gastas a cair.

Kate acenou para Tristan e, cautelosamente, saíram da casa de banho para a luz dos faróis do carro.

Ergueu a mão contra a luz. Era um homem de aspeto mais velho, bastante baixo e com roupa de caça, incluindo um longo impermeável. Tinha duplo queixo, o que indicava que rondaria os sessenta anos, mas de cabelo pintado de preto e penteado com risco ao lado. Estava com a arma aberta apoiada na curva do braço. Atrás dele encontrava-se um grande e velho *Land Rover*, salpicado de lama e com o motor ainda ligado.

– O que andam a fazer a invadir propriedade privada? – perguntou ele, olhando-os de cima a baixo.

– Estamos em terrenos públicos – insistiu ela. Tristan estava com as mãos no ar. Kate lançou-lhe um olhar e ele baixou-as.

– O parque de campismo, sim, mas recebemos uma chamada da central a informar que andavam duas pessoas na margem junto às comportas. Essa zona é propriedade privada, e muito perigosa. Podiam ter caído.

Kate fez menção de dizer algo, mas ele prosseguiu.

– Estou a lixar-me para a vossa segurança, mas se tivessem caído e acabassem nas turbinas, enfrentaríamos uma grande confusão e seríamos obrigados a encerrar.

– Trabalha na central elétrica? – perguntou Kate. – Posso ver a sua identificação?

A porta de trás do *Land Rover* abriu-se e uma senhora idosa saiu. Era surpreendentemente alta, da altura de Tristan. Vestia uma saia xadrez às pregas, galochas *Barbour* e um impermeável. Um lenço cobria-lhe a cabeça, mas o rosto de feições incisivas estava bastante maquilhado.

– Quem são vocês? Invadiram propriedade privada. Há uma multa de duas mil libras para tal prevaricação. Têm duas mil que possam dispensar? – perguntou, apontando com um dedo, cuja unha estava pintada com verniz vermelho, para o reservatório e depois para Kate e Tristan.

– Há um velho que tem dormido aqui dentro – disse Kate.

– O quê?! – exclamou a mulher, semicerrando os olhos.

– Disse que tinha fome e queria dormir – acrescentou Tristan. – Demos-lhe um chocolate.

– Como se chamam?

– Estamos em terrenos públicos. Não temos de lhe dizer o nome – argumentou Kate. A arrogância de alguns dos ricos e privilegiados não deixava de a surpreender.

– Estavam a invadir os meus terrenos e território do Governo. A central elétrica tem uma função vital enquanto serviço de utilidade pública. Agora saiam antes que levem um tiro e que os vossos familiares tenham de pagar uma multa.

– Sou detetive privada. O meu nome é Kate Marshall e este é o meu sócio, Tristan Harper. Estamos a investigar a morte do Simon Kendal. O seu corpo foi encontrado no reservatório em agosto.

Isto pareceu afetar a mulher.

– Sim. Um caso muito triste, mas a polícia está a tratar disso.

– Estamos também a investigar o desaparecimento de outra mulher, uma professora. Desapareceu nas proximidades do reservatório. Posso perguntar-lhe se a polícia fez alguma busca ao reservatório?

– Quem disse que era mesmo? – questionou a mulher, avançando para ela.

– Kate Marshall.

A mulher tirou a arma das mãos do homem.

– Oiça bem – disse ela, cuidadosamente. O homem mexeu no bolso e passou-lhe um cartucho, que ela introduziu no cano. – Este é o último aviso. Se voltarem a invadir propriedade privada, chamamos a polícia e serão processados. – O homem passou-lhe um segundo cartucho, que ela enfiou na arma, fechando em seguida o cano. – Fiz-me entender? – Devolveu a arma ao homem. Depois, dirigiu-se ao carro e sentou-se no lugar do passageiro, fechando a porta.

– Aquele é o seu carro? – perguntou o homem, apontando com a cabeça na direção do *Ford* de Kate.

– Sim.

– Entrem nele. Vão – ordenou, apontando-lhes a arma.

– Apontar-nos uma arma de fogo é tecnicamente uma agressão – observou Kate.

– É melhor saltarem lá para dentro, então, antes que eu tecnicamente puxe o gatilho – ameaçou ele. Tristan olhou para Kate, tentando não parecer assustado. Dirigiram-se ao carro dela e entraram. Kate viu o homem baixar o cano da arma, mas continuar a observá-los enquanto ela ligava o motor e arrancava.

– Jesus Cristo – disse Tristan, estendendo as mãos trémulas. – Eles podem fazer aquilo?

– Não, mas é a nossa palavra contra a deles. – Olhou pelo retrovisor, enquanto o *Land Rover* era obscurecido pelas árvores. – Gostava de saber porque apareceram. Não há uma empresa de segurança a sério que pudesse verificar? Estás bem?

– Sim. Nunca tinha ouvido uma arma a sério a ser disparada – disse ele.

Ouviram-se um rugido e, subitamente, o *Land Rover* apareceu na estrada atrás deles, abrandando apenas no último minuto, com o capô encostado ao seu para-choques. Kate viu o rosto sombrio com duplo queixo do condutor, bem como o contorno da idosa nas sombras do banco do passageiro.

Tristan olhou para trás, nervoso.

– Deixe-os ultrapassar, Kate.

Chegaram à estrada principal e Kate manteve a calma e saiu do cruzamento. Esperava que o *Land Rover* a ultrapassasse, mas manteve-se bem perto, quase a tocar-lhe no para-choques.

– O que está ele a fazer? – perguntou Tristan, enquanto Kate abrandava e ele fazia o mesmo. Os faróis do *Land Rover* estavam nos máximos e Kate retraiu-se contra a luz.

– A intimidar-nos – disse ela. Durante alguns minutos, arrastaram-se pelas estradas sinuosas. O coração de Kate palpitava-lhe no peito. Então, quando passavam por uns grandes portões à direita, o *Land Rover* virou abruptamente para a entrada e ficaram mergulhados na escuridão.

– Para onde foram eles? – perguntou Tristan. Kate abrandou, deu meia volta e regressou aos portões, parando à entrada. – Cuidado – disse ele.

Muito à frente, viu as luzes traseiras do *Land Rover* chegarem ao cimo de uma colina íngreme. No topo, conseguiam apenas distinguir os contornos de uma grande casa.

– Consegues ver o que diz no portão? – indagou Kate.

– Solar Allways – respondeu Tristan, olhando para a placa.

– Achas que podemos melhorar a imagem? – perguntou Kate, erguendo o *iPhone* de Tristan. Era a foto que ele tirara ao canivete na casa de banho do parque de campismo. Tristan estava embaraçado e irritado por a luz se ter refletido no metal, transformando numa mancha a inscrição gravada.

– Já a melhorei – respondeu, enquanto cortava vegetais para um salteado. Encontravam-se de novo em casa de Kate, e ele oferecera-se para preparar o jantar como agradecimento por ela o ter deixado ficar. – Lamento ter feito asneira.

– A culpa não é tua – disse Kate, pousando o *iPhone* de Tristan e pegando no seu. – Vou confirmar isto com a Lyn Kendal. – Marcou o número e prendeu o telemóvel debaixo do queixo. Abriu o frigorífico e Tristan viu que estava quase vazio. Tinha um enorme jarro de chá gelado na prateleira de cima, um pires com rodela de limão e alguns pedaços de queijo. – Vai para o correio de voz.

Kate desligou e encheu um copo com gelo de um saco no congelador. Tristan começou a cortar um pimento vermelho, vendo Kate concentrar-se em encher o copo, antes de o decorar com uma rodela de limão. Bebeu um grande trago, fechou os olhos e suspirou. Abriu-os e Tristan desviou o olhar.

– Desculpa as minhas maneiras. Queres uma bebida?

– Tem *Coca-Cola*? – perguntou ele, passando os pimentos cortados da tábua de cozinha para a frigideira. Ouviu-se um silvo agradável, seguido de um aroma delicioso, e Tristan mexeu um pouco. O seu estômago roncou.

– Sim, tenho. O Jake parece tomar banho nisso, por isso ainda tenho muitas – disse ela, abrindo novamente o frigorífico e tirando uma do fundo da gaveta.

– Porque não deixou uma mensagem à Lyn? – questionou-a Tristan, abrindo a lata.

– As mensagens podem ser ignoradas ou antevistas. Quero perguntar-lhe e ouvir o que ela diz. É um hábito. Aprendi na polícia

que é melhor falar com as pessoas...

O telemóvel de Kate voltou a tocar.

– Ah, é o Jake, desculpa – disse ela. Levou a bebida para a sala de estar e sentou-se numa das cadeiras junto à janela. Após o insólito e longo dia, era estranho regressarem à mesma casa. Tristan sabia que teria de voltar e enfrentar Sarah. Kate era fantástica, mas já passavam muito tempo juntos e não queria atrapalhar-lhe a vida. Continuou a cozinhar, ouvindo fragmentos da conversa.

– Pensava que estava decidido que vinhas cá passar as férias. É na próxima semana, querido. Gostava de saber, para me preparar e ir às compras – disse Kate.

Tristan cortou alguns cogumelos e deitou-os na frigideira, onde a comida estava a ficar bem cozinhada. Kate estava ainda ao telefone e ele queria saber se ela tinha alguns *noodles*. Sentia-se relutante em vasculhar-lhe os armários.

Baixou o lume sob a frigideira e pôs-lhe a tampa. Em seguida, abriu o portátil e entrou no *site* da Unidade de Desaparecidos do Reino Unido. Abriu o bloco de notas e consultou as anotações, introduzindo o nome «Ulrich Mazur» na caixa de pesquisa. O resultado vinha acompanhado de uma foto. Ulrich era bem-parecido. Tinha cabelo curto, louro-arruivado, olhos azul-acinzentados e rosto amplo e redondo, com as altas maçãs típicas dos eslavos. Era a foto de um documento de identificação, mas ele sorria – um grande sorriso caloroso com perfeitos dentes brancos. Vestia uma *T-shirt* escura e era muito magro. O relatório do desaparecimento tinha os seus dados escritos por baixo – um metro e oitenta e pesava setenta quilos.

Tristan percebeu que Kate continuava ao telefone, agora a conversar com outra pessoa. A conversa estava a ficar um pouco acalorada e Kate dizia constantemente: *Eu sei, mãe. A culpa não foi minha, estás a ouvir?*

A cozinha de Kate dava para a sala. Ponderou pegar no computador e ir para o piso de cima, mas havia a comida. Voltou a atenção para o segundo nome que Rachel lhes dera no The Wild Oak.

Introduziu «Sally-Ann Cobbs». Uma foto quase parecendo tirada sob coação, surgiu no ecrã. Sally-Ann aparentava ser muito pequena e estava a fazer uma careta, e com cabelo castanho, rosto maltratado e acne. Tinha dezassete anos aquando do seu desaparecimento. Lembrou-se do que Rachel Ihes dissera que, quando Sally-Ann chegara aos dezasseis anos, fora obrigada a deixar o orfanato e a sair para o mundo. Pensou nele e na irmã. Quando a mãe morrera, Tristan fizera quinze anos e Sarah dezoito. Se tivesse acontecido um par de anos antes, teriam ambos sido levados para um orfanato.

O silvo da comida no fogão arrancou-o aos pensamentos e levantou-se para ir mexer a frigideira.

Kate terminou a chamada e regressou à cozinha. Suspirou, dirigiu-se ao frigorífico e encheu o copo. Tristan perguntou-se se estaria a atrapalhá-la.

– Oiça, posso ir-me embora amanhã. Tenho de ir para casa; estou a ficar sem roupa lavada – disse ele.

– Não, podes ficar. Há dois quartos de hóspedes, ainda que não tenha a certeza se o Jake vem passar as férias... Começou a ir a um psicólogo. Um dos professores soube que tínhamos encontrado o corpo do Simon Kendal no reservatório. E agora a escola pensa que ele deve falar com alguém – disse Kate.

– Isso é bom, não é?

– É bom, sim. Mas aparentemente este psicólogo insiste em que o Jake tenha sessões regulares, à quarta-feira. Isso impede-o de passar cá uma semana. E o Jake fez amigos, com quem tem planos. – Kate pousou a bebida e esfregou os olhos. – Quem sabe? Podem estar a usar o psicólogo como desculpa para ele não me visitar...

Tristan viu muita emoção em Kate quanto à sua relação com Jake. A mãe dele passara grande parte da sua infância ausente devido à bebida e às drogas. Tanto quanto sabia, Kate ficara limpa quando Jake era muito novo, mas a sua mãe recusara-se a devolver-lhe a custódia. Tratava-se de uma situação complicada, e ele não sabia tudo, mas Kate era uma boa mulher que resolvera os seus problemas. Merecia ver o filho.

- A comida está pronta – anunciou Tristan.
- Cheira maravilhosamente – respondeu Kate, grata por ele ter mudado de assunto.
- Encontrei o Ulrich e a Sally-Ann – disse Tristan, apontando para o portátil enquanto servia o salteado em taças. Kate examinou as fotos.
- Impressionam, as fotos que utilizam para os desaparecidos – observou Kate. – Nunca acham que a polícia as utilizará em apelos ou memoriais... – Ficou um momento a olhar para as fotos no ecrã.
- Tinha a certeza de que a Rachel dizia a verdade, mas aqui estão eles, oficialmente.
- Sentaram-se à mesa para comer.
- Ainda quer falar com aquela jovem, a Kirstie? – perguntou Tristan.
- Sim. Vou tentar ligar-lhe de novo depois do jantar. Seria interessante fazer com que ela se abrisse e ver com que outros pormenores se sai, presumindo que não está a mentir... Sei que amanhã só se trabalha meio dia e depois vem a semana de leituras. Queres pesquisar na Internet um pouco sobre o reservatório de Shadow Sands e a Discoteca Hedley House? E ver também se há mais histórias de desaparecimentos. Pretendo descobrir quem é a mulher com o motorista que anda por aí de espingarda.

Magdalena fora perdendo e recuperando os sentidos no chão de azulejo da divisão de betão. O nariz e a cabeça latejavam-lhe intermitentemente de dor, mas conseguiu dormir durante algum tempo.

O tempo reduzira-se aos batimentos cardíacos. Chegava aos vinte e a fome e a exaustão levavam-na a perder a conta. Passado algum tempo, a dor na cabeça tornou-se mais forte e deixou de respirar pelo nariz. Sentou-se, encostada à beira da cama de betão. Tinha os pés e as pernas dormentes e foram precisos alguns dolorosos minutos a virar-se e a mover-se, em pânico com a possibilidade de estar paralisada, para que a sensação regressasse às pernas.

A sensação de formigueiro de quando um membro morto volta à vida sempre a deixara doente, mas, por uma vez, alegrou-se. Pôs-se de pé e lavou-se no lavatório, passando suavemente água pelo rosto e desentupindo uma das narinas. Também se fartou de beber, a deliciosa água fria a apurar-lhe a mente. Quando fechou a torneira, a divisão ficou de novo silenciosa. Esforçou-se por ouvir qualquer barulho vindo de cima. Tentando escutar para lá do palpar do coração e do som da respiração a sair-lhe pela boca.

Por duas vezes, pareceu-lhe sentir uma brisa no rosto húmido. Retraiu-se e estendeu os braços, imaginando que ele continuava ali no quarto com ela.

Tateou em torno da divisão, arranhando o ar à frente e ao lado, mas não sentiu nada. Regressou ao corredor, tateando as paredes e o espaço circundante, verificando a pequena casa de banho e chegando outra vez às portas do elevador. Eram frias e ela encostou-lhe o ouvido, à escuta.

Nada.

Cravou as unhas entre as portas e puxou com tanta força que uma unha se rasgou até ao sabugo.

Gritou de dor e levou o dedo à boca. A unha estava meio pendurada; a borda afiada afastada do leito ungueal e começando a sangrar.

Desatou a chorar. O que não daria por uma lima. Roeu a unha e arrancou metade, mas ficou com um espigão. Deslizou encostada às portas de aço e sentou-se no chão.

Veio-lhe ao pensamento uma história horrível, contada por Gabriela, a amiga da universidade. Uma noite, Gabriela fora atacada ao regressar da biblioteca. Passava por um bairro agradável e frondoso quando um homem mais velho em trajes de corrida a abordara para pedir informações. Fora educado e normal, era bastante bonito, mas quando conseguira a sua atenção, atacara-a e arrastara-a para um beco.

Jamais compreendera o porquê de Gabriela não ter lutado e, para ser sincera, julgara a amiga por dizer que ficara inerte e deixara que o homem a violasse.

Deixara. Deixara. Aquela palavra fora tão arrepiante para Magdalena. Agora, estava numa situação aterradora, à qual sabia que não sobreviveria. Se aquele homem ia matá-la, deixá-lo-ia fazer o que quisesse antes de lhe tirar a vida? Magoá-la-ia menos se assim fosse?

O pai sempre lhe dissera, bem como à irmã, que se defendessem se alguma vez se vissem envolvidas numa luta. Mas o progenitor fora educado com irmãos. Pensava como homem. Sempre quisera um filho para completar a família. Os rapazes são ensinados a lutar, mas deveriam as raparigas ser ensinadas a fazerem-se de mortas? Magdalena era lutadora, mas a situação terrível e aterradora em que se encontrava fazia-a pensar de forma diferente. Como podia ter julgado Gabriela quando o que ela fizera fora tentar sobreviver?

A adrenalina que lhe corria nas veias pareceu subitamente baixar, e sentiu-se exausta. Nunca se sentira tão cansada. Encostou-se à parede, aninhando-se na parte onde esta se unia ao chão.

Não durmas! Não podes dormir!, exclamou uma voz urgente na sua cabeça, mas Magdalena inspirou e expirou, e sentiu-se inundada por uma sensação de calor.



Acordou fria e alerta. Engolindo e sentindo baba no canto da boca. Um som ténue fê-la parar de respirar. Vinha do interior da divisão. Estendeu as mãos. Estava deitada na cama... Como chegara ali?

Ouviu o som de um sapato a roçar no chão. Uma ligeira inspiração. O som de alguém a engolir. Acabara de engolir? Não. Era outra pessoa. Estaria por cima dela? Ou mais longe, a observá-la de um canto?

Na mente, viu o rosto do pai. A escuridão era tão absoluta que via coisas em pensamento, mesmo de olhos abertos. Os olhos piscavam-lhe inutilmente na escuridão.

Nunca enfies o polegar no punho quando esmurrares alguém!, disse ele.

Então, viu Gabriela, deitada inerte num beco, como muitas vezes a imaginara. O homem por cima dela. Os seus olhos arregalados e uma poça de sangue a espalhar-se debaixo dela enquanto ele investia.

Cerrou os olhos inúteis e apoiou-se na cama para lutar. Não o sentiu aproximar-se e chegou-lhe de novo aquele ténue cheiro a químicos.

– Queres tocar as estrelas? – perguntou uma voz junto ao seu ouvido. Ao arquejar de choque, Magdalena inalou o químico e sentiu o frasco debaixo do nariz. A cama pareceu engoli-la e perdeu os sentidos.

Após as palestras da manhã, Kate e Tristan levaram o almoço para o gabinete e começaram a pesquisar *online* sobre o reservatório de Shadow Sands. Descobriram que fazia parte de uma propriedade maior, composta por terrenos e edifícios pertencentes à aristocrática família Baker. Quando a família se endividara, nos anos 1940, a solução fora erguer uma barragem no rio Fowey, que atravessava a propriedade, e construir uma central hidroelétrica. Em 1953, seis aldeias e os campos circundantes foram inundados para construir a barragem e a central.

Descobriram também que a mulher que aparecera no parque de campismo no dia anterior era Silvia Baker, que, aos oitenta e dois anos, era a mais velha descendente viva dos Baker. Com os sobrinhos Thomas, de cinquenta e um anos, Stephen, de quarenta e dois, e Dana, de quarenta, era a proprietária da empresa Shadow Sands. Não desvendaram o nome do homem com a espingarda.

Tinham pesquisado no Google os nomes «Ulrich Mazur» e «Sally-Ann Cobbs» junto com as palavras «reservatório de Shadow Sands», nada obtendo que os associasse ao reservatório. Mas Kate encontrara muito material *online* sobre um grupo de manifestantes locais chamado Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza, e tinham passado a última hora a estudar os resultados da pesquisa.

– Esta aliança parece ter qualquer coisa contra os Baker – observou Kate. – Há montes de coisas, protestos e petições sobre como a central hidroelétrica prejudica o ambiente, e parece existir uma longa disputa quanto aos vários caminhos pedonais públicos que atravessam a propriedade e passam junto ao reservatório. Há dois anos, parece que a Silvia Baker deixou que os seus *rottweilers* atacassem um par de caminhantes no trilho que passa perto da sua casa, o Solar Allways. Foi multada em tribunal e os cães tiveram de ser abatidos.

– Coitados dos cães – disse Tristan. – A Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza tem conta no YouTube. Há uma reportagem de

mil novecentos e noventa e um sobre corpos encontrados na água.

Kate juntou-se a ele. Tristan carregou num vídeo intitulado TERCEIRO CORPO ENCONTRADO NO RESERVATÓRIO DE SHADOW SANDS 3/3/1991.

Era de um noticiário local. No topo do ecrã, aparecia escrito PENNY LAYTON, JORNALISTA, e uma jovem jornalista de impermeável azul surgia na relva do parque de campismo junto ao reservatório. À esquerda, tinha o bloco de casas de banho, com um aspeto mais novo e mais limpo em 1991. O céu estava coberto de nuvens baixas e a pouca distância, num barco, uma equipa forense de resgate retirava da água um saco para cadáveres.

– O corpo de uma jovem foi descoberto durante uma patrulha de rotina por um dos técnicos de manutenção que verificam regularmente o reservatório – dizia Penny. – Há vários meses que a empresa Shadow Sands está sob pressão no sentido de vedar o lado norte do reservatório. É o terceiro corpo encontrado em igual número de anos. Há dois anos, foi descoberta uma jovem e, no verão passado, Peter Fishwick, um rapaz de nove anos, afogou-se enquanto acampava aqui com a família.

– Olha. Isto foi antes de colocarem a vedação junto à água – disse Kate.

A câmara passou então para Penny Layton à entrada de um bar, correndo em direção a uma Silvia Baker de aspeto mais novo a entrar num *Land Rover*. Silvia vestia um casaco *bordeaux* com orla de pelo a condizer. O cabelo castanho-escuro preso num elegante carrapito. O mesmo homem de aspeto musculado que ameaçara Kate e Tristan com a espingarda segurava-lhe a porta.

Silvia pareceu desconfortável quando Penny lhe pôs o microfone debaixo do nariz.

– Silvia Baker, pode comentar o cadáver que foi encontrado no reservatório?

– As minhas mais profundas condolências pelo afogamento desta jovem – disse ela.

– A polícia ainda não confirmou a causa da morte – observou Penny.

– Sim, claro, mas só posso imaginar...

– É o terceiro cadáver encontrado no reservatório em três anos...
– Estamos a colaborar, quando apropriado, com as autoridades a todos os níveis. Não posso dizer mais nada.

– A Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza tem feito repetidamente pressão para que o lado norte do reservatório seja vedado. Irá a empresa assumir a responsabilidade pela morte desta rapariga, caso se determine tratar-se de afogamento?

As narinas de Silvia dilataram-se.

– Lutámos muitos anos para que o parque de campismo fosse transferido para um local mais seguro, mas é uma serventia que o público parece insistir em utilizar. Sendo assim, têm de assumir a responsabilidade pela sua própria segurança. Existe uma sinalização clara a dizer que não se deve entrar na água...

– Está a perder a calma – observou Tristan.

– As pessoas têm de assumir a responsabilidade pela sua própria segurança! – exclamou Silvia no vídeo.

– Está a dizer que a culpa é deles? Foi por culpa própria que o Peter Fishwick se afogou? Tinha nove anos.

O motorista de cabelo pintado de preto conduziu Silvia ao banco de trás do carro e pousou a mão sobre a lente da câmara.

Abruptamente, o vídeo terminou.

– Espera aí – pediu Kate, pegando no computador e pesquisando. – Aqui está, Peter Fishwick... A sua morte *foi* depois classificada como afogamento accidental. Pobrezinho.

– Há aqui outro vídeo, datado de dois anos depois – disse Tristan, apontando para os resultados da pesquisa no YouTube. Chamava-se PROCESSO JUDICIAL DO RESERVATÓRIO DE SHADOW SANDS – 6/7/1993. Kate clicou no *link*.

O vídeo começava à entrada do tribunal de Exeter. Silvia Baker vinha a sair do tribunal, descendo os degraus até ao carro. O mesmo homem de cabelo pintado de preto abriu-lhe a porta. A câmara alcançou-a no momento em que se sentava no banco de trás. Silvia estendeu a mão, afastou a lente e bateu a porta com força.

O condutor apressou-se a entrar e o carro arrancou com um chiar de pneus, passando por um grupo de manifestantes com cartazes

feitos em casa que diziam: **tornem shadow sands seguro! protejam o nosso direito de passagem! direito de acesso à natureza!**

Penny Layton estava à porta do tribunal, diante dos manifestantes.

– Após um longo processo judicial, a empresa Shadow Sands perdeu o último recurso, tendo recebido ordens para construir uma vedação de três quilómetros em torno do lado norte do reservatório – disse ela. – Estima-se que os custos legais e de construção deverão rondar os três milhões de libras. O programa *Spotlight*, da BBC, teve hoje acesso ao projeto para ver as pesadas vedações que estão a ser construídas ao longo do lado norte do reservatório. Hoje, os irmãos Baker até deram uma ajuda na construção!

A câmara passou para Penny Layton junto a dois homens e uma mulher. Pareciam rondar os vinte anos e estavam todos de calças de ganga, botas pesadas e casacos espampanantes com um ar estranhamente limpo.

– Lorde Baker, se me permite que comece por si – disse Penny ao primeiro jovem. Era alto e magro, com o cabelo escuro penteado com risco ao lado.

– Por favor, trate-me por Thomas – pediu ele, desconfortável. Era muito eloquente.

– Thomas. Nos últimos cinco anos, afogaram-se três pessoas no reservatório. Porque demoraram tanto a construir a vedação?

– Há muito tempo que fazemos campanha para que este lado do reservatório seja fechado ao público – respondeu Thomas. – Raramente é utilizado, mas existe um pequeno número de pessoas que insistem em mantê-lo aberto como direito de passagem... – acrescentou. Era um jovem sério, que olhava para o chão, desconfortável face ao olhar da câmara.

– Penny. Se me permite intervir... – pediu o jovem que estava ao lado de Thomas. Penny voltou o microfone para ele. Era muito atraente, de cabelo louro arranjado. – Sou o Baker mais novo, Stephen. O suplente do herdeiro, por assim dizer... Estamos a construir a mais forte das vedações para tornar esta área segura. A Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza portou-se de forma

horrível. A nossa família tem sido alvo de ameaças odiosas e de todo o tipo de coisas desagradáveis. Pensava que os caminhantes eram pessoas simpáticas, mas são tão maus como os terroristas!

– Devemos concentrar-nos no lado positivo – disse Dana Baker, inclinando-se para o microfone a fim de impedir o irmão de continuar a falar. Era baixa e loura, com cabelo curto. – Estamos profundamente perturbados por a Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza ter empatado este caso em tribunal durante tanto tempo. Estes acidentes podiam ter sido evitados, mas o dia de hoje representa um passo positivo para a construção de um local mais seguro para o público.

A reportagem passou para uma série de vídeos mostrando vários manifestantes com faixas e *T-shirts* da Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza. No primeiro, gritavam aos cavalos de uma montaria local. O segundo mostrava-os a protestar à entrada do tribunal de Exeter e, no último, um grupo estava no parque de campismo, a lançar à água uma enorme jangada de madeira, repleta de algum tipo de material. Gritaram e aplaudiram enquanto incendiavam o material e a jangada ardente era puxada pela corrente em direção à turbina hidroelétrica, desaparecendo pela comporta.

– Contactámos a Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza, mas não estavam disponíveis para tecer comentários – concluiu Penny Layton.

Kate e Tristan ficaram em silêncio durante um momento.

– Temos de descobrir o nome das duas mulheres cujos corpos foram encontrados no reservatório – disse Kate. – A primeira terá sido em mil novecentos e oitenta e nove, o rapaz afogou-se no verão de mil novecentos e noventa e, a julgar pelo vídeo, parece que o corpo foi retirado no dia três de março de mil novecentos e noventa e um.

– Temos então a Magdalena, que desapareceu perto do reservatório – prosseguiu Tristan. A quatrocentos metros da água, por isso não está diretamente relacionado com o reservatório. Depois, o Simon Kendal, encontrado por si em agosto, o Ulrich Mazur, que desapareceu ao regressar a casa da Discoteca Hedley

House em outubro de dois mil e oito, e a Sally-Ann Cobbs, em novembro de dois mil e nove.

– Sete pessoas, com quatro corpos, ou três. Intuo que a morte da criança de nove anos é diferente. Afogamento accidental. Temos de descobrir – disse Kate.

– Estarão ligadas? Ou queremos que haja uma ligação? – questionou Tristan.

– Estatisticamente, pode haver acidentes junto a um reservatório, sobretudo com nevoeiro – concordou Kate. – Pessoas que vão pela estrada podem desviar-se, cair e afogar-se, mas se o reservatório tem barcos de manutenção a percorrê-lo regularmente, porque não haveriam de encontrar os corpos? A não ser que lhes sejam colocados pesos, os cadáveres flutuam... – O telemóvel de Kate começou a tocar na secretária e ela pegou-lhe, olhando para o ecrã. Ergueu os olhos para Tristan. – É a Kirstie, a rapariga do bar que disse ter sido raptada.

Kate combinara encontrar-se com Kirstie Newett na sexta-feira à noite, num Starbucks em Frome Crawford, uma vila nos arredores de Exeter. Quando chegou, Kirstie já lá estava, sentada a uma mesa tranquila ao canto. Destacava-se dos estudantes a trabalhar nos portáteis. Kate sabia, de ter falado com Rachel no The Wild Oak, que Kirstie rondava os vinte e cinco anos, mas parecia mais velha. Vestia *leggings* pretas, com ténis brancos sujos e um polar azul-pálido com capuz debruado a pelo. Tinha o cabelo louro penteado para trás de uma testa alta, ampla e reluzente, e alguns centímetros de raízes negras.

– Obrigada por se encontrar comigo – disse Kate, uma vez instaladas com as respetivas bebidas. – O que a levou a decidir falar comigo?

– A Rachel, do Wild Oak, ligou-me. Contou-me o que se passava... – disse Kirstie. – E eu investiguei-a. Vi coisas *online*. Como todos se voltaram contra si quando descobriu que o seu chefe na polícia era aquele assassino em série. Teve uma vida difícil.

– Continuo a estar melhor do que a maioria das pessoas – observou Kate.

– Ninguém acreditou no que me aconteceu. Pensei que, se falasse consigo, isso me pudesse fazer sentir que não estou maluca.

Kate anuiu.

– É mesmo detetive privada?

– Faço isto como extra. Importa-se que tire apontamentos?

– Não; quer dizer, não, não me importo... – disse Kirstie. Estava constantemente a estabelecer contacto visual e a desviar o olhar. Também sacudia nervosamente a perna. Kate perguntou-se se estaria sob a influência de algum tipo de droga, mas Kirstie tinha as pupilas dilatadas e não lhe cheirava a álcool. Tinha apenas um cheiro sedição a odor corporal velho e a tabaco.

– Podemos começar pela data em que aconteceu, se conseguir lembrar-se? – perguntou Kate.

– Saí à noite, fui a Hedley House. Em finais de setembro de dois mil e nove – disse Kirstie. – Trabalhava no Wild Oak e arranjava unhas como extra, tipo, a partir de casa. Passara por vários empregos e poupara o suficiente para comprar o meu *kit* de manicura.

É preciso uma lâmpada ultravioleta, mais os gastos em vernizes, além dos acessórios. Era muita coisa. Na altura, estava também a receber o subsídio de desemprego e achava que podia arranjar unhas como extra e recrutar clientes, mas uma cabra qualquer denunciou-me ao Centro de Emprego. Cortaram-me o subsídio. Foi nessa altura que fui a Hedley, ao fim da noite, e estava bêbeda.

– Estava com alguém?

Kirstie abanou a cabeça.

– As raparigas do trabalho tinham dito que iam, e pensei que as encontraria lá, o que aconteceu... Mas, ao fim da noite, estavam todas envolvidas com gajos ou já tinham ido para casa. Tinha uma nota de cinco no bolso e precisava de cigarros. Na altura, vivia em Ashdean e decidi ir a pé para casa.

– Já o tinha feito antes?

– Uma ou duas vezes; havia montes de pessoas a fazê-lo no verão, quando estava calor. Era divertido, porque encontrava-se sempre um grupo a regressar a Ashdean, mas fazia muito frio para setembro. Ia a descer a estrada; passaram vários carros, mas ninguém parou. Então veio o nevoeiro. Seguiu pelo meio da estrada para que os carros pudessem ver-me, como é suposto fazermos, mas tive de subir para a berma porque o nevoeiro ficou cerrado e havia automóveis a circular. Então, um deles parou.

– Onde?

– Não sei. Numa berma qualquer.

– Já tinha passado o reservatório de Shadow Sands?

– Julgo que sim. Estava embriagada e o nevoeiro era imenso. Caí um par de vezes, quase acabei numa vala. E ali estava aquele carro, parado à beira da estrada.

– Que tipo de carro era?

– Uma carrinha clara, com as luzes acesas no interior e um velho no lugar do condutor. Abriu a janela e parecia simpático. Tinha sotaque local, e perguntou-me se estava maluca, para andar assim a pé! Estava gelada. Vestia apenas uma saia curta e um top. Não tinha casaco. Lembro-me de como o carro estava quente quando ele abriu a janela. O ar quente fluiu sobre mim.

– Que aspeto tinha ele ao certo?

– Tinha boina, muito cabelo grisalho a espreitar por baixo, como se estivesse a ficar comprido e fosse altura de o cortar. Tinha também um nariz grande, como um gnomo. Barba farfalhada e bigode. Óculos grossos, que faziam com que os olhos parecessem grandes. Tinham uma cor estranha, púrpura-azulado...

Remexeu-se na cadeira e baixou os olhos para a mesa, mexendo no copo de papel.

– Está bem? Precisa de parar? – interveio Kate. Kirstie olhou em volta. As pessoas começavam a diminuir; restavam alguns estudantes, a trabalhar nos portáteis, de auriculares ligados.

– Não. Estou bem.

– O que aconteceu a seguir?

– Perguntou-me para onde ia e se queria boleia. Parecia um velho trémulo e simpático. Dei-lhe uma morada falsa, achando-me tão esperta e que ia fazer com que ele me deixasse a algumas ruas do meu apartamento, e entrei para junto dele. Fechei a porta. Ele trancou-as. Ficou calado durante meio minuto, ou assim. E lembrar-me-ei sempre de que se virou para mim, mudou de tom de voz e perguntou: *Queres tocar as estrelas?*

»De repente, inclinou-se para mim e enfiou-me um frasco debaixo do nariz. Agarrou-me pela parte de trás da cabeça e obrigou-me a cheirá-lo.

– O que acha que era? Nitritos?

– Não. Algo mais forte. PCP, pó de anjo. Já estava embriagada e aquilo fez-me sentir como se voasse. Foi tudo pelos ares e devo ter desmaiado. Acordei mais tarde, num quarto.

– Onde?

– Não sei... Estava um negrume de breu... – respondeu, com a perna a sacudir-se rapidamente e as mãos a tremer.

– Está tudo bem – disse Kate, tomando-lhe as mãos nas suas. Kirstie soltou-as. Uma das mangas subiu e Kate viu cicatrizes a atravessarem-lhe o pulso. Kirstie puxou a manga de novo para baixo.

– Alguma vez esteve num sítio tão escuro que tanto faz se abre ou fecha os olhos? Apenas escuridão. Nada.

Kate lembrou-se de uma viagem de estudo a França em que tinham visitado uma gruta e o guia apagara as luzes por segundos. Recordou-se do medo naquele curto período na escuridão absoluta.

– Sim.

– Havia um quarto com uma cama e um lavatório ao canto, e descobri que tinha água. Bebi da torneira. Havia um corredor e mais algumas divisões, acho. Nunca vi. Limitei-me a tatear por ali.

– Quanto tempo lá estive?

– Não sei. Dias. Havia um elevador ao fundo do corredor.

– Como sabia que era um elevador?

– Ouvia-o, pelo barulho, e um dia andava a tatear por ali quando o elevador começou a descer e as portas abriram-se...

Kirstie teve de parar para respirar fundo.

– Um homem saiu do elevador às escuras – disse ela.

– Tem a certeza de que era um homem?

– Cheirava como um.

– Era um cheiro mau? – perguntou Kate.

Kirstie assentiu.

– Rançoso, a suor.

– Magoou-a?

– De início, não. Fugiu. Caí e magoei-me, e então... ele perseguiu-me.

– Perseguiu-a?

– Observou-me, seguiu-me. Senti-o tocar-me algumas vezes... Deixei que me tocasse... Pensei que isso o impediria de me fazer mal.

– Quanto tempo durou?

– Pareceram-me horas. Depois, obrigou-me a cheirar novamente a droga, o químico. Quando acordei, tinha desaparecido.

– Quantas vezes o fez?

- Não sei, três ou quatro.
- Isso foi durante vários dias ou horas? – perguntou Kate, pensando que o tipo mantinha as vítimas vários dias.
- Na altura, não sabia, pareceram-me muitos dias.
- Como conseguiu fugir?
- Não consegui. Fiquei muito doente, com febre e alucinações, e foi então que ele me estrangulou. Não me lembro de tudo, mas encurralou-me a um canto, agarrou-me pela garganta, apertou-a e desmaiei. Não sei se pensou que eu estava morta, mas acordei mais tarde dentro de um carro. Era de noite e o automóvel estava todo embaciado por dentro, e encontrava-me embrulhada num lençol. Consegui sair do veículo. Lembro-me de ver um sinal para o parque de campismo de Shadow Sands. Vinha um barulho da central elétrica. Ele estava lá fora e seguiu-me para a água...
- Que aspeto tinha?
- Não sei. Tinha a garganta inchada. Tinham-me rebentado veias nos olhos. Era tudo um borrão. Era uma forma, nem alta nem baixa. Limitei-me a correr para a água e comecei a nadar.
- Fugiu do carro para a água? Havia algumas árvores entre si e a água?
- Havia uma vedação, e tinha um buraco.
- Ele seguiu-a para a água?
- Sim, mas continuei a nadar e então ouvi o som de um barco a motor. A água estava gelada, mas o ar era quente, o que desencadeou uma névoa ou vapor à superfície. Era lindo... Parece estúpido, mas deu-me vontade de viver. Fez-me querer ver o nascer do Sol e senti-lo de novo no rosto, por isso continuei a nadar até ao outro lado. Ouvia o barco a aproximar-se, mas o nevoeiro tornou-se mais denso e escondeu-me.
- » Fiquei surpreendida quando cheguei à margem, do outro lado do reservatório. Havia um lugar onde os ramos das árvores eram baixos e tocavam na água. Agarrei-me a um deles. Não sei quanto tempo ali fiquei deitada. Ouvia constantemente o barco a motor a andar para a frente e para trás, até que se calou. Saí da água e atravessei o bosque, e quando cheguei à estrada, fiz parar um

carro... Foi um erro. Quase tão mau como ter entrado no carro no meio do nevoeiro.

– Porquê?

– O condutor era polícia. Estava fora de serviço.

– Lembra-se do nome dele? – perguntou Kate.

– Sim. Arron Ko.

Kate ficou paralisada, com a chávena de café na mão.

– Tem a certeza de que era esse o nome?

– Sim. Era asiático. Lembro-me do nome invulgar. Mostrou-me a identificação quando chegámos ao hospital e os médicos pareciam saber quem era. Encontrou um médico que me examinou de imediato. Quando me vi ao espelho, fiquei chocada. Tinha hematomas horríveis à volta do pescoço. Os meus olhos estavam quase vermelhos, devido às veias rebentadas. Tinha uma infeção renal. O médico ouviu-me, foi simpático e fez alguns exames. Depois, levaram-me para uma enfermaria, deram-me uma cama e simplesmente adormeci.

Nesse momento, Kirstie começou a chorar e limpou os olhos com um par de guardanapos.

– Não sei quanto tempo passei adormecida, mas quando acordei no dia seguinte, uma enfermeira levou-me a tomar banho e deu-me roupas limpas, após o que me enfiaram numa ambulância e disseram que ia ser internada. O médico diagnosticara-me como paranoica... Tentei fugir e gritei o mais que pude. Tinha a garganta toda lixada. Então, manietaram-me e deram-me uma injeção.

– Voltou a ver o polícia?

– Não. Acordei num hospital psiquiátrico. Uma unidade segura perto de Birmingham. Encheram-me de drogas e perdi-me por completo.

– Quanto tempo passou na unidade de segurança?

– Quase quatro meses. Quando voltei, tinha perdido o apartamento e puseram-me numa pensão até conseguirem arranjar-me uma casa camarária.

Por um momento, Kate não soube o que dizer. Estava chocada por Kirstie ter referido Arron Ko.

– Alguma vez foi registado um relatório policial com as suas alegações?

– Não sei.

– Voltou à polícia para fazer queixa?

Kirstie recostou-se.

– Ouviu alguma coisa do que lhe contei? Um homem prendeu-me, drogou-me e depois ninguém acreditou em mim. Foi o sacana de um polícia corrupto que me fez isto. Perdi tudo. Acha que vou a correr para a esquadra fazer o raio de uma queixa?

– Foi uma pergunta estúpida, desculpe – respondeu Kate.

Kirstie abanou a cabeça e olhou para a mesa.

– Acredita em mim? – perguntou ela, olhando para Kate, desafiante.

– Acredito, sim.

Kirstie assentiu.

– Ainda bem. Porque é tudo verdade... Aquela rapariga, a Magdalena. Desapareceu há cinco dias, não foi?

– Sim.

– Quando o polícia me levou ao hospital, descobri que tinham passado dez dias desde que o homem me drogara no nevoeiro. Mantive-me presa durante dez dias. Anda à procura dela?

Kate não estava preparada para que a conversa avançasse tão rapidamente para ela.

– Não sabia que estive prisioneira durante tanto tempo.

Kirstie estendeu a mão e pegou na de Kate.

– Prometa-me que vai encontrar esta Magdalena. Foram tantos os homens que me desiludiram, a polícia, os assistentes sociais, os médicos... Pensei muitas vezes em acabar com tudo. Talvez ainda não o tenha feito porque estava destinada a falar consigo e a contar-lhe a minha história.

Kate aquiesceu.

– Promete-me, então? – perguntou Kirstie.

– Prometo – respondeu Kate. Esperando ser capaz de cumprir a promessa.

Após Kate ter saído do gabinete para se encontrar com Kirstie, Tristan recebeu uma mensagem de Sarah:

FICO NO APARTAMENTO DO GARY
ATÉ AO CASAMENTO.

Sem qualquer olá ou adeus nem *emojis* sorridentes. Preocupava-o que não se tivessem reconciliado, mas um pouco de espaço seria bom para os dois. Saiu do gabinete e regressou ao apartamento, mudou para a roupa de desporto e foi correr ao longo da orla marítima, passando pelo salão de jogos e saindo pelo outro lado de Ashdean.

A corrida limpou-lhe a cabeça e Tristan foi para casa e tomou duche. Vestiu-se, preparou uma torrada com esparguete e foi para a sala, desfrutando do silêncio enquanto comia. Pegou então no portátil e começou a tentar descobrir os nomes das duas jovens encontradas a flutuar no reservatório em 1989 e 1991. Pesquisou e descobriu-as: Fiona Harvey e Becky Chard. Ambas vinham de meios pobres; no jornal, Fiona era descrita como desempregada, tendo crescido num orfanato. Becky estava também desempregada aquando do seu desaparecimento e vinha de uma família monoparental.

Em seguida, fez uma lista de todas as vítimas, desaparecidas e encontradas, começando por Magdalena e recuando a partir dela.

Ainda trabalhava na lista quando Kate ligou para dizer que terminara o encontro com Kirstie e ia caminho de Ashdean. Tristan perguntou-lhe se queria passar pela sua casa para comer qualquer coisa, acrescentando que Sarah não estaria lá.

Quando Kate chegou, Tristan preparou-lhe chá e torradas.

– Para que são as caixas? – perguntou ela, sentando-se no sofá com o prato.

– É o álcool livre de impostos para o casamento da Sarah... Oh. Merda. Incomoda-a?

Tristan viu como Kate olhava para as caixas de vodka *Smirnoff* e uísque *Teacher's*, quase com desejo.

– Tens chá gelado? – perguntou.

– Acho que tenho uma garrafa de chá *Lipton* – respondeu ele. Correu para a cozinha e pegou num copo de sumo com algum gelo, enchendo-o. Enfeitou-o com uma rodela de limão, tal como a vira fazer. Kate pareceu aliviada e grata quando ele lhe estendeu o copo.

– Salvaste-me a vida – disse ela, bebendo um grande gole. Comeu um pouco das torradas e, entre bocados, contou-lhe a história de Kirstie.

– Arron Ko? Jesus – exclamou Tristan. – Acha que ela se enganou?

– Quantos oficiais superiores asiáticos existem na polícia de Devon e na Cornualha? Podem ser mais agora, mas isto foi há alguns anos – replicou Kate.

– O que significa que não podemos confiar no Henry Ko?

– Não.

– E este tipo manteve a Kirstie presa durante dez dias no escuro?
– continuou Tristan.

Kate anuiu e bebeu mais chá gelado.

– Passaram cinco dias desde que a Magdalena desapareceu – observou ela.

– Acha que ela disse a verdade?

– Já interroguei muitos criminosos e também vítimas de crimes. Se estava a mentir, é uma boa mentirosa.

– Mas lembre-se do que a Rachel do bar disse: ela é uma boa mentirosa.

– Mas isto é diferente de mentir sobre ter um carro novo... Tens mais chá gelado? – perguntou Kate. Tristan pegou no copo e encheu-lho. Quando regressou à sala de estar, Kate olhava para a lista que ele fizera.

Magdalena Rossi – (professora) desaparecida a 14/10/2012

Simon Kendal – (estudante) corpo encontrado no reservatório a 30/08/2012

Sally-Ann Cobbs – (empregada de limpeza) desaparecida em finais de novembro de 2009

Ulrich Mazur – (biscateiro) desaparecido entre 20 e 31 de outubro de 2008

Fiona Harvey – (desempregada) corpo encontrado no reservatório a 3/3/1991

Peter Fishwick – (nove anos) afogado no reservatório durante o dia, pai tentou reanimá-lo, agosto de 1990

Becky Chard – (desempregada) corpo encontrado no reservatório a 11/11/1989

Kate pegou no copo de chá gelado, bebeu metade e fechou os olhos por um momento. Depois, respirou fundo. As mãos tremiam-lhe.

– Está tudo bem? – perguntou Tristan. Kate abriu os olhos.

– Sim. Acho que estou só cansada e abatida... – Olhou de novo para a lista. – O Peter Fishwick deve ser descartado. A sua morte foi um terrível acidente. Afogou-se à frente dos pais... – Tristan riscou Peter Fishwick da lista. – A morte do Simon foi demasiado rápida para quem quer que esteja a fazer isto, estes raptos, se é disso que se trata. Encontrei o corpo dois dias após o seu desaparecimento. Só estava morto há um dia ou pouco mais, por isso não segue o mesmo padrão.

– Qual é o padrão?

Kate segurou o copo e respirou fundo.

– Gente de baixos rendimentos, desempregada, com pouca ou nenhuma família. Ninguém para sentir a sua falta...

– Mas esse padrão não se aplica à Magdalena. É professora, abastada. E se quem faz isto vai atrás de um certo tipo de pessoa, então teria de as conhecer primeiro. A Magdalena é nova em Ashdean e no Reino Unido... Lembrei-me do agricultor, Barry Lewis, que publicou a pegada no Facebook. Tinha uma quinta em Auckland.

Kate assentiu. Fez menção de beber outro gole, mas o copo estava vazio.

– Sente-se – disse Tristan. – Vou buscar reforço.

Tirou-lhe o copo e dirigiu-se à cozinha. Não queria armar alvoroço com os tremores de Kate, mas estava preocupado. Estaria ela a passar por algum tipo de síndrome de abstinência? Teria descarrilado? Preparou-lhe outra bebida e levou-lha.

– Lamento que o gelo tenha acabado – disse ele. Kate estava sentada no sofá com a cabeça inclinada para trás, a esfregar os olhos.

– Acho que é só cansaço, falta de açúcar no sangue – justificou-se ela. – Teria sido fácil se fosse o agricultor. Podíamos ter resolvido o caso, encontrado a Magdalena e... não sei... seguido em frente.

Seguido em frente para onde?, pensou Tristan. A conversa de Kate com Kirstie trouxera-lhes uma descoberta. Mencionara Arron Ko e envolvera um oficial superior da polícia em tudo aquilo.

– Fiz mais algumas pesquisas enquanto estava com a Kirstie – arriscou ele.

– Muito bem. O que encontraste? – perguntou Kate, bebendo outro grande gole de chá gelado.

– Investiguei a Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza e, tanto quanto vejo, foi dissolvida. Mas o tipo que a geria, Ted Clough, *também* trabalhava no reservatório de Shadow Sands, a gerir os barcos de manutenção. Foi despedido há alguns anos. Tentou processar a empresa por despedimento indevido e perdeu o caso. Acho que devíamos tentar falar com ele. Pode ter visto algo enquanto trabalhou no reservatório.

Kate aquiesceu e fechou os olhos. Tristan achou que parecia muito pálida.

– Posso enviar-lhe uma mensagem – sugeriu. – Está no Facebook.

– Sim. Vale a pena tentar – disse ela. Pousou o copo e pegou nas suas coisas.

– Kate. Sente-se bem?

– Sim. Penso que só preciso de dormir – respondeu. – Envia uma mensagem a esse tipo e ligo-te amanhã cedo. Estarei em forma depois de uma soneca. Bom trabalho – disse ela, e partiu.



Kate saiu de casa de Tristan e conduziu ao longo da orla marítima. O vento soprava com força vindo do mar, e ela teve de ligar os limpa-para-brisas para combater os salpicos.

Para chegar a casa, seguia geralmente pelo passeio marítimo, que ligava à estrada principal que saía da cidade. No fim do passeio, deu por si a fazer pisca para a direita. A estrada desembocava na rua principal e Kate abrandou ao passar pelos bares e discotecas para estudantes. Era sexta-feira à noite e estavam iluminados, as luzes coloridas refletiam-se nos salpicos de maresia nas orlas do para-brisas. A batida da música infiltrou-se no carro e Kate viu grupos de estudantes sorridentes a subir e a descer a rua principal, vestidos para uma noite de diversão.

A lista de nomes despertara-a ou disparara algo em Kate. Fê-la questionar o que raio andava a fazer. Lembrou-se do que prometera a Kirstie, de que encontraria Magdalena. Porque fizera essa promessa? Estava a passar-se da cabeça? Enquanto polícia, *já* teria feito uma promessa assim.

Chegou a um semáforo, e estava verde, mas um grupo de raparigas esperava para atravessar. Parou e viu-as saltitar pela passadeira à frente do carro, cambaleando nos saltos altos. Uma delas tinha longos cabelos negros, com risco ao meio. Outra tinha o cabelo louro curto e outra era ruiva. Invejava a sua descontração.

A rapariga de cabelo preto virou-se para olhar para Kate enquanto atravessavam e acenou-lhe em agradecimento. Kate acenou-lhe e sorriu.

Um carro atrás dela buzinou e ela arrancou. Não devia ter parado em casa de Tristan. Após ter conversado com Kirstie, ficara exausta. A lista e as caixas de álcool tinham-na descontrolado.

Quem pensas tu que és?, perguntou uma voz na sua cabeça. *Estás ultrapassada. Não és polícia. Não tiveste a coragem necessária para tentares ser detetive privada há dois anos, no momento certo... O Jake cresceu. Perdeste esse barco. Um oficial superior da polícia acaba de ser mencionado por uma vítima. Lembra-te de como isso acabou da última vez que tentaste apanhar um polícia corrupto...*

Estamos no intervalo do semestre.

Nem sequer tens de te levantar de manhã, Kate. Nem na manhã seguinte, nem na outra.

Vá lá, toma uma bebida a sério. Mereces algum prazer na tua vida.

Tentaste ser uma boa mãe. Tentaste trabalhar no duro e ter sucesso, mas não resultou.

Pelo menos tentaste.

Vá lá, toma o raio de uma bebida.

Antes de se dar conta, Kate já virava para o pequeno parque de estacionamento junto ao Oak Cask, um dos bares mais antigos ao cimo da rua principal.

Tinha uma porta interior com o vidro de segurança rachado junto à entrada principal. O bar era asqueroso, com uma alcatifa pegajosa e mesas de madeira desbotadas. Estava meio cheio, sobretudo de gente local e bebedores a sério, e Kate dirigiu-se ao bar. O seu corpo parecia em piloto automático. O Oak Cask não era popular junto dos estudantes, pelo que havia espaço ao balcão. Sentou-se.

– O que posso servir-lhe? – perguntou a empregada, uma jovem com um *piercing* no nariz e um curto matagal de cabelo verde. Kate abriu a boca e respirou fundo. – O que posso servir-lhe? – repetiu ela, agora impaciente. Um homem mais velho na outra ponta do bar assobiava, erguendo uma nota de dez libras.

– *Jack Daniel's*, simples. Duplo, por favor, com muito gelo e uma rodela de lima – ouviu-se Kate dizer.

Antes que pudesse pensar nisso, o pequeno copo de líquido cor de caramelo estava diante dela no bar. O gelo tilintava. O velho voltou a assobiar.

– Anda lá, querida, põe essas mamas a mexer – disse ele à empregada.

Kate soltou um longo suspiro, envolveu o copo cheio de uísque com as mãos e pegou-lhe.

Magdalena dormia. Como se estivesse debaixo de água, onde permanecia quente e aconchegada, enquanto a tempestade, a realidade do seu cativeiro, grassava sobre si, à superfície.

Sonhou com a sua casa em Itália, na pequena aldeia junto ao lago de Como onde a família unida vivia. O que estariam os pais a fazer? A irmã mais nova.

Revivia constantemente a última noite antes de partir para Inglaterra e a discussão entre a mãe e a avó junto à sua mala aberta. A *nonna* insistia em que guardasse um pesado rolo da massa de madeira e uma estrutura também de madeira para secar massa. Os melhores cozinheiros italianos não utilizam máquinas de fazer massa; usam um rolo.

Viu a memória desenrolar-se de novo, como se estivesse num ecrã à sua frente.

A mãe estava constantemente a tirar o rolo, dizendo que Magdalena só tinha um certo espaço e limite de peso para a mala. A *nonna* voltava a pô-lo lá dentro. Magdalena não queria dizer que, quando estava em Inglaterra, comprava massa seca.

As suas coisas estavam espalhadas sobre a colcha com padrão de centáureas azuis, junto à mala e prontas a serem guardadas: as roupas, as galochas para passear na praia, os livros, o computador e embalagens dos seus chocolates *Baci* favoritos. A forma era parecida com a dos *Hershey's Kisses* – sendo que *baci* significa *beijos* em italiano –, mas o chocolate era melhor, com um centro suave com avelãs, e sempre, em cada chocolate envolto em papel de alumínio azul e prata, com um pequeno papelinho, contendo uma «mensagem de amor» impressa pelo fabricante.

Enquanto via as memórias, Magdalena sentiu a dor latejante na cabeça, no local onde batera contra a lateral da cama. Rachara-lhe a testa junto à linha do cabelo. Ouviu também o som de uma respiração. A dor latejante e a respiração estavam separadas das memórias que decorriam no seu sonho. O palpitir era como um

martelo a bater num prego, mas Magdalena manteve-se bem abaixo da superfície, vendo a mãe e a *nonna* a discutir sobre a mala, gesticulando e agitando as mãos. O rolo da massa entrava e saía constantemente da mala. A irmã mais nova de Magdalena, Chiara, estava sentada ao seu lado na beira da cama, com as pequenas pernas a balançar com sandálias brancas nos pés. Chiara tinha seis anos e o seu vestido de verão amarelo-vivo ficava lindo contra a sua pele cor de azeitona. Enquanto a batalha pelo rolo da massa prosseguia, Chiara sorriu e passou os dedinhos pela colcha, dirigindo-se à embalagem de chocolates *Baci* e puxando-a na sua direção. Esgueirou-se da beira da cama para a alcatifa, desaparecendo da vista. Magdalena dirigiu-se à beira da cama e viu Chiara sentada na alcatifa, a puxar o embrulho. Subitamente, o saco rasgou-se, espalhando os chocolates todos pelo chão.

A mãe e a avó viram a confusão e começaram a apanhá-los. Não havia qualquer som; Magdalena não conseguia ouvir as suas vozes, só o som da respiração pesada.

Chiara estava sentada na alcatifa. Desembrulhou um dos chocolates *Baci* e estendeu-o a Magdalena. Esta viu o papelinho aninhado na prata debaixo do pequeno chocolate. Puxou-o. Em pequenas letras pretas, tinha a frase:

QUERES TOCAR AS ESTRELAS?

Foi arrancada ao sonho, regressando à realidade. Ouviu-se inspirar fundo, como se vindo à tona para respirar. Estava de novo na escuridão fria, deitada na cama. Doía-lhe a cabeça. O arrastar de um pé fê-la parar de respirar. Sentia uma presença no escuro.

Uma respiração entrecortada ouviu-se acima dela. Ele estava no quarto, de pé junto a Magdalena.

Cerrou os olhos com força. Fechou as pernas e curvou os ombros. Tentando isolar-se.

Ele continuou a respirar.

– Por favor, não me faça mal – pediu ela. A sua voz soava fraca e débil.

A respiração aproximou-se mais do seu nível na cama.

– Queres tocar as estrelas? – perguntou a voz. Era educada, suave. Untuosa. A sua cabeça foi agarrada por trás.

– Não, não – disse ela, tentando enroscar-se numa bola, mas um forte cheiro a químicos surgiu-lhe debaixo do nariz, e o vidro de um frasquinho. Bastou uma pequena inalação para ela sentir o efeito da droga. Era mais aterrador às escuras do que quando o homem lhe encostara o frasco ao nariz junto ao carro.

Foi como se o seu corpo começasse a viajar a alta velocidade e fosse incapaz de se mover. Sentiu-o pôr-se em cima dela e, com a cabeça à roda e o sangue a rugir-lhe nos ouvidos, um par de mãos frias e húmidas começou a desapertar-lhe as calças de ganga.

No momento em que o copo de uísque estava prestes a tocar-lhe nos lábios, o telemóvel de Kate tocou na sua bolsa. O som arrancou-a ao transe com um sobressalto. Pousou o copo e tirou o telemóvel da bolsa.

Era Tristan.

– Pode falar? – perguntou ele.

– Sim – respondeu Kate, ainda a olhar para o copo de uísque.

– Aquele velho, o Ted Clough, respondeu à minha mensagem no Facebook. Diz que pode falar connosco...

– Sim?

– Quer encontrar-se connosco agora. Disse que está doente e que é um tipo noturno. É tarde, mas ele afirmou que tem algumas informações bastante incriminatórias sobre a família Baker.

Kate respirou fundo e afastou o copo.

– Queres encontrar-te com ele agora? – perguntou.

– Estou preso num espaço vazio e a mente ameaça fugir-me, por isso sim, mas está cansada.

– Não. Também me dava jeito uma distração – disse Kate. – Vou aí buscar-te.

Saiu do bar, assustada com a proximidade a que estivera de descarrilar.



Ted Clough vivia numa zona rural a pouca distância de Ashdean, numa pequena quinta junto à estrada costeira para oeste. Um nevoeiro cerrado começou a descer à medida que Kate e Tristan se aproximavam e a estrada rural estava rodeada de bosques impenetráveis.

Ao virar de uma curva abrupta, Kate teve de travar bruscamente quando o nevoeiro rodopiante se abriu, revelando a figura de um velho de cabelo desgrenhado de pé na berma relvada. Envergava um casaco comprido e uma boina e trazia uma garrafa de oxigénio,

com um tubo enrolado à volta do rosto e debaixo do nariz. Kate abriu o vidro.

– Olá. É o senhor Clough?

– Sim. Tratem-me por Ted, por favor – pediu ele, entre respirações superficiais.

– Olá. Fui eu quem lhe enviou a mensagem pelo Facebook – disse Tristan, inclinando-se para a frente. Ted passou a língua pelos dentes amarelecidos e arquejou, sem fôlego. Kate não percebeu que idade teria, talvez rondasse os sessenta.

– Vão pelo portão – disse ele, apontando. – Tenho aqui o meu carro. Sigam-me.

– Obrigada – respondeu Kate. O carro guinou e sacolejou enquanto saíam da estrada e atravessavam o portão para um caminho densamente arborizado onde o nevoeiro pendia em bolsas. O portão soltou um rangido ominoso ao ser fechado atrás deles.

– Parece estar nas últimas – observou Tristan, espreitando pela janela enquanto Ted se dirigia lentamente, com a garrafa de oxigénio, a um pequeno carro vermelho coberto de lama e entrava.

Arrancou, e seguiram-no pelo longo e sinuoso caminho até que uma pequena casa com uma luz acesa na janela do andar de baixo se tornou visível. Estacionaram junto à porta das traseiras, que dava para um armário de calçado e uma pequena e atafalhada cozinha, iluminada por uma ténue luz de teto. Havia gatos em todas as superfícies – no frigorífico, na mesa da cozinha, nas cadeiras – e várias tigelas inacabadas de comida para gato espalhadas pelo chão.

– Querem um chá? – perguntou Ted.

– Por favor – respondeu Kate. Continuava a ansiar por uma bebida a sério, mas os desejos estavam a diminuir.

Ted pôs a garrafa de oxigénio no chão. O tubo era suficientemente longo para lhe permitir mover-se entre o frigorífico e a chaleira. Tristan lançou um olhar a Kate quando ele abriu o frigorífico e viram que só continha leite e latas de comida para gato.

– Obrigada por nos receber a uma hora tão estranha – disse Kate.

– Não durmo durante a noite. O tempo é tudo e nada para mim – observou ele, parando para recuperar o fôlego enquanto tirava uma garrafa de leite do frigorífico.

– Tem a certeza de que não podemos ajudar? – perguntou Kate.

– Sou muito picuinhas com o chá e, se me resta pouco tempo, então quero que cada chávena seja absolutamente perfeita – disse Ted. Viu-os a olhar para ele. – Cancro do pulmão. Deram-me um mês, talvez menos.

– Lamento – disse Kate.

Tristan assentiu.

– Lamento.

– Não quero a vossa pena. Tenho de vos contar coisas – respondeu. Kate queria pressioná-lo, mas deixaram-no fazer o chá.

Uma vez pronto, seguiram Ted por um corredor exíguo com as paredes cobertas de livros. Relógios tiquetaqueavam no silêncio. Estava húmido, e tudo parecia estar coberto por uma camada de pó. No escritório, havia mais estantes e arquivos. Ted tirou um gato de um cadeirão junto à secretária. Estalou os dedos na direção do sofá, de onde saltaram mais dois gatos sarnentos, deixando para trás uma abundante quantidade de pelo. Kate e Tristan sentaram-se.

– Por onde querem que comece? – perguntou ele, após ter recuperado o fôlego.

– Encontrámo-lo *online* porque fez parte da Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza – começou Kate.

– Sim. Sou um rapaz local. O projeto do reservatório foi controverso nos anos mil novecentos e cinquenta. Foram inundadas seis aldeias, já com centenas de anos. A família Baker mandou retirar pessoas das suas casas à força. Os direitos de passagem desapareceram da noite para o dia e tiveram de ser redesenhados em torno do reservatório. Envolvi-me passados alguns anos, quando os Baker tentaram proibir as pessoas de caminhar a menos de oitocentos metros do reservatório. É charneca antiga, da qual se desfrutava há séculos. Uma apropriação, pura e simples. Já havíamos perdido tanto para o reservatório, por isso tínhamos de lutar.

– Mas também trabalhava para os Baker na central elétrica. Não havia aí um conflito de interesses? – perguntou Kate.

– Não enquanto a Aliança pelo Direito de Acesso à Natureza foi uma campanha pacífica. Só nos últimos anos é que se tornou desagradável e então despediram-me.

– Foi despedido do emprego no reservatório?

Ted recostou-se e bebeu um gole do chá, recuperando o fôlego.

– Sim. – Olhou de Kate para Tristan e, pela primeira vez, pareceu sentir-se inquieto.

– Qual era a sua função?

– Manutenção das vias navegáveis. Saíamos de barco e certificávamo-nos de que a água estava livre de obstáculos. Árvores grandes, ovelhas e vacas mortas.

– Cadáveres?

Ele respirou um pouco e tossiu.

– Os problemas começaram logo após ter-me recusado a mentir sobre um cadáver que encontrámos na água.

– Quem lhe pediu que mentisse?

– O gerente, Robbie Huber. Está morto...

– Velhice?

– Não. Acidente de viação. Mas já lá volto. Uma manhã, no início de março, tínhamos saído de barco quando encontrámos o cadáver de uma jovem. Estava um belo dia. daquelas manhãs em que tudo está tranquilo e é possível ver os narcisos na margem do reservatório refletidos na água. Quase a atropelávamos. Estava muito inchada devido aos gases. Nunca vira nada tão chocante. Já viu o tamanho que um corpo humano pode adquirir com a decomposição? Pensei tratar-se de um animal. O corpo estava despido, as pernas parcialmente embrulhadas em bocados de lençol, tecido, os braços atados com corda, e as pernas também. Mal conseguíamos ver os cortes. Tinha cortes e lacerações por todo o rosto, barriga e seios.

Kate e Tristan trocaram um olhar.

– Passaram por cima do corpo com o barco?

– Não. Estava ali a flutuar à nossa frente, como um balão a sair da água.

– Disse que isso foi no início de março de mil novecentos e noventa e um? – perguntou Tristan.

– Sim. Trabalhava na equipa de manutenção com outro tipo, o Ivan Coomes, que entretanto morreu.

– Morreu?

– Velhice. Ataque cardíaco. Era o meu encarregado. Fomos pressionados para afirmarmos que tínhamos encontrado o corpo à entrada do reservatório, três quilómetros acima, onde o rio Fowey entra no reservatório. Há uma comporta que pode ser aberta e fechada. Obrigaram-nos a dizer que tínhamos encontrado o corpo lá em cima.

– Quem vos ordenou isso? – perguntou Kate.

– Um homem chamado... Dylan Robertson – respondeu Ted, remexendo-se desconfortavelmente na cadeira à menção do nome.

– Qual é a função dele no reservatório? – questionou Tristan.

– Está em toda a parte e faz tudo o que a Silvia Baker lhe pede. Também trabalha como seu motorista.

– Já nos cruzámos com ele – comentou Kate. Explicou-lhe rapidamente como ele os ameaçara com uma espingarda.

– Tê-la-ia utilizado, sem dúvida – observou Ted.

– O Dylan pediu-lhe que dissesse que esse cadáver fora encontrado junto à comporta. Onde o localizaram?

– A algumas centenas de metros das comportas. A Silvia Baker é a chefe da família. É ela quem puxa os cordelinhos. O Dylan é os seus olhos em todo o lado. Disse que tínhamos de mentir porque o reservatório se debatia com problemas. Os Baker estavam em conversações com um investidor estrangeiro acerca de uma compra. Um corpo suspeito na água, tão perto das turbinas, fecharia tudo e arruinaria o negócio. Se disséssemos que estava junto às comportas, colocá-lo-ia no rio Fowey, o que significava que o corpo podia ter sido arrastado rio abaixo. O Fowey vai até às Cotswolds. Rebocámos o corpo até ao cimo do reservatório e empurrámo-lo para o outro lado das comportas. Foi repugnante. Estava tão decomposto, e a maneira como fora amarrado... Consideraram morte accidental... um contratempo. Afogamento.

– Identificaram o corpo?

– Sim. Foram precisas semanas para a identificar pelos registos dentários. Só vi a notícia por acaso, um miniartigo no jornal local referia o nome dela... Tenho-o aqui.

Dirigiu-se a uma gaveta, de onde tirou um pequeno livro de exercícios, tendo de parar para recuperar o fôlego. Percorreu-o e encontrou um pequeno recorte de jornal, datado de 16 de maio de 1991.

Passou-o a Kate.

Um corpo encontrado há dois meses no reservatório de Shadow Sands, junto a Ashdean, foi identificado como Fiona Harvey, uma jovem da região.

A polícia disse que a sua morte estava a ser tratada como inexplicável, mas que não acreditava existirem quaisquer circunstâncias suspeitas.

– Ver a mentira publicada abalou-me – afirmou Ted. – Fez-me questionar o mundo. Ninguém no trabalho queria falar sobre isso. Tentei conversar com o Dylan, mas ele aconselhou-me a ficar calado... Para minha culpa, foi o que fiz.

– Lembra-se de quem foi o polícia que investigou o caso? – perguntou Kate.

– Arron Ko.

Tristan e Kate trocaram um olhar.

– O chefe da polícia Arron Ko? – insistiu ela. Remexeu na bolsa, pegou no telemóvel e abriu o artigo sobre a reforma de Arron Ko. Mostrou-lhe a fotografia.

– Sim. É ele.

– O filho, Henry, é atualmente inspetor-chefe. Está a investigar a morte do Simon Kendal. O cadáver que encontrei em agosto.

Ted começou a rir-se, e o riso transformou-se em tosse.

– Tenham cuidado, os dois. Veem como isto funcionou ao longo dos anos. A família Baker mantém as coisas em família – disse Ted.

– Acha que o Arron Ko foi corrompido pela família?

– Claro. É um grande amigo da Silvia Baker. Conhecem-se há anos.

– Oh, Jesus – exclamou Kate. – E quanto ao segundo corpo *oficiosamente* encontrado?

– Só ouvi falar nisso quando demos com a rapariga em mil novecentos e noventa e um. Em mil novecentos e oitenta e nove, o barco patrulhava o reservatório e julgaram que ficara preso num antigo fio de pesca. Parecia-lhes que arrastavam um peso enorme. Era o corpo de outra jovem. Envolto numa mortalha, aparentemente.

– Onde ficou preso? – perguntou Tristan.

– O Robbie, o rapaz que ia no barco, disse que foi no meio do reservatório, mas insistiram para que ele dissesse que devia ter sido junto às comportas. Passados alguns meses, identificaram o corpo pelos registos dentários.

Tristan pegou no papel que continha a sua lista.

– Becky Chard, encontrada a onze de novembro de mil novecentos e oitenta e nove?

Ted anuiu.

– Quando os cadáveres foram encontrados, a polícia fez buscas no reservatório? Enviaram mergulhadores lá abaixo ou utilizaram tecnologia de varredura? – perguntou Kate.

– Não. Eu teria sabido... Disseram ao Robbie o mesmo que nos tinham dito a nós. Calem-se e contem à polícia que o corpo foi encontrado junto às comportas. Não mencionem que estava embrulhado numa mortalha. Da primeira vez, o Robbie alinhou, mas quando correu a notícia de que o segundo cadáver também estava amarrado, ele passou-se. Não queria ser acusado de mentir. Foi à polícia. Confessou-lhes tudo. Disse que o ouviram e lhe pediram que regressasse passados alguns dias para o depoimento oficial. Pensámos que ia sobrar para o Dylan. Eu também estava disposto a falar com a polícia... – Inclinou-se para a frente e ajustou a garrafa de oxigénio. Respirou fundo. – Passados dois dias, o Robbie teve um acidente de carro. Perdeu o controlo e chocou contra uma árvore. Teve morte imediata.

– Jesus – disse Kate.

– Falharam-lhe os travões... Pregou-nos um susto de morte a todos no trabalho. Estávamos preocupados com o nosso sustento. Tínhamos filhos e contas para pagar. Foi tudo encoberto.

- Despediram-no porquê?
- Não foi por nada de nobre, como dizer a verdade. O meu joelho ficou esmagado entre dois dos barcos de manutenção. Fui incentivado por um médico a pedir indemnização. Não pedia muito, mas os Baker não gostaram, por isso despediram-me.
- Quando foi isso?
- Há doze anos, mesmo antes do milénio.
- Porque está a falar connosco agora?
- Os meus pulmões estão feitos num oito. Não me resta muito tempo. A minha esposa morreu. Os meus dois filhos vivem na Austrália e talvez precise de descarregar esta culpa. Não tenho mais provas além do que estou a dizer-vos, do que vi com os meus próprios olhos.
- É a família inteira que gere a central elétrica? – perguntou Kate.
- Não fazem o trabalho pesado, mas estão todos no comando. A Dana, a sobrinha da Silvia, gere a galeria de arte no centro de visitantes. Parece ser a mais normal e amistosa. O Thomas é o atual Lorde Baker, ainda que não utilize o título na vida profissional. Vive na Mansão Carlton, a propriedade junto à da Silvia. O solar original de Shadow Sands foi demolido nos anos mil novecentos e cinquenta para evitar o imposto sucessório. É casado e não tem filhos. Stephen Baker é a ovelha negra. Separou-se da família. Há alguns anos, foi viver para a América, onde conheceu e se casou com uma americana não aprovada pela Silvia. Têm montes de filhos. Gere uma loja chique de utensílios de cozinha em Frome Crawford. Antes de se ter desentendido com a família, geria a Hedley House.
- Hedley House? – repetiu Kate.
- Sim. É uma velha mansão na propriedade de Shadow Sands. Foi convertida em discoteca durante alguns anos, depois tornou-se demasiado cara para gerir. Há alguns anos, a família disse que queria transformá-la em apartamentos.
- Kate e Tristan contaram-lhe então o seu lado da história e a sua teoria sobre como tudo encaixava – as mortes e os desaparecimentos, a história de Kirstie e Magdalena.

– Deixa-me feliz por não estar destinado a passar muito mais tempo neste mundo – disse Ted, segurando a lista de vítimas prováveis. Parecia exausto e assustado. Tossia quase sem parar. Kate olhou para o relógio e viu que era quase uma da manhã.

– A família Baker vive toda aqui perto? – perguntou.

– Sim. Têm grandes casas. A Dana vive em Exeter. A Silvia e o Dylan residem no Solar Allways... ele tem os seus próprios aposentos... O Thomas e a mulher moram na mesma propriedade. O Stephen e a família habitam por cima da loja em Frome Crawford.

Por um longo momento, Ted estudou a lista, com as mãos a tremer. Já estava pálido quando haviam chegado, mas agora o seu rosto parecia giz. Abanou a cabeça.

– Mostraram... isto... a muitas pessoas? – perguntou, começando a tossir.

– Não – respondeu Kate. – Só a si.

Ted lançou-se num doloroso ataque de tosse e eles esperaram desconfortavelmente que terminasse.

– Por favor... Já chega. Preciso de dormir um pouco – disse ele.



Quando Kate e Tristan deixaram a entrada de Ted e entraram na estrada costeira, estava lua cheia, o que lhes dava uma bela vista sobre o mar. Pararam por um momento para ver o luar a reluzir nas águas calmas.

– Acha que é alguém da família Baker que faz isto? – perguntou Tristan.

– Sei que a ligação a Hedley House me deixou em alerta máximo. E o facto de o Arron Ko poder ter estado envolvido, o que, por sua vez, significa que o Henry Ko pode estar também envolvido – disse Kate.

– Seja quem for, precisaria de uma cave ou de uma adega, e esses casarões antigos podem ter uma – observou Tristan.

– Achas que o Ted mudou quando lhe mostrámos a lista?

– Pareceu-me assustado, mas é um moribundo com segredos. Eu também teria medo.

– Medo de quê? – perguntou Kate.

– Passou anos com medo das repercussões; disse ter sido por isso que não falou até agora. A família Baker é poderosa. O chefe da polícia está envolvido com eles. Não há nada mais aterrador do que quando a polícia é corrompida e trabalha contra nós.

– Quero voltar a falar com ele – disse Kate. – Amanhã, ligamos-lhe.

Tristan aquiesceu e arrancaram de regresso a Ashdean.



Após Kate e Tristan saírem, Ted correu para a casa de banho no piso de cima, onde sofreu um longo e doloroso ataque de tosse que acabou com ele debruçado sobre a sanita a cuspir sangue.

Quando passou, sentou-se no chão. A sua gata favorita, uma cruzada de siamês cinzenta chamada *Liberty*, apareceu-lhe à porta e abriu caminho por entre as suas pernas, a ronronar. Ted olhou para os brilhantes olhos verdes de *Liberty*. Parecia capaz de lhe ver a alma e de o reconfortar. Um caloroso ronronar fez-se ouvir quando outros quatro gatos subiram as escadas e entraram na casa de banho, serpenteando por entre as suas pernas, encostando os narizes à palma da sua mão, reconfortando-o, e os flancos quentes e peludos ao seu corpo. Ted sabia que ia morrer sozinho, mas, de repente, apoderou-se dele um receio pelos gatos. Sabia quão implacáveis podiam ser os Baker e deixara instruções no testamento para que os gatos fossem realojados, mas e se aqueles sacanas se vingassem nos bichos? Eram os únicos companheiros que lhe restavam no mundo.

– Porque falei com eles? Porque fiz isso? Desculpem, lamento muito. Eles não vão fazer-vos mal. Não deixarei que ninguém vos magoe – choramingou Ted, enterrando o rosto no pescoço macio da gata. Levantou-se e dirigiu-se ao telefone no corredor.

Com mãos trémulas, pesadas, pegou no auricular e marcou um número. A voz que atendeu não perdera a capacidade de o deixar gelado de medo.

– É só para lhe dizer, queria dizer-lhe... que tive uma visita esta noite, de um par de detetives privados... – Tossiu e arfou. – Vieram

perguntar-me pelos afogamentos no reservatório. Tentei desviá-los do rasto, mas julgo que estão quase a descobrir quem é... – disse.

Kate conseguiu dormir algumas horas e acordou por volta das oito. Desceu à praia e deu um longo mergulho. Ao regressar à cozinha, ouviu a campainha da porta tocar. Era Tristan, com pães de ovo frito da cafetaria junto à casa dele.

– Desculpe, cheguei demasiado cedo? – perguntou.

– Não, entra – disse ela. Ele entrou na cozinha.

– Está bem? – indagou Tristan, ao ver a sua expressão preocupada. Sentou-se à mesa da cozinha e ela passou-lhe os pratos.

– A acreditar nas palavras do Ted Clough e da Kirstie Newett, creio que esta investigação está a tornar-se perigosa – disse ela, ligando o gás e enchendo a chaleira.

– Significa também que estamos a aproximar-nos – observou Tristan, retirando o papel gorduroso de um branco e enfarinhado pão de ovo frito e dando-lhe uma dentada.

– Tris, não espero que me sigas para o fogo. És jovem, tens a vida pela frente e eu não sei o que estamos a fazer. Já não sou polícia. Não somos detetives, não trabalhamos com ninguém...

– Esquece-se de que há alguém da nossa universidade que desapareceu. E podemos encontrá-la.

– Sim, mas se o Arron Ko e outros agentes estiverem envolvidos nisto, polícias corruptos, bem, sabes o que me aconteceu da última vez que descobri um polícia que também era criminoso... – Kate puxou a camisola para cima, mostrando a longa e feia cicatriz púrpura que lhe atravessava a barriga. – O Peter Conway fez isto. Um polícia desesperado por manter o seu segredo...

Tristan parara de mastigar. Engoliu com dificuldade. Kate puxou a camisola de novo para baixo.

– Desculpa por ser tão gráfica, mas é relevante. O Arron Ko é um oficial de alta patente reformado... Dá-me um medo do caraças que ele possa estar envolvido nisto.

– Kate. Já cheguei até aqui. Não vou fraquejar. E não é a coisa certa a fazer, sobretudo se os polícias que investigam isto não querem resolver as coisas? E se pudermos descobrir o que aconteceu à Magdalena? E pense naqueles adolescentes sem família para os chorar ou procurar.

– Não podemos bater à porta da família Baker... Nem irromper esquadra adentro e exigir ver os ficheiros no computador do Henry Ko. Não sei...

– Então é a Varia Campbell? – lembrou-se Tristan. – Foi inspetora-chefe neste município durante quinze anos. Agora, mudou-se para Londres. Talvez esteja disponível para falar connosco.

Kate parou, de mão na chaleira.

A inspetora-chefe Varia Campbell fora a investigadora no caso do imitador de Nine Elms e ficara agradecida a Kate e a Tristan quando estes tinham resolvido o caso. Na altura, Varia dissera que estava em dívida para com eles e que lhe ligassem se precisassem de ajuda.

– Quando a Varia ofereceu ajuda, estava provavelmente a pensar numa multa de estacionamento ou algo assim – retorquiu Kate.

– Foi promovida a superintendente quando se mudou para a Polícia Metropolitana. De certeza que isso lhe dá acesso a coisas – insistiu Tristan. – Talvez possa dizer-nos algo sobre o Arron Ko. Pode ser que lhe agrade a oportunidade de resolver um caso importante.

Kate gostava do seu entusiasmo. Era contagiante.

– Pode nem sequer atender a minha chamada – disse ela.

– Se não atender, ligo-lhe eu. No fim de contas, é só uma chamada. Não temos nada a perder – respondeu Tristan. – E não somos maluquinhos; resolvemos aquele caso quando ela não conseguiu. Tem de contar para alguma coisa.

Terminaram o pequeno-almoço e Kate foi tomar um duche rápido. Quando voltou a descer, puseram o telemóvel em alta-voz e fizeram a chamada. Varia estava no gabinete quando atendeu.

– A que devo o prazer? – perguntou ela.

– Tem alguns minutos? Temos uma história para contar – disse Kate, indo direta ao assunto, ciente de que o tempo de Varia era limitado.

Contaram-lhe a história o mais rápida e concisamente possível. Quando terminaram, fez-se um longo silêncio.

– É tudo muito perturbador, mas, como sabem, pertenço agora à Polícia Metropolitana. Devon e Cornualha já não estão sob a minha jurisdição – lembrou-os Varia.

– Importa-se que perguntemos porque deixou a polícia de Devon e da Cornualha? – questionou-a Kate.

– O chefe Arron Ko reformou-se. Resistiu, mas atingira a idade máxima para um oficial de serviço. Ao mesmo tempo, foi-me oferecido um generoso pacote de transferência e a promoção a superintendente. Sabia que a merecia, independentemente das razões do Arron Ko para ter mexido uns cordelinhos...

– O filho dele, Henry, ocupou o seu cargo de inspetora-chefe?

– Sim. Mas volto a dizer, eu merecia a promoção e, enquanto mulher de cor, estas oportunidades são raras.

– Quão bem conhecia o Arron Ko?

– Era o nosso grande chefe. Falei com ele algumas vezes. Nunca lidei diretamente com ele, mas tinha muita influência, como é normal num chefe da polícia.

– Porque acha que ele a escolheu? – perguntou Kate.

– Não sei. Não era a única inspetora-chefe a trabalhar em Exeter, mas era a melhor.

– Não queria que fizesse sombra ao filho dele.

– Ahã, e já que estou a ser cínica, teve a oportunidade de promover uma mulher de cor, o que não pode ter sido mau aos olhos das altas patentes – disse Varia.

– Está bem. O que sabe então sobre o reservatório de Shadow Sands? – perguntou Kate.

– Sei que a família Baker, que está entre os principais acionistas do projeto, é conflituosa. Mas há muito dinheiro na região de Devon e da Cornualha. Muitos ricos conflituosos. Como sabem, o município cobre uma área enorme. Há uma vasta extensão de linha costeira, o

que levanta os seus próprios problemas. O tráfico de droga ocupava grande parte do meu tempo.

– Alguma vez foi avisada para não fazer buscas no reservatório de Shadow Sands? – perguntou Tristan.

– Não. Nem tive motivos para isso. Trabalhei lá entre mil novecentos e noventa e oito e dois mil e doze. Não houve relatos de vítimas de homicídio encontradas no reservatório.

– Temos as datas dos cadáveres encontrados no reservatório em mil novecentos e oitenta e nove e mil novecentos e noventa e um, ambas confirmadas pela nossa testemunha, Ted Clough. Contradiz os relatórios oficiais, que referem que as mortes foram acidentais. E se conseguíssemos uma declaração oficial? – perguntou Kate.

– Então a polícia seria obrigada a agir, Kate. Enquanto ex-polícia, sabe disso. Se convencer o Ted Clough a falar oficialmente, basta-lhe prestar um depoimento assinado a um polícia do seu município. O que chegaria para a polícia investigar a morte – disse Varia.

– Seria suficiente para a polícia fazer buscas no reservatório? – perguntou Tristan.

– Já referiram as inconsistências nos desaparecimentos ocorridos na zona. Mas o reservatório é um projeto do Governo, uma central elétrica. Seriam necessárias provas convincentes para abrir um caso.

– Acha que o Henry Ko foi largado aqui de para-quedas para fazer o trabalho sujo do Arron Ko? – questionou Tristan.

– Não posso provar isso, Tristan. O nepotismo existe em todos os setores da vida. O Henry Ko foi promovido a detetive assim que saiu de Hendon. Foi enviado para o norte de Londres, mas desentendeu-se com o inspetor-chefe. Então, veio para West End Central e foi promovido a inspetor, cargo que ocupou durante alguns anos.

– Tem alguma coisa no registo? – perguntou Kate.

– Teria de procurar, mas os agentes com quem falei achavam-no pouco inspirador. Um pouco *meh*, para utilizar a expressão. Depois, foi para a zona de Devon e da Cornualha e assumiu o meu antigo emprego. Lembra-se de como é, Kate. Temos de resistir à corrupção, mas existem formas de olear as engrenagens. Precisamos de trabalhar com os ricos e poderosos sem nos

comprometermos. Talvez fosse isso que aconteceu com o reservatório de Shadow Sands. O projeto é muito valioso, tanto para a família como para o Governo, que tem uma grande participação.

– Se conseguirmos uma declaração oficial do Ted Clough de que a causa da morte destas duas jovens está incorreta, isso pode levar a que outros aspetos da nossa investigação sejam explorados. Se fizermos isso, ajuda-nos? – perguntou Kate.

– Não trabalho no vosso município.

– Mas pode dar uma palavrinha. Se formos à polícia com uma declaração do Ted Clough e houver um polícia corrupto a tentar encobrir isto, não chegaremos a lado nenhum.

Fez-se uma pausa do outro lado da linha.

– Está bem, digam-me alguma coisa quando tiverem a declaração. Darei um toquezinho às coisas para que cheguem mais alto, mas é só isso que prometo, Kate, um toque. Mais nada.

Logo após a chamada com Varia, Kate ligou a Ted Clough e perguntou-lhe se estaria disposto a contar oficialmente a sua história. Houve um longo e arquejante silêncio e, por um momento, Kate pensou que ele desligara o telefone.

– Hoje é um dia bastante ocupado – disse ele.

– Ted. Sei que é pedir muito – replicou Kate. – Mas se falar oficialmente e disser que os corpos da Fiona Harvey e da Becky Chard foram encontrados no meio da água e amarrados, a polícia terá de reabrir os processos. Teriam razões para interrogar o Dylan, o motorista da Silvia Baker, e para fazer buscas no reservatório.

Fez-se outra pausa. Ted arquejou e ouviu-se o som de um cão a ladrar ao fundo.

– Hoje tenho as minhas consultas no hospital – disse ele. – Não posso faltar.

– Está bem. Que tal depois? – perguntou Kate. – Ted. Acho que a Magdalena Rossi está prisioneira algures. Passaram seis dias desde o seu desaparecimento. Quando falei com a Kirstie Newett, ela disse-me que ele a manteve prisioneira durante dez dias antes de tentar matá-la... Por favor, Ted... Faça o que está certo... – Nova pausa arquejante. Kate olhou para Tristan, sentado ao seu lado no sofá. Tentava manter a calma, mas a hesitação de Ted era enlouquecedora. Não dissera ele que dali a um mês estaria morto? Podia fazer tanto bem se usasse a última parte da sua vida para dizer a verdade.

– A polícia está envolvida no encobrimento – acabou Ted por declarar. – De que adianta falar com eles?

– Tenho um contacto na Polícia Metropolitana de Londres que foi inspetora-chefe na polícia de Devon e da Cornualha. Está limpa, não foi corrompida, e certificar-se-á de que o seu depoimento chega às instâncias superiores, para que tenha de ser investigado – afirmou Kate. Tristan olhou para ela com uma expressão de preocupação no rosto. Não era estritamente verdade, mas o tempo

esgotava-se. – Ted, por favor. Há quatro raparigas e dois rapazes que ou desapareceram ou sofreram uma morte brutal, e a Kirstie Newett ficou traumatizada com a sua provação. Se não travarmos esta pessoa, isto vai continuar. Mais mortes, mais vítimas.

– Sim! Sim, está bem... – concordou, tendo outro ataque de tosse, tão alto que Kate afastou o telemóvel do ouvido. – Esta tarde... – acrescentou, após ter recuperado. – Às seis. Faço-o às seis da tarde.

Desligou.

– Parece muito assustado, mas vai fazê-lo – informou Kate.

– Temos de nos certificar de que o agente que vai registar este depoimento não faz parte do grupo do Henry e do Arron Ko – observou Tristan.

Kate ligou de novo a Varia e explicou que Ted estava disposto a fazer uma declaração oficial.

– Vai telefonar a uma colega, a inspetora-chefe Della Street, para ir a casa do Ted esta noite. Trabalha sobretudo com a polícia marítima – disse Kate, após ter desligado novamente. – Perguntei se podemos ir também e ela diz que não há problema.

– Acha que ele vai querer-nos lá?

– Não me importa se quer ou não. Vai prestar o maldito depoimento, nem que tenha de me plantar em cima dele.

– Está a morrer – observou Tristan.

– Mais uma razão para o fazer – replicou Kate. Levantou-se e olhou para o relógio. Eram só dez da manhã. – Temos oito horas. Não podemos desperdiçá-las – disse, pensando em Magdalena. – Vou fazer outra tentativa e ligar ao Alan Hexham. Seria útil conseguir os ficheiros da autópsia da Fiona Harvey e da Becky Chard. Se foram ambas mantidas prisioneiras, como a Kirstie, e depois largadas no reservatório, os seus corpos teriam mostrado indícios de subnutrição.

– Quer ir à morgue de Exeter e ver se consegue falar com ele? – perguntou Tristan.

– Não. Pouco tempo se lhe ligar. Também quero investigar a Dana Baker e o Stephen Baker. A Dana gere o centro de visitantes no reservatório e o Stephen tem uma loja de utensílios de cozinha, o

que significa que podemos chegar-lhes facilmente – disse Kate. – A Dana passa os dias de trabalho a olhar para o maldito reservatório e sabe Deus em que mais estará envolvida como acionista.

– E quanto ao Stephen?

– Se é a ovelha negra da família, talvez esteja disposto a revelar alguns segredos. Também quero saber mais sobre o motorista da Silvia Baker, se é isso que ele é. Segundo o Ted, era mais... Mas possui uma espingarda e não tem medo de a usar, por isso acho que precisamos de ser bastante cautelosos.

– E quanto ao Thomas Baker?

– Ainda não sei. Precisamos de conhecer mais sobre os seus movimentos.

– Não estaremos a agir como perseguidores?

– Não quando a Dana e o Stephen trabalham em espaços públicos. Quando era agente da polícia, gostava de utilizar o fator surpresa. Não temos qualquer vantagem que os obrigue a falar connosco ou a responder às nossas perguntas, mas se formos lá e os deixarmos desconfortáveis, pode ser interessante ver como reagem – disse Kate.

– Parece um navio gigante atracado à beira da água – disse Tristan ao entrarem no parque de estacionamento do centro de visitantes de Shadow Sands. O enorme edifício de vidro e aço tinha a forma de barco, com quatro andares e proas curvadas. Estava rodeado de relvados arranjados com várias estátuas espalhadas por ali, algumas vistosamente modernas e outras de bronze. O restante terreno em torno do reservatório parecia desolado e mal-arranjado, quase sinistro, mas aquela zona mostrava-se movimentada e acolhedora.

O parque estava meio cheio. Havia seis autocarros estacionados ao fundo e um grupo de turistas japoneses a sair do autocarro próximo da entrada principal. Quando Kate e Tristan saíram do carro, ouviram o ruído grave das turbinas. Dirigiram-se à parede oposta e viram a ponte e a acentuada descida até à água.

Ligeiros salpicos erguiam-se das águas agitadas, projetando um arco-íris. Observaram o percurso do rio em direção às colinas antes de desaparecer perto de um monte.

Kate e Tristan juntaram-se a uma fila de japonesas de ar perplexo, todas com bonés de palha, pagaram a entrada e passaram pelo torniquete. A galeria dava para um espaço amplo e arejado repleto de esculturas, gravuras e uma exposição de vidro e cristal. Ao longo da parede, a espaços, havia grandes janelas redondas com vista para o reservatório, o que reforçava a sensação de estarem num barco. A água parecia diferente, tranquila.

Kate perguntou a um camareiro onde podiam encontrar Dana Baker e foi-lhes indicado que seguissem pela galeria e pela cafetaria até ao seu gabinete ao fundo. A cafetaria tinha uma longa janela com vista para a água e para um grande estaleiro branco do outro lado, do qual ia um barco a sair.

Quando estavam prestes a bater à porta do gabinete, ouviram gritos vindos do interior. Tristan arqueou uma sobrancelha e puseram-se à escuta.

– Não podes continuar a dar borlas só porque ele é teu irmão – disse uma voz masculina com exagerado sotaque londrino. – É podre de rico. Se quer que realizemos um evento, pode pagar. Não somos uma maldita instituição de caridade!

– Tecnicamente, somos *mesmo* uma instituição de caridade – respondeu a mulher, com voz mais sofisticada.

– Não te armes em espertinha, Dana.

– Um de nós tem de o ser. É uma obrigação familiar. Faço-o todos os anos e são o tipo de convidados que fazem grande doações. Vai acontecer, quer queiras, quer não!

– Família. São como a máfia. Sempre a cerrar fileiras.

De súbito, a porta abriu-se e Kate e Tristan recuaram um passo. Um homem bem-parecido a rondar os cinquenta anos, com cabelo grisalho cortado curto e fato elegante, passou por eles em direção à cafetaria.

O gabinete era pequeno e a frente estreitava-se em ponta no local correspondente à proa do edifício em forma de navio. A luz entrava por uma janela de cada lado. Uma mulher remexia-se nervosamente à secretária, trajando o que Kate considerava ser alta-costura: vestido preto largo tipo bibe com tamancos de solas grossas. O cabelo cor de ameixa estava penteado num imaculado e reluzente puxo. Usava óculos de grossas armações brancas e várias grandes peças de bijutaria. Era Dana Baker, diferente da loura mal-amanhada e sardenta no vídeo do YouTube.

– Olá, entrem, por favor – disse ela, recuperando a compostura.

Kate estava prestes a lançar-se no discurso que preparara sobre a investigação à morte de Simon Kendal quando Dana acrescentou:

– Posso servir-lhes um café, após a longa viagem?

Kate apercebeu-se de que Dana os confundira com outras pessoas, alguém de quem estava à espera. Lançou a Tristan um olhar subtil para que seguisse a deixa.

– Um café seria ótimo – respondeu.

– Sim. Com leite e açúcar, por favor – disse Tristan, fechando a porta.

– Sentem-se, por favor – convidou Dana, apontando para um grande sofá rosa-vivo sob a janela voltada para a estrada. Tristan

olhou para Kate, como que a perguntar: *Vamos dizer-lhe quem somos?* Kate acenou a Tristan. Dana fez uma chamada a pedir café.

– Não pudemos evitar ouvir. Levou um grande sermão – começou Kate, quando Dana desligou a chamada.

– Sim. Os perigos de misturar negócios com prazer. Trabalhar com o namorado. Pensava que tinham falado com o Harrison... sobre o pacote de financiamento. – Semicerrou os olhos. – É a Callie Prince? – perguntou, olhando para a agenda. – Do Conselho para as Artes?

Fez-se uma longa pausa. Kate soube que teriam de dizer a verdade.

– Não. Chamo-me Kate Marshall, sou detetive privada. Este é o meu sócio, Tristan Harper. Estamos a investigar a morte do Simon Kendal. – Viu Dana retesar-se.

– Não me avisaram de que a polícia vinha aí. Geralmente ligam antes.

– Trabalhamos como detetives privados... Porque haveria a polícia de lhe ligar antes?

Dana sentou-se à secretária, agora com uma expressão empedernida.

– Foi desonesto da vossa parte fingirem que eram do Conselho para as Artes – observou, ignorando a questão.

– A Dana presumiu e eu não a corriji – replicou Kate.

– Não tenho nada a dizer.

– Não lhe perguntei nada; bem, perguntei-lhe porque haveria a polícia de lhe ligar antes de vir? – repetiu Kate, arqueando uma sobrancelha.

– A minha família conhece socialmente vários oficiais superiores – argumentou ela. – Agora, vou ter de lhes pedir que saiam, estou à espera...

– Tem uma vista incrível para o reservatório – observou Kate, apontando para a enorme janela com vista para a água. – Deve ver muita coisa.

– Muita coisa de quê?

– O resgate do corpo do Simon Kendal após o afogamento? A polícia no rescaldo?

- O rapaz estava a acampar, não era?
- Sim.
- E a polícia desconfia do amigo?
- Sim – confirmou Kate.
- O que acham vocês? – questionou Dana. A pergunta parecia genuína.
- Temos as nossas dúvidas. Questionamos como foi que o Simon acabou na água, sendo ele um grande nadador.
- Oh, meu Deus, não estão aqui por causa daquele grupo horrível dos direitos de passagem, pois não?
- Não. Dylan, o colaborador da sua tia. Qual é o papel dele na empresa?
- Dana pareceu surpreendida com a mudança de assunto.
- O Dylan está há muitos anos com a minha tia Silvia. É o motorista dela. Protege-a. Teve de o fazer, ao longo dos anos, daqueles malucos da Aliança. Um dos direitos do percurso em disputa passa junto à casa dela. Sabiam que um deles invadiu a casa e ameaçou-a com uma faca?
- Ficou ferida?
- Não. O Dylan deu-lhe um tiro.
- Matou o intruso? – perguntou Tristan.
- Sim, em legítima defesa, o que é legal. Aquele homem mataria a minha tia se o Dylan não a tivesse defendido.
- Há três dias, o Dylan ameaçou-nos com uma espingarda quando estávamos no parque de campismo – observou Kate.
- Como disse, ele é muito protetor com a tia Silvia. E a espingarda está legalmente registada.
- É ilegal ameaçar alguém que está a tratar de assuntos em terrenos públicos – disse Kate.
- Olhem. Se estão aqui...
- E quanto a Hedley House? – continuou Kate, lançando-lhe questões. – O Dylan trabalhou lá?
- Na discoteca? Sim, era o encarregado dos porteiros.
- Era segurança?
- Sim, julgo que sim. Era frequente haver problemas com os locais.

- O Arron Ko é amigo da família?
- Sim, ele e a minha tia são amigos desde novos. Não vejo de que forma é que estas questões são...
- Henry Ko. Também é amigo da família?
- Claro, é o filho do Arron. Não tenho de responder a estas perguntas e nós não estávamos cá quando o Simon Kendal se afogou.
- Nós?
- Eu e o Harrison encontrávamo-nos na minha casa de campo – disse Dana.

Bateram à porta e Harrison abriu-a. Estava acompanhado de uma mulher de cabelo preto, com um grosso casaco *pied-de-poule*.

- Dana, esta é a Callie Prince... Temos uma reunião agendada.
- Estou com pouco tempo – observou Callie.
- Estes dois estão de saída – disse Dana. Parecia abalada com as perguntas.

Kate e Tristan regressaram ao parque de estacionamento.

- O que te pareceu? – perguntou Kate.
- Não sei – respondeu Tristan. – Acho as pessoas finas difíceis de ler. Parece um pouco tola.
- Isso não significa nada – contrapôs Kate. – Pretendia questioná-la acerca dos outros desaparecidos, mas não quis comprometer a declaração do Ted. O Dylan, contudo, tornou-se muito interessante. Parece envolvido em tudo o que tem que ver com a proteção da família Baker.

Kate e Tristan dirigiram-se à Hubble Cook Shop, propriedade de Stephen Baker, numa pequena aldeia chamada Frome Crawford, a poucos quilómetros de Ashdean. Ficava numa das ruas principais, com lojas endinheiradas, nomeadamente um talho à antiga, uma pastelaria artesanal e uma degradada farmácia Boots.

Estacionaram num pequeno parque com parquímetro e atravessaram a estrada. Apesar dos chuviscos e das sombras que se alongavam, a loja tinha uma exposição de elegantes tachos e panelas prateados na rua.

A montra apresentava uma exposição dedicada ao Dia das Bruxas, com o fundo convincente de uma quinta da região centro-oeste, incluindo um celeiro e um silo para milho. Um estreito moinho de vento de madeira girava ao fundo e havia filas de milho a sério. Aninhados no meio de tudo isto, estavam pratos *Le Creuset* laranja, enfeitados de modo a parecerem abóboras, e um trator montado com utensílios de cozinha, sendo as rodas feitas com frigideiras e uma máquina de fazer pão no lugar do motor. Um rapazinho de cabelo louro-claro cortado à tigela apareceu na montra, com calças de ganga e camisola vermelha, a segurar um urso de peluche.

– Cristo. Parece uma cena do filme *Os Filhos da Terra* – observou Tristan. Uma mulher de longos cabelos louros saiu a correr pela porta da frente.

– Truman? Truman! – gritou, olhando para os dois lados da estrada. Tinha sotaque americano e usava um fato de treino justo para ioga e ténis. A sua figura era invejável.

– É ele que procura? – perguntou Kate, apontando para o rapazinho aparvalhado que os observava da montra.

– Sim. Graças a Deus! – exclamou, correndo de novo para o interior. Kate e Tristan seguiram-na para dentro da loja exígua e acolhedora. Tachos e panelas de cobre, loiça e utensílios de cozinha de aspeto caro formavam altas pilhas em expositores de cores

vivas. O rapazinho tirara uma espiga de plástico da exposição de milho e tentava comê-la. A mulher dirigiu-se à montra.

– Truman, querido, não faças isso. Anda brincar com os teus irmãos – pediu, tomando-o nos braços. Truman virou-se a fim de olhar para Kate e Tristan, observando-os solenemente enquanto a mulher o levava.

Kate e Tristan seguiram pelos corredores atafalhados. A caixa ficava ao fundo, numa ampla mesa de madeira rodeada de altas pilhas de caixas.

Atrás da mesa, sentava-se um homem que aparentava quarenta e poucos anos, a ler o *Guardian* com os pés descalços apoiados na esquina. Tinha barba louro-arruivada e cabelo louro pelos ombros. Vestia calças de ganga e *T-shirt* preta dos Metallica.

– Posso ajudá-los? – perguntou, sorrindo. Kate viu as semelhanças com Dana.

– Olá. É o Stephen Baker? – perguntou ela.

– Sim. Sou – respondeu ele, olhando de um para o outro. A mulher levou o rapazinho por uma porta atrás da caixa. Ouviram-na erguer a voz.

– Olhem para esta confusão! Estou a falar contigo, Banksy! – disse ela. Ouviu-se um estrondo e um grito.

– Procuram algo específico? – perguntou Stephen, aparentemente inabalado pela confusão. Kate fez menção de falar, mas outro rapaz louro e uma rapariga, com ar mais velho do que a primeira criança, saíram a correr porta fora, aos gritos. A mulher seguiu-os até à frente da loja.

– Banksy! Tallulah! A mamã está zangada!

– Não corram! – pediu Stephen, sorrindo e pouco convicto. – Desculpem, o que desejam? – indagou, voltando de novo a atenção para eles.

– Somos detetives privados, investigamos a morte do Simon Kendal no reservatório de Shadow Sands.

O rosto dele ensombrou-se.

– Cruzes. Sim. Ouvi falar nisso – disse Stephen, puxando o cabelo num rabo de cavalo e prendendo-o com um elástico. – Pobre rapaz.

– Chamo-me Kate Marshall, e este é o meu sócio, Tristan Harper. Podemos conversar consigo?

– Porquê?

– Sabemos que é acionista da empresa e queríamos fazer-lhe perguntas sobre o reservatório.

– É grande e molhado, basicamente é o que sei. Deixei o negócio da família há alguns anos – declarou.

– Também geriu a Discoteca Hedley House, e achamos que alguns dos jovens que a frequentavam se encontram atualmente na base de dados de pessoas desaparecidas – continuou Kate.

Stephen pareceu genuinamente preocupado com a segunda informação.

– Desaparecidos?

– Sim. Uma jovem e um homem que desapareceram após uma noite em Hedley House.

– Olhem. Querem chá? O meu escritório é lá atrás.

– Obrigada – assentiu Kate. Ouviu-se um grande estrondo na frente da loja e a mulher voltou a repreender as crianças.

– Jassy. Vou só ali ao escritório – disse Stephen. – Por aqui – acrescentou, conduzindo-os à porta de trás.

O pequeno escritório estava repleto de velhos móveis de madeira e havia um monte de *legos* espalhados pelo chão. Tirou alguns brinquedos de um sofá descaído e indicou-lhes que se sentassem.

– Chá ou café? – perguntou. – Tenho esta máquina – acrescentou, apontando para uma máquina de café de cápsulas ao canto da secretária.

– Café – respondeu Kate.

– Para mim também, obrigado – pediu Tristan.

Sentaram-se no sofá.

– Acabámos de falar com a sua irmã Dana, no centro de visitantes.

– Conheceram o esplêndido Harrison? – perguntou Stephen, introduzindo cápsulas na máquina.

– Sim.

– A Dana gosta das coisas à bruta. Adora londrinos. Uma vez, o Ray Winstone visitou a galeria e ela ficou *literalmente* toda molhada.

Houve uma pausa. Kate não sabia o que responder. Stephen acabou de preparar o café e passou uma pequena chávena a cada um deles.

– Fui eu que encontrei o corpo do Simon Kendal – disse Kate.

– Merda – exclamou Stephen, levando uma mão ao peito num gesto excessivo de remorso. – Deve ter sido horrível para si. – Sentou-se na beira da secretária.

– Tinha ido mergulhar com o meu filho.

– Não sei porque gostam as pessoas de mergulhar no reservatório. É só lodo e escuridão.

– O mar estava agitado nesse dia. E ele queria ver os edifícios submersos.

– Viu-os?

Kate anuiu e bebeu um gole do café.

– A igreja. A água estava muito baixa.

– Sim. Foi um verão seco... Certo. Bem, bolas. Em que posso ajudar?

– Dylan. O colaborador da sua tia. Trata dos barcos de manutenção.

– Trata? – perguntou Stephen, com ar sinceramente confuso.

– Sim. Também foi segurança na Hedley House.

– Oh, raios. Refere-se aos barcos do reservatório... Pensei que falava na manutenção dos barcos. A nossa família tem um iate e mais um par de veleiros que usamos nas Norfolk Broads.

– O Dylan tem tendências violentas? Era difícil enquanto segurança? – perguntou Kate. Não percebia se Stephen não fazia ideia ou se estava a ser evasivo.

– Não. Sabem como são estas discotecas citadinas. Vou ser sincero. Hedley House era uma *mina de ouro*, mas não era grande sítio para trabalhar. Havia sempre problemas. Precisávamos de um sacana duro como o Dylan para manter a ordem.

– Desapareceram duas pessoas após uma ida noturna à discoteca. Ulrich Mazur em dois mil e oito e uma jovem chamada Sally-Ann Cobbs em dois mil e nove. Ambos os desaparecimentos foram comunicados à polícia. Foi algum agente à discoteca?

– Uau, não. Não me lembro. Desaparecidos? Caramba.

– Sim, deixaram a discoteca a pé ao fim da noite a caminho de casa e simplesmente evaporaram-se.

– Isso é terrível – continuou ele, abanando a cabeça e esfregando o queixo. – É possível que tenhamos recebido um pedido de imagens de videovigilância, mas só tínhamos câmaras no interior. – Olhou para o relógio. – Tenho todo o gosto em conversar convosco, mas o que tem tudo isto que ver comigo? Não posso deixar a pobre da Jassy a tomar conta da loja e de três miúdos – disse ele, com um riso nervoso.

– Uma das teorias é que saíram da discoteca bêbedos e a pé e podem ter caído no reservatório – improvisou Kate. – A polícia alguma vez apresentou um pedido formal para fazer buscas no reservatório?

– Não sei responder. É como lhe digo, não me lembro de a polícia ter vindo falar connosco a Hedley House sobre esses desaparecidos. Não estou de todo envolvido na central elétrica nem no reservatório. A minha família não aprovou o meu casamento com a Jassy. O meu irmão Thomas, o senhor da casa, é o homem certo para falarem sobre isso – afirmou. Ouviu-se outro estrondo no exterior e um grito de uma das crianças. Do lado de fora da porta, um telefone começou a tocar.

– Tem o número do seu irmão Thomas? – perguntou Kate.

– Não. Não dou o número a estranhos. A seu pedido.

Jassy apareceu à porta do escritório e sorriu a Kate e Tristan.

– Desculpa a interrupção, Stevie, mas podes vir tomar conta dos miúdos? Estou em linha com a *DHL* por causa daquelas caixas – pediu.

– Sim, é tudo? – replicou Stephen. Não esperou que Kate ou Tristan respondessem e fez-lhes sinal de que deviam sair. Deixaram o escritório e Stephen dirigiu-se apressadamente à frente da loja, onde as crianças continuavam a fazer barulho. Jassy estava ao telefone junto à caixa, a argumentar que uma entrega fora enviada para o endereço errado.

– Não, não é na central telefónica; é na Hubble, na rua principal de Frome Crawford.

Acenou e sorriu-lhes. Kate e Tristan não viram Stephen ao sair da loja. Estava com as crianças noutra corredor. Quando regressaram à rua principal, o céu estava repleto de nuvens negras.

– O que achou daquilo? – perguntou Tristan.

– Não sei. Pareceu-me nervoso, às vezes, mas somos duas pessoas vindas da rua a fazer perguntas.

– Não é estranho que tenha sido tão amigável connosco? Não é como se estivéssemos a fingir que íamos comprar uma caçarola cara.

Kate sorriu.

– Não sei.

Olhou para o relógio. Eram duas da tarde.

– Vamos comer qualquer coisa para depois irmos a casa do Ted Clough.

Ted Clough chegou a casa após uma longa manhã de consultas no hospital, onde lhe foi entregue medicação e dito que o prognóstico se deteriorara. Duas semanas. Restavam-lhe duas semanas de vida. Não fora uma surpresa.

Na sala de espera do hospital, a ideia de falar com a polícia estivera no seu pensamento. Quanto mais pensava na família Baker, e no que tinham feito, mais zangado ficava. Precisava de falar com a polícia, deixar tudo registado. Contar-lhes tudo. Pediria que deixassem o seu nome de fora enquanto a polícia investigava. Com sorte, estaria morto e enterrado quando as coisas explodissem. Falara com o seu advogado e informara-o de que não tardaria, e insistira em que os gatos eram a principal prioridade, tal como constava no testamento. Alguém tinha de cuidar deles.

Ted foi ao andar de cima para se lavar e pôr-se apresentável. Já desistira de tomar banhos completos. Os joelhos já não o conseguiam ajudar a entrar e sair da banheira e não queria ficar preso. Nunca instalara um chuveiro, por isso usava um ligado à torneira, que lhe proporcionava um duche fraco.

Era a única altura em que tirava o oxigénio, e tinha de fazer pausas constantes, sentado numa grande caixa de plástico na banheira. Até mexer os braços o deixava sem fôlego, provocando-lhe outro doloroso ataque de tosse. Lá fora, a luz esmorecia. Dali, via a janela da casa de banho e o jardim das traseiras até à floresta. Era um local tão remoto que não se dera ao trabalho de instalar vidros foscos. Havia dois gatos empoleirados no parapeito – um pequeno, branco, confortavelmente deitado; e um grande, amarelo, que estava constantemente a mexer-se e a mudar de posição para se segurar no azulejo escorregadio.

Um bando de corvos negros alinhava-se ao longo do fio elétrico que atravessava as traseiras da casa. Ted estremeceu enquanto esperava que o pequeno jarro de plástico que usava na banheira se enchesse de água quente, e ergueu-o com mãos trémulas,

vertendo-o sobre a cabeça e esfregando com a mão livre para tirar o champô. Ouviu-se o som da porta de um carro a fechar-se e o bando de corvos voou do fio elétrico, a crocitar. Passado um momento, Ted ouviu um barulho no andar de baixo.

– Olá? – chamou. Fez-se silêncio, e então ouviu o rangido do soalho enquanto alguém se dirigia ao fundo das escadas. – És tu, Arthur?

Às vezes, o carteiro entrava para ver como estava Ted, mas não sem bater primeiro e depois gritar pela porta a fim de saber se podia entrar.

Secou o cabelo e saiu da banheira para o tapete gasto. Ouviu as escadas a ranger enquanto alguém subia lentamente.

– Quem está aí? – gritou, esforçando-se por passar o aro do tubo de oxigénio por cima da cabeça. Tentava colocar os pequenos orifícios sob as narinas quando a porta da casa de banho se abriu.

– Olá, Ted – disse a voz. Ted olhou para o homem e viu que, juntamente com o casaco e as botas, usava luvas negras grossas.

– O que faz aqui? – perguntou. O homem moveu-se rapidamente e puxou o tubo de oxigénio. – O quê? Não! – Ted caiu para a frente, tropeçando, e aterrou de barriga, sem fôlego.

– Vá lá, levanta-te – disse o homem, agarrando-o pelos cabelos. Ted gritou de dor enquanto o homem o arrastava pelos cabelos, nu, para o patamar.

Ted tentou de novo gritar, mas não tinha ar nos pulmões. Sentiu uma luva de couro na pele nua da sua perna e foi levantado.

– Vamos fazer uma pequena viagem – disse o homem.



A inspetora-chefe Della Street ligara a Kate às quatro e meia e combinara encontrar-se com eles em casa de Ted Clough mesmo antes das seis.

Quando Kate e Tristan chegaram no carro de Kate, havia dois veículos da polícia estacionados junto à porta das traseiras. Estava escuro e a porta da cozinha encontrava-se escancarada. Um grupo dos gatos de Ted movia-se em círculos à luz que irradiava da cozinha, ronronando agitadamente.

A cozinha parecia estar tal como antes, mas quando chegaram ao corredor, Della Street estava acocorada junto ao corpo de Ted Clough ao fundo das escadas. Estava nu, deitado de barriga para baixo junto à parede. Kate viu que tinha o pescoço partido, pelo que a cabeça estava virada para o sítio errado. Ainda tinha o tubo de oxigénio enrolado à volta da pele torcida do pescoço.

– Oh, Jesus – disse Tristan. Kate enxotou o grande gato amarelo para longe do corpo de Ted no momento em que este começava a cheirá-lo.

– O que aconteceu? – perguntou Kate.

– Chegámos há cinco minutos e encontrámo-lo – respondeu Della. Um jovem agente fardado desceu as escadas.

– Não está aqui ninguém – informou ele. – Não há sinais de arrombamento.

– Olhem para o hematoma na perna direita. É a marca de uma mão, e a pele solta na parte de trás do pescoço parece rasgada... – disse Kate. – Acham que alguém o atirou das escadas? – Olhou para a massa sangrenta no estuque ao fundo das escadas. A meio dos degraus, estava uma fina e pálida toalha de banho e, alguns passos abaixo, a garrafa de oxigénio.

Kate começou a subir as escadas no momento em que o rádio de Della emitia a mensagem de que havia agentes a caminho.

A casa de banho parecia um caos – o armário dos medicamentos fora arrancado da parede e o conteúdo espalhado pelo chão. Verificou rapidamente as outras divisões, mas estavam vazias.

Quando Kate voltou a descer, Henry Ko chegava com três outros agentes, incluindo o inspetor Merton, com o fato amarrotado e o rosto igualmente franzido.

– Que diabos faz ela na cena do crime? – perguntou Henry ao ver Kate.

– Como sabia que era uma cena do crime? – ripostou Kate, olhando de Henry para Merton. – A Della só chegou há cinco minutos.

Kate e Tristan foram levados para uma pequena carrinha de apoio da polícia e mandaram-nos esperar.

Não tinha janelas e o interior era apertado, com uma pequena área para se sentarem e uma mesa.

– Estamos retidos aqui? – perguntou Tristan, sentado no banco. Kate circulava pelo espaço reduzido. Uma agente estava posicionada junto à porta.

– Parece que sim – respondeu Kate, e abriu a porta. – Precisamos de ar fresco – disse ela à agente no exterior. A carrinha forense chegara e estava estacionada à porta da casa de Ted com dois carros-patrulha.

– Precisamos que fiquem aí dentro, só para examinarmos a casa em busca de provas forenses – disse a jovem. – Apetece-lhes chá? – acrescentou.

– Sabia-me bem – respondeu Tristan. A agente subiu os degraus, fechou a porta e começou a preparar-lhes um chá numa pequena *kitchenette* ao canto.

Passada uma hora, Henry Ko entrou na carrinha de apoio para falar com eles. Pediu-lhes que se sentassem e instalou-se diante deles.

– A Della acaba de me dizer que foi contactada pela superintendente Varia Campbell, da Polícia Metropolitana – disse ele. – Tinham combinado com o Ted Clough que ele ia prestar um depoimento oficial sobre os dois corpos encontrados no reservatório de Shadow Sands em mil novecentos e oitenta e nove e em mil novecentos e noventa e um... Porque não sabia eu disso?

Kate decidiu abrir-se com Henry e contar-lhe o que haviam descoberto. Disse que era verdade. Ted Clough possuía informações incriminatórias sobre as mortes no reservatório e um encobrimento orquestrado pela família Baker. Ia falar oficialmente, mas quando chegaram, encontraram-no morto.

– Ele não caiu daquelas escadas. Não foi um acidente – disse Kate. – Da forma como a cabeça atingiu a parede, parece ter sido atirado...

Começou a partilhar a restante informação que tinham até ao momento, sobre o desaparecimento de Magdalena, o homicídio de Simon Kendal e os outros homens e mulheres desaparecidos. Henry ouviu tudo e pareceu genuinamente perturbado, mas ficou zangado e agitado quando Kate chegou à parte sobre Kirstie Newett ter sido recolhida por Arron Ko.

Henry escondeu a cabeça nas mãos.

– Oh, Jesus – disse ele. – Kirstie Newett. Vai assombrar a minha família para sempre.

Kate olhou para Tristan, igualmente surpreendido com a reação de Henry.

– Conhece a Kirstie Newett? – perguntou Kate.

– Não a conheço. Sei coisas *sobre* ela. Eu e a minha família.

Henry esfregou o rosto e respirou fundo. Dirigiu-se à porta da carrinha de apoio, onde um par de agentes e a equipa forense se afadigavam no exterior, e fechou-a.

– Vou contar-lhes algumas coisas. Têm de permanecer confidenciais. Não posso ter-vos aos dois por aí à solta a espalhar estas teorias malucas – disse ele. Sentou-se diante deles.

– Não são teorias malucas... – começou Kate.

Ele ergueu a mão.

– Por favor, deixe-me falar.

– Está bem, fale – anuiu ela.

– Em primeiro lugar, concordo. A morte do Ted Clough parece suspeita e estamos a tratá-la como tal. Era colecionador de moedas de ouro raras. Nos últimos três meses, fomos chamados duas vezes, após queixas da parte dele de intrusos na propriedade. Tinha quase vinte mil libras em moedas de ouro no escritório, só nas gavetas. Sem fechadura. Há séculos que lhe dizíamos que pusesse a coleção no cofre de um banco... Fomos tão rápidos a chegar porque estávamos na zona e ouvimos a Della no rádio. Desde que estão aqui à espera, descobrimos que as suas moedas de ouro

desapareceram. Achamos que ele assustou um intruso ou intrusos, e que estes o mataram.

– Tinha informações prejudiciais que ia dar-nos.

– E eu vou certamente investigar isso, Kate – disse ele. Parecia tão genuíno, mas Kate não estava pronta para acreditar nas suas tretas.

– E quanto à Kirstie Newett? Falou-me no seu pai sem lhe ter sido perguntado.

O rosto de Henry turvou-se de novo. Levantou-se e dirigiu-se a um dos computadores da carrinha.

– Tenho acesso à HOLMES nesta carrinha de apoio. Só lhes mostro isto para explicar – disse.

Abriu um ficheiro da polícia e carregou em «imprimir». Fez-se silêncio, enquanto esperava que as folhas saíssem da impressora. Tristan olhou nervosamente para Kate. Henry regressou à mesa.

– É em estrita confidencialidade que lhes mostro isto – repetiu, passando-lhe várias folhas de um relatório policial com o nome KIRSTIE NEWETT escrito no topo. Kate leu-as, sentindo o coração vacilar.

– A Kirstie não lhe contou que o meu pai interpôs uma providência cautelar contra ela em dois mil e dez, pouco depois de ela ter sido libertada de uma unidade de segurança em Birmingham? – perguntou, baixinho.

– Não – respondeu Kate, lendo os relatórios policiais e passando-os a Tristan. Leu que Arron Ko chamara a polícia seis vezes, quando Kirstie fora encontrada no jardim de sua casa, à saída de Exeter, além de duas outras em que invadira a casa da família. Sendo a mais recente no dia de Natal de dois mil e onze, altura em que partira um espelho e cortara os pulsos na casa de banho da família. Kate lembrou-se das cicatrizes no pulso de Kirstie.

– Há vários anos que ela persegue o meu pai. Desde essa altura, já ameaçou a minha mãe e o meu irmão... Alguma vez teve um perseguidor, Kate? – perguntou Henry.

– Sim.

– Então sabe como pode ser aterrador. Foi só graças ao nosso pensamento rápido e ao nosso conhecimento de primeiros socorros

que a salvámos de se esvair em sangue na nossa casa de banho no último Natal. Não queria que ela morresse em nossa casa e que tivéssemos de viver com isso – disse Henry.

– Isso não explica como começou a obsessão da Kirstie pelo seu pai – observou Tristan. Henry assentiu.

– O meu pai era o rosto da polícia, aparecia muitas vezes nos noticiários e nos apelos locais do *Crimewatch*. Durante vários anos, também visitou escolas. Foi à da Kirstie quando ela era uma adolescente. Achamos que foi aí a primeira vez que o viu.

– E quanto ao Simon Kendal? – perguntou Kate. – Porque se apressaram tanto a classificar a sua morte como acidente, acabando depois por recuar?

– Não fui eu quem classificou a morte como um acidente. Seguia o que disse o médico legista.

– Porque chamaram outro médico legista? Devia ter sido o Alan Hexham a fazer a autópsia – observou Kate.

– É verdade; não foi pedido ao Alan Hexham que fizesse a autópsia. O Governo detém cinquenta por cento do reservatório de Shadow Sands e da barragem hidroelétrica, que fornece eletricidade a milhões de pessoas. Não é invulgar que o Governo envie alguém para investigar uma morte suspeita, alguém, talvez, com uma autorização de segurança superior.

Kate abanou a cabeça.

– Isso é forçar a credibilidade – observou.

– Será? E se o Simon Kendal fosse um terrorista com planos para sabotar a central elétrica?

– Era um estudante local.

– Sabemos isso *agora* – replicou Henry. – Sei que já passou muito tempo desde que foi polícia, Kate. Mas preferimos ter uma reação precipitada a algo que acaba por ser inofensivo.

– Então, agora que sabe que o Simon Kendal era apenas um estudante, não considera que a sua morte foi suspeita?

– Sim – concordou Henry. – E temos a arma do crime. Encontrámos uma cavilha na lama junto ao reservatório. A cavilha tinha as impressões digitais do Geraint Jones e foi utilizada para apunhalar o Simon. Sabemos que existem buracos na vedação

junto ao reservatório. Com esta informação, temos um caso mais forte contra o Geraint Jones. Dá ao Simon e ao Geraint um caminho livre de acesso à água sem precisarem de subir a vedação.

Kate recostou-se no pequeno banco irregular da carrinha. Tudo o que investigara até ali fora demolido. Estariam a perder tempo? A brincar aos detetives? Quando polícias como Henry podiam pesquisar os dados das testemunhas através de ficheiros policiais na rede HOLMES? Kate sempre se orgulhara de ter toda a informação. Via agora que não tinham nenhuma.

– E quanto à Magdalena Rossi? – perguntou. – Recuperaram a *scooter* daquela vala.

– Sim, e essa vala vai dar a um bueiro a vinte metros dali, onde encontrámos um dos seus brincos – disse Henry. – Pode ter saído da estrada no nevoeiro enquanto conduzia a *scooter* e ter resvalado. O bueiro leva água para os campos e para o mar. Se bem se lembra, ocorreu uma enorme tempestade nessa noite. Estamos a trabalhar na teoria de que o corpo foi arrastado pela água. Já temos a guarda costeira em alerta para o facto de o corpo poder ter ido parar ao mar, mas, como sabem, a costa é volátil nesta zona, com marés e correntes fortes. A *scooter* da Magdalena foi encontrada na abertura do bueiro, o que nos leva a acreditar nesta versão e que talvez nunca recuperemos o corpo. Temos esperança de o fazer... Têm ambos de entender que estou a partilhar esta informação convosco na mais estrita confidência.

A mente de Kate dava voltas a tudo, tentando encontrar outra questão ou facto que refutasse o que Henry dizia. Havia muitas perguntas sobre os jovens desaparecidos – os corpos que Ted encontrara no reservatório, amarrados, e sobre os quais fora obrigado a mentir.

– Continuo a pensar que deviam fazer buscas no reservatório de Shadow Sands. – Kate conseguia ouvir o tremor na sua voz.

– Com que fundamento? – questionou Henry.

– Com base em que foram lá largados corpos e descartados como acidentes; pode haver mais corpos no fundo – insistiu Kate.

– Não posso justificar o encerramento de uma grande central elétrica e o desvio de recursos da nossa unidade marítima com base

no palpite de uma... – Interrompeu-se.

– No palpite de uma quê?

– No palpite de uma detetive amadora, que, para ser franco, já teve os seus problemas no passado.

– Agora está a ser grosseiro – observou Tristan.

– Não. Estou a ser claro. E direto – disse Henry. – E acho que precisam que seja direto convosco, antes que se vejam a fazer figura de parvos.

Bateram à porta da carrinha da polícia e o inspetor Merton subiu os degraus.

– Desculpe, chefe. A equipa forense está quase a terminar. Parece que o intruso entrou por uma das janelas de trás. Temos vidros partidos, uma impressão parcial e pegadas no exterior... Também tem um, hã, visitante.

Kate e Tristan seguiram Henry para o exterior da carrinha.

Um homem alto e magro, que parecia rondar os cinquenta e poucos anos, falava com um dos agentes fardados junto ao cordão policial nas traseiras da casa. Vestia um fato caro às riscas, um longo sobretudo preto e sapatos pretos de verniz. Era muito pálido, com o cabelo a ficar grisalho e a ligeira sombra de uma barba no rosto.

– Sim, Lorde Baker, mas não posso deixar ninguém entrar até a equipa forense ter terminado – disse o agente.

– Claro, compreendo perfeitamente – respondeu. – Ah, Henry – acrescentou, ao vê-lo com Kate e Tristan.

– Thomas – disse Henry.

– Acabo de ser informado pela imobiliária – disse Thomas, olhando para Kate e Tristan.

– Sim. Estamos a tentar perceber o que aconteceu. Parece ter sido um assalto – disse Henry. Kate estava confusa quanto ao porquê de Thomas Baker se encontrar ali, e devia olhá-lo fixamente, pois ele voltou-se para ela e para Tristan.

– Já nos conhecemos? – perguntou. – Sou Thomas Baker.

– Porque está aqui? – replicou Kate, ignorando a mão estendida. Ele semicerrou os olhos.

– Talvez possa apresentar-se? – insistiu ele.

– Kate Marshall. Este é o meu sócio, Tristan Harper.
– Sócio em quê? – perguntou ele imperiosamente.
– Sou detetive privada e investigamos a morte do Simon Kendal no reservatório...

– A Kate não tem qualquer ligação a mim nem à polícia – acrescentou Henry. Kate viu que tinham a atenção dos outros agentes fardados.

– Porque está aqui, neste local do crime? – repetiu ela. Thomas remexeu-se, desconfortável. Fitou-a durante um longo momento. Parecia ponderar a resposta.

– A casa do Ted Clough faz parte do património de Shadow Sands. Era meu inquilino – replicou gelidamente. – Enquanto proprietário do local, preocupo-me com os crimes cometidos nas minhas terras, e também com o bem-estar dos meus inquilinos. Chega-lhe como explicação, menina Marshall?

Kate sentiu o rosto enrubescer sob o olhar dos que os rodeavam. Havia algo na forma como ele falava, e como todos os outros reagiam, que lhe fazia lembrar a repreensão de um professor.

– Não gosta de ser questionado, pois não? – redarguiu ela, mantendo-se firme e obrigando-se a olhá-lo nos olhos. Thomas olhou para Henry e o seu rosto abriu-se num desagradável sorriso de esguelha.

– Não por uma detetive amadora e pelo seu, como era mesmo, ajudante? – ripostou, rindo-se.

Henry e os outros polícias juntaram-se desconfortavelmente ao riso.

– O Ted Clough estava prestes a fazer uma declaração oficial e a dizer que, quando trabalhava no reservatório, recebeu ordens diretas para mentir sobre dois corpos que foram encontrados na água...

Thomas parou de se rir.

– Em mil novecentos e oitenta e nove e em mil novecentos e noventa e um, encontraram os corpos de duas mulheres, de braços e pernas amarrados. Ordenaram-lhes que ocultassem essa informação e que mentissem sobre a localização das vítimas...

Thomas ergueu a mão e aproximou-se de Kate, baixando a voz.

– Um dos meus velhos inquilinos foi brutalmente atacado a poucos passos daqui, e aqui está você, a gritar a plenos pulmões sobre questões graves e, se isso for verdade, extremamente sensíveis. Gostava que moderasse a maneira como fala. E sugiro que preste um depoimento formal ao Henry, ao inspetor-chefe Ko...

– Ela já me deu a informação – disse Henry.

– Bom. Então, posso deixar isso contigo, Henry. Acredito que investigarás estas alegações de forma robusta, e claro, se eu puder ajudar, cooperarei contigo em todos os aspetos – replicou Thomas. Um homem da equipa forense surgiu junto à porta das traseiras e informou Thomas Baker de que podia entrar na casa.

– Se me dão licença – disse, baixando-se para passar sob a fita da polícia e desaparecendo no interior da casa. Henry seguiu-o.

– Certifique-se de que são acompanhados ao exterior do local – ordenou ao inspetor Merton.



Kate e Tristan regressaram à estrada principal, seguidos pelo inspetor Merton no seu carro. Parou atrás deles perto do portão e ficou a ver Kate sair para a estrada principal.

Estava um silêncio pesado no interior do carro.

– Estás zangado comigo? – acabou Kate por perguntar.

– Não. Estou só confuso. Irritado com a maneira como ele falou consigo... Quem me dera ter aberto a boca e dito alguma coisa – confessou Tristan. – Estupor emproado.

– Obrigada – disse Kate.

– O Henry fez-me questionar tudo o que temos até agora... Kirstie... Geraint... As outras vítimas – observou Tristan.

– Então e o Ted? Porque não nos disse que a sua casa pertencia ao maldito património de Shadow Sands e que a arrendara à família Baker?

– Nunca saberemos. Está morto... – respondeu Tristan.

– Um assalto tem lógica. Também é conveniente como o raio... E a Magdalena? Achas *mesmo* que saiu da estrada e caiu num bueiro?

Tristan esfregou os olhos.

– Era doida a conduzir, Kate... Vi como fazia as curvas naquela *scooter*. Estamos constantemente a ouvir histórias de carros que saem da estrada e caem em valas...

– Raios! – exclamou Kate, batendo com a mão no volante. – Cons-

truímos a nossa teoria com base no que a Kirstie me disse.

– Acha que o Henry pode ter falsificado os relatórios da polícia? – perguntou Tristan.

Kate abanou a cabeça.

– Vi-o entrar na HOLMES, a base centralizada de dados da polícia. Aqueles registos podem ter sido falsificados, mas é um risco enorme... E eu vi. Havia múltiplas entradas no ficheiro, feitas por vários agentes em diferentes datas, todas sobre incidentes de perseguição relacionados com a Kirstie. Qualquer encobrimento envolveria um número enorme de agentes de diferentes postos e locais.

– O que fazemos agora? – perguntou Tristan.

– Não sei – respondeu Kate. Já não sabia no que ou em quem acreditar.

Após ter sido drogada, Magdalena acordara dorida e pisada. Ao sentir a viscosidade repugnante do homem entre as pernas, algo se quebrara na sua cabeça.

Não. Isto não voltará a acontecer-me, disse-lhe uma voz no pensamento.

– Ele não vai voltar a fazer-te isto, estás a ouvir? – repetiu ela. – Vais sobreviver.

Magdalena disse-o em italiano, e depois em inglês, só para ter a certeza. Ia sobreviver. Tinha de o vencer e de sobreviver àquilo.

Há dias que não comia, as suas roupas pareciam-lhe largas e puxava constantemente as calças de ganga para cima, mas tinha acesso a água limpa, o que a manteria viva e lúcida. Lembrou-se de um documentário que vira sobre os US Navy SEAL. Um deles fora entrevistado e referira que o medo era o seu constante companheiro em missão. Dissera que o medo cria uma enorme quantidade de adrenalina e de energia, que podia dominar e inverter de modo a atuar em seu favor. Afirmara também que, sempre que estava num ambiente perigoso, utilizava tudo o que tinha, por mais pequeno e insignificante que fosse.

Magdalena levantou-se da cama e começou a explorar a masmorra. Era tempo de lutar, não de se encolher no escuro. Tateou o caminho ao longo do corredor, das portas do elevador à divisão com a cama e o lavatório. A base da cama era um quadrado de betão, com um fino colchão de esponja encaixado e um lençol cosido por cima. O lavatório era de loiça pesada e tanto ele como a torneira estavam firmemente aparafusados. Passou as mãos sobre cada centímetro da sua prisão, mapeando as paredes com elas. Procurou azulejos soltos, reparando, a espaços, num resíduo pegajoso, mas estavam todos bem colados. O chão era liso e frio. Pareceu-lhe betão.

Quando chegou à pequena divisão no corredor que continha a sanita, encheu-se de coragem e tateou a toda a volta. A sanita era

de loiça pesada e sem assento. Apalpou junto ao tubo de esgoto, que estava firmemente colado à parede. *Blhec, que pegajoso.*

Um fino tubo subia da sanita para um autoclismo antigo, bem por cima dela. A longa corrente que devia estar presa ao mecanismo tinha sido removida.

Subiu cuidadosamente para a sanita e, apoiando os pés de ambos os lados, estendeu as mãos para o autoclismo. Tinha uma tampa de porcelana demasiado pesada para levantar. Ao empurrá-la para um dos lados, a tampa desprendeuse e caiu, aterrando no piso de betão com um estrondo ensurdecador. Escorregou e o seu pé esquerdo enfiou-se na sanita, seguido pelo direito.

– Boa. Que nojo! – exclamou. Conseguiu manter-se direita e, agarrando-se às paredes, saiu da sanita, sacudindo os pés molhados, grata por ter puxado o autoclismo.

Trepou de novo para a sanita, ergueu os braços e tateou o interior do autoclismo. O flutuador estava bem preso e não conseguia sentir se havia mais alguma coisa solta, outro mecanismo. A água estava muito fria e rapidamente lhe deixou as mãos dormentes. Desceu, empoleirou-se na beira da sanita e limpou as mãos às calças de ganga, esfregando-as para as aquecer. As pontadas da fome tinham regressado. Vinham em vagas e, desta vez, o seu estômago contraiu-se e ela dobrou-se de dor. Cerrou os dentes e esperou que passasse, o que aconteceu passados alguns minutos.

O pé descalço tocou na beira da tampa do autoclismo e sentiu que a espessa porcelana se despedaçara ao bater no chão. Ajoelhou-se e tateou com cuidado os pedaços. Para seu entusiasmo, encontrou um pedaço de um dos cantos com a ponta afiada. Tinha uma orla lisa, que encaixava perfeitamente na palma da sua mão.

Era uma arma.

– Devias dormir um pouco – aconselhou Kate a Tristan, quando o deixou em casa. Via-lhe as olheiras bem salientes.

– A Kate também. De manhã, as coisas parecerão melhores – disse ele, inclinando-se para a porta aberta. Não parecia convencido. – Quer que leve o pequeno-almoço? – indagou. – Ovos fritos com *bacon* num pãozinho enfarinhado?

– Sim, algo que me faça levantar amanhã – concordou Kate.

– Quer vir comer qualquer coisa? – perguntou Tristan.

– Estou bem, obrigada.

Via que Tristan se preocupava com ela, e estava-lhe grata por isso, mas só desejava ir para casa e passar algum tempo sozinha.

A casa encontrava-se gelada quando abriu a porta da frente. Entrou e acendeu uma enorme fogueira na lareira, preparou uma tosta de queijo e um chá gelado e comeu na sala às escuras, a contemplar as chamas.

Parecia que as coisas lhe estavam a escapar – o domínio dos factos daquele caso e a crença em si mesma. Queria falar com Kirstie. Queria acreditar que Magdalena fora arrastada para o mar. Também sabia que devia ir à reunião dos Alcoólicos Anónimos mais tarde, mas limitou-se a ficar sentada diante da lareira; as pernas e o rosto estavam a ficar quentes, mas não conseguia sacudir o frio das entranhas.

O telefone tocou com uma mensagem de texto e Kate tirou-o do bolso das calças de ganga. Era Jake, a perguntar se ela estava por ali para conversarem através do Skype. Kate respondeu que estaria pronta em dez minutos. Correu de um lado para o outro, arrumando pratos velhos e papelada e acendendo as luzes. Foi à casa de banho escovar o cabelo e lavou o rosto com água fria, na esperança de que Jake lhe confirmasse a visita na semana seguinte, para as férias do meio do semestre.

Kate sentou-se na poltrona favorita junto à janela no preciso momento em que o computador começou a tocar.

Quando atendeu a chamada, o ecrã de vídeo abriu-se e viu Jake sentado no sofá junto à mãe de Kate, Glenda. Já tinham jantado, pois a mãe continuava com o avental com as palavras I ♥ YORK CATHEDRAL. Jake tinha uma *T-shirt* preta e o cabelo chegava-lhe aos ombros.

– Olá, mãe – disse ele, erguendo uma mão.

– Olá, amor – respondeu Kate.

– Catherine, estamos só à espera do teu pai. Despacha-te lá, Michael – disse Glenda, olhando para lá da câmara.

– Está tudo bem? – perguntou Kate. Às vezes, a mãe espreitava as suas conversas com Jake, mas raramente se juntava à chamada, a menos que houvesse algo sério para discutir, e o pai de Kate só participava se o assunto fosse muito sério.

– Como está o tempo por aí, Catherine? – perguntou a mãe.

– Frio. Como seria de esperar – respondeu Kate.

O pai, com cabeleira grisalha e os óculos pendurados do pescoço por uma corrente dourada, entrou no enquadramento e sentou-se pesadamente ao lado de Glenda. Vestia uma camisola vermelho-vivo com um padrão de losangos amarelos.

– Olá, querida Catherine – cumprimentou ele, pegando nos óculos pela corrente e pondo-os. Olhou para o ecrã. – Estás com bom aspeto. – Dizia sempre isso. Kate achava que podia levar um tiro na cara à queima-roupa, que o pai continuaria a observar que ela estava com bom aspeto.

– Sim, continuo a nadar todos os dias – retorquiu.

– Vejo que tens a lareira acesa!

– Sim.

– Quando a mandaste limpar? – perguntou.

– Hum, no ano passado, acho.

Ele abanou a cabeça.

– Devias mandar limpá-la outra vez, Catherine. Não queres que a chaminé se incendeie; seria mau.

– Michael, não estamos aqui para falar sobre a lareira da Kate – interveio Glenda. Jake olhou de lado para Glenda e Michael. Glenda assentiu.

– Mãe, tenho de falar contigo quanto a esta semana, sobre as férias – começou Jake. *Aqui vamos nós*, pensou Kate. *Vai deixar-me pendurada*. Bebeu um gole do chá gelado. – Gostava de ir amanhã, se não for muito à justa, e adorava ficar um par de dias.

– Isso é ótimo – disse Kate, pensando que interpretara mal a situação. Embora esperando que ele ficasse a semana inteira. Principalmente agora que estava tudo uma confusão, um pouco de normalidade far-lhe-ia bem.

– Mãe. Há uma coisa que quero fazer. Preciso... – disse Jake, pigarreando. – Sabes que ando num psicólogo, depois do que aconteceu no verão?

– Sim.

– Tem sido fantástico, e ajudou-me com algumas outras coisas.

– Que outras coisas? – questionou Kate, mais brusca do que pretendia.

– Relacionadas com... – Jake parecia desconfortável e olhava para o chão. Os longos cabelos caíam-lhe sobre o rosto.

– Jake, olha para a tua mãe enquanto falas, e não te escondas atrás do cabelo – pediu Glenda.

– Avó! Estou a tentar falar – desculpou-se, enfiando o cabelo atrás das orelhas.

Jake respirou fundo.

– Roland, é esse o nome do meu psicólogo, conseguiu fazer-me falar sobre o meu pai durante as sessões... Sei quem é e o que fez, mas quero vê-lo.

– Ver quem? – perguntou Kate, confusa por um momento.

– O meu pai. Peter Conway – respondeu Jake.

Kate esqueceu-se de respirar. O som das ondas na praia ao fundo rugia-lhe nos ouvidos. No ecrã, Jake continuava a falar, mas ela não o ouvia, só conseguia ver o movimento da boca.

De repente, Kate inspirou e a voz de Jake voltou a ouvir-se com nitidez.

– Pensei muito sobre isto e tenho dezasseis anos. Legalmente, posso vê-lo, se quiser...

Os três rostos no sofá olhavam para ela, expectantes.

– Ele não quererá ver-te – acabou Kate por afirmar. Falava baixinho e com dificuldade. Tinha a boca seca. Pigarreou. – Dizem-me que não quer ver ninguém.

– O Peter aceitou ver o Jake – informou Glenda, sorrindo desconfortavelmente. – Entrámos em contacto com o hospital onde ele está, hum...

Kate sentiu um súbito acesso de raiva para com a mãe. Depois de tudo o que a família passara, estava a dourar as coisas.

– Hospedado? Mãe. Era isso que ias dizer? Está indefinidamente detido num hospital psiquiátrico de alta segurança, segundo as leis de Sua Majestade. É um assassino em série.

– Kate, por favor. Estou tão satisfeita com isto como tu, mas o Jake tem o direito de ver o pai.

– Para de lhe chamar pai! – gritou Kate, levantando-se. – Ele não é nada. Não é nada! Não é mais do que uma parte accidental da...

– Mãe. MÃE! – disse Jake. Kate continuava furiosa; o coração palpitava-lhe no peito. – Mãe. Tens de respeitar a minha decisão. Tenho de o ver. Preciso disso. Tens de entender. Não quero ser o melhor amigo dele...

– Como assim, melhor amigo? Mal conseguirás que seja civilizado. Ele não quer saber – disparou Kate. – É um monstro, e digo isto como alguém que acredita na capacidade das pessoas para se emendarem. Tentou matar-me, Jake. Duas vezes. E da segunda vez estavas lá, e também foi bastante violento contigo. Queria que assistisses!

– Eu sei, mãe.

– O que queres dizer? Não tens qualquer lealdade comigo? – perguntou Kate.

– Vá lá, Catherine. Entendo como te sentes – disse Michael. – Mas chega de conversa sobre lealdade. O Jake ainda agora se tornou adulto e não fez mais do que amar-te, apesar dos teus problemas no passado... pelos quais não te culpamos.

– O Peter Conway safa-se desta discussão, não é? Mas os meus problemas no passado continuam a ser usados contra mim?

Michael ergueu as mãos.

– Kate. Sabemos que lamentas. Temos orgulho em como te estás a sair, em como voltaste a pôr a tua vida em ordem. O rapaz só quer sentar-se e falar com o Conway. Por uma hora apenas. O Jake tem direito a estar curioso acerca do pai biológico. Não tem ilusões sobre quem o Peter é e o que fez...

– *Pôr a minha vida em ordem?* – repetiu Kate.

– Erro meu. Desculpa.

– Pai. Estou sóbria há dez anos. Tenho uma carreira respeitável. Não tenho dívidas. Mas terei sempre de lamentar, não é? Jamais serei perdoada... Terei de me humilhar e pedir desculpas até ao fim dos tempos. E esse monstro do Peter Conway, que cometeu horrores indescritíveis, pode ditar os termos deste encontro com o Jake. Porque estão todos a lamber-lhe as botas? Isso é que é privilégio masculino, raios!

Kate sentia-se a perder o controlo. Queria atirar o computador janela fora, para a praia lá em baixo. Amava Jake, mas porque queria ele ver Peter Conway durante o tempo precioso que tinham juntos durante as férias escolares? Passara anos a tentar compensá-lo por ter sido má mãe quando era pequeno, mas Peter Conway, que nada fizera a não ser causar sofrimento e dor, tinha direito a uma visita.

– Mãe! Não tens de pedir desculpa, mãe. Nunca – disse Jake, chegando-se para mais perto da câmara. Kate sentiu que começava a chorar. Limpou uma lágrima. – És a minha mãe e amo-te. E sei que me amas. Sei que o Peter nunca será um verdadeiro pai.

Kate sentou-se.

– Tenho saudades tuas, Jake, só isso. E toda esta culpa por não ter estado aí para ti. Passei demasiado tempo separada de ti, e estás prestes a tornar-te adulto e a viver a tua vida... Como deve ser, mas sinto que nunca tive a oportunidade de ser tua mãe.

Fez-se um silêncio desconfortável. Não eram a mais expressiva das famílias, nem nos melhores momentos.

– Mãe. Tenho simplesmente de o ver e de falar com ele – insistiu Jake, quase suplicante. – Durante anos, ouvi como falavam dele e sussurravam nas minhas costas que o meu pai é um assassino em série... Transformaram-no num vilão lendário, numa celebridade.

Tenho de viver com esse peso em cima dos ombros. Não quero temê-lo. Se pudesse apenas falar com ele e torná-lo real. É só uma pessoa.

Instalou-se um longo silêncio. Kate continuava a odiar a ideia de Jake visitar Peter, mas estava impressionada com ele. O seu lábio inferior começou a tremer.

– Oh, Catherine – exclamou Glenda. – Todos te amamos. Sabes disso.

– Tenho de ir buscar um lenço – disse Kate, sentindo as lágrimas e o ranho no rosto. Pegou à pressa num rolo de cozinha, assoou-se e tentou recompor-se. Respirou fundo algumas vezes e ouviu Jake e os pais a conversarem no computador.

– Bem. Estou de volta – anunciou, sentando-se novamente. – Então, qual é o teu plano para ir ver o Peter?

Um olhar desconfortável passou entre Jake, Glenda e Michael.

– Mãe, gostava de ir para tua casa amanhã, e depois a visita ao Peter está marcada para segunda. É no Hospital de Great Barwell, claro.

– Porque vens até aqui quando terás de fazer todo o caminho de volta? – perguntou Kate.

Outra pausa desconfortável.

– O Peter Conway só aceitou ver-me se tu também fores, mãe.

O homem entrou no elevador. Era um velho ascensor de serviço, cinzento e funcional, ativado por uma chave, que ele introduziu na fechadura do lado esquerdo e rodou para a direita. As portas fecharam-se, tapando a luz, dando início à retumbante descida.

Usava óculos de visão noturna pequenos e compactos e colocou-os nos olhos. Ativaram-se com um zumbido mecânico, permitindo-lhe ver o interior do elevador a preto e branco, com um matiz de verde.

Abrindo o pequeno revólver na mão, verificou as balas introduzidas na câmara. Rodou-o e voltou a pô-lo no sítio. *Seis tiros*. Tinha de os usar com sensatez e era fácil entrar em pânico se as coisas se descontrolassem. Precisava de manter a calma.

Tinha-a há uma semana e divertira-se muito com ela, mas estava a ficar fraca. Mantivera um par deles durante mais tempo e haviam enlouquecido, automutilando-se. Uma rapariga sucumbira de repente, privando-o de qualquer tipo de clímax. Outra morrera em sujo protesto. O que o repugnara. Era melhor escolher a sua partida quando ainda estavam suficientemente sãs para terem medo.

A sua parte favorita era no início, quando se limitava a observá-las, seguindo-as no escuro, absorvendo o seu medo. Gostava de deixar obstáculos nos quais tropeçavam. Adorava a sua raiva quando caíam, o descontrolo. O momento em que começavam a desmoronar mentalmente, mas ainda tinham esperança. Gostava de bater, de as atirar e empurrar no escuro, de as desorientar.

No passado, raptara alguns tipos, mas não eram tão divertidos. Tornavam-se rápidos a ripostar. Com os homens, usava uma faca; cortar-lhes os tendões dos joelhos não era fatal, mas impedia-os de se moverem demasiado.

No que ao sexo dizia respeito, preferia as raparigas, mas os rapazes eram igualmente empolgantes para violar.

Decidira usar uma pequena pistola para acabar com eles. A espingarda rasgava a carne e causava demasiados estragos.

Matara um dos rapazes com um tiro na cabeça, mas os miolos haviam deixado uma confusão terrível.

O elevador desceu lentamente os dois andares até à masmorra. Tecnicamente, era apenas um andar, mas tinha dois de profundidade, sob camadas de solo e todo insonorizado face ao exterior. Ainda assim, da primeira vez que disparara uma arma na cave, deixara um gravador no piso principal para testar o som. O barulho fora ensurdecedor, e ressaltara no espaço confinado, mas o gravador não registara mais do que um ténue estalido lá em cima, e tinha a certeza de que este não era audível fora do edifício. Estava muito bem isolado.

O elevador parou com um solavanco. Rodou a chave para a posição inicial e as portas abriram-se.

Não estava preparado para a ver ali, banhada pelo brilho verde captado pelos óculos de visão noturna. No tom sépia tingido de verde, parecia agora magra e fraca. Tinha as faces encovadas e o longo cabelo oleoso.

– Aí estás tu... – disse ela, olhando-o diretamente. Por um momento, o homem vacilou, erguendo os óculos e tornando-se também cego. Haveria alguma luz a vir de algures; ela via-o? Os óculos emitiram um zumbido eletrónico quando os tirou. Estava um negrume de breu.

– Vejo-te com os ouvidos – rosnou ela. No escuro, ouviu-a soltar um grito. Voltou a pôr os óculos de visão noturna, mas ela investia contra ele com algo na mão. Correu para ele, derrubando-lhe a arma da mão, e ele sentiu algo rasgar-lhe a carne do ombro.

A arma deslizou para longe do elevador. Juntos, chocaram contra ele e escorregaram para o chão. Ela esfaqueou-o, aos gritos, rasgando-lhe a camisa; ele sentiu algo afiado cortar perigosamente perto do mamilo direito.

Como raio fez ela aquilo?, pensou. Voltou a atingi-lo de lado na cabeça.

Gritou, e ela apanhou-o nas costelas antes de conseguir pontapeá-la, assestando-lhe um golpe na barriga. Os óculos tinham-lhe descaído para o lado da cabeça e ajustou-os. Voltou a pontapeá-la e ela rodou para fora do elevador, gemendo.

Em pânico, ele introduziu a chave no elevador e rodou-a para a direita. Observou-a enquanto as portas se fechavam. Quando este ganhou vida e começou a regressar ao piso de cima, encostou-se à parede. Tremia e estava sem fôlego. *Jesus*. Examinou-se. Tinha a camisa rasgada no ombro e duas vezes no peito, e sangrava. Como podia aquilo ter acontecido? Ela estava meio morta de fome.

Sentiu que chorava, o que o enfureceu mais. Só quando chegou ao piso de cima e as portas se abriram é que começou de novo a respirar normalmente.

Saiu para a luz ténue e sentou-se no chão, agarrando-se aos ferimentos. Provavelmente, o ombro ia precisar de pontos. Como ia explicar aquilo?

– Raios! – gritou.

E então deu-se conta.

Não, não, não, não!

A arma. Tinha deixado cair a arma.

Magdalena tateou a arma, revirando-a entre as mãos. Era real. Nunca antes segurara uma e aquela era pesada e maciça. Não era de plástico. Ouvira algo cair ao chão quando correria para ele, e imaginara que fosse uma faca. Dava-lhe arrepios pensar que ele descera com uma arma.

Veio com a patilha de segurança aberta ou fechada?

Na sua terra, a polícia usava armas, mas nunca vira sequer um agente puxar da sua. Que vida protegida levava, pensou; bem, até àquele momento.

Magdalena passou os dedos pela lateral da arma e descobriu o que julgava ser a patilha de segurança. Pressionou-a.

Ergueu a arma, apontando-a para longe de si, e exerceu uma ligeira pressão no gatilho. Não se moveu, e sentiu resistência, como se estivesse preso no sítio.

Veio com a segurança aberta; ia dar-me um tiro.

Deu voltas ao pensamento. Porque estava chocada? Ele violara-a, duas vezes, tanto quanto sabia, e estivera ali em baixo, a observá-la no escuro. Algumas vezes, quando se aproximara, ouvira-o a cheirá-la.

Estremeceu. Fartara-se dela e ia matá-la. Tê-lo-ia feito de forma rápida? Duvidava, e dependia do número de balas que tivesse carregado na arma.

Foram precisas várias tentativas, mas Magdalena conseguiu abrir a câmara. Mantendo a arma inclinada para a frente, tateou o interior. Havia seis balas na câmara circular.

A sua mente girava rapidamente. Ele ia voltar e tentaria chegar à arma ou matá-la antes que ela pudesse usá-la nele. Estava a dar em doida por não conseguir ver nada.

Meses antes, assistira a uma peça na universidade sobre a vida nas trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial. Os atores tinham usado uma arma verdadeira, sem balas, mas quando a dispararam,

o estrondo fora avassalador e o clarão do tiro no teatro escuro fizera com que o público gritasse de susto.

Se disparasse a arma ali em baixo, talvez houvesse um clarão que lhe mostrasse o que a rodeava.

Bolas, ora aí está uma ideia, pensou. Seria o suficiente para ver o que a rodeava no brilho de um tiro? *Tenho seis balas*. Sabia-lhe bem ter algum poder, após infinitos dias e horas no escuro a sentir-se impotente. Quase não queria desistir daquelas seis balas. Não conseguia vê-las, mas na sua mente eram de prata. Seis balas de prata. Seis oportunidades prateadas de se proteger.

As paredes eram de estuque e a porta do elevador era de aço pesado. A melhor opção passava por disparar para o lado esquerdo do corredor, contra a parede de estuque; a bala não ressaltaria contra ela.

Com uma mão trémula, ergueu a arma, apontando para a esquerda. Deslizou a patilha de segurança, abriu bem os olhos e premiu o gatilho.

BUM.

Foi terrivelmente alto e o recuo forte, mas Magdalena obrigou-se a manter os olhos abertos. Nesse intenso clarão de uma fração de segundo, viu o corredor iluminado. Passara tanto tempo no escuro que a imagem ficou-lhe temporariamente gravada na retina. Pestanejava, tentando captar o máximo de informação possível antes que se desvanecesse. Tratava-se de um corredor vazio. A porta da pequena casa de banho ficava do lado direito e estava pintada de um horrível verde-ervilha. A parede da direita encontrava-se coberta pelo que parecia uma grande mancha de sangue. *Oh, Deus*. Estremeceu ao pensar em como tateara aquela parede com os dedos e lhe encostara o ouvido. Outras vítimas tinham morrido ali.

Não havia tempo para medos. Naquele clarão, vira algo mais no teto, por cima das portas do elevador – um alçapão.

Tinha cinco balas. Magdalena rodou sobre si mesma e disparou outra contra a parede do fundo da divisão que continha a cama e o lavatório.

BUM.

No brilho do disparo, viu os contornos do quarto e sentiu-se repugnada. Os azulejos eram claros, salpicados de sangue, e o colchão tinha enormes manchas de sangue, abertas num padrão *tie-dye*. Na sua mente, o quarto fora branco. Também vira a cama, em pensamento, como estando limpa. Queria isso dizer que era uma otimista? Sempre se julgara pessimista, uma rapariga do tipo copo-meio-vazio. *Talvez estar presa numa masmorra com um violador louco nos ajude a ver tudo o mais de forma positiva*, pensou sombriamente.

Não havia nenhum alçapão no teto nem porta secreta.

Tossiu ao inalar o pó dos azulejos rebentados. Voltou a colocar a patilha de segurança, guardou a arma no cós das calças e tateou o caminho de regresso às portas do elevador.

Ele voltaria; não sabia quanto tempo demoraria, mas aperceber-se-ia de que ela tinha a arma. Esperava tê-lo cortado o suficiente para precisar de pontos. Isso dar-lhe-ia tempo.

Encontrou o elevador ao fundo do corredor e ergueu os braços. Não chegavam ao teto, e o clarão do disparo mostrara-lhe que o teto do corredor era bastante alto.

Como ia chegar ao alçapão?

Paralisou ao ouvir o forte estampido do primeiro tiro a ecoar pelo poço do elevador. Estava pronto, com a mão na chave, a voltar a descer. A sua mão ficou a pairar sobre a chave. A rapariga já encontrara a arma e disparara-a. E se se tivesse suicidado? Não. Era demasiado combativa para rebentar os miolos.

Retirou a chave, saiu do elevador e dirigiu-se à caixa de ferramentas que mantinha junto à porta principal. Tirou uma corda, o frasco de pó de anjo e um pé de cabra. Examinou a ponta curva e afiada do pé de cabra. Sorriu.

– Sua cabra maldita. Vais pagar por isto – disse.

Voltou para o elevador e introduziu a chave. Devia regressar lá abaixo imediatamente. A cabra continuava às escuras. Podia dominá-la, se estivesse preparado. Bater-lhe-ia na cabeça e dar-lhe-ia uma dose fatal de pó de anjo. Não, esfaqueá-la-ia na coluna. Paralisá-la-ia e dar-lhe-ia uma morte lenta e dolorosa. Olhou para a chave. Estava manchada de sangue.

– Merda, merda, merda – silvou. Corria-lhe sangue pelo braço, debaixo da manga. Enfiou o pé de cabra na parte de trás das calças de ganga e dirigiu-se ao saco, vasculhando o interior em busca de lenços de papel.

Abriu um pacote e limpou os ferimentos. Puxou a manga da camisa, rasgando-a no ponto onde ela o esfaqueara, e usou a parte de baixo do tecido para ligar a ferida.

A frente da camisa estava ensopada em sangue e ele desabotoou-a. Os dois cortes no peito eram menos profundos, mas teriam de ser examinados.

Limpou as mãos trémulas e ajeitou os óculos de visão noturna no cimo da cabeça.

Crás.

Deu outro salto ao ouvir o som de novo tiro, e o pé de cabra caiu com um tinido.

Quatro balas. O que estava ela a fazer? A tentar rebentar com o elevador?

Veio-lhe ao pensamento uma imagem do filme *The Ring – O Aviso*, em que a assustadora rapariga descarnada com os longos cabelos molhados e oleosos saía do poço, de cotovelos e pernas retorcidos e angulosos. Estaria ela a tentar subir pelo poço vazio do elevador?

– Deixa-te disso! – gritou para consigo. Baixou-se para apanhar o pé de cabra e pingou-lhe mais sangue para o chão. A parte da frente da camisa estava agora encharcada por duas manchas que se alastravam. Sentia-se zozzo.

Hesitou. Depois, tirou a chave da parede do elevador, saiu e introduziu-a na fechadura da parede exterior. Rodou-a e as portas trancaram-se.

Agora, ela não poderia sair, mesmo que subisse o poço. E se entrasse no poço e comesse a trepar, ele faria com que o elevador descesse e esmagaria o seu bizarro corpo angular.

Olhou para as mãos manchadas de sangue. Continuavam a tremer.

– Parem! Parem! – gritou-lhes.

Teria de decidir o que fazer.

Precisava de se acalmar. Tinha de ir ao médico. Fá-la-ia esperar, deixaria que ficasse mais fraca e regressaria com uma espingarda. Dispararia assim que saísse do elevador, e que se lixasse a confusão.

Só se sentiria seguro quando os seus miolos estivessem espalhados pelas paredes.

Kate e Jake chegaram ao Hospital Psiquiátrico de Great Barwell às nove da manhã de segunda-feira e apresentaram-se junto ao portão principal. O hospital constituía-se de uma enorme extensão de edifícios vitorianos de tijolo vermelho, eclipsados por uma imensa extensão de terrenos arranjados. Fora construído ao lado de uma rua de casas de habitação. Um dos lados era como qualquer rua suburbana, mas do outro lado, o passeio estava revestido por uma vedação de seis metros de altura com arame farpado no topo.

Durante vários anos, fora Peter Conway a definir a vida de Kate. Chefiara-a na Polícia Metropolitana e acolhera-a sob a sua proteção, promovera-a e estimulara a sua carreira. Por um breve período, tinham sido amantes – concluía logo na altura que se tratara de um erro terrível, mesmo quando pensava que ele era apenas um polícia – e então Kate fizera a chocante descoberta de que era ele o Canibal de Nine Elms.

O maior triunfo de Kate, apanhar Peter, transformara-se também no seu maior fracasso. A história escrevera-se sozinha nos tabloides. Polícia novata dorme com o chefe, expõe-o como um assassino em série e depois, numa conclusão sumarenta, dá à luz um filho seu.

Kate culpava-o por tudo: a queda, o fim da carreira na polícia, o alcoolismo e a relação conturbada com o filho. Tinha-lhe raiva, medo e ódio, e essas emoções haviam transformado Peter Conway, também conhecido como o Canibal de Nine Elms, numa criatura quase mítica. Um monstro à espreita no escuro para a atormentar para sempre.

Na portaria, uma mulher de rosto pétreo sentava-se atrás de um conjunto de monitores, examinando imagens granuladas da estrada e do perímetro da vedação. Quando Kate ia a abrir a boca, uma sirene soou. A mulher, que acabava de dar uma grande dentada num bolo, acenou com um dedo enluvado.

— TESTE À SIRENE! — gritou, engolindo o bolo. — Têm identificação?

Kate e Jake pegaram nos passaportes e introduziram-nos pela abertura. A mulher pegou-lhes e abriu-os, folheando-os com o que pareceram a Kate ser uns dedos bastante gordurosos até localizar a página das fotografias. O passaporte de Jake expirava dali a um mês e, na foto, era um rapaz de onze anos, magro e desajeitado, a sorrir para a câmara sem os dentes da frente. A mulher abriu um sorriso. A sirene passou para um gemido baixo e parou de tocar.

– Tornaste-te um jovem bonito – comentou ela.

– A sirene toca quando alguém foge? – perguntou Jake.

– Testamo-la às segundas-feiras, às nove da manhã – respondeu a mulher.

– Viemos ver o Peter Conway – disse Kate. Caiu-lhe a ficha, e a atitude da mulher para com Jake mudou, voltando a assumir o rosto pétreo enquanto imprimia os seus passes de visitantes.

– Da última vez que tocou foi quando o teu pai fugiu. Também matou uma médica aqui – disse ela, fazendo deslizar os passes pelo balcão. – Desçam ao portão principal e terão lá alguém à vossa espera.

Em silêncio, dirigiram-se à entrada principal. O hospital alojava alguns dos criminosos mais perigosos do Reino Unido, mas os terrenos estavam maravilhosamente cuidados, ordeiros e tranquilos. As únicas pistas eram a alta vedação e as torres de vigia espalhadas por ali a espaços, com guardas armados no topo, a vigiar.

– A médica que ele matou. Cortou-lhe a garganta com uma faca improvisada, não foi? – perguntou Jake, rompendo o silêncio.

– Sim. Chamava-se Meredith. Era casada e tinha um filho pequeno – respondeu Kate. Era melhor dizer a verdade, pensou.

– Mãe, estou um pouco assustado – disse Jake.

– Um pouco? – repetiu Kate. – Ficaria preocupada se não estivesses... Ele vai estar atrás de um painel de vidro grosso. Não pode tocar-te.

Parecia uma loucura. De que forma é que ver aquele monstro ajudaria Jake a explorar o seu passado? Caminharam em silêncio e chegaram à entrada principal.

Peter Conway fizera um acordo: Kate entraria primeiro e visitá-lo-ia durante uma hora. Depois, encontrar-se-ia com Jake. Kate fora a casa dos pais em Whitstable no dia anterior, onde tinham conversado bastante sobre o passado e as implicações de Jake conhecer Peter. Glenda dissera algo que ficara na mente de Kate.

– Tens de desmistificar o Peter Conway, Catherine, para bem da tua sanidade e também da do Jake. Ele é muitas coisas: um monstro, o pai do Jake, a razão pela qual a nossa família foi arrasada, mas também é apenas uma pessoa. Há demasiado tempo que nos controla a todos.

Seguiu-se um longo processo para Kate e Jake passarem pela segurança: dois conjuntos de leitores de raios X, revista corporal e depois mais portas trancadas até chegarem a uma ampla e arejada receção pintada de branco.

Uma divisória de vidro atravessava o meio do espaço, unindo-se a uma parede perpendicular também de vidro. O vidro continuava através dela, delimitando uma sala de visitas. De cada lado da divisão exterior, havia seguranças, sentados a secretárias com monitores. Os ecrãs tinham imagens da sala de visitas e dos corredores exteriores. Kate e Jake foram recebidos por um homem que se apresentou como Dr. Grove. Vestia roupas informais e pô-los à vontade.

– A lei impede-nos de gravar as vossas visitas. Terão de deixar todos os aparelhos móveis, computadores, *tablets* e portáteis com os seguranças antes de entrarem – informou ele.

Kate e Jake pegaram nos telemóveis e entregaram-nos ao agente à secretária.

– Se quiserem terminar a visita, por favor, façam sinal, e um dos agentes deixá-los-á sair. Jake, vou levar-te à cafetaria enquanto a tua mãe se encontra com o Peter.

– Boa sorte, mãe – desejou Jake, antes de partir com o médico. Um dos seguranças dirigiu-se à porta de vidro e introduziu um número num teclado. A porta emitiu um estalido e abriu-se.

– Lembre-se, se precisar de mim, faça-me sinal – frisou ele com um sorriso.

Kate atravessou a porta, que se fechou atrás dela com um clique e um zumbido. O ruído de fundo desapareceu. O agente regressou à secretária, falando com o colega. A sua boca movia-se, mas não se ouvia nenhum som. Kate virou-se e olhou para a divisão. Estava fortemente iluminada e pintada de verde-claro. Três das paredes não tinham janelas e a quarta era uma divisória de vidro espesso que ia do chão ao teto e dava para uma divisão idêntica. Tinha uma mesa quadrada de plástico e uma cadeira aparafusadas ao chão, e o mesmo acontecia do outro lado do vidro.

Verificou-se movimento no exterior, e Kate viu um homem de andar curvado a ser conduzido até ali, de mãos atrás das costas. Levou-lhe um momento a perceber que se tratava de Peter Conway. Quando tinham trabalhado juntos, todos aqueles anos antes, Peter era atlético, de um metro e oitenta, e havia pouco tempo, numa rara fotografia dele na cela, parecera um animal enjaulado. A sua grande figura constrangida no espaço pequeno.

O homem que se aproximava da divisória de vidro parecia quase idoso. Magro como uma estaca e de ombros curvados. O rosto e a boca pareciam chupados e rugas profundas atravessavam-lhe o rosto. O cabelo grisalho, a escassear, estava preso num rabo de cavalo. Usava uns grossos óculos de leitura, calças de ganga e camisola verde-clara. Tinha as mãos algemadas atrás das costas e os dois enfermeiros que o acompanhavam estavam armados com bastões, gás pimenta e *tasers* nos cintos. Não trazia capuz de malha. Kate lera que Peter tinha de o usar sempre nos espaços comuns. Ao longo dos anos, mordera vários enfermeiros e pacientes.

Kate não ouvia o que os guardas diziam, dado que o sistema de som estava desligado. Sentaram-no à sua frente. Peter não olhou para cima. Estava a pedir qualquer coisa aos guardas. Foi então que ela viu que não tinha dentes. Só gengivas, e era isso que o fazia parecer tão velho.

De súbito, o som ativou-se e a voz de Peter fez-se ouvir pelo altifalante implantado no vidro da divisória.

– Quero-os agora.

– Tê-los-ás quando sairmos – respondeu um dos enfermeiros. Tirou as algemas a Peter. O outro enfermeiro postou-se ao lado, de *taser* em riste.

– Mantém-te sentado até sairmos, Peter – disse o enfermeiro, guardando as algemas no bolso. Pôs uma pequena caixa de plástico em cima da mesa, após o que ambos recuaram em direção à porta. Esta abriu-se com um zumbido e eles saíram, fechando-a atrás de si. Quando a porta se trancou com um novo zumbido, Peter estendeu a mão para a caixa em cima da mesa e pegou-lhe. Virou costas e, quando voltou a olhar, parecia-se mais com o homem que Kate recordava.

– Olá, Kate – disse ele, sorrindo com uma fila perfeitamente branca de dentes falsos. – Aumentaste de peso.

Kate e Peter ficaram sentados em silêncio, a olhar-se, um de cada lado da espessa separação de vidro.

A mãe perguntara-lhe o que planeava. Parecia preocupar Glenda que Kate estivesse no seu melhor para a ocasião, o que achou bastante perverso, arranjar-se para o homem que tentara matá-la. Duas vezes. Decidira vestir-se como se fosse para um dia normal de trabalho: calças de ganga elegantes e uma camisola de lã verde. Não lhe escapava a ironia de tanto ela como Peter vestirem trajes similares.

Pensou que sentiria medo quando o visse, mas agora não sabia o que sentir.

– O que aconteceu aos teus dentes? – perguntou, rompendo o silêncio. Ele sorriu. Um arrepiante sorriso à Hollywood.

– Já ouviste a expressão *enfio-te os dentes tão para o fundo da garganta que vais precisar de meter uma escova de dentes no cu para os lavares?*

– Sim.

– O recluso que me ameaçou cumpriu a palavra. Quando terminou, só me restavam os molares de trás – afirmou. – Também me partiu o nariz e a maçã do rosto do lado esquerdo.

– Tens de me dizer quem é. Gostaria de lhe dar um aperto de mão – ironizou Kate.

– Não ias querer tocar-lhe na mão depois de saberes onde estive – observou Peter, ainda a sorrir. – É um pedófilo violento e sórdido.

Kate não deixou transparecer a repulsa. Passaram um minuto em silêncio, sem quebrar o contacto visual. De repente, Kate suspirou e recostou-se na cadeira.

– Então. Falamos de quê nos próximos... – Olhou para o relógio. – Cinquenta e sete minutos?

– Foste a algum sítio agradável nas férias? – perguntou ele.

– Não. E tu?

– Não, mas ouvi dizer que a solitária é muito agradável nesta altura do ano.

Era uma sombra do homem que em tempos conhecera. Por um momento, pareceu-lhe normal, a fazer uma piada estúpida. Reconhecendo o desconforto partilhado. Queria sorrir, mas impediu-se. Era surreal. Depois de tudo o que lhe acontecera, quase a fizera rir. Lembrou-lhe quão perigoso ele era.

– Porque queres ver o Jake? – perguntou Kate. – Nunca te interessou o facto de teres um filho.

– Foi o Jake que quis ver-me. Isso irrita-te, não é verdade?

– O que vais dizer-lhe? – prosseguiu Kate, com voz dura. Peter ergueu a mão, enxotando-a. Kate viu como os seus dedos estavam curvados e deformados pela artrite.

– Fico feliz só de o ver e de ouvir a sua voz.

– Não é parecido contigo – desferiu Kate, mais estridente do que desejara.

– É uma pena. Eu era um sacana jeitoso. *Não era?* – Kate arqueou uma sobrancelha. – Sim. Era, quer gostes, quer não. Saltei-te para a cueca e, caramba, se estavas molhada quando lá cheguei.

Kate levantou-se.

– Não passas de um velho triste e odioso que tem de pôr a dentadura num copo junto à cama. Tenho coisas melhores que fazer com o meu tempo – disse ela. Dirigiu-se à porta de vidro e bateu, sentindo o rosto corar de embaraço.

– Kate, Kate... – chamou Peter, levantando-se. – Desculpa... Volta. Vamos recomeçar. Pelo Jake. É esse o acordo, não é? Tu vê-me e eu vejo-o?

Tinha desespero na voz e, apesar de cada fibra do seu ser querer partir, Kate sabia que Jake precisava de ver o pai. Nem que fosse só para concluir que era um velho patético. Respirou fundo e voltou para a cadeira. Sentaram-se os dois. Fez-se outro longo silêncio. Peter tirou os óculos e limpou-os à camisola.

– Disseste que tinhas coisas melhores para fazer do que visitar-me – afirmou ele, colocando novamente os óculos. – Tipo o quê?

– Eu tenho uma vida, Peter. Não te diz respeito – respondeu, mas não soou convincente.

– Foi o psicólogo do Jake que sugeriu que ele se encontrasse comigo. Está a ter aconselhamento porque *tu* encontraste um cadáver quando ele foi passar o verão contigo – disse Peter, aproximando-se do vidro e apontando, para enfatizar o *tu*. – O Jake também viu o corpo, não foi?

– Sim. Estávamos a mergulhar no reservatório – assentiu.

– Que aspeto tinha?

– Era um rapaz, poucos anos mais velho do que o Jake – disse Kate.

– Estava muito maltratado?

– Tinha o corpo coberto de lacerações. Inicialmente, a polícia pensou que ele se afogara e fora atropelado por um dos barcos de manutenção que patrulham o reservatório.

– O que acha a polícia agora?

Kate hesitou.

– Julgam que foi o amigo.

Peter recostou-se.

– Hum. Mas *tu* não concordas, pois não?

– Não bate certo com um crime passional.

– Eram amantes?

– Não. Refiro-me a paixão como acesso de raiva, de violência.

Kate falou-lhe das circunstâncias da morte de Simon e da história de Kirstie Newett sobre o seu rapto. Descreveu-lhe o caso, os dos outros desaparecidos e o de Magdalena. Sentia-se a descarregar sobre Peter o fardo do processo, e ele ouviu-a atento.

– O simplório do Simon viu alguma coisa na caminhada noturna junto ao reservatório.

– Sim – assentiu Kate.

Peter fechou os olhos e recitou:

– *Simple Simon met a pieman, going to the fair... Said Simple Simon to the pieman, let me taste your ware.*¹ – Abriu os olhos e fitou-a. – Achas que o Simon estava no armário? Que era *gay*?

– Não.

– Não procurava sexo durante a noite junto a esse reservatório? Não houve nenhum vendedor cuja mercadoria ele tivesse provado e

depois as coisas tornaram-se desagradáveis? – Kate fitou-o com ceticismo. – Não estou a provocar-te. Tens de dar um passo atrás e pensar nestas coisas.

– Não. O Simon viu alguém junto à água – disse Kate.

– Porque não achas que tenha sido o Geraint?

– O Geraint não tinha acesso a um barco; acho que o Simon foi perseguido por alguém num barco após ter sido esfaqueado.

– Pode o Geraint ter visto o Simon a ser perseguido por essa pessoa no barco?

– É possível, mas diria algo. Estava em liberdade condicional quando isso aconteceu. Não teria agarrado a oportunidade para culpar outra pessoa?

– E quanto ao velho que tem o canivete do Simon? – perguntou Peter.

– Encontrou-a na lama junto à água. Não me parece que tenha visto alguma coisa... Não sei... – Kate esfregou os olhos, sentindo a confusão de toda a informação contraditória.

– Onde está agora esse sem-abrigo?

– Não faço ideia.

– Tanto quanto sabes, o Simon não tinha inimigos. Não era rico. O amigo não tinha planos nem razões para o matar. Portanto, logicamente, o Simon foi morto porque viu alguma coisa.

– Como podes ter tanta certeza? – perguntou Kate.

– Não tenho nada a perder. Posso olhar objetivamente para as coisas. Junta à mistura uma família rica e influente e é um caso daqueles.

– E quanto à Magdalena?

– Provavelmente já está morta. Quanto tempo passou? Oito dias desde o desaparecimento? Tens de te concentrar em encontrar o corpo. Ele terá de se livrar dele. É nesse ponto que os dois fios do caso irão colidir.

Kate olhou para as mãos, sentindo-se desolada. Desolada pela vida pessoal, pela sua ligação ao monstro que tinha à frente e por não ter o poder de resolver o caso e salvar Magdalena.

– Eras uma boa agente – confessou Peter.

– Estranho que digas isso.

– Mas eras.

– Também tu, Peter – disse ela, erguendo os olhos para ele. – Pensa em todo o bem que podias ter feito.

Ele revirou os olhos.

– Sempre foste uma idealista, Kate. Achavas que, enquanto polícia, podias *praticar o bem*. O mal já anda por aí. Um agente da polícia não pode fazer mais para espalhar a bondade do que a fada dos dentes. A única coisa que conseguem é impedir as pessoas de fazer mais coisas «más»... – Ergueu os dedos curvados para formar umas aspas em torno da palavra *más*.

– Porque eras polícia? – questionou Kate. – É uma pergunta genuína, já que falamos em «bem» e «mal».

Peter fez estalar a dentadura com a língua.

– Gosto de *puzzles*. Não me interessava a natureza dos alegados crimes. Não sentia nenhuma grande vaga de prazer quando apanhava o vilão e o prendia. Só queria ser mais esperto. Resolver o *puzzle*.

– Sendo um homicídio um *puzzle* – comentou Kate.

– Sim. É uma sensação sublime quando o resolvemos. E claro, para mim, o inverso também era empolgante, escapar impune.

– É por isso que me odeias? Porque te apanhei? Porque tive a oportunidade de me sentir superior? – confrontou-o Kate.

– Eu não te odeio, Kate. Foste a única a resolver o *puzzle* e, por isso, tinhas de desaparecer.

Dava-lhe arrepios ouvi-lo falar de forma tão pragmática. Veio-lhe à memória a noite chuvosa no seu apartamento, quando juntara as peças do *puzzle* e concluía que era ele o Canibal de Nine Elms. Ele soubera. Aparecera-lhe à porta e forçara a entrada.

Peter encurralara-a no quarto do seu pequeno apartamento, e estava em cima dela, a cravar-lhe uma faca na barriga... De rosto enlouquecido, com o sangue a jorrar-lhe do corte na cabeça e os lábios curvados para trás sobre os dentes manchados de rosa.

Continuara a debater-se enquanto o sangue empoçava na sua barriga. Sacudira-o e atingira-o com força na cabeça com um candeeiro de lava.

Coxeara até ao telefone para chamar a polícia, olhando constantemente para a faca espetada na sua barriga. As dores eram terríveis, mas sabia que, se a arrancasse, ter-se-ia esvaído em sangue.

Quão perto estivera ele de apunhalar o pequeno embrião que crescia no seu interior? Quão perto estivera a faca de matar Jake?

OuvIU-se um zumbido e Kate ergueu o olhar. O encontro terminara. Sentiu um formigueiro na cicatriz da barriga.

– Parece um caso fascinante. Diria que espero que o apanhes, mas parte de mim deseja que não. Avisas-me quando encontrares o corpo da Magdalena? – perguntou Peter. Quebrara-se o feitiço e o velho Peter, o polícia que Kate conhecera, desaparecera.

Fez menção de responder, mas o som foi interrompido. Queria despedir-se com um último remoque, mas ele não podia ouvi-la. Olhou para cima e viu que Jake estava à espera junto à porta para ver o pai.

¹ Antiga rima infantil, publicada pela primeira vez no século XVIII. (N. da T.)

Foi longa a viagem de regresso entre o Hospital de Great Barwell e Ashdean, e Jake manteve-se calado durante a primeira parte da jornada. Só quando encostaram na área de serviço é que Kate lhe perguntou o que falara com Peter. Pediram café e encontraram um canto com lugares vazios.

– Parecia muito nervoso – disse Jake. – Viste que, quando entrei, estava a mexer com a boca?

– Tem dentes postiços – explicou Kate.

– Está bem. De facto, pareceram-me muito brancos.

Kate sorriu e pegou na mão de Jake.

– Ele assustou-te?

– Não.

– Falou de alguma coisa horrível?

– Mãe, para – pediu, envergonhado, afastando a mão. Do outro lado do café, estava uma bonita adolescente a olhar para ele. Jake mexeu o café e olhou para a mesa.

– O que te disse ele?

– Não sei. Só conversámos. Quis saber tudo sobre o meu *iPhone*.

– O teu *iPhone*?

– Sim. Disse que, quando foi preso, não tinha telemóvel; apenas um telefone no carro, e os telemóveis ainda eram algo novo... – Kate lembrou-se do tijolo com antena que tivera em 1995. – Falei-lhe dessas coisas, sabes? *iPhones*, a App Store, e como a utilizo para fazer coisas. Perguntei aos seguranças na receção à saída da sala se podiam devolver-me o *iPhone* para mostrar ao Peter as minhas fotos, e assim, mas não me deixaram...

– E que mais?

– Perguntou-me de que músicas gostava, porque, durante a conversa sobre o *iPhone*, referi que obtinha toda a minha música do iTunes. Disse que eu tinha sorte, que ele costumava comprar discos, e que a mãe só punha a tocar aqueles de que gostava. Tinha de lhe pedir autorização para comprar um disco. Mesmo que

tivesse dinheiro. Confessou que às vezes chegava a casa com um que ela não conhecia, e que só o ouvia durante meio minuto e, se não gostasse, partia-o ao meio.

– É duro – observou Kate.

– Pois. Adorou a ideia do iTunes. Quer mandar-me um vale no Natal... Disse-lhe que te ia perguntar, e à avó, se não havia problema. – Kate assentiu, tentando não revelar o desconforto. – Adora o David Bowie.

– O quê?! – exclamou Kate.

– O Peter. Adora o David Bowie. É o tipo do filme o *Labirinto*, que víamos quando vinha passar algum tempo contigo. O dos olhos de cores diferentes, como eu.

– Sim, sei quem é o David Bowie. E os olhos dele não são de cores diferentes. Um tem a pupila permanentemente dilatada, o que faz com que pareça ser de outra cor.

– Oh! – exclamou Jake, desapontado por os seus olhos não serem iguais. Kate pensou que era estranho, depois de tantos anos, não saber que Peter Conway gostava de David Bowie. Conhecia tantos pormenores íntimos da sua infância e da relação perturbadora que mantinha com a mãe, Enid. Saber quais eram as suas músicas favoritas nunca estivera no topo da sua lista. – O Peter disse-me para ouvir um álbum, *The Rise of Ziggy Starburst*... Ou coisa assim.

– *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars* – disse Kate. – Acho que o tenho em casa.

Jake estava já de *iPhone* na mão e a mexer no ecrã.

– Pronto, está a descarregar – comentou.

– Que rápido – observou Kate. Não sabia o que esperara da sua visita. Secretamente, desejava que Jake tivesse ficado repugnado com o monstro do pai. Nunca imaginara que Peter começasse a recomendar a Jake coisas para comprar no iTunes.

– De que falaram os dois? – perguntou Jake, sugando espuma de *cappuccino* da colher e fitando-a, inquisitivo.

– A nossa visita foi mais difícil... Não falámos sobre música. Mas conversámos sobre os velhos tempos na polícia – disse Kate, questionando-se se não era terrível que não tivessem falado mais

sobre Jake... por outro lado, Kate não queria que Peter tivesse uma relação com ele.

– Eu sei o que ele te fez, mãe... Lembro-me de como foi cruel connosco.

– Ele pediu-te desculpa? Mostrou remorsos?

– Não. Não abordámos esse assunto – respondeu Jake. – Mas não me esqueci. Sei o que te fez, e a todas aquelas mulheres... Li que o Ted Bundy era aparentemente um bom pai. A namorada tinha uma impressão diferente dele. Via um lado que mais ninguém via. Talvez hoje eu tenha tido sorte e conhecido a parte dele que ainda é boa.

Kate ficou surpreendida com a sua maturidade e perspicácia.

– Queres voltar a vê-lo?

Jake encolheu os ombros e mexeu o *cappuccino*.

– Ele quer que eu volte. Disse-lhe que talvez devêssemos primeiro escrever um ao outro.

– Tu é que sabes, Jake. Até fazeres dezasseis anos, ele não estava autorizado a contactar-te, mas se quiseres escrever-lhe, podem dar-lhe a tua morada ou podes criar um apartado.

Jake anuiu.

– E a mãe dele, a Enid? É minha avó, não é?

– Sim. Deve sair da prisão no próximo ano – respondeu Kate. Sentia-se contente por estarem a ter uma conversa tão sensível e conteve o impulso de dizer *jámais chames avó àquela cabra doentia*. Enid Conway tinha uma relação perturbadora com Peter. Houvera rumores de uma relação sexual entre os dois. Também se envolvera no plano para ajudar Peter a fugir do hospital, pelo que fora condenada a três anos de prisão.

– Se o Peter tivesse escapado e eles tivessem ido viver para o estrangeiro, andariam à solta no mundo... – Jake estremeceu. – Acho que prefiro vê-lo atrás de um vidro espesso, rodeado por guardas.

Kate aquiesceu e sorriu.

– Devíamos ligar à avó por Skype para lhe dizer como correu – sugeriu ela. – Estás bem?

Jake assentiu. Kate ia apertar-lhe novamente a mão, mas, ciente da loura atraente do outro lado da cafetaria, limitou-se a sorrir-lhe.

Terminaram o café e retomaram a viagem. Ouviram *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars* enquanto Kate conduzia, e Jake adormeceu no banco do passageiro, ressonando ligeiramente.

Kate lembrou-se da discussão com Peter sobre a mentalidade de um assassino em série e o seu pensamento regressou a Magdalena.

Sentiu um nervoso miudinho na barriga. Precisava de falar de novo com Kirstie Newett. Ainda que tivesse ficado obcecada por Arron Ko, isso não significava que a história não fosse verdade. Havia demasiadas coisas que não batiam certo para Kate.

Se andava alguém a raptar mulheres, de que forma o fazia? Hoje em dia, as mulheres são astutas, esperava ela. Porque haveria alguém tão inteligente como Magdalena de parar e de entrar no carro de um estranho? Se fosse alguém vestido como velho, então talvez se sentisse mais inclinada a parar.

Kate olhou para cima e viu que dali a um par de horas estariam em casa. Trataria de acomodar Jake e depois queria falar com Tristan.

Magdalena tinha as mãos e os braços quase dormentes de exaustão enquanto raspava o piso de betão em torno do pedestal da sanita. Parecia liso e sólido, e impossível de quebrar.

Utilizava pedaços da tampa partida do autoclismo para raspar o betão e o estuque que prendiam a sanita ao chão. Se conseguisse soltar a sanita e arrastá-la para o corredor, poderia pôr-se em cima dela e chegar ao alçapão.

Não sabia quanto tempo passara desde que lutara com o homem e encontrara a arma. Sentia-se perigosamente fraca. Tinha água, mas há muito que não comia. As câibras no estômago vinham em vagas crescentes, obrigando-a a dobrar-se de dor. Precisara de todas as forças para invocar as reservas de energia e continuar a raspar. Mantinha-se atenta ao som do elevador, com a arma enfiada no cós das calças de ganga e a patilha de segurança colocada.

Queria dormir, mas tinha medo, não fosse ele voltar no escuro, encontrá-la e tirar-lhe a arma. Quando começou a ouvir a voz da *nonna* Maria, soube que estava no limiar da sanidade.

Vá lá, és uma rapariga forte, Magdalena. A rapariga mais forte que alguma vez conheci. Tens de continuar. Estamos todos à tua espera lá fora, acima do solo... E, quando voltarmos a estar todos juntos, faço-te os teus gnocchi favoritos, com cogumelos apanhados no jardim. Promete-me só que não adormeces, que vais continuar.

A voz embalou-a e fê-la esquecer os braços e as mãos dormentes. Sentiu-se começar a adormecer e encostou a cabeça à porcelana fria. O cheiro horrível acordou-a bruscamente.

Continua, continua. Estás tão perto, minha querida, tão perto.

Após dias intensos a trabalhar no caso, Tristan sentiu-se estranho ao acordar num domingo com Kate fora. Ligara-lhe a informá-lo de que tinha de levar Jake a visitar Peter Conway. Haviam falado um pouco e, compreensivelmente, Kate estivera distraída.

Apesar do que Henry Ko lhes dissera no local do crime de Ted Clough, Tristan continuava inquieto. Não queria desistir de Magdalena. Passou o domingo e a segunda-feira *online*, a pesquisar no *site* do registo predial sobre edifícios pertencentes ao património de Shadow Sands. Havia vários recintos comerciais, lojas e escritórios, e montes de inquilinos que, tal como Ted, alugavam propriedades ali. Existiam também três grandes mansões – Thomas e Silvia viviam em duas delas e a terceira era a devoluta Discoteca Hedley House. Tristan fora lá um par de vezes em adolescente. Lembrava-se de o interior ser como um enorme salão de baile, um espaço cavernoso com bar, bengaleiro, casas de banho e pouco mais. Tentou encontrar plantas ou projetos *online*, mas não teve sorte.

Na segunda-feira à tarde, começava a escurecer quando, enquanto trabalhava à secretária do seu quarto, Tristan ouviu o ranger do soalho no piso de baixo.

– Olá? – disse ele. Não obteve resposta. Ouviu outro rangido, seguido de passos. Levantou-se e pegou na grande garrafa de champanhe vazia do seu décimo oitavo aniversário que utilizava para segurar a porta. Erguendo-a como taco de basebol, saiu para o patamar. Verificou a casa de banho e o quarto de Sarah, mas estavam vazios.

Ouviu outro rangido, bem como um rumorejar. Veio-lhe à memória a imagem do corpo de Ted Clough. Viu-o estatelado ao fundo dos degraus, com o pescoço partido. Parecera-lhe uma morte tão violenta que lhe provocara noites sem dormir.

Tristan agarrou bem na garrafa e desceu silenciosamente as escadas. A porta da sala encontrava-se entreaberta e ouviam-se

mais rangidos e rumorejares vindos do interior.

Com um pontapé, abriu a porta, avançando para a sala com a garrafa erguida sobre a cabeça.

– Cristo! Tristan! – exclamou Sarah, agarrando-se ao peito e deixando cair uma caneta e o bloco de notas. Estava agachada junto a uma caixa de vinho aberta perto da porta da cozinha.

– Jesus! Pensei tratar-se de um intruso – disse Tristan. Com o coração a palpar-lhe, pousou a garrafa na mesa de jantar e esfregou o dedo grande do pé no sítio onde o magoara ao bater na porta. – Não me ouviste?

– Não.

– Estava no andar de cima e disse «olá», mas não respondeste.

– Se falavas comigo a partir do andar de cima, não te ouviria – argumentou ela.

– O que fazes aqui, Sarah?

– Como assim? Vivo aqui.

– Disseste que ias ficar com o Gary até ao casamento. Podias ter-me avisado.

– Já cá vim duas vezes buscar roupa limpa. Pensei que estarias no trabalho – respondeu ela.

– É semana de leituras na universidade... Meio do semestre.

– Oh.

Pegou no bloco. Tristan viu que anotara uma longa lista de números.

– O que é isso? – perguntou.

– Ligaram-me do sítio onde vai ser o casamento. Decidiram cobrar-nos uma taxa de serviço. Uma libra por garrafa, o que vai dar bastante – disse ela, apontando para as pilhas de caixas.

– Isso não é bom.

– Podes dar-me uma ajuda a tirar esta pilha? Não me lembro se são seis ou oito garrafas por caixa. Está escrito do lado que se encontra virado para a parede.

Tristan dirigiu-se às caixas e afastou-as cuidadosamente da parede.

– Oito – contou.

– Oito vezes dezasseis dá cento e vinte e oito; raios, são cento e vinte e oito libras de taxa de serviço só para o branco – disse Sarah.

– O custo deste casamento está a descontrolar-se. A Donna-Louise aumentou dois tamanhos desde que a puseram no rodízio do Brewers Fayre e vou ter de pagar as provas extra. Bah! Estou cansada de falar no maldito casamento! – Pousou o bloco de notas e limpou os olhos. Apesar de tudo, Tristan teve pena dela.

– Apetece-te uma cerveja? – sugeriu.

– Sim, obrigada.

Foi à cozinha buscar duas cervejas frescas e passou-lhe uma para a mão. Sarah bebeu um longo gole.

– Obrigada. Isto é bom – disse, limpando a boca com as costas da mão.

– Saúde. Não há nada como uma cerveja fresca – respondeu Tristan. Bateram com as garrafas uma na outra e voltaram a beber.

Fez-se um silêncio desconfortável. Começara a chover e Tristan ouvia a chuva a tilintar nas caleiras lá fora. Sarah pousou a cerveja na mesa.

– Tristan. Acho que devíamos falar sobre o elefante na sala – disse ela.

– Pensava que não querias falar sobre a Donna-Louise e o seu vestido de dama de honor?

Sarah desatou a rir-se. O seu rosto iluminou-se, fazendo-a parecer diferente. Feliz e despreocupada. Tristan ficou contente por a ver rir-se. Era algo raro.

– Não tem graça – protestou, rindo-se de novo, sem querer. – Estou a falar de ti, do que me disseste. Sobre seres *gay*. Desculpa se a minha reação foi dura, mas isso dá para os dois lados. Não podes esperar que continuemos como até aqui.

– Porque não?

– É muito para assimilar...

– Sim, ouviste uma coisa. Sou eu quem tem de a viver.

Sarah suspirou e bebeu um gole da cerveja.

– A polícia ligou, a comunicar que foste prestar depoimento. Disseste-lhes que eu e o Gary não sabíamos que tinhas saído nessa noite. Obrigada.

– Sem problema. Porque não veio o Gary contigo? Costumam ser como siameses.

Houve uma pausa desconfortável.

– Era para vir, mas nunca conheceu uma pessoa *gay* antes. Estava nervoso.

– Como assim, nunca conheceu uma pessoa *gay*?

– É verdade, Tris.

– *Eu* sou uma pessoa *gay*. Conheço o Gary há um ano. Fui convosco a França buscar este álcool todo para o casamento. Quatro vezes! E diz que não me conhece?

– É claro que te *conhece*, Tris. Só não te conhece como *gay*.

– Sou eu, Sarah. Nada mudou!

– Eu sei. Como te disse, também é tudo novo para nós... – continuou Sarah. Nova pausa desconfortável. – Aquela rapariga, a Magdalena, continua desaparecida?

– A polícia acha que ela se despistou quando conduzia a *scooter*, caiu numa das valas na A1328 e foi arrastada para o mar, mas eu e a Kate não concordamos... – Não queria falar na descoberta do corpo de Ted Clough. Só deixaria Sarah apreensiva e preocupada e desataria a protestar. Via-a já a franzir os lábios à menção de Kate. Tristan terminou a cerveja. Estava a tornar-se impossível falar com Sarah sobre fosse o que fosse na sua vida sem que a conversa se tornasse desconfortável.

– Precisas de ajuda para levar as caixas de bebidas? – perguntou ele, mudando de assunto.

– Não, obrigada. O Sammo, amigo do Gary, ofereceu-se para ajudar. É motorista na Harry Stott, a empresa de transportes. Vai fazê-lo por fora, como um favor. Arranja espaço num dos camiões a um domingo e apanha-as quando passar por aqui.

– Isso é um bocadinho arriscado.

– Não posso dar-me ao luxo de alugar uma carrinha grande, e os camiões da Harry Stott passam constantemente por Ashdean a caminho de Exeter. Os domingos são os dias mais movimentados – disse Sarah.

Tristan pousou a cerveja, com a mente de súbito acelerada.

– Os camiões da Harry Stott partem de onde para Exeter?

– Acho que usam a autoestrada que vai de Portsmouth a Bournemouth. Atravessam Ashdean a caminho de Exeter. O Sammo deve conseguir passar por aqui sem se meter em sarilhos. A empresa tem GPS nos camiões.

– Quer dizer que usam a A1328 como via principal para Exeter? – perguntou Tristan.

– A A1328?

– A estrada principal que vai de Ashdean a Exeter, passando pelo reservatório de Shadow Sands e pela Discoteca Hedley House? – insistiu Tristan, impacientando-se com Sarah.

– Sim. O Sammo diz que, aos domingos, a Harry Stott tem um camião de distribuição por lá a cada hora, por isso deve haver espaço para as nossas caixas.

– Podes dar-me o número do Sammo?

– Ele é casado. Tem mulher.

– Não é *nesse sentido* que quero o número dele – explodiu Tristan, impaciente com a estupidez. – Quero perguntar-lhe se passou pelo reservatório de Shadow Sands no domingo.

Kate e Jake tinham chegado a casa havia pouco quando bateram à porta da frente. Kate abriu-a e deparou-se com Tristan.

– Kate. Peço desculpa por vir interromper. Talvez tenha uma pista de alguém que viu a Magdalena na A1328 antes de ser raptada – afirmou, sem fôlego. Espreitou pelo corredor para a sala de estar. – Desculpe. Vim em má altura?

Kate viu Tristan muito empolgado.

– Não. O Jake está no duche. O quê? Quem?... Vamos lá para fora – disse ela, pegando no casaco.

Saíram pela porta da frente e contornaram a casa até às dunas no topo da falésia. Havia duas espreguiçadeiras montadas junto a uma das dunas, que as abrigava do vento, mas não se sentaram.

Tristan falou rapidamente a Kate sobre o álcool para o casamento de Sarah e no amigo de Gary que trabalhava para a Harry Stott.

– A Sarah deu-me o número do Sammo e eu falei com ele. Não estava na rota da A1328 no domingo passado, quando a Magdalena desapareceu, mas vai sondar os colegas, aguardo que responda depressa, para ver se outro dos motoristas viu alguma coisa... – Pegou no telemóvel e olhou para o ecrã. – Tenho muita rede, por isso espero que ligue em breve. Também dei uma olhadela às propriedades e aos edifícios pertencentes ao património de Shadow Sands. Fiz uma lista. – Tirou do bolso um papel dobrado e, nesse momento, o seu telemóvel tocou.

– Quem é? – perguntou Kate.

– Número desconhecido – respondeu, mostrando-lhe o ecrã do telemóvel.

– Põe em alta-voz. E vamos sentar-nos, é menos ventoso... – Instalaram-se nas espreguiçadeiras e Kate puxou a sua para mais perto de Tristan. – E não lhe faça perguntas direcionadas, se ele souber alguma coisa.

Tristan aquiesceu e atendeu.

– Ei, Tristan? Sou o Dennis. O Sammo disse que querias falar comigo? – começou a voz do outro lado da linha. Parecia ter alguma idade, com laivos de um sotaque do Devon. Tristan agradeceu-lhe por ter ligado e explicou-lhe o porquê de quererem falar com ele, sem lhe darem qualquer pista.

– Estou aqui com a Kate. É a minha chefe – acrescentou Tristan.

– Olá – apresentou-se Kate.

– Sim, olá. O Sammo falou-me da mulher desaparecida. Vi uma jovem de longos cabelos negros numa *scooter* amarela. Parou para ajudar um velho estacionado na berma da estrada – disse ele.

– Lembra-se de quando foi isso? – perguntou Tristan.

– Há uma semana, no domingo. Dia catorze – respondeu. – Não sei, por volta do meio-dia ou do final da tarde.

Por um momento, Kate apoiou a cabeça nas mãos, olhando em seguida para Tristan, com uma expressão chocada. Ele pegou-lhe na mão.

– Onde a viu ao certo? – indagou Kate, tentando manter uma voz calma.

– A alguns quilómetros de Ashdean, mesmo antes do reservatório... Lembro-me disso porque o velho deixou um pneu suplente passar à frente do meu camião. Quase o atropelava.

Tristan apertou a mão de Kate com mais força.

– Viu o aspeto do velho? – perguntou Kate.

– Vestia-se como a maioria dos velhos da zona. Calças velhas, casaco de *tweed*. Como se tivesse comprado um fato numa loja de caridade há anos, sabe? Usava boina e óculos. Tinha uma grande e farfalhuda barba grisalha e cabelo a espreitar por baixo da boina...

Quando terminaram a chamada com Dennis, Kate começou a cirandar pela areia.

– Bate certo com o que a Kirstie Newett me disse – observou. – A Kirstie descreveu um velho de cabelo grisalho que a raptou num carro velho de cor clara. Disse que os seus olhos eram de um azul estranho, quase púrpura, como se usasse lentes de contacto.

– Pode ser um disfarce – disse Tristan. – Mudar apenas a cor dos olhos não fará grande diferença. Pode usar peruca ou deixar crescer a barba, voltando depois a fazê-la.

Kate tremia agora também de entusiasmo, além do choque. E pensar que Henry Ko quase a abalara. Deixara-o desmontar toda a sua teoria.

– Isto significa que a Kirstie Newett contou a verdade. Foi raptada. E a Magdalena também. Não foi arrastada para uma vala durante uma tempestade – concluiu Kate.

– O que fazemos agora? – perguntou Tristan.

Kate parou de andar.

– Decorreram oito dias desde que a Magdalena desapareceu e a polícia nem sequer tem isso nos radares. Ninguém a procura. – Olhou para o relógio. Pouco passava das sete da tarde. – Tenho pensado na Hedley House. O Ulrich Mazur e a Sally-Ann Cobbs saíram de lá e foram raptados no regresso a Ashdean. Se a família Baker estiver de algum modo envolvida nisto, é lógico que podem ter sido mantidos prisioneiros algures na Hedley House, e é aí que a Magdalena está. Não sei se tem cave, mas acho que devíamos verificar.

– Quando? – perguntou Tristan.

– Esta noite. Agora – respondeu Kate.

Após o que lhe pareceram horas infindáveis a raspar o chão, Magdalena sentiu o betão na base da sanita a rachar-se, e esta começou a soltar-se.

Levantou-se e esfregou as mãos para lhes devolver alguma sensibilidade. Permitiu-se apenas alguns minutos de repouso e um gole de água, começando em seguida a abanar a sanita. Soltou-se depressa e, com um súbito estalido, separou-se do ponto onde estava presa. O tubo que ligava o autoclismo à parede desprendeuse facilmente. O seu coração deu um pequeno salto de entusiasmo e não reparou que a água vertera para as suas calças de ganga. Estava coberta de suor devido ao esforço.

Arrastou a sanita para fora da pequena divisão, ao longo do corredor, e houve um ligeiro tinido quando a loiça chocou contra as portas de metal do elevador.

Empoleirou-se na sanita e ficou radiante ao ver que podia tocar no teto e sentir o estuque áspero. Estava um pouco à esquerda e concluiu que tinha de se inclinar para chegar ao alçapão. Reposicionou a sanita e voltou a subir. Ao passar as mãos pelo alçapão no teto, observou que estava ao nível do suporte exterior e do teto. Tinha uma pequena ranhura, onde uma chave ou moeda podiam ser introduzidas e rodadas para abrir o alçapão.

– Raios – sussurrou. Os seus ombros descaíram. Teria aquilo alguma vez fim? Alguma coisa seria fácil? Desceu novamente, sentindo-se zonga do esforço.

Azulejos quebrados. Partiram quando eu disparei o segundo tiro, pensou.

Correu para a divisão da cama, tateando as paredes, tocando nas paredes e nos caixilhos das portas e tentando não pensar nas manchas de sangue que vira nos breves momentos do disparo. Encontrou a cama e, por baixo, estavam os pedaços de azulejo quebrado.

Agachando-se, moveu cuidadosamente as mãos, separando os fragmentos. Havia um longo e espesso pedaço de azulejo, com uma ponta achatada que terminava num pico afiado e fino, que daria uma boa arma para acrescentar ao arsenal. Guardou-o no cós das calças de ganga, junto com a arma. Depois, encontrou uma parte lisa de azulejo da espessura e largura de uma moeda. Voltou a sair para o corredor, encontrou a sanita e subiu. Enfiou o pedaço de azulejo no mecanismo de abertura do alçapão. Encaixava perfeitamente. Rodou-o para a direita e teve de se desviar quando o pesado alçapão se abriu.

Sentiu de imediato uma corrente de ar, mas os seus olhos estavam ofuscados pela luz. As pupilas retraíram-se-lhe, ardendo, e teve de manter os olhos semicerrados durante alguns minutos. Ficou ali, a desfrutar da corrente de ar enquanto os olhos se habituavam de novo à visão. No corredor desfrutava de uma luz ténue e cinzenta – quase não tinha brilho, mas, após dias de escuridão, era o suficiente.

Junto às portas do elevador, havia uma pequena fechadura na parede. Devia ter escapado às suas mãos no escuro. Desceu da sanita e dirigiu-se a ela. Era uma pequena fechadura dourada. *Deve ser assim que ele abre as portas do elevador a partir daqui.*

Passou-lhe pela cabeça todo o género de pensamentos absurdos: porque não pensara nisso? Porque não procurara mais pela fechadura? Poderia ter deixado que ele se aproximasse mais dela no escuro e tentado revistá-lo em busca da chave? Não, isso era ridículo. Passou os dedos pelo orifício, desejando ter um gancho. Não sabia arrombar fechaduras, mas podia tentar.

Olhou novamente para o corredor; agora que tinha luz, talvez houvesse algo, qualquer coisa, esquecido... Espreitou para o alçapão.

Vinha uma luz ténue lá de cima e Magdalena viu que o alçapão dava para o poço do elevador. Havia outra porta uns dez metros acima. Ainda tinha os braços fracos e trémulos e precisou de todas as forças para se levantar da sanita e subir ao alçapão.

Existia uma pequena plataforma junto ao poço e parou por um momento, tentando recuperar o fôlego. Bem acima, estava o

elevador, com os cabos soltos pendurados.

Levantou-se e tentou encontrar apoio nas paredes do poço, a fim de trepar, mas eram lisas. Não havia nada que pudesse utilizar para subir.

– Não, não, não – lamentou-se, batendo com o punho na lateral da parede. Sentou-se sobre os calcanhares, a exaustão a invadi-la de novo.

Ele ia voltar, e certificar-se-ia de que a matava.

Tinha de ficar à espera. De usar o alçapão para o surpreender e o matar antes que ele a matasse.

Kate pediu a Myra que ficasse com Jake e partiu com Tristan no seu carro rumo a Hedley House.

Tinham de voltar atrás na direção de Ashdean para entrarem na A1328. Um nevoeiro fino começou a subir da costa enquanto seguiam rumo ao reservatório de Shadow Sands, o que inquietou Kate. A visibilidade já era suficientemente má naquela estrada solitária sem candeeiros. Ligou os máximos. Não havia mais carros e, à medida que a estrada curvava para longe da falésia, um bosque cerrado surgiu de ambos os lados e o nevoeiro intensificou-se.

– Isto não me agrada – disse Tristan, agarrando-se ao tabliê enquanto finas bolsas de nevoeiro atingiam o para-brisas, obscurecendo-lhes a visão por segundos. Kate abrandou, mas desesperava por chegar a Hedley House. E se Magdalena tivesse estado lá o tempo todo? Tinham passado por ali várias vezes e ficava tão perto. Estaria ela a perder o jeito? Teria a verdade estado sempre à sua frente?

– Kate, abrande – pediu Tristan, antes de uma curva em que as bolsas de nevoeiro se tornavam mais densas. O carro deslizou quando Kate fez a curva em quarta e bateram na berma, e o carro deu um salto e estremeceu.

– Desculpa – disse ela, travando e abrandando antes da curva seguinte. Saíram para uma secção livre, e a visibilidade melhorou, mas, mais à frente, o nevoeiro abria caminho por entre as árvores. Quando o alcançaram, o carro ficou envolto pela brancura e a visibilidade de Kate era de poucos metros. A luz dos faróis ressaltava no nevoeiro, dando a impressão de terem diante deles uma parede branca. Irromperam da bolsa de nevoeiro para uma parte livre da estrada, mas depararam com um veado. Kate não teve tempo de reagir e, instintivamente, guinou, para se esquivar à bela criatura. O carro saiu da estrada e subiu a berma, fazendo-os descer alguns metros de um talude íngreme por entre árvores cerradas e colidir depois contra uma delas.

Kate não sabia quanto tempo tinham passado ali sentados quando abriu os olhos e viu os *airbags* esvaziados. Tristan também estava aturdido.

– Estás bem? – perguntou ela, examinando-se. Tinha o rosto e o pescoço doridos, mas não estava muito ferida.

– Sim – respondeu Tristan, examinando-se também. Levou a mão ao rosto. – Pensava que os *airbags* eram uma coisa boa. Sinto-me como se tivesse levado uma bofetada.

– Também eu – concordou Kate. Tentou abrir a porta e viu que estava encostada ao tronco de uma árvore. – Não consigo sair. – Tristan abriu a porta do seu lado e saiu. Kate passou por cima da manete das mudanças e seguiu-o.

O carro não parecia demasiado danificado. Tinham-se despistado e descido uma encosta de dez metros, embatendo num carvalho enorme com nós a sobressair do tronco. O para-choques frontal salvara o carro. Estava preso a uma das protuberâncias da árvore e pendurado, com as duas rodas da frente suspensas no ar. A porta do lado do condutor estava esmagada, mas o resto do carro parecia bem.

– Acha que conseguimos subir o carro em marcha atrás? – perguntou Tristan. Kate seguiu-lhe o olhar encosta acima, olhando depois de novo para as rodas da frente.

– Vejamos se o conseguimos soltar da árvore – disse ela. Dirigiram-se à parte da frente do carro e encostaram-se ao para-choques.

– O travão de mão está solto? – perguntou Tristan.

– Sim – respondeu Kate, enquanto empurravam. – Não adianta, está preso. Onde está o meu telemóvel? – acrescentou, tateando o bolso do casaco e as calças de ganga. Estendeu o braço para o banco do passageiro e descobriu-o no espaço para os pés. Não tinha rede.

– Também não tenho – disse Tristan, erguendo o telemóvel. Subiram a terra macia da encosta, agarrando-se a árvores e arbustos para se apoiarem. Quando chegaram à estrada, estava tudo tranquilo e sem carros.

O veado desaparecera e as bolsas de nevoeiro começavam a dispersar. Saíram para a estrada a fim de fugirem às árvores e tentarem encontrar rede. Nada.

Kate virou-se para o outro lado e avançou um pouco mais, de telemóvel no ar. Curvava bruscamente para a direita, seguindo-se depois o longo e reto troço que passava junto ao reservatório e, ao fundo, recortada contra o límpido céu noturno, estava Hedley House, empoleirada no topo de uma colina.

Havia uma luz acesa numa das janelas.

Reinava um silêncio inquietante enquanto Kate e Tristan se dirigiam a Hedley House. Ao verem a luz brilhar através da janela, não hesitaram nem se questionaram.

O rio Fowey surgiu por entre as árvores à esquerda e, durante cerca de vinte metros, ouviram-no correr ruidosamente. Era um som alegre no meio das trevas, do nevoeiro e da trepidação que Kate sentia.

Ao avistarem o reservatório, o rio calou-se. Chegava à comporta e era engolido pela negra e imóvel extensão de água.

Kate lembrou-se do mergulho com Jake, quando tinham encontrado Simon Kendal a flutuar nas profundezas junto ao pináculo da igreja coberto por crustáceos de água doce.

Parou e olhou para a comporta, onde o rio se encontrava com o reservatório.

– O que foi? – perguntou Tristan, parando.

– O Dylan Robertson ordenara ao Ted e aos outros trabalhadores da manutenção que mentissem sobre os corpos encontrados na água, que dissessem que tinham sido localizados no outro lado da comporta... A Kirstie Newett foi deixada como morta e estava prestes a ser também largada, até que acordou... O Ted Clough ia prestar depoimento e falar oficialmente e foi morto. E tudo vai dar à família Baker. Por favor, meu Deus, não deixes que a Magdalena esteja já ali, debaixo de água...

Kate ouviu a sua voz falhar devido à emoção. Estava exausta, mas a adrenalina corria-lhe pelas veias.

– Vamos – disse Tristan, puxando-a. Kate assentiu e aceleraram em direção a Hedley House.

O parque de estacionamento era grande e estava coberto de vegetação, pontilhado por ervas que chegavam à cintura e aos ombros. Saíram da estrada e passaram pelo meio da erva, que rumorejava ao roçar nos ombros de Kate.

Kate levou a mão ao gás pimenta que tinha na bolsa, mantendo-se de olho no edifício, que parecia agigantar-se à medida que se aproximavam. Estava enganadoramente longe da estrada quando se passava por ali de carro e, agora que o tinham à frente, o edifício erguia-se acima deles.

Na estrada, aproximava-se um carro, e esconderam-se no meio das ervas. O veículo abrandou, com os faróis a projetar no edifício longas sombras deformadas das ervas, e virou para o parque.

Kate sentiu que estavam em campo aberto, escondidos apenas por algumas finas ervas altas. Fez sinal a Tristan para que ficasse onde estava. Podia ser só alguém a utilizar o parque de estacionamento para fazer chichi.

Saíram duas pessoas. Um homem alto e outro baixo. Quando se dirigiram à mala do carro, Kate viu-lhes os rostos. Era Thomas Baker, com a sua longa e alta figura e ar perturbado no rosto ossudo e alongado à luz ténue, acompanhado de Dylan Robertson, o motorista de Silvia Baker. Estava curvado e vestia um grosso sobretudo de inverno com a gola puxada para cima. Abriram a mala e tiraram duas grandes pás e uma pilha de lençóis. Thomas levou-os para a entrada principal de Hedley House e Dylan tirou uma espingarda da traseira do carro, abriu-a para ver se estava carregada e voltou a fechá-la. Bateu com a mala do carro e seguiu Thomas para a entrada principal.

Thomas estava a trabalhar num cadeado e abriu o que parecia ser uma porta temporária em aço. Desapareceram no interior.

– O que há dentro da discoteca? – perguntou Kate.

– Como assim? É uma discoteca – disse Tristan.

– Não. Qual é a configuração, lembras-te?

– É sobretudo um enorme salão de baile antigo, que ocupa a maior parte do espaço. Havia um bar numa das pontas, com casas de banho, e também o gabinete do gerente. Lembro-me de uma rapariga da escola dizer que fora levada para o gabinete por um dos seguranças para dar uma queca. Acho que existia uma cozinha do outro lado, mas não tenho a certeza – respondeu Tristan.

– Quando os seguirmos lá para dentro, vamos dar a um enorme salão de baile e eles conseguirão ver-nos? – perguntou Kate.

– Não, havia um bengaleiro junto às portas, com casas de banho, e outro conjunto de portas que dava para o bar e para o salão de baile principal... Como assim, quando os seguirmos lá para dentro? – observou Tristan.

– Anda – disse Kate. Certificou-se de que a pequena lata de gás pimenta estava na posição certa na sua mão e começou a dirigir-se à entrada principal por entre a vegetação. O arrastar dos seus pés na gravilha e o rumorejar de quando afastavam os juncos pareciam-lhes demasiado alto no escuro.

Ao aproximarem-se da porta da frente, Kate abrandou; tinha sido fechada, mas o cadeado estava aberto. Pararam e puseram-se à escuta. Kate não ouvia nada. Viu então outro veículo estacionado junto à lateral do edifício.

Aproximaram-se para observar mais de perto. Era um *Land Rover* coberto de lama. Kate virou-se novamente para Tristan.

– O que fazemos? – perguntou. Via-o assustado.

– Já viemos até aqui. A Magdalena pode encontrar-se ali dentro. Não sei porque estão todos estes carros aqui. Talvez esteja a acontecer-lhe algo de horrível... Não podemos simplesmente partir. Devíamos dar uma olhadela ao interior e depois chamar a polícia – sussurrou ele. Kate assentiu.

Dirigiram-se à porta da frente. Kate estendeu a mão. A porta abriu-se facilmente e entraram.

A luz do poço do elevador deu a Magdalena novas energias. Agora podia ver, em vez de andar aos tropeções no escuro.

Sentou-se e pensou na sua próxima jogada. Tudo se resumia a duas coisas. O elevador não funcionaria sem a chave. Tinha de arranjar algo que pudesse moldar para fazer de chave, ou então teria de obter a chave quando o homem regressasse.

Vasculhou rapidamente o corredor, a casa de banho e a divisão que continha a cama e o lavatório, na esperança de encontrar algum pedaço de metal ou um gancho que pudesse utilizar para forjar uma chave ao estilo MacGyver. À luz ténue, enquanto procurava, tentou ignorar as manchas e os salpicos de sangue que cobriam as paredes e as manchas que tinham encharcado o piso de betão. Não havia nada. Seria um sonho se pudesse fazer a sua própria chave e simplesmente libertar-se daquela prisão.

Magdalena dar-se-ia por bastante feliz se apenas pudesse escapar e esquivar-se furtivamente na noite, encontrar o caminho para casa, fazer as malas e regressar a Itália. Lembrava-se da provação por que Gabriela passara após a violação, as infinitas perguntas a que a polícia a sujeitara e depois o processo em tribunal. Num momento difícil, Gabriela confidenciara-lhe que desejava não ter dito nada a ninguém.

Na altura, achara que ela estava louca – o homem tinha de pagar pelo que fizera. Mas agora entendia. Queria viver e, se isso acontecesse, não queria falar a ninguém sobre aquela experiência.

Voltou ao elevador, postou-se junto à sanita frente às portas e olhou para o alçapão. Se conseguisse aguardar lá em cima, ele não estaria à espera disso. Restavam-lhe poucas forças, mas, dessa posição estratégica, podia alvejá-lo assim que ele saísse do elevador. Apontaria ao topo da cabeça e rebentar-lhe-ia com os miolos. Depois, obteria a chave do elevador e fugiria.

O único problema era a sanita, grande e pesada e, se estivesse ali quando ele saísse do elevador, debaixo do alçapão, seria

alertado para a sua presença. Saberla onde ela estava.

Magdalena sentou-se na beira da sanita. Era de porcelana e pesada. Despendera todas as forças para a arrastar até ali. Viu algo e sentou-se, entusiasmada. O assento fora removido, mas havia dois buracos na porcelana onde estivera preso.

Levantou-se e correu de novo para a divisão da cama. Não queria chamar-lhe quarto – fazia-o parecer um local onde estava hospedada –, mas tinha de olhar para a cama. À luz ténue do corredor, viu que o colchão estava em cima da base de betão. Era fino e imundo, com um lençol cosido à espuma.

Pegou no pedaço afiado de porcelana e começou a rasgar o lençol em longas tiras.

Quando Kate e Tristan entraram, a discoteca estava tenuemente iluminada e tresandava a mofo. Kate viu que a alcatifa sob os seus pés se encontrava húmida. À sua esquerda, havia um longo balcão de madeira, coberto de pó e excrementos de aves, e, nas sombras atrás dele, várias filas de cabides; alguns partidos e pendurados na parede. À direita, ficavam as casas de banho dos homens e das mulheres. As portas tinham sido removidas para o bengaleiro.

Kate e Tristan enfiaram-se respetivamente na casa de banho das mulheres e dos homens.

– Nada exceto pó e sanitas velhas e fedorentas – sussurrou Tristan ao sair. Kate assentiu. Vira o mesmo na casa de banho das mulheres. Ao fundo do bengaleiro, havia três conjuntos de portas duplas com janelas de vidro redondas. Encontravam-se fechadas, mas uma luz brilhava através do vidro. Kate dirigiu-se à porta do meio e espreitou. Uma lâmpada brilhante estava acesa num suporte no meio do enorme salão de baile vazio. Via-se uma confusão de lixo, aves mortas e excrementos.

Viu que a luz não chegava à orla do salão de baile. Abriu a porta, que rangeu ligeiramente, e esgueiraram-se para o espaço enorme.

Em tempos, fora elegante e ornamentado, e grandes pedaços das sancas originais continuavam intactos, mas havia grandes crateras no teto de gesso e buracos no telhado, por onde podiam ver o céu noturno.

O chão do salão de baile era de madeira, coberta por uma camada de pó e sujidade, e estava húmido sob os seus pés. Ao fundo, as escuras portadas de um bar há muito descurado.

Tristan apontou para a direita; ao fundo do longo salão de baile, existia um conjunto de portas duplas por onde jorrava luz. Não conseguiam ver o que havia no interior da sala, mas ouviram o murmúrio de vozes. *Seriam mais do que duas?*, pensou Kate. Era difícil dizer. Olhou para o salão de baile; à sua esquerda, havia outro conjunto de portas duplas e viu uma pequena placa a dizer CAVE.

Kate estava ciente de que tinham visto Dylan a entrar no salão de baile com uma espingarda. Thomas trazia também duas pás grandes e pesadas. Além disso, podia haver mais gente nos gabinetes dos fundos, pessoas armadas ou dispostas a lutar. Mas não fazia sentido, pois não? Havia, porém, muito em jogo com o encobrimento dos desaparecimentos de Magdalena e dos outros.

Kate apontou para a porta. Tristan estava muito pálido, mas assentiu. Atravessaram o salão e entraram num pequeno e lúgubre corredor. À direita, dava para uma enorme cozinha, vazia e cavernosa. Quadrados encardidos nas paredes mostravam os locais de onde os utensílios de cozinha tinham sido arrancados. No meio do chão, viam-se os restos de várias fogueiras. Voltaram a sair e desceram o corredor no sentido oposto, deparando-se ao fundo com as portas metálicas de um grande elevador. Kate não esperava que algo acontecesse quando carregou no botão ao lado, mas a pequena janela que havia na porta iluminou-se a partir do interior.

Tristan arqueou as sobrancelhas, alarmado. Kate puxou a alavanca e a porta abriu-se facilmente.

– Espere aí. O que estamos a fazer? – perguntou Tristan, em voz baixa.

– A Magdalena pode estar ali em baixo – respondeu Kate. – Vimos o Dylan e o Thomas a entrarem, por isso devem estar noutra parte do edifício. Temos de descer e ajudá-la. Tenho esta lata de gás pimenta. Se a ativar e pressionar, projetará um grande arco.

Tristan olhou para a pequena lata na mão de Kate.

– Quem me dera que tivéssemos uma arma – disse ele.

– Não temos.

– Está bem. Vamos descer – concordou Tristan. Entraram no elevador. Só tinha um botão, por baixo do qual estava escrita a palavra CAVE.

Kate pressionou-o. Sentiu-se um solavanco e um forte tinido quando o ascensor ganhou vida. Através da pequena janela da porta, o corredor foi subindo e desaparecendo da vista, com o elevador a descer lentamente. Era ruidoso, com o zunido dos mecanismos e o chiar do motor.

Passado um minuto, o elevador parou com um solavanco.

– Não vejo nada do outro lado – disse Tristan, espreitando pela janela.

A porta rangeu ao abrir, e Kate e Tristan saíram para a escuridão. Ativaram as luzes dos telemóveis.

Era um enorme espaço vazio com piso de betão e paredes negras de onde a água escorria, formando poças. Kate dirigiu a luz em torno do espaço e Tristan fez o mesmo. Estava vazio, exceto por uma pilha de tijolos velhos e de cimento num canto escuro. Feixes de luz vinham de uma pequena janela do lado direito do teto e, quando Kate se aproximou, viu que era uma conduta de ventilação que dava para o parque de estacionamento lá em cima.

Kate olhou para Tristan. Tivera a certeza de que Magdalena era mantida prisioneira na cave de Hedley House. Examinaram de novo o espaço com as lanternas, para ter a certeza, e voltaram a entrar no elevador.

– O que vamos fazer? – perguntou Tristan.

– Temos de sair daqui sem sermos vistos – disse Kate. Ia carregar no botão, mas, antes que pudesse fazê-lo, as portas fecharam-se. O elevador ganhou vida e começou a subir.

Kate afastou a mão.

– Não toquei no botão e está a levar-nos para cima – comentou, ouvindo o medo na sua voz. Respirou fundo e procurou o gás pimenta no bolso. – Mantém-te atrás de mim. Se for usar isto, grito, e se o fizer, fecha os olhos e tapa o nariz.

Tristan moveu-se de costas para a parede, e parecia aterrado. O elevador parecia mover-se lentamente, mas nada podiam fazer a não ser esperar. Não havia mais nenhum botão na parede, nem sequer o de paragem de emergência.

O elevador parou com um solavanco e alguém abriu a porta com força.

Do lado de fora, esperavam Thomas Baker, Dana Baker, Stephen Baker e Silvia Baker. Junto a Silvia, estava Dylan Robertson, de espingarda apontada a Kate e Tristan. À sua direita, encontravam-se Henry Ko e o pai, Arron Ko. Foi um choque vê-los a todos, e era a primeira vez que Kate via Arron Ko. Estava praticamente igual à foto do jornal, mas nessa noite vestia roupa casual, umas velhas

calças de ganga e casaco polar. Kate sentiu-se aliviada ao ver Henry Ko, embora houvesse algo de descontrolado e satisfeito na forma como olhavam para o elevador. Como se esperassem um roedor e, agora que o tinham encurralado, fossem livrar-se dele.

– Saiam do maldito elevador – ordenou Dylan, fitando-os pelo cano da arma.

Kate encolheu-se e ergueu a mão para tapar o brilho da lanterna.

– Não ouviram? – gritou Silvia Baker, apontando a lanterna para o elevador. – Saiam. Já! Estão a invadir propriedade privada!

Silvia parecia a rainha em dia de folga: galochas confortáveis, saia plissada, casaco acolchoado da *Barbour* e um lenço.

– Espera, não são miúdos a invadir a propriedade – afirmou Thomas.

– Parecem um pouco velhos para miúdos que entraram para acender outra fogueira – observou Stephen. Também vestia roupas casuais e um grosso casaco polar. – Ei, eu conheço-vos – disse ele, como se fossem velhos amigos num clube de cavalheiros. – Foram ver-me à loja.

Kate e Tristan saíram lentamente do elevador.

– Pode baixar a arma – dirigiu-se ela a Dylan, que os fulminava com o olhar, passando o seu peso de um pé para o outro. Sentiu-se encorajada pela presença de Henry e Arron Ko. Olhou para Henry, que parecia nervoso. – Inspetor-chefe Ko – pediu Kate. – Talvez possa convencê-lo a baixar a espingarda?

Henry não pareceu satisfeito, e foi Arron quem se inclinou para a frente e pôs a mão na arma.

– Vá lá, Dylan, já chega – disse ele, empurrando o cano da espingarda para baixo até Dylan afrouxar o aperto.

– Tenho o direito legal de disparar contra invasores – rosnou Dylan.

– Não significa que tenhas de o fazer – replicou Arron.

– Mas estão a invadir propriedade privada – insistiu Henry. Verificou-se outro silêncio, enquanto olhavam expectantes para Kate e Tristan. – Que raio fazem os dois aqui?

– Falámos com um camionista – interveio Tristan. – Viu a Magdalena Rossi com um velho à beira da estrada no dia em que desapareceu. A sua descrição do velho corresponde à fornecida

pela Kirstie Newett, o que significa que a sua história de ter sido raptada pode ser real.

Registou-se novo silêncio. Kate examinou os rostos dos Baker e dos Ko. Pareciam perplexos. Dylan mostrava-se irritado, como se lhe tivesse sido negada a oportunidade de disparar a arma.

– Henry. Quem são eles? Quem são vocês? – perguntou Silvia, sem esperar pela resposta. Não reconhecia nenhum deles.

– Chamo-me Kate Marshall. Sou professora na Universidade de Ashdean, e este é o meu assistente de investigação, Tristan Harper – apresentou-se Kate. Silvia pareceu animar-se um pouco ao saber que eram académicos.

– Mas porque estão aqui? Tem que ver com a universidade?

És estúpida ou estás a fazer-te de tola?, pensou Kate.

– Não. Pensámos que a Magdalena Rossi estava prisioneira aqui, na cave. Este edifício está devoluto, fica fora do caminho e tem uma cave – explicou ela. Agora que olhavam para toda a família Baker, parecia estúpido.

– Era a isto que se referiam quando foram à loja? – perguntou Stephen.

– Sim. Também foram conversar comigo, importunaram-me no trabalho por causa dessa jovem desaparecida – referiu Dana, intervindo pela primeira vez. Estava atrás da tia. Envergava uma longa gabardina azul e sapatos de salto alto vermelhos.

– Porque estão todos aqui a esta hora da noite? – perguntou Kate.

– Não temos de dar explicações a invasores – respondeu Thomas. Olhou para Kate e Tristan como se fossem duas crianças malcomportadas. – Temos planos para transformar Hedley House em apartamentos. Somos todos acionistas do novo projeto, com exceção do Henry, mas, hã, o Arron faz parte.

Arron Ko assentiu.

– Não estou lá muito bem de saúde... Nada mesmo. O Henry é o meu herdeiro – explicou ele, dando um passo em frente. Kate reparou que coxeava muito e que usava uma bengala.

– Não, Arron, por favor. Não tens de lhes contar... – disse Silvia, mas a sua voz falhou. Parecia genuinamente perturbada com o que

ele dizia. – Quem é essa Magdalena? – perguntou Silvia. – Thomas?

– Sim, Thomas. Continuo a não compreender como chegou tão rápido no outro dia, quando encontrámos o cadáver do Ted Clough – disse Kate. Sabia que se precipitava ao lançar aquela acusação, mas nada tinha a perder.

Thomas abriu a boca para protestar, mas Henry interveio, pondo-lhe a mão no braço.

– Já falei com a senhora Marshall e com o senhor Harper sobre isto – afirmou ele. – Disse-lhes que precisam de abandonar esta teoria ridícula de que a família Baker e o meu pai têm algo que ver com o desaparecimento da Magdalena Rossi.

Arron Ko pareceu genuinamente surpreendido com a acusação.

– O quê? Olhem para mim; não estou propriamente em forma para andar por aí a raptar alguém – protestou, erguendo a bengala.

– Como explica o que aconteceu à Kirstie Newett? – perguntou Kate.

Arron Ko fechou os olhos e apoiou-se na bengala. Kate viu nas expressões da restante família que todos estavam a par do caso de Kirstie.

– Raios me partam. Essa rapariga não nos deixa em paz! – protestou Arron. – É verdade, encontrei a Kirstie à beira da estrada uma noite quando voltava do trabalho. Levei-a ao hospital. Sabia quem era quando lhe dei boleia. Fora levada várias vezes para a esquadra por prostituição. Também tinha problemas com drogas e, durante algum tempo, andou envolvida com um bando bastante desagradável de traficantes.

– Não acreditou nela quando lhe disse que fora raptada? – perguntou Tristan.

– Acreditei que podia ter sido raptada por alguém – admitiu. – Mas têm de entender que a Kirstie já antes mentira à polícia. O meu primeiro pensamento foi que precisava de ajuda. O seu estado era horrível, espancada e toda molhada. Levei-a ao hospital e transferi-a para os cuidados de um psiquiatra.

– Por que razão é acionista na empresa? – questionou Tristan. – Não representa um conflito de interesses?

– Arron, não respondas! – disparou Silvia. – A impertinência deste jovem. Isto é ridículo. Não temos de nos justificar perante idiotas que invadiram a nossa propriedade. Devíamos ser *nós* a fazer as perguntas! – Arron estendeu a mão e tocou-lhe no ombro, esfregando-lhe o braço.

– Não faz mal – disse ele. – Eu e a Silvia somos amigos há muitos anos. Conhecemo-nos desde novos e ela teve a bondade de me dar a oportunidade de investir na empresa, ainda que modestamente.

– Arron, chega – insistiu Silvia, suavizando um pouco a expressão.

– Continuo a pensar que não está certo, Thomas, que um oficial superior como o Arron, e agora o Henry, estejam tão intimamente envolvidos nos negócios da sua família – observou Kate.

– Enquanto civil, o Arron tem o direito a fazer negócios e a ser acionista – disse Thomas. – Mas lembre-se, a propriedade de Shadow Sands é muito grande, com uma comunidade de inquilinos, e a central hidroelétrica é um enorme projeto de infraestruturas, parcialmente detido pelo Governo. Preocupar-me-ia se a polícia local *não estivesse* envolvida na proteção da comunidade e da barragem...

Kate viu que ele tinha uma veia a latejar no pescoço. Não gostava de ser questionado.

– Arron, sei que, quando se reformou, promoveu Varia Campbell a inspetora-chefe sem que ela se candidatasse, e que o Henry foi chamado a ocupar o seu lugar como inspetor-chefe nos municípios de Devon e da Cornualha.

– Oh, está a ser terrivelmente vulgar – disse Silvia. – Sou muito amiga do reitor de Ashdean. Vou dar-lhe uma palavrinha da próxima vez que o vir.

– Temos uma testemunha, um camionista, que viu a Magdalena no domingo, catorze de outubro, o dia em que desapareceu, a falar com um homem na berma da estrada – insistiu Kate, ignorando-a. – Diz que a Magdalena estava a ajudar o velho a mudar o pneu do carro. Isto perto do local onde a sua *scooter* foi retirada da vala.

– Pedimos ao camionista que ligasse para a vossa linha de apoio a comunicar oficialmente isto – acrescentou Tristan.

– Sim. E acho que esta prova testemunhal devia justificar ao menos uma busca a algumas das maiores propriedades do património de Shadow Sands, bem como uma busca ao reservatório – acrescentou Kate. – E gritarei muito alto se isso não for feito.

Henry e Arron Ko trocaram um olhar.

– É de uma insolência colossal, mulher! – exclamou Silvia. – Não pode ditar termos à polícia.

– Já fui polícia – informou Kate. – E qualquer curso de água perto do local de um desaparecimento é sempre alvo de buscas. E a Kirstie Newett pode ser culpada de muitas coisas, mas a sua descrição do homem que a raptou corresponde à que o camionista fez do homem que a Magdalena parou para ajudar na berma da estrada. Também farei com que a Kirstie Newett preste um depoimento oficial, algo que lhe foi negado antes. Portanto, volto a dizer, o reservatório tem de ser alvo de buscas, bem como quaisquer instalações vazias ou habitadas, que sabemos serem várias no património de Shadow Sands.

Kate respirou fundo.

– É um trabalho para ti, Thomas – declarou Stephen. – É ele o vosso homem. O senhor da casa, e todos os estabelecimentos comerciais estão em seu nome. – Tinha na voz um laivo de qualquer coisa. Seria triunfo ou inveja? Kate sentiu que havia, sem dúvida, um conflito entre os irmãos. – Agora – prosseguiu Stephen –, por mais que adore estar aqui ao frio a aturar tretas, tenho de ir para casa. A Jassy está à minha espera.

– Fará o seu trabalho como agente da polícia e efetuará buscas no reservatório e nos recintos circundantes? – perguntou Kate a Henry, sentindo-se como uma louca, mas ciente, no íntimo, de que tinha de continuar a insistir, por mais estranho que fosse o público.

– Sim, Henry, devias mandar fazer buscas nas instalações – concordou Arron, apoiando-se na bengala. Parecia exausto. Silvia olhou para trás, e um olhar passou entre ela e Arron.

– O reservatório é complicado. Trata-se de uma infraestrutura parcialmente detida pelo Governo; existem regras diferentes –

observou Thomas.

– Sim, nem sequer podemos arranjar os terrenos do centro de visitantes do lado que fica junto à central elétrica – acrescentou Dana, falando apenas pela segunda vez.

– Bem. Podem bisbilhotar à vontade na minha loja – disse Stephen, agora irritado e ansioso por partir. – É só isso que possuo. Nada tenho que ver com o maldito património, nem com todo este circo. Agora tenho de ir.

– Sim. Isto já durou que chegue – rosnou Dylan, que continuava a embalar a espingarda. – Henry, podes certificar-te de que estes dois têm escolta policial para sair das instalações?

– Onde está o vosso carro? – perguntou Henry, enquanto os conduzia ao parque de estacionamento.

– Despistámo-nos a cerca de quilómetro e meio daqui, mesmo antes do reservatório – respondeu Kate.

– Onde querem que vos deixe então? – perguntou, ao chegarem ao carro da polícia.

– Junto ao meu carro. Não posso deixá-lo ali. Temos de ligar para a assistência.

Passado um momento, o resto da família emergiu da entrada principal.

Silvia, Dylan, Dana e Arron dirigiram-se ao *Land Rover*. Dana teve de ajudar Arron a subir para o banco de trás. Thomas e Stephen pararam para trancar a porta, indo em seguida para o outro carro. Silvia lançou a Kate e Tristan um olhar desagradável.



Kate e Tristan seguiram em silêncio no carro com Henry, de regresso ao local onde se tinham despistado. Quando encostaram na berma, saíram e Henry fez uma chamada para o Automóvel Clube.

– Posso esperar convosco – ofereceu-se ele. – Chegam daqui a vinte minutos.

– Não, está tudo bem, obrigada – agradeceu Kate. Henry fez menção de regressar ao carro. – E vai fazer buscas em todos os edifícios da propriedade? – inquiriu ela.

– Sim – respondeu. Não parecia convicto. Entrou no carro e partiu.

Por um momento, Kate e Tristan ficaram em silêncio, vendo os faróis de Henry a afastar-se sobre a colina em direção a Ashdean.

– Não me parece que alguém faça buscas naqueles edifícios, pois não, Tris? – disse Kate. – Onde quer que esteja, a Magdalena está morta.

Tristan tirou do bolso a folha de papel em que trabalhara enquanto Kate estivera fora com Jake em Great Barwell.

– Ia mostrar-lhe isto antes, mas distraí-me com a chamada do Dennis. É a lista de todas as propriedades pertencentes à família Baker – disse ele.

Kate pegou no papel e ativou a lanterna do telemóvel. Tratava-se de um rol de moradas e edifícios. A maioria eram casas, como a de Ted Clough. Algo se destacou que fez Kate parar bruscamente. Olhou para a sexta entrada a contar do fim: FROME CRAWFORD ANTIGA CENTRAL TELEFÓNICA.

Estava enfiada entre várias casas e um par de quintas detidas pela propriedade. O edifício estava registado como pertencendo a Stephen Baker.

Kate lembrou-se do que Stephen Baker acabara de lhes dizer. «Só tenho a minha loja, mais nada. Nada tenho nada que ver com o maldito património.»

Mas, quando tinham ido à loja dias antes, haviam falado com Stephen, e a esposa, Jassy, estivera ao telefone em segundo plano...

O que dissera? Queixara-se aos correios sobre as caixas de mercadorias entregues no sítio errado. «Não, não é na central telefónica; é na Hubble, na rua principal de Frome Crawford.»

– Tris, tens rede no telemóvel? – perguntou Kate.

– Tenho algumas barras – respondeu ele, mostrando-o.

– Podes pesquisar no Google Maps pela velha central telefónica em Frome Crawford?

Tristan fê-lo; levou um momento a carregar, mas depois apareceu no telemóvel.

– Podes ampliar? – perguntou Kate, semicerrando os olhos para o ecrã, que era ofuscantemente brilhante na escuridão junto à estrada.

– É uma velha propriedade industrial à entrada da aldeia – informou ele.

– Porque haveria o Stephen de mentir sobre isso? Quando eu estava a falar em fazer buscas nos edifícios, ele disse que não tinha

mais nenhuma propriedade além da loja – afirmou Kate. Olhou para Tristan, que arregalou os olhos.

– Jesus. É o Stephen Baker – exclamou ele. – E tem a Magdalena nessa antiga central telefónica.

Kate olhou para os dois lados da estrada, mas não havia trânsito a aproximar-se.

– Raios partam este estúpido carro – exclamou, pontapeando o para-choques traseiro. Guinou um pouco na lama. – Podes chamar um táxi?

– Sabe como é Ashdean. Já não vêm até tão longe – disse Tristan.

Kate não parava de andar.

– Temos de ir já para lá, Tris!

– Então e a Myra?

– Não conduz. E a Sarah?

Tristan fez uma careta.

– Tristan, por favor. Sei que tu e a Sarah têm problemas, mas preciso que lhe liguês agora – disse Kate.

Stephen Baker sentiu-se enjoado na viagem de regresso a casa com o irmão, Thomas. Estava calor no interior do carro. Thomas tinha sempre o aquecimento no máximo.

– Posso abrir uma janela? Estou a arder aqui dentro – queixou-se Stephen, limpando o suor da testa. Utilizando os comandos principais do lado do condutor, Thomas abriu um centímetro a janela do lado do passageiro. O vento silvava pela pequena fenda, mas Stephen não conseguia saboreá-lo. Levou a mão à boca, sentindo o estômago às voltas.

– Jesus. Abre-a como deve ser! – insistiu, premindo o botão. A janela abriu-se e o carro encheu-se de ar fresco. Stephen inspirou-o, sentindo-se aliviado.

Thomas puxou a gola da camisa para o pescoço, movendo afetadamente os longos dedos.

É como uma velha, sempre preocupado com as correntes de ar, pensou Stephen.

– Acho que já chega – disse Thomas, premindo o botão na consola. A janela de Stephen fechou-se.

O nevoeiro dispersara e a estrada estava livre.

– Vais deixar que a polícia faça buscas nos edifícios da propriedade? – perguntou Stephen, olhando para o rosto sério do irmão.

– Sim – respondeu Thomas, fitando sombriamente a estrada. – Já tive muitos inquilinos a ligar-me, preocupados com a morte do Ted Clough.

O carro atingiu um buraco na estrada e Stephen sentiu o solavanco no estômago. Levou a mão à boca e mordeu o indicador.

– A polícia tem alguma ideia de quem poderá ser?

– Não. Pensamos que é provavelmente um dos outros inquilinos. Temos muita gente duvidosa – disse Thomas. – É esse o problema de os contratos de arrendamento serem transmissíveis entre familiares. E há tantos anúncios de «Dinheiro por Ouro» na televisão

hoje em dia. Alguém soube que o Ted tinha vinte mil libras em moedas de ouro e aproveitou para roubar o velho.

– E quanto ao reservatório? Achas que a polícia vai levar aquela mulher a sério? – perguntou Stephen, tentando manter uma voz calma.

– Não sei. Porque estás tão preocupado, assim de repente? Deixaste bem claro quando casaste com a Jassy que não querias ter nada que ver com a propriedade.

– Sim. Tens memória curta. Obrigaram-me a escolher entre a Jassy e a minha parte do património, lembras-te? – disse Stephen, lançando a Thomas um olhar duro. Ele fitou-o também.

– Fizeste uma escolha – retorquiu Thomas – Estás bem? Pareces um pouco enfermiço.

– Estou ótimo – respondeu, sentindo o estômago novamente às voltas. – Se vais preocupar-te com alguém, preocupa-te com o Arron. Parecia terrível.

– O médico deu-lhe seis meses.

– Jesus. Foi o stresse que o fez adoecer. O stresse de conjugar uma mulher e uma amante. De certeza que estaria são como um pero se tivesse tido tomates há alguns anos e deixado a mulher pela tia Silvia. Sempre foi ela o seu verdadeiro amor.

– Quanto a isso, não sei. Todos os envolvidos sempre viraram a cara. A minha preocupação é quando ele bater a bota, preciso que o seu um por cento da empresa fique na família – declarou Thomas.

Para alívio de Stephen, tinham chegado à rua principal de Frome Crawford.

– Bem. Cá estamos – disse Thomas, parando à porta da loja de utensílios de cozinha. – Dá os meus cumprimentos à Jassy e aos miúdos.

– Sim. Obrigado – respondeu Stephen. Saiu do carro e dirigiu-se à porta da frente. Demorou-se a procurar as chaves no bolso e levou-as à porta enquanto Thomas arrancava.

Quando o irmão desapareceu de vista, retirou a chave. O seu telemóvel tocou e tirou-o do bolso. Era Jassy.

– *Merda* – exclamou baixinho. Escondeu-se sob o toldo da loja, impossível de avistar da janela lá em cima, e atendeu.

– Olá, amor – disse ele.

– Ei, demoras a vir para casa? Quero saber se deito os miúdos ou se espero – indagou Jassy, do outro lado da linha.

– Desculpa, querida, isto vai demorar um pouco mais. Pelo menos uma hora – respondeu.

– Está bem...

Stephen ouviu-lhe a desilusão na voz.

– Amo-te, até já – disse-lhe. Desligou a chamada e o telemóvel. Espreitando sob o toldo, dirigiu-se às traseiras do edifício e ao cais de carga da loja, onde o seu carro estava estacionado. Destrancou-o e enfiou-se lá dentro, soltando o travão de mão. Empurrando com o pé de fora, tirou-o do cais e entrou na estrada.

Retraiu-se com o esforço e sentiu uma dor ardente no peito. Quando chegou à rua principal, fechou a porta e ligou o motor. Puxou a camisola para cima e viu uma ténue linha de manchas de sangue na *T-shirt*, que levantou cautelosamente. Tinham-lhe rebentado os pontos que levava no peito.

– Merda! – gritou, batendo com a mão no tabliê. Limpou-os com lenços de papel, que colou ao sítio de onde o sangue jorrava.

Stephen não entendia como conseguira ela levar-lhe a melhor. Não queria admitir, mas isso assustava-o. Sempre fora capaz de manter os outros sob controlo na masmorra. Temiam-no. Agora, era *e/le* a sentir medo, e ela tinha a sua arma, o que era imperdoável. Após ter levado pontos no hospital, devia ter mostrado os ferimentos a Jassy e inventado qualquer coisa, mas não o fizera.

– Que se lixe! – exclamou, batendo de novo no tabliê. Lembrou-se de quando Kate Marshall emergira do elevador com o assistente bonitinho. Estariam já no seu rasto?

Estão todos à minha espera, mas não me vão apanhar; morro antes disso!, pensou. Ardiam-lhe os olhos. O suor escorria-lhe pelo rosto. Limpou-o com a manga, meteu a primeira e arrancou.

Sarah chegou num carro dez minutos após Tristan ter-lhe ligado.

– Estão bem? – perguntou, abrindo o vidro. Olhou para lá de Kate e Tristan, para o carro estampado contra a árvore.

– Estamos ótimos. Graças a Deus pelos *airbags* – disse Tristan. Correu para o lado do passageiro e entrou.

– O que vão fazer com o carro? – perguntou Sarah.

– Liguei para a assistência em viagem – disse Kate, entrando para o banco de trás e pondo o cinto. Viu que Sarah tinha o cabelo molhado e trazia um roupão e chinelos com coelhinhos.

– Tristan, tens a certeza de que não estás ferido? – insistiu Sarah, ignorando Kate.

– Estou ótimo – respondeu ele. – Porque estás de pijama?

– Estava no banho quando ligaste.

Kate debruçou-se entre os bancos da frente.

– Sarah, precisamos que nos leve de imediato à velha propriedade industrial junto a Frome Crawford – pediu ela.

Sarah olhou para Tristan.

– O que quer dizer com isso? Pensava que ia dar-vos boleia para casa.

– Acreditamos que a Magdalena está prisioneira lá dentro – revelou-lhe Tristan.

Sarah olhou para os dois.

– Não podem falar a sério. É tarde!

– Sarah, isto é sério. Uma questão de vida ou morte. Temos de ir já! – exclamou Tristan.

– Agora, Sarah! – acrescentou Kate. Pareceu cair-lhe a ficha e Sarah assentiu.

– Está bem, mas não vou violar o limite de velocidade. É o carro do Gary e ainda lhe faltam três anos de pagamentos no plano de financiamento.

– Agora! – gritou Kate. A sua lentidão era enfurecedora.

Sarah meteu a mudança e fez uma excruciantemente lenta inversão de marcha, arrancando em direção a Ashdean.



Magdalena sentia as mãos doridas enquanto desenrolava os lençóis entrançados no corredor. A matemática não era o seu forte, mas calculara em dois metros a distância entre o chão e o alçapão. Precisaria do dobro para obter um bom apoio a partir de cima e erguer a sanita de porcelana até ao alçapão aberto. Mas o colchão era pequeno. Começara a rasgar tiras a partir do meio e acabara com faixas de material que se fragmentava e era demasiado fino. Algumas vezes, julgara ouvir o elevador ganhar vida e parara, à escuta, mas os ouvidos estavam a pregar-lhe partidas. O corpo tremia-lhe de exaustão e adrenalina, e temia que o seu depósito estivesse agora vazio e não tardasse a colapsar de exaustão.

A corda media pouco mais de dois metros. Não era muito, mas teria de servir. Era composta por seis tiras firmemente entrançadas, e juntara quatro secções. Quando estava em casa, era ela que entrançava os cabelos da irmã, e tentou não pensar nisso. A ideia de não voltar a ver a família desanimava-a.

Enfiou uma das pontas da corda num dos buracos na parte de trás da sanita e amarrou-a bem. Depois, passou a outra ponta por cima do ombro. Verificando que tinha os pedaços afiados de loiça no bolso, subiu para a sanita e içou-se para o alçapão.

Lá em cima, a pequena plataforma quadrada dava para a parte de baixo do elevador e descia até ao fundo do poço, onde este pararia antes de as portas se abrirem. Atirou a outra ponta da corda para o outro lado e desceu cuidadosamente, de maneira a ficar do outro lado das portas. Agarrando a ponta dos lençóis amarrados, começou a puxar. Sentiu a corda aguentar o peso e inclinou-se para trás, utilizando o seu peso para içar a sanita em direção ao alçapão. A corda retesou-se. Esperara que fosse mais pesada. Deu um grande puxão e continuou a inclinar-se com todo o seu peso, perdendo o equilíbrio no momento em que a sanita entrou pelo alçapão, ultrapassando a beira da plataforma. Teve de se baixar e

afastar-se quando a sanita caiu no poço do elevador, mesmo por trás dela.

– Merda – exclamou, olhando para os três pedaços que jaziam entre os suportes metálicos.



Quando Stephen chegou ao edifício, este estava envolto em sombras, ao fundo de uma longa rua deserta cheia de velhos armazéns e algumas casas geminadas vazias. As luzes da cidade brilhavam sobre uma colina, mas a rua estava escura como breu. Estacionou junto ao edifício e saiu do carro.

As manchas de sangue na parte da frente da sua camisa estavam maiores, e ele amaldiçoou-a.

Dirigiu-se à mala do carro e abriu-a. Tirou um cobertor e alguns sacos reutilizáveis para compras a fim de poder levantar um quadrado de alcatifa. No vão redondo que geralmente continha o pneu suplente, guardara os óculos de visão noturna, uma pistola e uma caixa extra de balas.

Abriu o carregador da arma para se certificar de que estava carregada. Depois, fê-lo rodar e fechou-o.

Entrou no edifício pela porta lateral, que era a entrada original, abrindo o cadeado.

Lá dentro, o espaço era grande e cavernoso, podendo facilmente encaixar seis carros grandes. Durante algum tempo, usara-o como armazém para a loja de equipamentos de cozinha, mas tornara-se demasiado arriscado, sobretudo após os miúdos crescerem um pouco e Jassy ter começado a interessar-se pela gestão do negócio. Os armazéns circundantes eram utilizados durante o dia, mas mesmo então o trânsito era escasso. Nos últimos vinte anos, aquele local fora o seu recreio ocasional, exceto nos anos em que vivera na América.

Nos Estados Unidos, não se dedicara ao seu passatempo. Não tinha a confiança necessária para raptar e matar, com a pena de morte e a aplicação rigorosa da lei. Quando regressou com Jassy e tiveram filhos, parte de si pensou que podia mudar, mas os desejos voltaram e, com eles, a percepção de que tinha um feudo. Enquanto

membro da família Baker, acedia a terras, dinheiro e proteção. Continuou, porque podia.

O edifício encontrava-se vazio. Assim, se alguém arrombasse a porta, não teria incentivo para se demorar por ali. Tinha também as únicas duas chaves do elevador. Uma estava no seu bolso e a outra enfiada numa gaveta em casa.

Ela tem uma arma. As palavras repetiam-se-lhe na mente. Tinha de estar pronto para disparar assim que chegasse lá abaixo e as portas se abrissem.

Verificou de novo a arma. Introduziu a chave na fechadura junto às portas do elevador e rodou-a para a esquerda. As portas abriram-se devagar. Retirou a chave, entrou e introduziu-a na fechadura interior, rodando-a para a direita. As portas fecharam-se e o elevador começou a descer lentamente.

Pôs os óculos de visão noturna e ativou-os. Depois, preparou-se, de arma apontada às portas fechadas. Estaria ela à sua espera junto às portas ou escondida numa das divisões?

O elevador estremeceu e parou com um guincho desagradável. Por um momento, Stephen ficou imóvel; era a primeira vez que aquilo acontecia.

Hesitou, respirou fundo e rodou a chave para abrir as portas.



Kate, Tristan e Sarah pararam junto à central telefónica desativada.

– Isto não me agrada – disse Sarah, olhando para os edifícios sombrios.

– Fique no carro. Tranque as portas. E chame a polícia – pediu Kate. Se estivesse sozinha, Kate teria esperado para entrar no edifício antes de chamar a polícia, mas o risco era maior agora que Sarah estava envolvida.

– Pode passar-me o bloqueador de rodas que está aí atrás, Kate, por favor? – pediu Sarah, educadamente.

Kate encontrou-o no espaço para os pés.

– Não vai pôr isso no volante, pois não?

– Não sou assim tão estúpida. Se ele sair e tentar alguma coisa, uso-o para lhe bater na cabeça! – exclamou Sarah.

Kate assentiu. Era uma boa ideia. Não sabia se ela chegaria longe se tivesse de fugir nos seus chinelos com coelhinhos.

– Bom. Afaste bem as mãos e atinja-o com a parte mais leve – disse Kate. – Tem mais alguma coisa que possamos utilizar como arma?

– Há um pé de cabra na mala – respondeu Sarah, segurando o bloqueador de rodas nas finas mãos pálidas.

Saíram do carro. Tristan encontrou o pé de cabra na mala, tirou-o e fechou a porta. Sarah ativou o fecho centralizado e viram-na pegar no telemóvel e ligar para a polícia. Kate verificou que tinha a lata de gás pimenta bem posicionada na mão. Olhou para Tristan. Ele acenou e mostrou-lhe um sorriso nervoso.

– Muito bem. Vamos a isto – disse ele. Dirigiram-se à porta na lateral do edifício.

Um cadeado aberto pendia dos ganchos na porta. Kate puxou-a e esta abriu-se.

– Não é demasiado fácil? – perguntou Tristan, parecendo assustado.

– Sim – respondeu Kate, e mergulharam nas trevas.



Magdalena começou a tremer quase incontrolavelmente quando ouviu o elevador. Há muito que esperava, sentada na pequena plataforma por cima do alçapão, de arma aninhada no colo.

O elevador fazia muito barulho, e Magdalena viu a enorme caixa descer na sua direção. No último minuto, pensou que ia esmagá-la, de tanto que se aproximou, mas passou pela pequena plataforma onde se encontrava, encurralando-a e mergulhando-a novamente nas trevas.

Pensara em deixar os pedaços da sanita no poço, para que o elevador não descesse bem, mas isso poderia significar ficar bloqueada por um elevador avariado. Se ele não conseguisse entrar, ela não poderia sair. Magdalena não sabia quanto tempo

passara ali em baixo sem comida, mas tinha consciência de que em breve morreria à fome.

A sanita partira-se em três pedaços, o que facilitara um pouco o trabalho de os subir novamente para a plataforma.

O elevador chiou ao esmagar a porcelana e parou. Magdalena apoiou-se nos calcanhares e apontou a arma, através do alçapão. Ainda tinha as mãos a tremer do esforço físico e da falta de comida. Por um momento, pensou que as portas não conseguiriam abrir-se, mas então fizeram-no.

Estava de arma empunhada quando ele saiu do elevador. Viu-lhe o cimo da cabeça, com os óculos de visão noturna, e a arma na mão, apontada para a frente. Ela fez pontaria e premiu o gatilho.

O som do disparo foi ensurdecedor. Não sabia se devido ao tremor nas mãos ou ao coice da arma, mas falhara, e a bala atingiu o chão ao lado dele. Na fração de segundo antes de disparar de novo, ele fitou-a através do alçapão. Via-o pela primeira vez. Na sua mente, era um velho. Enganara-se, mas reconheceu o nariz, os lábios cheios e os dentes do homem que a raptara na berma da estrada ao que lhe parecia ter sido uma vida.

Algo se quebrou dentro de Magdalena. As sensações de medo e de fome desapareceram e invadiu-a uma enorme vaga de fúria e ódio para com aquele homem que tanto lhe roubara. Com as últimas forças, soltou um grito de guerra e atirou-se para cima dele. O seu pé ficou preso na beira do alçapão, fechando a tampa com estrondo. Quando ambos caíram ao chão, o corredor mergulhou nas trevas. Queria matá-lo. Sentiu o corpo dele sobre o seu e começou a bater-lhe com a arma e a arranhar-lhe o rosto. Sentia o seu hálito quente e a forma como os seus músculos se contraíam enquanto gritava e a empurrava. Caiu com força no piso de betão, mas manteve a arma segura. Houve um clarão, seguido de dois estrondos ensurdecedores quando ambos dispararam.



Kate e Tristan olharam para o espaço vazio no interior da central telefónica. A divisão estava envolta em sombras e havia apenas uma pequena e alta janela na parte da frente do edifício. Ativaram

as lanternas dos telemóveis. Cheirava a mofo e a humidade, mas estava impecavelmente varrido. O piso de betão apresentava-se limpo. Aproximaram-se das portas do elevador ao fundo. Ouvia-se um estampido abafado, e depois outro.

– O que foi aquilo? – perguntou Tristan.

– Tiros – respondeu Kate. – Merda. Chegámos tarde demais. – Tentou ver se havia escadas, mas só detetou as portas do elevador. Correu para lá e premiu o botão de chamada, sem pensar em quem poderia ter a arma. – É melhor ficares aqui – disse ela, enquanto ouviam o elevador a subir lentamente.

– Nem pensar. Vou consigo – replicou Tristan. O elevador chegou e entraram. Estava escuro e pairava um cheiro desagradável, como se de carne rançosa. Tinha uma chave do lado esquerdo. Tristan rodou-a para a esquerda e depois para a direita. As portas fecharam-se e o elevador desceu com um estrondoso solavanco.

À medida que se aproximavam, ouviram um grito agudo, seguido de outro tiro, o que fez com que os pelos da nuca de Kate se eriçassem.

Tristan ergueu o pé de cabra e Kate fez o mesmo com o gás pimenta. Quando as portas se abriram, as lanternas dos telemóveis iluminaram o corredor e duas figuras no chão.

Por um segundo, as duas figuras olharam para a luz brilhante. Era Stephen Baker, com sangue a jorrar-lhe do nariz, e estava em cima de uma mulher suja e emaciada de longos e oleosos cabelos negros. Tinha-a presa e estrangulava-a.

– Magdalena? – perguntou Kate. Não teve tempo de processar o facto de que Magdalena estava viva e ali em baixo com Stephen Baker.

Um par de óculos de visão noturna jaziam junto à perna de Stephen e, a alguns metros dali, estava uma pistola.

O que se seguiu pareceu desenrolar-se em câmara lenta. Kate correu para a arma, atirando-se ao chão. A sua mão fechou-se sobre ela e as de Stephen fecharam-se sobre as suas. Puxou-lhe as mãos para cima, sob o queixo, atingindo-a com força no maxilar. Kate aguentou-se, mas as mãos fortes de Stephen estavam a abrir-lhe os dedos.

Sentiu-lhe o cheiro a suor, e Stephen agarrou-lhe na mão, começando a dobrar-lhe os dedos para trás. No momento em que ia a perder o controlo da arma, Stephen soltou-a e ficou frouxo, caindo ao chão. Kate ergueu o olhar e viu que Tristan o atingira na cabeça com o pé de cabra.

Houve um momento de silêncio, seguido de um grito de Magdalena, que pegou na segunda pistola, que estava do outro lado do corredor, e começou a disparar contra o corpo inconsciente de Stephen. Uma bala cravou-se na parede, projetando pedaços de estuque, e outra atingiu-o no ombro direito. Levantou-se, cambaleante, em direção a Stephen, de arma apontada.

– Magdalena! Pare! – gritou Kate. – Estamos aqui para si. Está segura. Por favor, pare!

Magdalena gritou e aproximou-se mais de Stephen, encostando-lhe a arma à nuca e premindo o gatilho. A arma emitiu um estalido. Estava vazia.

– Está tudo bem, está segura – disse Kate, conseguindo tirar-lhe a pistola das mãos. Passou-a a Tristan, junto com a segunda arma. Não desviou os olhos de Stephen Baker, que se mantinha no chão, de barriga para baixo. Magdalena continuava a gritar histericamente. Era de gelar o sangue e arrepiou Kate até aos ossos enquanto tentava controlar a situação.

– Esvazia a segunda arma, Tristan – instruiu Kate. Ele mexeu-lhe, conseguiu abrir a câmara e verteu para o chão as restantes balas.

Kate tinha agora Magdalena nos braços e tentava acalmá-la.

– Está segura. Vamos levá-la para casa – descansou-a Kate.

– Ele raptou-me! Manteve-me aqui presa – exclamou Magdalena.

– Manteve-me aqui... no escuro e ao frio. – Começou a falar rapidamente em italiano.

Tristan ajoelhou-se ao lado de Stephen. Gemia, e jorrava sangue do ferimento no ombro.

– Tens de pôr pressão nesse ombro. Não quero que ele se esvaia em sangue e nos morra nas mãos – disse Kate.

No meio do caos, não tinham ouvido o elevador a subir de novo ao piso superior. As portas abriram-se.

Henry Ko saiu do elevador com Della Street, dois outros agentes e dois paramédicos. Por um momento, pararam a olhar para os três que estavam junto a Stephen Baker.

– Finalmente chegaram – disse Kate. – Esta é a Magdalena Rossi. Foi raptada e mantida prisioneira aqui pelo Stephen Baker – explicou, triunfante. – A Magdalena deu-lhe um tiro em legítima defesa. Está a sangrar muito.

Henry Ko estava muito pálido. Ficou de boca aberta. Os agentes e paramédicos que o acompanhavam apressaram-se a avançar. Um deles pediu reforços, Della foi ajudar Magdalena e os paramédicos ocuparam o lugar de Tristan e começaram a trabalhar no ferimento de bala de Stephen Baker.

Kate levantou-se e aproximou-se de Henry Ko.

– Acredita em mim agora? – perguntou.

Epílogo

DUAS SEMANAS DEPOIS

Estava uma manhã soalheira de inícios de novembro quando Kate e Tristan chegaram à morgue de Exeter. Kate estacionou o carro e desligou o motor. Olhou para Tristan.

– Tens a certeza de que queres fazer isto? – perguntou.

Ele hesitou, assentindo em seguida.

– Sinto que preciso de as ver. Devo-lhes isso... Não tomei o pequeno-almoço, por via das dúvidas – disse ele. Kate viu que tinha o rosto pálido. Assentiu e respirou fundo.

Dirigiram-se à entrada principal, onde os deixaram entrar. Alan Hexham encontrou-se com eles na pequena área de receção.

– Bom dia – cumprimentou-os ele, com uma expressão solene no rosto habitualmente jovial. – Vão ter de se equipar, macacões e máscaras, por favor.

Quando Kate e Tristan ficaram prontos, passaram para a morgue. Três corpos jaziam nas mesas de autópsia de aço inoxidável. Pareciam quase mumificados. Não tinham cabelo e, a espaços, a pele escura e coriácea faltava. Um cheiro desagradável a decomposição e a águas paradas impregnava a sala.

– Estas três pobres almas, do sexo feminino, foram recuperadas do reservatório à profundidade de quarenta metros – informou Alan.

– Tinham-lhes colocado pesos e haviam-nas embrulhado num material. O frio e a falta de oxigénio a essa profundidade retardaram a decomposição, tal como os lençóis em que estavam embrulhadas...

Kate aproximou-se e olhou para o primeiro corpo. Sentia tristeza e nojo por o reservatório ter escondido aqueles corpos durante tanto tempo. Olhou para Tristan. Estava encostado à parede e parecia pálido.

– Não sei se já souberam da última contagem? – perguntou Alan.

– Eram sete da última vez que ouvi – respondeu Kate.

– Ah. A equipa de mergulhadores recuperou até agora doze corpos do reservatório e há outra equipa que vai descer ainda hoje. Já fiz nove autópsias. Estes três chegaram durante a noite.

Kate sabia, do tempo que passara na polícia, que mergulhar a uma profundidade superior a vinte e cinco metros era complexo. Nalgumas partes do reservatório, a água chegava aos quarenta ou cinquenta metros. A essas profundidades, os mergulhadores tinham de utilizar misturas especiais de oxigénio e o tempo que podiam passar debaixo de água era limitado.

– Os seis tipos de ADN – prosseguiu Alan – que a polícia encontrou na cave da central telefónica em Frome Crawford correspondem a seis dos corpos encontrados até agora, incluindo Sally-Ann Cobbs e Ulrich Mazur.

Kate olhou para Tristan. O seu rosto estava branco como giz.

– E quanto aos outros seis? – perguntou ele, com voz trémula.

– Falei com a Della – disse Kate. – Também encontraram lá em baixo resíduos de vários tipos de lixívia e soda cáustica, o que significa que o Stephen Baker pode tê-lo lavado várias vezes, destruindo o ADN... Mas vão continuar a procurar. E, claro, a polícia fez agora testes ao ADN encontrado no cadáver do Ted Clough. Corresponde ao Stephen Baker.

Stephen Baker descrevera uma história extraordinária enquanto estava detido. Revelara à polícia que raptara e matara dezasseis pessoas. A partir daí deixara de contar, dissera. Admitira também ter assassinado Ted Clough. Confessara-o para tentar um acordo com a polícia e obter uma pena reduzida, mas, tal como Della dissera a Kate, quando se admite ter matado dezasseis pessoas, não se está em grande posição para fazer acordos.

– Acho que já vimos o suficiente – disse Kate, lançando um último olhar aos corpos deitados nas mesas de autópsia.

– Sim. E que tal um chá? – sugeriu Alan.

Instalados no seu gabinete com fumegantes chávenas de chá doce, continuaram a conversa.

– Não entendo porque é que o Stephen Baker se sentia tão seguro a largar estes corpos no reservatório – disse Alan,

recostando-se na cadeira. – Ao longo dos anos, dois deles vieram à tona, Fiona Harvey e Becky Chard, e a causa da morte foi encoberta pelo Dylan Robertson.

Kate soprou no chá e bebeu um gole.

– O Stephen Baker disse à polícia que o Arron Ko e a tia, Silvia Baker, tinham um caso amoroso há muitos anos – afirmou ela. – Davam festas loucas quando a mulher do Arron estava fora em negócios. Uma noite, era o Stephen muito novo, e após uma longa sessão de consumo de álcool, o Arron foi levar a Silvia a casa e atropelou mortalmente um jovem. Estava prestes a chegar a superintendente e, se aquilo se soubesse, seria o fim da sua carreira. Por isso, a Silvia pediu ao Dylan que tratasse do corpo. Ele pôs-lhe pesos e deitou-o ao reservatório. Uma noite, ainda adolescente, o Stephen ouviu a Silvia e o Arron a conversarem sobre isto... Passados anos, quando começou a desenvolver a obsessão por raptar jovens mulheres, o Stephen soube que, enquanto a sua tia Silvia e o Arron Ko estivessem vivos, ninguém teria autorização para fazer buscas no reservatório. Tinham-lhe dado o sítio perfeito para largar os corpos.

– Então não imaginavam o que o Stephen fazia, e todos aqueles corpos na água? – perguntou Alan.

– O Dylan foi preso há dois dias, mas a polícia ainda está a tentar determinar se ele sabia alguma coisa sobre o Stephen andar a largar os corpos. Não acreditam que soubesse. Estava só a proteger-se, bem como à Silvia e ao Arron, quando impediu que o reservatório fosse alvo de buscas – explicou Kate.

– O Henry Ko foi suspenso até que haja uma investigação – acrescentou Tristan, embalando o chá. Tinha recuperado um pouco de cor no rosto.

– Afirma que não sabia nada sobre os túmulos aquáticos em Shadow Sands. Contou-lhes que o pai sempre insistira em que o reservatório jamais fosse alvo de buscas devido aos custos que isso implicaria para a empresa – disse Kate.

– Achas que ele é suficientemente estúpido para acreditar nisso? – perguntou Alan.

– Parece ter sido estúpido o bastante para acreditar na palavra do pai – replicou Kate. – Era devido ao pai que estava constantemente a ser promovido. Foi o Arron Ko quem puxou os cordelinhos e pediu que fosse outro médico legista a fazer a autópsia do Simon Kendal?

Alan suspirou.

– Sim, foi ele. Não estava autorizado a dizer-te, mas, à luz de tudo isto, sim... Achas que a mulher do Stephen desconfiava de alguma coisa? – perguntou ele.

– Já meteu os papéis do divórcio e levou os três filhos para a América para ficarem com a sua família – disse Kate. – A polícia não a impediu, portanto não é suspeita.

– Porque achas que o Stephen o fez? Raptar e manter as vítimas durante tanto tempo antes de as matar?

– Passei vários anos a tentar compreender o que move os assassinos em série. Muitas vezes, resume-se à falta de empatia e ao desejo de poder e de controlo. Pelo que a Magdalena disse à polícia, o Stephen tinha um grande prazer em mantê-la às escuras e torturá-la. Se sobreviver à prisão, de certeza que os psicólogos vão fazer fila para o estudar.

– E quanto ao Simon Kendal? – perguntou Alan.

– Estava no sítio errado à hora errada. Disse-me a Della que pensam que o Simon se deparou com o Stephen prestes a largar um corpo. Julgam que era uma jovem chamada Jennie Newlove, que desapareceu em finais de julho. Pouco se sabia sobre as circunstâncias do seu desaparecimento, até agora.

Alan assentiu solenemente.

– Jennie Newlove foi um dos cadáveres que identificámos durante as autópsias – disse ele.

– Acham que o Simon se levantou durante a noite, foi dar um passeio, interrompeu o Stephen quando estava a largar o corpo e lutaram – explicou Kate.

– E quanto à cavilha? – perguntou Alan. – Quando olhei para o ficheiro do caso, vi que fora apunhalado por uma cavilha.

– O amigo dele, o Geraint, foi libertado e ilibado há alguns dias – disse Kate. – Diz o Geraint que falta uma das cavilhas na tenda que a polícia apreendeu no seu apartamento. A polícia acha que o

Simon levava uma cavilha para proteção. O parque de campismo situa-se no meio do nada e as casas de banho são frequentemente utilizadas por sem-abrigo. O Stephen pode ter esfaqueado o Simon com a cavilha. Vendo-se encurralado, o Simon saltou para a água e começou a nadar. O Stephen perseguiu-o no barco reservatório acima. O Simon perdeu uma grande quantidade de sangue e afogou-se. Depois, encontrei o corpo dele a flutuar junto à torre da igreja.



Kate sentiu-se feliz por estar sol quando ela e Tristan saíram da morgue. O frio lá dentro entranhara-se-lhe nos ossos e ver aqueles cadáveres arrepiara-a ainda mais.

Pararam junto ao seu carro por um momento, absorvendo o calor.

– Estás bem? – perguntou. Tristan estava inclinado para trás, de olhos fechados, a saborear o sol a bater-lhe no rosto. Abriu os olhos.

– Sim. Acho que sim – respondeu.

– Recebi um convite para o casamento da Sarah e do Gary – comentou Kate, mudando de assunto.

– Ela disse que ia convidá-la – observou ele.

– O que a fez mudar de ideias?

– Acho que, secretamente, a admira, por ter dado tudo para encontrar a Magdalena.

– *Nós demos tudo* – corrigiu Kate.

– E claro, agora a Sarah pode contar a história, pois conduziu o carro de fuga – disse Tristan, com um sorriso sabedor. – Na versão dela, só para que fique a saber, levou-nos a alta velocidade, e foi graças a isso que chegámos a tempo e salvámos a vida da Magdalena. Oh, e não estava de roupão e chinelos com coelhinhos.

Kate riu-se.

– Deu-me mais um lugar no convite e penso levar o Jake. Vai estar comigo esse fim de semana.

– Isso é fixe. Ele está bem, depois de tudo, de ter conhecido o Peter?

Kate encolheu os ombros.

- Não sei. Pediu para escrever ao Peter, o que não me agrada muito, mas parece não ter ilusões sobre quem é o pai – desabafou.
- O tempo dirá... E tu e a Sarah?
 - Começa a aceitar o facto de que gosto de rapazes.
 - E tu? Estás bem com isso?
 - Estou feliz por ter sido honesto comigo. Um pouco nervoso quanto a namorar – disse, sorrindo.
 - Oh, meu Deus, não vais ter problemas em arranjar namorados
- riu-se Kate.

Entraram no carro. Kate ia a ligar o motor, mas hesitou e virou-se para Tristan. Havia algo mais que tinha de lhe contar.

– Ouve, tenho pensado muito no futuro e vou entregar a minha carta de demissão à universidade – disse ela.

– Porquê?

– O meu emprego de sonho era ser polícia. Sabemos como acabou e, desde então, tenho gostado de dar palestras. Foi algo de bom nos últimos oito anos, mas quero ser detetive privada. A tempo inteiro. Como deve ser. Ainda não sei bem *como* vou fazê-lo... Não te preocupes, vou ficar o resto do ano letivo e conheço vários professores que te aceitarão como assistente de investigação...

Kate suspirou, aliviada, mas preocupada com Tristan.

– E se eu fosse consigo e trabalhássemos juntos? Sei que teria de fazer alguns cursos e talvez tivesse de continuar a tempo parcial em Ashdean durante algum tempo, até nos lançarmos.

– Isso seria fantástico – disse ela. – Mas como funcionaria?

– Vamos tomar café e fazer planos – sugeriu ele. – Para mim, é um *macchiato* de caramelo.

Kate aquiesceu, sorrindo, e partiram pelas ruas soalheiras, em busca de um café onde planearem o futuro como detetives privados.

Carta do autor

Queridos leitores,

Obrigado a todos os que entraram em contacto para me dizer que gostaram de *Mistério em Nine Elms*. As vossas mensagens e comentários encantadores significam o mundo para mim; animaram-me e deram-me muita força nos dias em que o processo de escrita foi difícil, e tem sido fantástico ouvir os vossos comentários sobre a Kate, o Tristan e todas as personagens. Na primeira versão deste livro, Peter Conway estava ausente, mas recebi tantas mensagens a dizer o quanto adoravam odiar o Peter, e tantas pessoas a querer saber o que lhe acontecia a seguir, que decidi incluí-lo, e acho que o livro ficou melhor. Obrigado. Continuem a mandar mensagens; adoro ouvir-vos a todos.

Como sempre, obrigado por terem escolhido ler um dos meus livros. Se gostaram dele, ficaria grato se dissessem aos vossos amigos e família. Escrevo isto no fim de todos os livros, mas o *passa-palavra* continua a ser a forma mais poderosa de novos leitores descobrirem um dos meus livros. O vosso apoio faz uma enorme diferença! Podem também escrever uma opinião. Não precisa de ser longa, bastam algumas palavras, mas isso também ajuda novos leitores a descobrirem um dos meus livros pela primeira vez.

Tal como escrevi antes, a cidade costeira de Ashdean, a universidade e os habitantes são fictícios, tal como Thurlow Bay, onde Kate Marshall vive no topo da falésia. Se gostariam de procurar a localização num mapa do Reino Unido, imagino Ashdean na costa sul de Inglaterra, junto a uma bonita vila chamada Budleigh Salterton.

Acrescento ainda que a propriedade de Shadow Sands, o reservatório e a central elétrica também são fictícios, tal como o Hospital Psiquiátrico de Great Barwell, onde tivemos a oportunidade de visitar Peter Conway pela segunda vez.

Os outros locais são reais, mas, como com toda a ficção, espero que me perdoem por ter utilizado alguma liberdade criativa.

Para saberem mais sobre mim, ou enviar-me uma mensagem, podem consultar o meu *site*, www.robertbryndza.com.

A Kate e o Tristan regressarão em breve para outra empolgante investigação de homicídios! Até lá...

Robert Bryndza

Agradecimentos

Obrigado à brilhante equipa da Thomas and Mercer: Liz Pearsons, Charlotte Herscher, Laura Barrett, Sarah Shaw, Oisin O'Malley, Dennelle Catlett, Haley Miller Swan e Kellie Osborne. Obrigado, como sempre, à Team Bryndza: Janko, Vierka, Riky e Lola. Amo-vos muito a todos e obrigado por me darem forças para continuar com o vosso amor e apoio!

O maior dos agradecimentos vai para todos os leitores e *bloggers* literários. Quando comecei, foram vocês quem leu e promoveu os meus livros. A recomendação oral é a mais poderosa forma de publicidade, e nunca esquecerei que os meus leitores e os muitos maravilhosos *bloggers* literários são as pessoas mais importantes. Espero que tenham gostado de ler este livro. Há muitos mais para vir e espero que me acompanhem na viagem!